



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

EDIVAN GONÇALVES DA SILVA JÚNIOR

**SISTEMA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS NO  
ENVELHECIMENTO LGBT+**

Recife  
2025

EDIVAN GONÇALVES DA SILVA JÚNIOR

**SISTEMA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS NO  
ENVELHECIMENTO LGBT+**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Psicologia.  
Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Santos

Recife

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva Júnior, Edivan Gonçalves da.

Sistema de representações sociais e processos identitários no envelhecimento LGBT / Edivan Gonçalves da Silva Júnior. - Recife, 2025.

229f.: il.

Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025.

Orientação: Maria de Fátima de Souza Santos.

1. Representação social; 2. Envelhecimento; 3. Minorias sexuais e de gênero; 4. Identidade social; 5. Diversidade de gênero. I. Santos, Maria de Fátima de Souza. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

EDIVAN GONÇALVES DA SILVA JÚNIOR

**SISTEMA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS NO  
ENVELHECIMENTO LGBT+**

Tese apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Psicologia da Universidade  
Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e  
Ciências Humanas, como requisito para a  
obtenção do título de Doutor em Psicologia.  
Área de concentração: Psicologia.

Aprovado em: 18/07/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria de Fátima de Souza Santos (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. María Cristina Chardon (Examinadora Externa)  
Universidad Nacional de Quilmes - UNQ

---

Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

---

Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr

---

Prof. Dr. Benedito Medrado Dantas (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Às pessoas que não sucumbem às pressões da vida e que lutam pelo direito de existir com plenitude! Por fazerem do mundo um lugar melhor e por nos ensinarem que a vida só é possível se for (re)inventada!

## AGRADECIMENTOS

A Gratidão é um sentimento singelo e potente no laço social! Por sorte, não me faltam motivos para ser grato!

Agradeço primeiramente a Deus, por ser amparo nos momentos em que fui tomado por angústias, quando precisei lidar com os percalços de uma sociedade LGBTfóbica. Sempre acreditei numa força divina que não nos coloca limites no que somos ou no que temos [ou não temos] para viver a vida.

Agradeço à minha família, por ser a minha base, o lugar em que tenho acolhida e bons afetos. Ao meu companheiro Denilson, a quem encontrei em tempos de desamparo e que me mostra que o amor pode curar feridas, a sua presença na minha vida trouxe-me mais leveza e ilumina as minhas incertezas. Aos meus pais, Maria e Edivan, pelo apoio e afetos, por estarem presentes, ao seu modo. Ao meu irmão Eduardo por me dar força para seguir acreditando que posso fazer a diferença. Aos meus avós, Céu e Antônio, por me mostrarem a força de um lar acolhedor e o poder de um abraço, o sorriso dos meus avós produz em mim um sentimento indescritível, é um afeto puro que me preenche. Aos meus tios e tias, que me incentivam a correr atrás dos meus sonhos, apostam em mim e me aguardam sempre de braços abertos. À minha família do coração, Analiany, Netinha, Tatiana, Mariana, Neuza, Izabel, por serem sempre afetuosas e presentes em momentos importantes da minha vida, por me incentivarem e me apoiarem nos meus projetos de vida, por não largarem a minha mão. À família que ganhei no pacote com o meu companheiro, dona Severina, Domingos, Diego, Cilene (*In memoriam*) Jakelline, Davi, Bety, Joênica, Thaís, Erick, Dal, Sidinha, Binha, Juciê, e muitos outros que não poderei citar aqui. Passamos a conviver ao longo desses anos e tenho desfrutado do apoio e do carinho de todos vocês que me incluíram em sua família. Obrigado por tanto!

Às minhas amigas/irmãs Jani e Janci, por estarem presentes em momentos tão importantes da minha trajetória desde que me mudei para Campina Grande, pelo apoio e carinho que cultivamos desde o dia em que nos conhecemos. Ao meu amigo Marcelo, com quem também estabeleci laços fraternos e me incentiva a caminhar confiante pela vida. Ao meu amigo Rawny que se mostrou sempre dedicado e acolhedor, sendo amparo e incentivo. Ao meu amigo Jakson, por todo o apoio e incentivos, por trazer leveza aos nossos encontros, pela parceria desde o período do mestrado. À minha amiga Verônica, pelo carinho e pelas conversas sempre agradáveis, agradeço pelas partilhas e por desejar o desafio do doutorado junto comigo. À Ana Luiza [Aninha], uma amiga que há anos tenho o prazer de compartilhar a vida, sempre afetuosa e atenciosa, com palavras de aconchego e de incentivo que são um acalento à alma.

Aos amigos Jaelson e Vanessa que viveram o desafio do doutorado junto comigo, vivemos esse processo com intensidade e partilhamos de muitas experiências juntos, obrigado pelo carinho, pelos ensinamentos, pela cumplicidade e por todas as nossas reuniões e encontros afetuosos que trouxeram leveza para a jornada acadêmica e para a vida. Aos colegas do Laboratório de Interação Social Humana (LabInt – UFPE) que partilharam sua experiência, pelo afeto e acolhida nos momentos que nos encontramos.

À Profa. Dra. Carmita Eulálio, que me apresentou o espaço da academia com tanto empenho e cuidado, por ter me orientado nessa caminhada desde a graduação, por apostar em mim, me acolhido sem limites, por estar sempre presente mesmo após a finalização das relações institucionais que nos aproximaram, por suas contribuições na qualificação da tese, pelo afeto que me oferece, sempre. À profa. Dra. Almira, pelo apoio e carinho, por estar sempre presente, com muito cuidado e atenção, me transmitindo sempre boas energias, me acolhendo nas minhas incertezas e queixas, por me apontar o caminho para a frente e pelos livros e textos que me presenteou para a tese. À profa. Dra. Jailma Souto, pelo acolhimento, pela aposta em mim, por seu carinho e atenção, por me lembrar sempre do caminho que escolhi, bem como da minha responsabilidade pelo desejo que cultivo, pelos risos compartilhados e pela parceria que temos construído ao longo dos anos. Aos meus amigos e minhas amigas que também ganhei na minha trajetória junto à UEPB, professores/as Andrade Costa, Lígia Gouveia, Sibelle Barros, Débora Guedes, Wilmar Gaião e Dellane Brito, por me apoiarem e incentivarem-me ao longo da caminhada, pelo acolhimento e carinho que recebo sempre de vocês, pelos momentos de partilha que jamais esquecerei. Aos/às meus amigos e minhas amigas Karla Matheus, Viviane Alves, Dinara Carvalho, Pamela Gonzaga, Emily Gaião e Thiago Fernandes, por serem amparo e acolhida, pelos momentos de apoio mútuo que desenvolvemos na nossa jornada como professores/as substitutos/as na UEPB, a caminhada docente se tornou mais leve e feliz pois conto com a presença e carinho de vocês!

Às minhas amigas professoras Anna Karenyna, Brenda, Elizama, Li, Myrna e Pammella, pelas trocas sempre afetuosas, pelo apoio e compreensão nos meus momentos de cansaço e de estresse, por me incentivarem a seguir em frente. O acolhimento de vocês fez muita diferença!

Aos amigos Camilo, Eddy, Herry e Nicole que encontrei junto ao Centro Estadual LGBTQIAPN+ Luciano Bezerra Vieira, começamos com um vínculo de trabalho e não demorou para que nos tornássemos grandes amigos. Obrigado pelas partilhas, por me incentivarem a ingressar no doutorado, por todos os momentos de aprendizagem, pelos momentos descontraídos (meu grupo da gongação!!) e por fazerem parte da luta pelos direitos

LGBT+. Às minhas amigas do Centro Estadual Fátima Lopes [em especial a Isânia, Joana e Carol], por me apontarem a força do nosso trabalho no enfrentamento às vulnerabilidades e à violência, agradeço pela acolhida e pela sensibilidade da sua escuta, pelo incentivo e cuidados comigo. À querida amiga Laura Brasil, pelo apoio à minha pesquisa nos trâmites que se fizeram necessários junto à Secretaria de Estado da Mulher, pelo carinho e dedicação nos nossos muitos momentos de partilha no trabalho, na universidade e na vida. À Yara Pereira por me auxiliar no processo de recrutamento de participantes para a minha pesquisa.

Agradeço à Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba pela autorização e pelo apoio para que eu realizasse o meu estudo de tese junto aos/às usuários/as do Centro LGBTQIAPN+ em Campina Grade.

Agradeço às profissionais que abriram as portas dos serviços da Assistência Social em Campina Grande para que outra parte do meu estudo fosse realizada. Em especial agradeço as colegas e hoje amigas, Lucíola, Adalgiza, Rosângela, Nilda. Admiro o seu trabalho, a sua ética e dedicação. Agradeço pelo acolhimento e respeito à minha pesquisa, por acreditarem junto comigo e me apresentarem aos/às usuários/as dos seus serviços.

À todas as pessoas que participaram da pesquisa e que contribuíram para a produção do conhecimento que busquei ao longo desses anos estruturar junto a essa produção. Suas contribuições são incalculáveis, agradeço por acreditarem na pesquisa junto comigo, por suas palavras de incentivo, pelas trocas que foram permitidas em cada encontro e em cada conversa. Agradeço por abrirem pontos da sua intimidade sem medo de julgamento, por confiarem a mim contar a sua história, suas dores e alegrias. Obrigado também por indicarem pessoas do seu círculo de convivência para participarem da pesquisa.

Agradeço à CAPES pelo incentivo da bolsa de doutorado.

Agradeço aos meus professores e às minhas professoras do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPsí) da UFPE por todos os ensinamentos ao longo do curso de doutorado, pelas discussões e reflexões que foram geradas no transcorrer das aulas que extrapolaram as temáticas propostas, por compartilharem as suas experiências na pesquisa com tanto empenho. Em especial quero agradecer à profa. Dra. Renata Aléssio, por seu cuidado e atenção em partilhar seus ensinamentos desde os nossos encontros no LabInt, pela acolhida e cuidados ao longo do processo, por suas valiosas contribuições no meu exame de qualificação.

À banca examinadora da tese, ao membro interno prof. Dr. Benedito Medrado, por me trazer importantes reflexões para o estudo, por sua atenção e cuidado em compartilhar materiais que me ajudaram ao longo do processo; aos avaliadores externos prof. Dr. Ludgleydson Araújo, por sua dedicação e comprometimento com os estudos sobre o tema que escolhi para a minha



tese, obrigado por me apontar um caminho; ao prof. Dr. Marco Aurélio Prado, pelo seu trabalho consistente nos campos dos estudos LGBTQ+, entre outras áreas que suscitaram o seu convite para compor a banca; à profa. Dra. Maria Cristina Chardon, por sua extensa produção nos campos das Representações Sociais e envelhecimento que motivou o convite para compor a banca. Agradeço por aceitarem fazer parte desse momento significativo da minha trajetória acadêmica, por suas valiosas contribuições, pela avaliação cuidadosa e pelas reflexões que ultrapassam os limites dessa tese.

À minha orientadora, profa. Dra. Fátima Santos por todo o apoio e incentivos para eu realizar a minha pesquisa. Agradeço enormemente pela leveza da sua orientação, pelo acolhimento e pela compreensão nos momentos difíceis que ocorreram ao longo do processo, pelos ensinamentos valiosos e direcionamentos para que eu seguisse com o trabalho, pela autonomia que me foi dada para a condução do estudo. Sempre fui recebido com um sorriso farto e reconfortante e com apontamentos que expandiram os meus horizontes. A vida presta e o doutorado também!! Fui muito feliz nessa caminhada contigo, gratidão!

As pessoas LGBTI+ precisam se assumir contra as normas que regulam os campos do gênero e da sexualidade, ao mesmo tempo em que, ambigualmente, legitimam a existência da normatização. É evidente que não há como idealizar uma total desconexão do sistema sexo-gênero, mas a verdade é que, como resultado das pressões por marginalização, a subcultura LGBTI+ acaba se erigindo como um contraponto às referências mais tradicionais da cultura heterocissexista. Isso porque pessoas LGBTI+ nascem em famílias e vivem durante muito tempo na vida escolar e profissional em espaços não LGBTI+. Em geral, aliás, as esferas primárias de socialização, dentro e fora de casa, são anti-LGBTI+. Diferentemente de outros grupos vulnerabilizados, em geral as pessoas LGBTI+ não conseguem encontrar um acolhimento no seio familiar diante dos preconceitos que enfrentam na vida fora de casa. O lar, em vez de refúgio e segurança, é o lugar da violência mais insuportável, posto que irradiada pelas pessoas com quem temos uma conexão efetiva maior ao menos nessa fase da vida (Quinalha, 2022, p. 21-21).

## RESUMO

As trajetórias dissidentes da cisheteronormatividade alertam para mudanças no contexto das representações sociais hegemônicas sobre o envelhecimento e a velhice, e apontam para processos heterogêneos com cenários controversos e não resolvidos no que tange à posição social das pessoas em franco processo de envelhecimento. As transições e mobilizações que acompanhamos nesse campo chamam atenção para uma análise psicossocial à luz da Teoria das Representações Sociais. A pesquisa, com abordagem qualitativa, objetivou examinar as representações sociais sobre o envelhecimento LGBTQ+ por meio da análise dos processos intergrupais entre indivíduos do endogrupo LGBTQ+ e do exogrupo, considerando aspectos dos processos identitários das pessoas do endogrupo. Desenvolvemos dois estudos, o primeiro contou com 68 participantes, reuniu sujeitos do endogrupo e do exogrupo, que responderam a um estímulo e a uma entrevista semiestruturada; o segundo foi realizado com 08 pessoas do endogrupo que responderam a uma entrevista semiestruturada. O estudo 1 objetivou apreender as RS sobre envelhecimento LGBTQ+ elaboradas por pessoas do endogrupo e do exogrupo. Análises de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) foram aplicadas em três conjuntos de dados, o primeiro agrupou 67 respostas a um estímulo para imaginarem uma pessoa idosa LGBTQ+. As classes apontam para o reconhecimento das adversidades que atravessam as trajetórias de vida discutidas. O grupo considerou que algumas pessoas assumem a sua identidade tardiamente, após a maturidade, devido às pressões sociais. A segunda análise reuniu 34 participantes do endogrupo, as classes destacam as mudanças percebidas no campo social de direitos, as trajetórias individuais e problematizam o lugar da pessoa idosa na sociedade. Foi destaque o papel desempenhado pelos dispositivos de gênero na formação do pensamento social e na conformação de práticas sociais. A terceira análise reuniu 34 pessoas do exogrupo, observamos o compartilhamento de teorias do senso comum que defendem o envelhecimento aceleradamente das pessoas LGBTQ+, considerando o elevado estresse a que elas estão submetidas; ademais, a diversidade foi ancorada sob a ideia de homossexualidade, aproximando-a das noções sobre relações heteroafetivas. O estudo 2 objetivou estudar como pessoas LGBTQ+ vivenciam a assunção da identidade sexual e de gênero no curso de vida. O *corpus* produzido com as 08 entrevistas foi submetido à análise de conteúdo com as categorias: “Assumir uma identidade dissidente”, “Identidades, passabilidade e o dispositivo do armário”, “Experiências de envelhe(ser)”. As categorias expressam a força dos processos psicossociais relativos à política sexual e de gênero sobre as dinâmicas identitárias. Os sujeitos desenvolvem estratégias para vivenciarem o seu desejo e expressarem o gênero, portanto, essas relações são

negociadas na interação social. As identidades mostraram-se intercambiáveis, no curso do envelhecimento observamos distinções que refletem a estrutura societal e as pertenças grupais. Conclui-se que o envelhecimento LGBTQ+ compreende uma rede de objetos de representação social, sendo indicado adotar a perspectiva do sistema de representações. A estrutura societal provoca arranjos intercambiáveis das identidades dissidentes. O aspecto intergrupai (compor o endogrupo LGBTQ+ de coortes mais longevas) revelou um conflito com valores, atitudes e comportamentos sexuais percebidos em comparação às gerações de jovens LGBTQ+.

**Palavras-chave:** Representação social; Envelhecimento; Minorias sexuais e de gênero; Identidade social; Diversidade de gênero.

## ABSTRACT

The dissident trajectories of cisheteronormativity highlight changes in the context of hegemonic social representations about aging and old age, and call attention to heterogeneous processes with controversial and unresolved scenarios regarding the social position of people in the process of aging. The transitions and mobilization that we followed in this field, call for an analysis in the light of the Theory of Social Representations. The research, with a qualitative approach, aimed to examine the social representations on LGBT+ aging by analyzing the intergroup processes between individuals of the LGBT+ in-group and out-group, considering aspects of the identity processes of the people in the in-group. We developed two studies, the first had 68 participants, it gathered subjects from the in-group and out-group who responded to a stimulus and a semi-structured interview; The second one gathered 08 people from the in-group who responded to a semi-structured interview. Study 1 aimed to understand the SR on LGBT+ ageing developed by people in the in-group and the out-group. Descending Hierarchical Classification (DHC) Analysis were applied on three data sets, the first one gathered 67 answers to a stimulus to imagine an LGBT+ elderly person. The classes recognized the adversities that cross the life trajectories discussed, the group considered that some people assume their identity after maturity, by social pressure. The second analysis gathered 34 participants from the in-group, the classes highlighted the perceived changes in the social field of rights and discussed the place of the elderly in society. The role played by gender devices in shaping social thought and social practices was emphasized. The third analysis gathered 34 people from the out-group, we observed the sharing of common sense theories that promote the accelerated aging of the LGBT+ people, considering the high level of stress that they face; Furthermore, diversity was anchored under the idea of homosexuality, bringing it closer to notions of heteroaffective relationships. Study 2 aimed to study how LGBT+ people experience the acceptance of their sexual identity and gender in the course of life. The *corpus*, produced with the 8 interviews, was submitted to content analysis with the following categories: "To assume a dissident identity", "Identities, passability and the closet device", "Experiences of (be)coming old". The categories demonstrate the strength of the psychosocial processes related to sexual and gender politics on identity dynamics. The subjects developed strategies to experience their desire and express their gender, therefore, those relationships are negotiated through social interaction. The identities were shown to be interchangeable, in the course of aging we observed differences that reflect the societal structure and group belongings. We conclude that LGBT+ aging comprises a network of social representation objects, and that it is

recommended to adopt the perspective of the system of representations. The societal structure causes interchangeable arrangements of dissident identities. The intergroup aspect (make up the LGBT+ in-group of longer-lived cohorts) revealed a conflict with sexual values, attitudes and behaviors that are noticed in comparison to the young generations of LGBT+ people.

**Keywords:** Social Representation; Aging; Sexual and Gender Minorities, Social Identity; Gender Diversity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Sistematização dos estudos.....	93
Figura 1 –	Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) sobre o envelhecimento LGBT+ pelo endogrupo e exogrupo.....	100
Figura 2 –	Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) sobre o envelhecimento LGBT+ pelo endogrupo.....	117
Figura 3 –	Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) sobre o envelhecimento LGBT+ pelo exogrupo.....	133
Quadro 2 –	Caracterização dos/as participantes (n= 8).....	155
Quadro 3 –	Percentual das categorias temáticas e distribuição das unidades de contexto por subcategorias.....	156
Figura 4 –	Objetos em articulação nos diferentes níveis de análise.....	194

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Dados sociodemográficos dos participantes do endogrupo e do exogrupo (n=68).....	96
------------	---	----



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>O CAMPO DA GERONTOLOGIA MAINSTREAM E TEORIAS PSICOLÓGICAS DO ENVELHECIMENTO.....</b>	<b>29</b>
2.1	CONCEPÇÕES DE ENVELHECIMENTO HUMANO E VELHICE E SUA FACE PSICOSSOCIAL.....	36
<b>3</b>	<b>ENVELHECIMENTO E VELHICES SOB A ÓTICA DA GERONTOLOGIA LGBT+.....</b>	<b>38</b>
3.1	ENVELHECER NA CISGENERIDADE.....	43
3.2	ENVELHECER NA TRANSGENEREIDADE.....	59
<b>4</b>	<b>A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO EMBASAMENTO PARA OS ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO E DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO.....</b>	<b>66</b>
4.1	A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	66
4.1.1	A abordagem sócio-genética.....	72
4.1.2	A abordagem societal.....	74
4.1.3	Tomando a noção de sistema de representações sociais para estudar diferentes objetos sociais.....	78
<b>5</b>	<b>IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....</b>	<b>85</b>
<b>6</b>	<b>DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>91</b>
6.1	OBJETIVO GERAL.....	91
6.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	91
6.3	DELINEAMENTO GERAL DA PESQUISA.....	91
<b>7</b>	<b>ESTUDO 1 – SISTEMAS DE REPRESENTAÇÕES DO ENVELHECIMENTO LGBT+ ELABORADAS POR PESSOAS DO ENDOGRUPO E DO EXOGRUPO.....</b>	<b>95</b>
7.1	OBJETIVOS.....	95
7.2	MÉTODO.....	95
7.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	100
7.3.1	Imagens sobre o envelhecimento LGBT+: representações sociais pelo endogrupo e exogrupo.....	100

7.3.1.1	Eixo 1 - A pessoa idosa LGBTQ+.....	101
7.3.1.2	Eixo 2 - Desafios de envelhecer como pessoa LGBTQ+.....	106
7.3.1.3	Eixo 3 - Destaques das velhices LGBTQ+.....	113
<b>7.3.2</b>	<b>Análise dos sistemas representacionais e posicionamentos acerca do envelhecimento LGBTQ+ pelo endogrupo.....</b>	<b>116</b>
7.3.2.1	Eixo 1 - Envelhecimento LGBTQ+, desafios e avanços em meio à dinâmica social.....	117
7.3.2.2	Eixo 2 - Fronteiras entre o curso de vida, os dispositivos de gênero e as relações familiares.....	125
<b>7.3.3</b>	<b>Análise dos sistemas representacionais e posicionamentos acerca do envelhecimento LGBTQ+ pelo exogrupo.....</b>	<b>132</b>
7.3.3.1	Eixo 1 - Percepções sobre o envelhecimento LGBTQ+.....	133
7.3.3.2	Eixo 2 – A relação familiar e a constituição de casais homoafetivos no envelhecimento de pessoas LGBTQ+.....	142
<b>8</b>	<b>ESTUDO 02 - ANÁLISE DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS ENTRE PESSOAS LGBTQ+ NO CURSO DO ENVELHECIMENTO.....</b>	<b>154</b>
8.1	OBJETIVOS.....	154
8.2	MÉTODO.....	154
8.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	157
<b>8.3.1</b>	<b>Assumir uma identidade dissidente.....</b>	<b>157</b>
<b>8.3.2</b>	<b>Identities, passabilidade e o dispositivo do armário.....</b>	<b>174</b>
<b>8.3.3</b>	<b>Experiências de envelhe(ser).....</b>	<b>185</b>
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>197</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>204</b>
	<b>ANEXO A – TCLE – ENTREVISTA PRESENCIAL.....</b>	<b>220</b>
	<b>ANEXO B – TCLE – ENTREVISTA VIRTUAL.....</b>	<b>222</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO (ENDOGRUPO E EXOGRUPO).....</b>	<b>224</b>
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O ENDOGRUPO NO ESTUDO 01.....</b>	<b>227</b>
	<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O EXOGRUPO NO ESTUDO 01.....</b>	<b>228</b>

<b>APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O</b>	
<b>ENDOGRUPO NO ESTUDO 02.....</b>	<b>229</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O crescente fenômeno do envelhecimento populacional sinaliza transformações significativas no cenário cultural e repercute, de modo direto, sobre as representações hegemônicas acerca do ser velho(a) ou idoso(a) (Arruda, 2012). Inserido em um contexto social em constante mutação, o envelhecimento revela-se como um processo multifacetado que ultrapassa as dimensões biológicas, articulando-se a aspectos simbólicos, relacionais e políticos. Nesse sentido, a extensa face psicossocial do envelhecimento diz respeito ao conjunto de processos subjetivos e sociais que o constituem – englobando a construção da identidade, as experiências afetivas e cognitivas, os modos de inserção e reconhecimento social, bem como os discursos e práticas culturais que definem o lugar da pessoa idosa na sociedade. Nas últimas décadas, essa complexa dimensão psicossocial tem mobilizado diversos atores sociais – como instituições, políticas públicas, ativistas dos movimentos sociais, autoridades e meios de comunicação – na disputa e ressignificação dos sentidos atribuídos à velhice (Santos et al., 2020; Silva; Pocahy, 2021).

Na contemporaneidade temos lidado de forma mais frequente com a ideia de uma velhice heterogênea, protagonista, sexualizada (Arruda, 2012) e isso tem impactado diferentes culturas em vista das interseções do estigma, dos valores culturais e das mudanças estruturais num contexto de mudanças (Hua; Yang; Goldsen, 2019). Tais possibilidades atuam dissidentemente em meio ao conjunto de representações sociais hegemônicas que assimilam a velhice e o envelhecimento a noções/posições preteridas na sociedade, ancorando as suas significações ao lado do descartável, feio, decrépito e assexuado (Arruda, 2012).

A perspectiva na qual a velhice é vista como uma experiência notadamente marcada por perdas de funções biopsicossociais vai ser fundante para os estudos da gerontologia, ciência que se propõe a estudar os velhos e o envelhecimento (Debert, 2020; Debert; Henning, 2015). Assistimos, com isso, as diferentes formas de gestão da velhice e do envelhecimento que despontam principalmente com foco nas noções de produtividade (impregnada nas concepções mais recentes de terceira idade e envelhecimento ativo e participativo) e autorresponsabilização (sobre a saúde, a autonomia, a qualidade de vida). Juntas, essas duas noções, ao passo que propagam a ideia de viver uma “boa velhice” e que são auxiliares na ação de políticas públicas para a população idosa, se desdobram também em práticas de culpabilização e de exclusão (Silva; Pocahy, 2021). Assim, enquanto presenciamos a inclusão do marcador etário como um importante indicador social que nos alerta sobre uma sobredeterminação do percentual da população ultrapassando a faixa dos 60 anos, assistimos diferentes dinâmicas sociais que

denunciam estratégias de gestão dos corpos para uma generalização dos processos de envelhecimento.

Em sua célebre obra “A velhice”, Simone de Beauvoir (1970/2018) assinala que a velhice é um destino que se apodera de nossas vidas, acontece às pessoas que ficam velhas. Contudo, não é somente um fato biológico, é também um fato cultural. Em função da multiplicidade de seus aspectos - irredutíveis uns aos outros – de sua pluralidade de experiências e dimensão existencial, não é fácil defini-la ou mesmo encerrá-la em uma noção. Também reflete numa experiência singular do sujeito com a ideia da passagem do tempo, um evento que provoca efeitos na subjetividade, nas suas formas de ser no mundo. Trata-se de uma experiência simbólica, e, conseqüentemente, cultural, investida de uma representação corporal e ideacional que se expressa muitas vezes como unidade classificatória, que regulamenta a participação social (Motta, 2006).

Nos últimos anos, acompanhamos a inclusão de pessoas idosas LGBT+<sup>1</sup> como uma “questão social”. A inclusão desta pauta, em meio a tantas outras questões pertinentes ao processo de envelhecimento no Brasil, tem permitido às pessoas idosas LGBT+ se tornarem

---

<sup>1</sup> No decorrer da tese, manteremos predominantemente o uso da sigla LGBT+ para se referir ao objeto de estudo da tese bem como às pessoas que participaram da pesquisa. Na literatura corrente, existem variações em como pesquisadores/as usam a sigla para se referir ao grupo estudado. Alguns termos como LGBT, LGBTI, LGBTI+, LGBTQIA+, LGBTQIAPNB+ podem ser encontrados. De forma mais recorrente, temos visto o termo LGBT+ para se referir ao contexto de estudos sobre envelhecimento e velhices em grupos minoritários. Algumas variações encontradas ao longo da tese decorreram da nossa escolha por manter a sigla como utilizada na pesquisa consultada. Para fins de elucidação nesse estudo, deixamos uma breve explanação acerca das identidades que compõem a sigla adotada (alertamos para o cuidado de não construir estereótipos sobre como se caracteriza uma ou outra identidade, uma vez que o que nos norteia no processo de identificação com uma identidade ou outra não encerra as experiências intra e interpessoais que as pessoas têm no seu curso de vida, interagindo em sociedade):

L: Lésbica — mulheres que se sentem fisicamente e/ou emocionalmente atraídas por outras mulheres.

G: Gay — homens que se sentem atraídos física e/ou emocionalmente por outros homens.

B: Bissexual — pessoas que se sentem atraídas física e/ou emocionalmente por mais de um gênero.

T: Transgênero — termo genérico que se refere a pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo que lhes foi atribuído ao nascer. O termo guarda-chuva compõe outras identidades como mulher transexual (pessoa que foi designada no sexo biológico masculino ao nascer, mas que não se identifica nem constrói uma identidade masculina, ao invés disso se identifica e elabora uma identidade feminina), homem transexual (pessoa que foi designada no sexo biológico feminino ao nascer, mas que não se identifica nem constrói uma identidade feminina, ao invés disso se identifica e elabora uma identidade masculina), travesti (pessoa que vivencia papéis de gênero feminino independentemente do seu sexo biológico, essa identidade extrapola os limites do gênero e também envolve aspectos sociais, culturais e políticos em resposta aos preconceitos estruturados), pessoas não-binárias (desconstroem as noções fixas no binarismo de gênero, a pessoa extrapola essa categoria podendo expressar uma variedade de gêneros).

+: O símbolo de mais indica que a sigla inclui outras identidades e orientações que não estão explicitamente representadas nas letras anteriores, como intersexo, assexualidade, pansexualidade, entre outras.

Vale salientar que as identidades de gênero e as orientações sexuais não constituem categorias que se mesclam numa lógica de oposições ou de complementariedade. Há inúmeras possibilidades de uma pessoa vivenciar o seu desejo sexual e afetivo, como também de expressar o seu gênero. Veremos ao longo da pesquisa que os sujeitos se defrontam com os elementos sociais e culturais que prescrevem modos de performar o gênero e a sexualidade, num intenso movimento que envolve ceder às pressões normativas ou deslizar com novas possibilidades de acordo com o que encontram no seu grupo de referência.

atores sociais cada vez mais visíveis e atuantes na luta pelo reconhecimento das suas existências, histórias e do seu envelhecimento. Este movimento possibilita que tenhamos encontrado progressivamente nas novelas, filmes, séries televisivas, jornais e revistas a apresentação de velhices plurais também nos termos da identidade sexual e de gênero (Baron; Croce; Henning, 2021; Henning, 2020a). As velhas e velhos que se autoafirmam como LGBTQ+ tensionam o campo da gerontologia e provocam uma renovação acerca dos conceitos e representações nessa área (Henning, 2017; 2020a).

Ainda assim, percebe-se uma lacuna no meio acadêmico de produções científicas quando combinamos os descritores: lésbicas, gays, bissexuais, transexualidade, LGBTQ+ em relação à velhice e envelhecimento (Fernandes et al., 2015; Henning, 2017). Silva et al. (2022) apontaram em estudo de revisão sistemática a presença majoritária de estudos na perspectiva biológica que abarcam a avaliação da saúde da pessoa idosa LGBTQ+, quando os aspectos psicossociais tendem a ser desconsiderados na dinâmica de envelhecer na diversidade. Nesse sentido, é fundamental realizar discussões em meio à dinâmica social que imprime uma série de desafios aos sujeitos que seguem o seu curso de vida para além da norma cisheteronormativa.

Entramos num campo de disputas identitárias, em que as diferentes identidades galgam pelo seu reconhecimento em meio a práticas discursivas que nos alertam sobre espaços de poder, formas de gestão da vida, disputas simbólicas e identitárias (Hall, 2014). Diante do exposto, acredita-se que o envelhecimento representa um objeto social relevante a ser explorado sob a ótica da Teoria das Representações Sociais (TRS), em razão da sua heterogeneidade, e das as mobilizações que surgem no âmbito das relações sociais ao longo da história, considerando os atravessamentos culturais, entre os diferentes grupos e sociedades (Félix; Santos, 2011). Assinalamos também os cenários controversos e não resolvidos sobre a posição dos sujeitos em franco processo de envelhecimento, que lidam ao longo do seu curso de vida com discursos antagônicos que os constroem e os excluem do convívio social (Debert, 1999/2020).

Jodelet (2001) explica que as representações sociais funcionam como sistemas de interpretação. A maneira como são construídas e veiculadas, através dos seus conteúdos permeados por valores e ideologias, permite que as pessoas desenvolvam uma visão acerca dos fenômenos sociais e, com isso, assumam posturas diante desses fatos. Logo, as RS coordenam as nossas relações com o mundo e com os outros, organizando e orientando as condutas e as comunicações sociais. Observa-se com isso que as RS figuram também como fenômenos cognitivos que funcionam na base do sentimento de pertencimento social dos indivíduos às

implicações afetivas e normativas, “às interiorizações das experiências, das práticas, dos modelos de conduta e de pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social, que aí estão ligados” (Jodelet, 2001, p. 22).

A interação social que integra a formação das RS define também os atores como parte complementar dos objetos e dá-lhes o sentido de pertencerem a comunidades e culturas específicas (Wagner, 1998). Partindo disso, foi possível compreender que as RS têm origem nas práticas sociais e nas interações intergrupais (Doise, 1992). A diversidade advinda dos processos grupais confere às RS uma função decodificadora. Por trás desta função, revela-se que a polivalência do discurso possibilita uma leitura seletiva do mesmo em função das diferentes identidades. Segundo Moscovici (1961/1978): “a representação social, diferentemente das outras formas de conhecimento, supõe uma relação específica entre o sujeito e o objeto de conhecimento: o indivíduo projeta a sua identidade no objeto que representa” (p. 270).

A respeito dos estudos sobre RS do envelhecimento LGBTQ+ no Brasil, encontramos algumas pesquisas sobre o tema. Destacadamente, as investigações foram concentradas com grupos de pessoas cisgêneras e heterossexuais, e também com diferentes grupos etários. Em estudo realizado sobre as representações sociais do envelhecimento por homens gays observou-se que as RS se situam no paradoxo entre a aceitação e a negação da velhice, e estão ancoradas nas mudanças biopsicossociais que ocorrem na meia-idade e na velhice. No tocante à abordagem da sua sexualidade contranormativa, os/as participantes tendem a não falar da sua orientação sexual no envelhecimento (Santos; Araújo, 2021). Dentro de um grupo de jovens acadêmicos as representações sociais acerca da velhice LGBTQ+ se concentram principalmente em conteúdos que abordam o preconceito e discriminação dirigidos a esse grupo LGBTQ+, evidenciando-se nas declarações dos/as integrantes de maneira tanto velada quanto explícita. Além disso, tais manifestações revelam a invisibilidade das identidades de pessoas idosas LGBTQ+ e mencionam os desafios para vivenciar a velhice como LGBTQ+ (Carlos; Santos; Araújo, 2018).

Entre as pessoas idosas as representações sociais internalizadas corroboram os estereótipos acerca do envelhecimento LGBTQ+ que associam esta velhice mais intensamente ligada à solidão, desprezo de familiares e da sociedade, na maioria dos/as participantes entrevistados/as percebe-se uma invisibilidade das pessoas LGBTQ+ e muitos/as se referem que não sabem opinar ou que desconhecem o tema da diversidade sexual e de gênero na velhice (Salgado et al., 2017). Outro estudo conduzido que incluiu uma mostra representativa de pessoas LGBTQ+ (aproximadamente 25% do total de participantes de um total de 1.000

participantes) investigou as representações sociais relacionadas à velhice LGBTQ+ e revelou que o contexto representacional estava fundamentado nos conceitos de envelhecimento e homossexualidade. Além disso, estereótipos foram evidenciados nas falas dos/as participantes, caracterizando as pessoas LGBTQ+ como “pessoas felizes”. Paralelamente, foram compartilhadas teorias que buscam explicar porque não encontramos tantas pessoas LGBTQ+ na sociedade, justificadas principalmente pela dificuldade percebida em assumir a sexualidade nas etapas anteriores do ciclo de vida (Santos et al., 2020).

Realizadas tais contextualizações, partimos das seguintes questões: Quais objetos estão articulados na produção de representações sociais sobre o envelhecimento de pessoas LGBTQ+? Que relações podemos encontrar entre as representações sociais e os processos identitários envolvendo as experiências de envelhecer na diversidade sexual e de gênero? Como os sujeitos pertencentes ao endogrupo e ao exogrupo se posicionam frente aos aspectos normativos<sup>2</sup> sobre o curso de vida, e às prescrições dos dispositivos de gênero vigentes e em transformação?

Antes de precedermos para outras seções deste trabalho, é relevante apontar quais foram minhas motivações e quais são as implicações no âmbito dos estudos acerca do envelhecimento LGBTQ+. Esses fatores entrelaçam-se a minha história de vida como um homem gay de 33 anos, natural do sertão da Paraíba, a minha trajetória acadêmica como pesquisador na área psicologia do envelhecimento e como profissional da psicologia atuando em serviços destinados ao acolhimento de pessoas LGBTQ+.

O meu primeiro encontro com a temática da diversidade sexual e de gênero se deu quando ainda era criança e já começava a ser lido por outras crianças como uma pessoa diferente, um menino com trejeitos afeminados que não agradava a uma cultura machista cultivada no sertão da Paraíba. Mais especificamente, quero dizer que esse encontro com uma identidade com a qual eu não conseguia significar<sup>3</sup> ou compreender foi imposta de forma

---

<sup>2</sup> Na Psicologia Social, o conceito de norma social designa o conjunto de regras, expectativas e padrões de comportamento socialmente compartilhados, que orientam e regulam as ações dos indivíduos em contextos interacionais específicos. Tais normas operam como referenciais simbólicos que delimitam o que é considerado aceitável ou desviante, influenciando práticas, percepções e julgamentos morais. Sua relevância teórica decorre do papel que exercem na conformidade, na coesão grupal e na formação das representações sociais, constituindo-se como elementos fundamentais para compreender a internalização de valores coletivos e a regulação das condutas individuais (Sherif, 1936; Doise, 1982). Sob uma perspectiva relativista, entretanto, as normas sociais não se configuram como um problema em si, mas como um desafio inerente à convivência social, uma vez que refletem a pluralidade de valores, crenças e modos de vida que coexistem nas sociedades contemporâneas. Assim, o reconhecimento e a negociação dessas normas tornam-se processos centrais para a manutenção do laço social e para a transformação das dinâmicas culturais e relacionais.

<sup>3</sup> Ainda é estranho recordar essa parte da minha infância em que eu me via apontado como estranho e desajustado num meio em que eu não encontrava referências positivas sobre o que era aquela figura do “viado” (como eu era chamado, grifado com “i” mesmo), que pra mim parecia uma figura mítica, como personagens inventados em contos e lendas que eu lia com curiosidade. Durante anos eu não consegui encontrar essas pessoas na minha comunidade, às vezes um menino ou outro que também passava por situação semelhante, mas nós nunca falávamos



violenta, sob muitos xingamentos, e configuraram um *bullying* que me perseguiu durante anos da infância e em parte da adolescência<sup>4</sup>. Posso dizer que o armário foi para mim um lugar de proteção por muitos anos, que eu pensava estar seguro principalmente da rejeição familiar. Porém, não posso dizer que sofri penalidades pela família, uma vez que, antes ou depois da minha “saída do armário”, encontrei no meu grupo familiar acolhida, compreensão e respeito. Não posso dizer que sinto felicidade em trazer essas memórias aqui nesse trabalho, mas elas retornaram em muitos momentos da pesquisa quando escutei não somente homens gays, como também mulheres lésbicas, pessoas bissexuais e pessoas transexuais a relatarem eventos traumáticos advindos da discriminação vivida ao longo da vida. Esses fantasmas já não me assombram com a mesma intensidade uma vez que percorri um extenso processo de análise, são cicatrizes que deixo para trás. Contudo, é inevitável que retorne às memórias, especialmente ao ouvir relatos semelhantes, outros que considero significativamente mais sérios do que aqueles que vivi pessoalmente. Infelizmente, percebi que muitas pessoas a quem acessei na pesquisa não tiveram a oportunidade de contar com o apoio especializado para auxiliar na elaboração de seus traumas. Houve também aquelas pessoas que contaram com o apoio de membros/as da sua comunidade, algumas tiveram apoio de familiares, e muitas precisaram desenvolver estratégias diversas para amenizar os impactos da discriminação no seu curso de vida.

Darei um salto na minha trajetória, não pretendo fazer deste espaço um diário de minhas memórias, mas há passagens que me situam no fenômeno da pesquisa. Iniciei as pesquisas em psicologia do envelhecimento ainda na graduação, quando eu contava somente com um período cursado no curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, ainda em 2011. Encontrei-me, com um grupo de pesquisas, o GEPES (Grupo de Estudos e Pesquisas em Envelhecimento e Saúde) sob a coordenação da professora Dra. Carmita, que já possuía reconhecimento por realizar investigações com pessoas idosas no departamento de psicologia. Aproximei-me de algumas pessoas desse grupo e não tardou para que fosse incorporado ao grupo e iniciasse minha participação em diversas atividades.

Durante a graduação, tive muitas experiências com pesquisas no campo do envelhecimento humano junto ao GEPES, pautadas na teoria do *lifespan*, principalmente.

---

sobre isso, parecia errado e impossível falar sobre essa identidade. Mas mesmo sem entender bem do que se tratava, era nítido que não era algo aceito por aquele grupo de pessoas, dava medo às vezes de sair e de encontrar outras crianças que poderiam despejar sobre mim mais deboches.

<sup>4</sup> Enquanto eu ia amadurecendo mais um pouco, chegando aos meados da adolescência eu percebi que precisava me passar despercebido entre as pessoas, sentia que eu não poderia viver uma vida toda sofrendo com a discriminação. Então encontrei estratégias para afugentar os olhares de reprovação.

Participei de pesquisas de grande porte desde a iniciação científica, com amostras significativas. Pesquisando temas diversos como saúde mental, síndrome de fragilidade e comorbidades, cognição, suporte social, e no mestrado, estudei a resiliência no envelhecimento. Para realizar esses estudos, visitei residências situadas em distritos urbanos da cidade, além de espaços de convivência dispersos em Campina Grande, como associações de moradores, clubes de mães, Centro Municipal de Convivência para Idosos, condomínios adaptados para pessoas idosas, instituições de longa permanência e a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), bem como serviços de atenção primária à saúde da rede do Sistema Único de Saúde (SUS) que atendem essa população. Ao longo dessa jornada, refleti posteriormente que o perfil de pessoas idosas compreendia marcadores como gênero (binário – homem-mulher/cisgênero), classe social, etnia e diferentes faixas etárias (sexagenários, setuagenários, octogenários). Não havia discussão ou apontamentos sobre identidades sexuais e de gênero que desviassem da cisheteronormatividade. Até o período em que cursei o meu mestrado esses indicadores pareciam não extrapolar esses limites, e seguíamos guiados/as por muitos outros estudos que traziam essa tendência, muitas das vezes limitando as compreensões acerca do sexo (como sinônimo de gênero). O mais inquietante pra mim foi perceber somente depois que nos diversos dispositivos<sup>5</sup> sociais aqui citados eu não consegui visualizar pessoas idosas LGBTQ+, e, se em algum momento me deparei com esses sujeitos, a sua identidade não foi mencionada, ou essa não era uma questão que coube algum reconhecimento naquela época. Contarei na sequência como as questões identitárias, a respeito do gênero e da sexualidade se tornaram pontos de atenção no meu acolhimento às pessoas idosas e sobre como elas depois me causaram a estranheza e afetação quando eu me vi atestando um cenário de invisibilidade da comunidade LGBTQ+ envelhecida.

---

<sup>5</sup> O conceito de dispositivo em Michel Foucault refere-se a um conjunto heterogêneo de elementos – incluindo discursos, instituições, práticas, saberes, leis e normas – que se articulam para responder a uma necessidade histórica específica, regulando comportamentos e relações de poder. Foucault descreve o dispositivo como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos” (Foucault, 2000, p. 244). Essa perspectiva permite compreender como o poder se exerce não apenas por meio de instituições formais, mas também por meio de práticas cotidianas e discursos que moldam as subjetividades.

A partir dessa base teórica, a psicóloga Valeska Zanello propõe a análise de dispositivos de gênero como conjuntos de práticas e representações que regulam e moldam as subjetividades de homens e mulheres, influenciando suas experiências de sofrimento, saúde mental e relações interpessoais. Em sua obra *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos* (2018), Zanello identifica três dispositivos centrais: o dispositivo amoroso, o dispositivo materno e o dispositivo da eficácia. Cada um desses dispositivos configura expectativas e normas específicas sobre como homens e mulheres devem se comportar, sentir e se relacionar, influenciando diretamente suas experiências subjetivas e emocionais. Esses dispositivos de gênero, ao serem internalizados pelos indivíduos, tornam-se mecanismos poderosos de regulação social e subjetiva, evidenciando como as normas de gênero não são apenas representações culturais, mas práticas concretas que moldam as experiências e identidades dos sujeitos.

Em agosto de 2018, comecei a trabalhar como psicólogo no Centro Estadual LGBTQIAPN+ Luciano Bezerra Vieira, na cidade de Campina Grande-PB. Essa foi a segunda unidade da política pública que já funcionava na Paraíba desde 2011. A partir dessa experiência, me deparei com realidades diversas, o tema da diversidade sexual e de gênero passou a fazer parte do meu cotidiano e me trouxe muitas implicações pessoal e profissional. Como eu já havia traçado um caminho com pesquisas sobre envelhecimento, realizadas principalmente com pessoas idosas, as inquietações sobre a problemática do envelhecimento de pessoas LGBTQ+ logo se tornaram frequentes para mim. Acompanhamos muitos casos de violência cometidos contra pessoas LGBTQ+, algumas dessas pessoas contavam com idades mais avançadas, com 50 anos ou mais. Algumas delas (gays, lésbicas, bissexuais, transexuais) não contavam com o apoio de familiares, tinham no seu marco biográfico a expulsão de casa, a rejeição familiar e as dificuldades para ingressar no mercado de trabalho. Além dos variados casos de violência, encontramos no cotidiano do serviço muitos/as usuários/as que constituíam trajetórias com diferenças na composição dos seus laços socioafetivos, como coabitar em lares formados por amigos/as ou mesmo construindo lares unipessoais. As pessoas idosas que atendíamos já tinham traçado toda uma jornada com muitos repertórios de enfrentamentos, contavam com modos de sociabilidade singulares, e deixavam registrado sempre que podiam as suas percepções sobre como elas enxergavam a sua velhice. Tivemos pessoas trans que conseguiram retificar o seu nome e gênero no registro civil quando já contavam com 50 anos e até mais de 60 anos. Não posso negar como foi significativo para mim acompanhar esse processo, a felicidade que oferecia finalmente o alívio de ter reconhecida a sua identidade.

Não levou muito tempo até que presenciássemos no Brasil a realização de alguns marcos significativos no âmbito dos direitos LGBTQ+, começamos no serviço meses após a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que autorizava pessoas transexuais alterarem o seu nome e gênero no registro civil diretamente no cartório, sem a necessidade de intervenção judicial. Em 2019, a LGBTfobia foi criminalizada no Brasil, também quando o STF decidiu equiparar atos de LGBTfobia a crimes de racismo, conforme a Lei do Racismo (Lei 7.716/1989). Em maio de 2020, em plena pandemia, o STF também decidiu pela inconstitucionalidade da proibição de doação de sangue por homens que mantêm relações sexuais com outros homens. Essa restrição impedia a doação de sangue não somente com base na orientação sexual (gays, bissexuais, pansexuais, homens que fazem sexo com homens) como também restringia mulheres trans e travestis desse direito, elas eram lidas como homens pelo sexo biológico. Estive presente em atos pela cidade e em cidades circunvizinhas, participei de momentos significativos em que os movimentos sociais vibravam com as conquistas recentes.

Entre paradas do orgulho LGBTQ+, a mutirões de doação de sangue, pude acompanhar como essas mudanças impactavam a comunidade LGBTQ+ que há uns anos também passou a ser o meu grupo de pertença. Esses anos marcados por conquistas também foram desafiadores, tendo em vista que enfrentamos as inseguranças e intempéries trazidas pelas ondas de extremismo bolsonarista.

Todos esses marcos assinalados trouxeram mudanças no contexto das pessoas que eram acessadas pelo serviço em que atuei, em contato com os movimentos sociais locais tivemos parcerias importantes que nos colocaram nas comunidades de diferentes cidades da Paraíba levando as pautas dos direitos LGBTQ+ para o debate. Diante disso, posso afirmar que o meu desejo de seguir com o projeto do doutorado na minha trajetória acadêmica e profissional não poderia deixar de lado a temática da diversidade sexual e de gênero, atravessada com o envelhecimento. Encontrei acolhimento da minha proposta de projeto de tese junto ao LabInt (Laboratório de Interação Social Humana) do departamento de Psicologia da UFPE, coordenado pelas professoras Fátima Santos e Isabel Pedrosa. Sob muitas expectativas e incentivos, comecei a adentrar nos estudos das Representações Sociais e fui descobrindo que a teoria da Identidade Social também era uma questão relevante para a tese.

Alinhadas as teorias com os estudos sobre gênero e diversidade sexual, a presente pesquisa buscou estudar as representações sociais do envelhecimento da comunidade LGBTQ+ em sujeitos que estão vivenciando a transição geracional para a velhice e em idosos que enfrentam as implicações mais diretas de alcançarem a velhice como um *status* social adquirido, considerando as pertencências grupais<sup>6</sup> entre pessoas LGBTQ+ e pessoas cisgêneras e heterossexuais, de modo a identificar quais os objetos sociais se articulam à experiência e significação do envelhecimento LGBTQ+ e avaliar os impactos da dinâmica social cisheteronormativa no reconhecimento e afirmação da identidade LGBTQ+. Estabelecemos o interesse em averiguar o campo representacional em grupos geracionais que conservam a proximidade das experiências no seu contato mais próximo com as repercussões do envelhecimento, este último visto enquanto processo que engloba transformações biopsicossociais dinâmicas e que não é exclusivo de uma faixa etária (Castro et al., 2022; Pocahy, 2017). Nesse ínterim vale salientar que ainda que consideremos o critério etário, Debert (1999/2020), discute que o parâmetro de definição etária abrange a flexibilização entre categorias identitárias, assim, a idade cronológica

---

<sup>6</sup> No presente estudo, o pertencimento à comunidade de pessoas com identidades LGBTQ+ é tomado como grupo de referência, ou seja, o endogrupo; as pessoas que não possuem identidades LGBTQ+, cisgêneras e heterossexuais, compõem o exogrupo.

é maleável ao existirem ilimitados modos de significações e uma variedade de experiências cuja idade cronológica, se tomada como medida exclusiva, não consegue reproduzir.

Defendemos que o campo representacional do envelhecimento LGBTQ+ é constituído por um conjunto de objetos de representação que se ancoram e se objetivam em noções sobre o envelhecimento, a velhice e o espectro da diversidade LGBTQ+ que se apresenta sob noções de sexualidade, gênero, normalidade e anormalidade, entre outros objetos. A articulação entre os diferentes objetos responde aos aspectos normativos sobre o curso da vida, dos comportamentos sexuais e dos dispositivos de gênero vigentes sob uma lógica cisheteronormativa. As identidades dissidentes, por seu turno, sofrem os efeitos dos sistemas de valores e de crenças a permear noções basilares sobre o curso de vida, prescrevendo comportamentos esperados a partir da vivência de eventos normativos que versam sobre o gênero e a sexualidade. As pessoas ao longo das suas vidas, precisam enfrentar conflitos que surgem nas relações entre elas, seus grupos e a sociedade. Isso acontece em um ambiente onde as gerações observam mudanças na maneira como diversidade sexual e de gênero é tratada. Essas mudanças são especialmente visíveis nos direitos das pessoas LGBTQ+. Esse é notadamente um campo de disputas.

O segundo capítulo da tese traz as considerações teóricas sobre o problema de pesquisa, considerando o contexto de surgimento do campo da geriatria *mainstream* e das teorias psicológicas do envelhecimento que influenciam as bases do pensamento social sobre o envelhecimento e a velhice. Em seguida, no terceiro capítulo, são trazidos os contextos de desenvolvimento dos primeiros estudos sobre o campo da gerontologia LGBTQ+, que data de finais da década de 1960 e só chegaram tempos depois no Brasil, alinhado ao movimento acadêmico e da militância social. O quarto capítulo apresenta as bases conceituais da Teoria das Representações Sociais, destacando as ênfases na abordagem sócio-genética, conforme os estudos Serge Moscovici e Denise Jodelet, e na abordagem societal, segundo Willem Doise. Ademais, o estudo de tese adotou a noção de sistemas de representação social para estudar como diferentes objetos sociais se inter cruzam na produção de sentidos e significados sobre um mesmo fenômeno social. O quinto e último dos capítulos teóricos debruçou-se sobre a teoria da identidade social trazendo noções correlatas dos estudos sociológicos e da psicologia social no entrecruzamento que ampara noções de diversidade sexual e de gênero.

Seguindo o roteiro de apresentação dos capítulos, temos o sexto capítulo que apresenta brevemente os objetivos da tese e o percurso metodológico de forma breve, uma vez que os métodos são apresentados detalhadamente nos capítulos 07 e 08 que correspondem aos resultados e discussão da tese. Adiantamos que o método utilizado em cada estudo foi qualitativo, com delineamento exploratório. Ao final do sexto capítulo, inserimos um quadro

que descreve sucintamente os estudos desenvolvidos na tese, esquematizando cada estratégia metodológica e os objetivos que conduziram os trabalhos. O sétimo e oitavo capítulos apresentam os resultados e discussões que foram produzidos conforme a propositura da tese aqui destacada. O capítulo 07 apresenta o primeiro recorte de pesquisa que identifica dados sobre o contexto representacional do envelhecimento LGBTQ+. No primeiro estudo, envolvemos participantes de diferentes grupos (endogrupo e exogrupo) e analisamos de forma conjunta e separada cada grupo, considerando o contexto de variáveis típicas que poderiam nos alertar sobre aspectos identitários na formação de RS. O oitavo capítulo trouxe resultados do segundo estudo da tese, que tratou de analisar as trajetórias de envelhecimento dos sujeitos típicos do banco do IRAMUTEQ que elevaram as discussões no primeiro estudo. Inserimos um/a participante de cada identidade dissidente (gay, lésbica, mulher transexual, travesti, homem trans, homem pansexual, mulher bissexual, e homem gay não-binário) de modo a estudar os processos identitários que emergem na sua experiência de envelhecimento e de encontro com os dispositivos sociais sobre o gênero, a sexualidade e as noções de curso de vida. Por fim, apresentamos no capítulo 09 as considerações finais, trazendo as nossas reflexões sobre os achados da tese, as nossas contribuições, inquietações e sugestões para pesquisas futuras, além de limitações da tese.

## 2 O CAMPO DA GERONTOLOGIA *MAINSTREAM*<sup>7</sup> E TEORIAS PSICOLÓGICAS DO ENVELHECIMENTO

O envelhecimento populacional há muitas décadas tem sido um importante fenômeno na dinâmica demográfica mundial, tendo em vista o seu aumento significativo. O crescimento expressivo da população idosa é produto de mudanças na estrutura social e também trouxe alterações para a sociedade, que convive atualmente cada vez mais significativamente com as possibilidades de se alcançar os oitenta anos ou mais. Viver mais, mesmo que seja considerado uma grande conquista social, implica em desafios para adicionar qualidade aos anos a mais de vida (Chaimowicz; Chaimowicz, 2022). Sendo assim, o aumento inegável da população idosa provocou pesquisadores e pesquisadoras a enveredarem por novos campos de pesquisa e a fazerem do envelhecimento humano um fenômeno a ser estudado.

É válido salientar o que configurou a chamada transição demográfica no mundo, que resultou na visibilidade incontestável da força do envelhecimento populacional entre os diversos países. Esse fenômeno não aconteceu de forma repentina ou inesperada para os países desenvolvidos, mas foi resultado de transformações demográficas ao longo de décadas pregressas. Não se tratou de um fenômeno isolado, e também esteve atrelado as modificações do perfil epidemiológico e das características sociais e econômicas das populações diversas. Assim, a transição demográfica designa o conjunto de modificações do tamanho e da estrutura etária da população. O fenômeno é retratado em três ondas: na primeira encontramos como características demográficas um uma população com elevadas taxas de fecundidade, e também com elevada taxa de mortalidade, temos aí uma população com baixo crescimento; posteriormente observamos uma redução das taxas de mortalidade, quando ainda restavam altas as taxas de fecundidade, isso resultou num crescimento populacional; na terceira onda populacional vemos a queda da fecundidade e a redução da mortalidade, o que provocou o envelhecimento populacional (Chaimowicz; Chaimowicz, 2022). Destacando os elementos históricos que compõem essas ondas, citamos nas palavras de Fontaine (2010) que:

Durante milênios, mortalidade e fecundidade ficaram quase equilibradas, com uma leve vantagem para a vida. Esse equilíbrio foi rompido essencialmente por duas razões, que são as consequências da industrialização. A primeira é a queda vertiginosa da mortalidade infantil pela quase erradicação das doenças infecciosas. A segunda é um aumento, igualmente impressionante, da longevidade. A esperança de vida não parou de crescer desde o século XVIII nos países que conheceriam a grande revolução

---

<sup>7</sup> Adotamos o termo *mainstream* para nos referirmos ao campo genérico da gerontologia que compõe o campo de produção de pesquisas na área do envelhecimento. A gerontologia possui subáreas como a gerontologia social, gerontologia biomédica, conforme exposto por Papaléo Netto (2017), mas há também outras áreas como a gerontologia LGBT+ (Henning, 2017) que será foco dessa tese e abordaremos no segundo tópico teórico.

industrial. Até o século XVIII, a esperança de vida não passava dos 30 anos. Em 1956, ela era de 66 anos nos países desenvolvidos e de 41 anos nos países em vias de desenvolvimento (p. 18).

Conforme Papaléo Netto (2017), o século XX marcou avanços da ciência do envelhecimento. O autor ressalta que o domínio científico dedicado ao estudo do envelhecimento teve seu início com Metchnikoff, em 1903 e Nacher, em 1909, que inauguraram a investigação sistemática da gerontologia e da geriatria, disciplinas que desenvolveram respectivamente. Elie Metchnikoff foi cientista e fisiologista e defendeu a criação de uma nova especialidade, a Gerontologia, que recebia esse nome a partir dos termos gregos *géron* (velho, ancião) e *logia* (estudo). Para ele, o campo da gerontologia era próspero, pois buscava dar foco nas modificações que ocorrem no último período da vida humana e que era inevitável para aqueles que sobreviviam às etapas anteriores do ciclo de vida. Propondo esse campo exclusivo para se estudar o envelhecimento, a velhice e os/as idosos/as, Metchnikoff projetava que algum dia alcançaríamos uma velhice fisiológica normal<sup>8</sup>. Por mais investimentos que ele tivesse direcionado para o campo recentemente proposto, ele não teve o apoio e a atenção científica necessários para levar adiante o seu projeto (Lopes, 2000).

Seguindo a esteira das primeiras contribuições de estudos sobre o envelhecimento, no ano de 1909, Ignatz L. Nascher, médico vienense radicado nos Estados Unidos, propôs que a Geriatria se tornasse uma nova especialidade na medicina com interesse em tratar das doenças dos/as idosos/as e da sua própria velhice. Assim, surgia a geriatria, propondo o estudo clínico da velhice, e em torno dela se concentraram pesquisas sociais e biológicas sobre o envelhecimento. Nascher fundou a Sociedade de Geriatria de Nova Iorque em 1912, no ano de 1914 publicou o seu livro intitulado *Geriatrics: the diseases of old age and their treatment, including physiological old age, home and institutional care, and medico-legal relations*. Nascher teve dificuldades para difundir as ideias propostas sobre o envelhecimento e a velhice na comunidade médica. A comunidade médica se mostrava rígida quanto a considerar os aspectos positivos que tanto Metchnikoff quanto Nascher traziam para os estudos sobre o envelhecimento. Para a comunidade médica prevaleciam os pressupostos de que a velhice não guardaria muitas descobertas ou novidades, no tocante ao desenvolvimento de novas capacidades. A forte representação de uma velhice imutável, fechada no ciclo de decadências

---

<sup>8</sup> Metchnikoff não aceitava que a velhice corresponderia a uma etapa do ciclo de vida marcadamente associada à decadência e a degradação do ser humano com o avançar da idade, contrariando os seus antecessores que propunham um destino fatídico para as pessoas mais velhas que alcançariam muitas doenças e declínios com o alcance da velhice. Assim, a velhice fisiológica normal seria uma fase em que os declínios não trariam mais tantos prejuízos à saúde nem tornariam essa etapa da vida algo decadente.



das funções fisiológicas, invalidava em parte o que os novos campos da Gerontologia e da Geriatria aventavam (Papaléo Netto, 2017).

No rastro histórico em que se abriram os campos de estudo sobre o envelhecimento, temos também os trabalhos pioneiros na área da psicologia com o psicólogo americano G. Stanley Hall, que publicou em 1922 o seu livro intitulado *Senescence: the last half of life*. Neste livro, ele considerou evidências históricas, médicas, literárias, biológicas e comportamentais para fundamentar a tese de que as pessoas idosas possuíam recursos que não eram até então apreciados, que implicavam em nuances para os sujeitos que alcançavam a longevidade. Assim, a velhice não poderia mais ser resumida a uma etapa de decadências, opostas a outras fases da vida, como a adolescência (Papaléo Netto, 2017).

Um dos maiores desafios dos campos da Gerontologia e Geriatria foi assumir a influência dos fatores sociais e culturais no envelhecimento, quando os estudos biomédicos da velhice ganhavam espaço e predominavam entre as práticas de pesquisa na época. A inserção das ciências sociais só se deu posteriormente, embora Metchnikoff e Nascher já reconhecessem que se tratavam de campos interdisciplinares, pois o envelhecimento se mostrava como um fenômeno abrangente e complexo. Foi a partir dos anos de 1930 que foram surgindo trabalhos em várias áreas de estudo que comporiam a chamada ciência do envelhecimento. Em 1942 foi criada a *American Geriatric Society* e em 1946 foi criada a *Gerontological Society of America*, com ela surgiu a *Division of Maturity and Old Age* da *American Psychological Association*. Esses avanços foram surgindo mediante as projeções demográficas que alertavam sobre o crescente envelhecimento da população que se acentuava nos Estados Unidos, mas que também já era refletido na Europa com outros países influentes (Papaleó Netto, 2017).

A criação da *International Association of Gerontology* (IAG) em 1950 possibilitou a congregação de outras sociedades científicas dedicadas ao estudo do envelhecimento existente em vários países. Decorridos dois anos desde a sua fundação foi estabelecido o Comitê Latino-Americano de Geriatria e Gerontologia (COMLAT). Posteriormente, em 1961 foi criada a Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG). Já em 1968, outras especialidades que demonstravam interesse em conduzir pesquisas voltadas para envelhecimento no Brasil possibilitaram a ampliação dessa instituição, que foi oficialmente registrada e mantém suas atividades na contemporaneidade como a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) (Neri; Pavarini, 2017).

O que aconteceu nas décadas de 50 e final da década de 70 com o aumento mais expressivo da expectativa de vida impulsionou também as pesquisas na área do envelhecimento. Papaléo Netto (2017) expõe que entre os anos de 1950 e 1959 foram publicados mais estudos

sobre velhice do que nos 115 anos precedentes, e entre os anos de 1969 a 1979 houve um aumento de cerca de 270% de pesquisas na área. Não obstante, não foi uma tarefa simples transformar o âmbito da geriatria e da gerontologia em um espaço de produções críticas, indo além da ênfase nos fatores biológicos que prevaleceram por diversas décadas nesse setor de produções.

O estudo científico do envelhecimento pela Psicologia até o final dos anos de 1960 também não se deu de forma diferente do que era feito por outras áreas de conhecimento. Por muito tempo a psicologia assumiu que os anos que abarcavam a velhice eram de exclusivo declínio (Neri, 2006). Isso ocorre em função dos paradigmas anteriores que precederam as investigações científicas no campo do desenvolvimento e do envelhecimento. Neri (2017) cita quatro paradigmas que repercutiram na construção da psicologia do desenvolvimento: o mecanicista, o organicista, o dialético e o paradigma de curso de vida.

Em síntese, o primeiro paradigma tem como ideia central que o ser humano funciona como uma máquina que reage a forças externas. As teorias behavioristas de Watson a Skinner embasam esse paradigma. As pesquisas realizadas nesta perspectiva centravam os seus experimentos sobre a aprendizagem e no tempo de reação em indivíduos mais velhos e os resultados obtidos levavam os/as estudiosos/as a concluir que a idade avançada acarreta diminuição de capacidades, por isso mesmo, defendiam que na velhice não havia possibilidades de desenvolvimento (Neri, 2017).

O paradigma organicista pressupõe que o desenvolvimento é uma sucessão de estágios organizados por princípios intrínsecos de mudanças, em que são consideradas as ações de fatores sociais, históricos e culturais. A psicologia do desenvolvimento adotou a metáfora do crescimento, culminância e contração para apreender a trajetória dos indivíduos conforme um processo de mudanças sucessivas. Segundo essa perspectiva, a velhice é marcada pela contração, nesse sentido, há a perda de papéis sociais e o indivíduo precisa lidar com a adaptação a essa nova realidade, ademais, a finitude é uma questão imperativa para a pessoa que encontra a velhice (Neri, 2017).

O paradigma dialético concentra duas noções fundamentais para o desenvolvimento, a mudança e a contradição. Nesse sentido, alguns apontamentos são fundamentais na determinação do comportamento e do desenvolvimento, são eles: a mudança, a interação dinâmica, a causa mútua e simultânea, a atuação conjunta de processos ontogenéticos (individuais) e histórico-culturais (coletivo-evolutivos). O paradigma dialético propõe um abandono à perspectiva organicista e defende que o desenvolvimento não percorre um caminho linear, com estágios orientados por metas, por outro lado, entende que o desenvolvimento

percorre todo o processo de vida dos sujeitos e sofre a influência de indicadores inato-biológicos, individual-psicológico, cultural-psicológico e natural-ecológico. O processo de desenvolvimento ocorre mediante tensão constante entre as forças que o determinam. E finalmente, o envelhecimento passa a ser visto como um processo concorrente ao desenvolvimento humano (Neri, 2017).

O paradigma do curso de vida tem foco na interação social e nos processos de socialização, nesse sentido, ele tem bases no funcionalismo em Psicologia e no interacionismo simbólico pela sociologia. Segundo este paradigma, os indivíduos e o ambiente são vistos como entidades mutuamente influentes, ambos cooperam para a construção da jornada de desenvolvimento individual e das diferentes coortes. O desenvolvimento é visto como um processo contínuo que requer a adaptação dos sujeitos aos diferentes determinantes sociais que se estabelecem ao longo da vida. A visão de que a sociedade é responsável por traçar as trajetórias de desenvolvimento é imperativa, uma vez que é através das normativas sociais que são prescritos comportamentos apropriados para cada faixa etária, assim, os indivíduos e as instituições elaboram rotas de desenvolvimento consideradas normais ou típicas e espera-se que os indivíduos encarem tais processos com naturalidade já que estão instituídos (Neri, 2017). Para exemplificar os efeitos do processo de socialização na determinação do curso de vida temos a metáfora do “relógio social” criada por Neugarten (1969) que considera que os indivíduos e coortes internalizam os eventos esperados ao longo da vida conforme o curso de um relógio, seus comportamentos e atividades se dirigem num contínuo, regulam o senso de normalidade, de ajustamento e de pertencimento a um grupo por atenderem as demandas esperadas num grupo etário ou a uma geração. Percebe-se que os cursos de vida recebem a influência das crenças culturais sobre como devem ser traçadas as suas biografias individuais, assim, seus papéis e posições sociais atendem as dinâmicas de restrições e permissões que são concedidas conforme a organização social estabelece sumariamente. As transições ao longo do desenvolvimento obedecem a dois grupos de eventos classificados como normativos e idiossincráticos. As transições normativas são aquelas que são previsíveis, portanto, são esperadas ao longo do desenvolvimento seja por questões biológicas ou culturais. As transições idiossincráticas atendem ocorrências particulares, são imprevisíveis e compõem a trajetória como um evento único para cada indivíduo (Neri, 2017).

O quarto paradigma que marca o conjunto das teorias psicológicas sobre o envelhecimento corresponde ao paradigma de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*lifespan*). O paradigma do *lifespan* compreende o envelhecimento como um processo multideterminado e heterogêneo, em que a ideia de se manter um envelhecimento saudável é

devida à capacidade de a pessoa preservar seu potencial de desenvolvimento em todo o curso de sua vida (Baltes, 1997). Para organizar os pressupostos desse paradigma, seus/uas fundadores/as integraram a noção organicista, no que corresponde as mudanças evolutivas com base ontogenética, com os paradigmas de curso de vida e dialético.

O paradigma do *lifespan* ocupa um espaço de destaque no campo da Psicologia do Envelhecimento, corrente que trata de estudar as várias demandas que caracterizam o processo do envelhecimento humano como um fenômeno biopsicossocial (Neri, 2017). Uma das principais contribuições desse paradigma diz respeito à ação da plasticidade e da manutenção de reservas que auxiliam o indivíduo, no seu franco processo de envelhecimento, a lidar com os estressores, o que se caracteriza como um processo de desenvolvimento normal ou esperado (Baltes, 1997).

Também é dada ênfase ao estudo de trajetórias do curso de vida que podem ser analisadas de acordo os eventos normativos, por idade e por história do sujeito, assim como por eventos não normativos. No primeiro grupo de alterações, os eventos graduados por idade, encontram-se os eventos normativos, de ordem biológica e social, que marcam o desenvolvimento do indivíduo em diferentes fases de vida. Os eventos de ordem biológica caracterizam os processos de crescimento ou maturação e o envelhecimento, no envelhecimento biológico ocorre a diminuição da plasticidade comportamental (possibilidade de mudar para se adaptar ao meio) e a diminuição da resiliência psicológica (capacidade de enfrentar ou de se recuperar dos efeitos da exposição a doenças, acidentes ou incapacidades). No tocante ao processo de socialização, podemos pensar a influência da estrutura social que estabelece normas para o comportamento associadas à idade e ao gênero, por exemplo. Esses comportamentos são mantidos pelas diferentes instituições sociais como a família, a escola, o trabalho que balizam as expectativas sociais. Ainda no primeiro grupo de alterações, os eventos graduados por história compreendem eventos macroestruturais vivenciados num mesmo recorte histórico por todos os indivíduos de uma mesma coorte. Esses eventos podem compor grupos distintos da sociedade que têm na memória a passagem por eventos significativos (Neri, 2006).

No segundo grupo de alterações, incluem-se os eventos idiossincráticos, de ordem biológica ou social, que podem atingir a pessoa em qualquer fase da vida, de forma não previsível, como, por exemplo, a ocorrência de acidentes ou a morte de um/a filho/a ou cônjuge. Esses últimos eventos podem causar grande impacto no curso de vida esperado. Nesse conjunto de influências, está incluída a agência de diferentes marcadores sociais que podem impactar significativamente o desenvolvimento dos sujeitos (Neri, 2017). A exemplo disso, podemos

pensar os impactos da pobreza, do baixo nível educacional, das diferenças de gênero, da pertença a grupos minoritários excluídos, a discriminação pela idade (Neri, 2006).

Ainda segundo o paradigma do *lifespan* cabe considerarmos a relação de reciprocidade entre a biologia e a cultura nas trajetórias de desenvolvimento ao longo da vida, Baltes (1997) defende que na infância e na velhice avançada os processos genético-biológicos graduados por idade têm mais força na regulação do desenvolvimento quando comparados com os fatores de natureza sociocultural, nesse sentido são propostos três princípios gerais a respeito do par biologia-cultura:

1) a plasticidade biológica e a fidelidade genética declinam com a idade, porque a natureza privilegia o crescimento nas fases pré-reprodutiva e reprodutiva, pois é o que fundamentalmente interessa à espécie, falando de seleção natural em termos estritamente biológicos; 2) Para que o desenvolvimento se estenda até as idades avançadas, são necessários avanços cada vez mais expressivos na evolução cultural e na disponibilidade de recursos culturais. A expansão da duração da vida, que hoje está quase no limite máximo estabelecido pelo genoma humano, só foi possível graças aos investimentos da cultura em instrumentos, habitação, técnicas e equipamentos de trabalho, higiene, imunização, antibióticos e outros recursos de proteção às agressões do ambiente e à educação; 3) Há limites à eficácia da cultura para promover desenvolvimento e reabilitação das perdas e do declínio associados à velhice: os mais velhos são menos responsivos aos recursos culturais, uma vez que sua plasticidade comportamental e sua resiliência biológica são menores (Neri, 2017, p. 167).

Construído sob a concepção de um processo de contínuo desenvolvimento, com um modelo contextualista e dinâmico de compreensão dos fenômenos humanos, o paradigma do *lifespan* agrega a teoria da seleção, da otimização e da compensação (teoria SOC). Esses recursos corroboram a definição de desenvolvimento e envelhecimento bem-sucedido. A seleção é a diminuição da amplitude de alternativas permitidas pela plasticidade individual, dirigida à reorganização de aspirações e de metas que sejam compatíveis com os recursos disponíveis. A otimização envolve a aquisição, a gerência e a manutenção de recursos internos e externos ao indivíduo que alcança níveis elevados de funcionamento, e a compensação compreende a adoção de alternativas para manter um bom funcionamento (Neri, 2017).

A organização desses três recursos é uma meta a ser alcançada por cada pessoa, no seu processo individual de envelhecimento e de adaptação às mudanças, e um mecanismo que pode ser estimulado pela rede de apoio que acolhe a pessoa idosa. Isso inclui o funcionamento dos serviços e das instituições responsáveis pela prestação de cuidados a essa população, bem como a rede familiar, grupo de destaque que deveria lhe dá suporte.

## 2.1 CONCEPÇÕES DE ENVELHECIMENTO HUMANO E VELHICE E SUA FACE PSICOSSOCIAL

O processo de envelhecimento humano é universal, progressivo e gradual; nele ocorre uma multiplicidade de fatores de ordem genética, biológica, social, ambiental, psicológica e cultural, que caracterizam diferentes formas de envelhecer para cada sujeito. Não há uma correspondência linear entre a idade cronológica e a idade biológica. A variabilidade individual e os ritmos diferenciados de envelhecimento tendem a se acentuar conforme as oportunidades e os constrangimentos vigentes para determinadas condições sociais (Camarano; Kanso, 2017). O envelhecimento faz parte do desenvolvimento humano, que se caracteriza como um processo sequencial, cumulativo, irreversível, não patológico e único para cada pessoa (Neri, 2017). Um processo natural e de diminuição progressiva da reserva funcional dos indivíduos, que, em condições esperadas, não costuma provocar qualquer problema (Neri, 2014).

Como resultado do contínuo processo de envelhecimento, em articulação com demandas socioculturais e subjetivas, vivencia-se uma fase particular do desenvolvimento humano denominada velhice. A velhice constitui um fenômeno biopsicossocial, pessoal e cultural, que não se manifesta de forma homogênea na sociedade, tampouco repercute linearmente nos sujeitos que envelhecem. Trata-se de uma etapa da vida frequentemente marginalizada, em vista dos desafios impostos ao indivíduo que se confronta com o imperativo social dos declínios e incapacidades (Motta, 2006).

Motta (2006) ressalta que a experiência subjetiva do envelhecimento é atravessada por discursos sociais que privilegiam o corpo jovem e associam o corpo envelhecido à senilidade, à perda e à proximidade da morte. Tal concepção afeta a maneira como o sujeito se relaciona com a passagem do tempo, produzindo efeitos profundos na constituição da subjetividade e nas formas de ser e estar no mundo (Goldfarb, 2009). A velhice, portanto, é uma experiência simbólica e cultural, permeada por representações sociais que orientam práticas e regulam a participação social, funcionando como um marcador de valor e pertencimento (Motta, 2006).

Nesse sentido, o processo de envelhecimento é influenciado por múltiplos fatores – ambientais, sociais, sexuais, educacionais –, além de ser o resultado de um acúmulo de experiências, crenças e hábitos construídos ao longo da vida. Sob essa perspectiva, Motta (2002) observa que o sujeito envelhecido se depara com uma série de perdas simbólicas atribuídas à posição social do idoso, uma vez que a representação cultural da velhice tende a associá-la à improdutividade e à exclusão. Nessa lógica, o indivíduo que envelhece é frequentemente percebido como alguém que já não pertence à esfera social, sendo-lhe negada

a possibilidade de afirmação de sua individualidade e de sua continuidade como sujeito socialmente relevante.

Pensando sobre as dificuldades enfrentadas ao longo das últimas décadas, Papaléo Netto (2017) expõe o descaso com as pessoas idosas que recebem um lugar preterido na sociedade. Centrado numa visão extremamente negativa sobre o envelhecimento, vamos encontrar uma contradição na sociedade moderna que precisava se a ver com as demandas urgentes de uma comunidade envelhecida: “de um lado, defronta-se com o crescimento massivo da população de idosos e de outro, se omite perante a velhice ou adota atitudes preconceituosas contra a pessoa idosa, retardando destarte a implementação de ações que visam minorar o pesado fardo dos que ingressam na terceira idade” (Papaléo Netto, 2017, p. 108).

Refletindo-se sobre as diferentes atitudes tomadas em relação à pessoa idosa ao longo da história e das diferentes civilizações vamos encontrar impasses quanto aos tratamentos oferecidos às pessoas idosas. Em sociedades primitivas a pessoa idosa era tida como uma referência na sua comunidade, sendo objeto de veneração e de respeito. Na época de Confúcio, nascido em 551 a. C. e falecido em 479 a. C., a pessoa idosa era valorizada na sua família, e todos/as da família deviam obedecer aos/às mais velhos/as. Com a Revolução Industrial e os respectivos avanços tecnológicos e a valorização excessiva de teses desenvolvimentistas com foco na força e produção, sob a perspectiva do capitalismo, as pessoas jovens adquiriram *status* de valorização em detrimento aos/às idosos/as, que já não eram associados/as aos novos valores sociais de uma sociedade industrializada (Debert, 1999/2020).

Precisamos dar passos largos no tempo para que finalmente pudéssemos encarar com mais firmeza o imperativo de que o processo de envelhecimento é, de base, um processo heterogêneo, e que o segmento populacional considerado idoso, em que aí estão incluídas pessoas de 60 a 100 anos ou mais, é diverso. Quando finalmente temos acertada a constatação dessa observação, temos conseguido ao longo de pelo menos pouco mais de cinco décadas estudar as trajetórias diferenciadas que vão afetar o fenômeno da velhice às quais estão “fortemente marcadas pelas desigualdades sociais, regionais e raciais em curso no país” (Camarano; Kanso, 2017, p. 206). Nesse ínterim em que se atravessam diferentes determinantes, “as políticas sociais podem reforçar essas desigualdades ou atenuá-las, bem como os mitos, estereótipos e preconceitos em relação à população idosa” (Camarano; Kanso, 2017, p. 206). Ao passo que nos deparamos com uma visão mais plural acerca do envelhecimento e da velhice, daremos ênfase na próxima seção ao campo da gerontologia LGBTQ+ que abre novos horizontes para os estudos sobre o envelhecimento segundo a dinâmica internacional e nacional.

### 3. ENVELHECIMENTO E VELHICES SOB A ÓTICA DA GERONTOLOGIA LGBTQ+

Esta seção aborda uma contextualização histórica do envelhecimento e da velhice considerando a trajetória de pessoas que possuem identidades LGBTQ+ e que vivenciam o trânsito geracional para a velhice em contraposição ao *panorama heteronormativo sobre a velhice*, conforme discutido por Henning (2014, 2016, 2017). A vigência desse panorama na sociedade contribuiu, em certa medida, para haver um apagamento, invisibilização e/ou secundarização dos processos de envelhecimento das experiências de dissidência sexual e de gênero. Nesse sentido, discute-se que tal conjectura foi responsável por retirar do horizonte, por muitos anos, as devidas preocupações analíticas e políticas em relação às práticas erótico-sexuais e às identidades de gênero das pessoas tidas como velhas, por estas ameaçarem as referências normativas quanto quando se ponderava tratar a velhice como um fenômeno homogêneo (Henning, 2017).

A baixa ocorrência de pesquisas que consideram o contexto de diversidade sexual e de gênero na velhice é herdeira da concepção culturalmente arraigada de “neutralidade sexual” na velhice em que se observou por muitos anos a falta de atenção aos fatores pertinentes à sexualidade de pessoas idosas. Relegada ao campo da esfera privada, a sexualidade na velhice, quando considerada, foi facilmente tratada sob um contexto social de tensão patologizante caracterizado por reações de ojeriza e rejeição a qualquer manifestação que apontasse para o desejo e/ou práticas sexuais de pessoas idosas (Henning, 2013). Alencar e Ciosak (2016) debatem que o imaginário social acerca da sexualidade na velhice situa a pessoa idosa num lugar romantizado e assexual, como se a velhice preconizasse uma desapropriação dos desejos sexuais e, portanto, não há um reconhecimento, nem mesmo uma boa receptividade, sobre a vida sexual destes sujeitos.

Percebe-se uma dupla negligência aos velhos e às velhas LGBTQ+, tanto pelos/as gerontólogos/as quanto pelos movimentos sociais que trabalham com a causa LGBTQ+, uma vez que os/as primeiros/as analisam a velhice sobre um prisma generalista e os segundos voltam a sua atenção majoritariamente às problemáticas que envolvem pessoas mais jovens (Debert; Henning, 2015). Percebe-se, então, como se constituem os aspectos responsáveis pela invisibilidade do/a velho/a LGBTQ+, partindo desde a dificuldade de integração com pessoas LGBTQ+ mais jovens, que apresentam visões estereotipadas sobre sua aparência e *background* cultural, até a própria dificuldade em se circular nos espaços públicos, em face da violência (Santos; Araújo; Negreiros, 2018).



Há que se considerar também, que há uma presunção da heterossexualidade na velhice que serviu como pano de fundo para que estereótipos negativos em relação aos sujeitos que divergem desse padrão afugassem as possibilidades de assunção das identidades por pessoas LGBTQ+ no seu curso de vida (Pugh, 2002 *apud* Henning, 2013). Conforme assinalam Marques e Sousa (2016), o grupo de idosos/as LGBTQ+ que encontramos atualmente compartilhou de um período histórico de controle da sua sexualidade, em que imperavam formas de opressão e invisibilidade da sua identidade. Como resultado de tal repressão, operavam o medo da rejeição e da perseguição, destarte, o receio de admitir a sua orientação e identidade para si era pungente.

A homogeneização da velhice, em que se obteve destacada resistência em se considerar para o escopo do envelhecimento as trajetórias de vida de pessoas LGBTQ+, fundou o campo da gerontologia e por muitos anos orientou os primeiros estudos na área, minimizando os efeitos trazidos por diferenças entre marcadores sociais como, por exemplo, a etnicidade, classe, gênero, religião e sexualidade (Debert; Simões; Henning, 2016). Na contramão ao processo de invisibilização das diferenças sexuais e de gênero, resistiram pesquisadoras/es que contribuíram para que fossem entrelaçados os estudos sobre velhices, homossexualidade masculina e feminina, bissexualidade e transgeneridade. Foi por volta da década de 1960, concentrando-se em alguns países de língua inglesa, que surgiu no campo dos estudos sobre envelhecimento a área da *gerontologia LGBTQ* (Henning, 2017).

A gerontologia LGBTQ teve como marco fundamental o desenvolvimento da pesquisa do sociólogo estadunidense Martin S. Weinberg (1969 *apud* Henning, 2017) que foi publicada no mesmo ano da Revolta de Stonewall. Esse foi um ponto de partida que teve grande amparo nos movimentos sociais com pautas focadas na liberação gay. A área da gerontologia LGBTQ tem envolvido diferentes especialidades com o intuito de produzir saberes e discursos implicados com a multiplicidade de experiências de envelhecimento, sobretudo no que corresponde à assunção do desejo durante o curso de vida, às práticas sexuais e a constituição de identidades sexuais e de gênero de pessoas que adquiriram o estatuto da velhice (Henning, 2020a).

O desenvolvimento da literatura sobre gerontologia LGBTQ propiciou reflexões pertinentes sobre gênero, curso de vida e envelhecimento, em que se constata, em termos gerais, evidentes tentativas de diferenciar o contexto de envelhecimento de pessoas homossexuais e heterossexuais, cisgêneras e transgêneras, em detrimento de possíveis convergências nos modos de envelhecer. Também tem havido pouco interesse em analisar criticamente possíveis desconstruções no que tange aos binarismos de gênero e sexualidade. Entre o grupo de pessoas LGBTQ+, o termo “população LGBTQ+” tem recaído com poucos

esclarecimentos e menos aprofundamento acerca das características que compreendem as particularidades de cada identidade presente na sigla “LGBT+”. Esta consideração também figura uma tentativa de homogeneizar a população LGBT+ envelhecida (Henning, 2017).

Historicamente observou-se uma atenção desproporcional oferecida nos estudos do envelhecimento da população LGBT+ em que as identidades, representadas por cada uma das letras que constituem a sigla LGBT+, têm sido predominantemente estudadas enquanto outras sofrem com menos atenção. Henning (2017) assevera que a homossexualidade masculina tem sido sobrerrepresentada especialmente nos períodos que remontam o surgimento do campo da gerontologia LGBT, entre as décadas de 1960 e 1970. Os estudos que se detiveram a explorar a homossexualidade feminina, no contexto da velhice e do envelhecimento, tiveram início mais tardiamente, por volta dos anos de 1980. Por fim, os estudos mais recentes, e com número menor de publicações, envolvem as identidades de pessoas bissexuais, transgêneras e com identidades *queer* na interrelação com o envelhecimento e a velhice.

Henning (2017) divide o percurso da gerontologia LGBT em quatro momentos com o intuito de apresentar os diferentes movimentos que permitiram o desenvolvimento dessa área. A realização de sua pesquisa de revisão nos oferece, em termos gerais, observações sobre as inclinações e motivações que levaram os/as pesquisadores/as a desbravarem o campo num momento inicial, bem como possibilita uma apreensão dos fatores que provocaram novas problematizações por parte de pesquisadores/as que reorientaram as suas metodologias de pesquisa e o seu foco de estudos, tomadas as complexidades que permeiam os processos de envelhecer na diversidade. Os quatro momentos serão brevemente apresentados para situar um contexto sócio-histórico que tem suscitado debates a respeito da população LGBT+ envelhecida, são eles:

a) o primeiro momento (compreende o fim da década de 1960 até meados da década de 1970) tomou como ponto de partida a *constatação e reafirmação dos estereótipos negativos acerca do “envelhecimento gay”*. As pesquisas tenderam a retratar um panorama de grande hostilidade, pouco promissor e violento que compreendia o contexto de envelhecimento de homens gays. Tais representações advinham de um contexto de retratação negativa do envelhecimento presentes nas comunidades homossexuais, na cultura popular e nos filmes. São destaque as pesquisas que apresentavam as representações sociais marcadamente tomadas por imagens de solidão, isolamento marcado de perdas sociais, físicas e estéticas; desvalorização no mercado erótico, invisibilidade, preconceito pelo avanço da idade, depressão, desamparo ou ausência de rede de suporte social.

b) o segundo momento (desenvolvido entre os fins da década de 1970 e início dos anos de 1980) é marcado por uma *crítica de desconstrução dos estereótipos negativos* com uma intensa tentativa de fazer emergir uma representação positiva a respeito da trajetória de vida de homossexuais, em especial de homens gays na literatura. Henning (2017) explica que esse foi um momento oportuno para que os/as pesquisadores/as redirecionassem o seu foco para aspectos positivos do envelhecimento homossexual, considerando ganhos proporcionados pelo envelhecimento e com foco nos recursos sociais que funcionavam como fatores de proteção na velhice. Nesse período, gerontólogos/as assumidamente gays e lésbicas buscavam desafiar e desconstruir a imagem densamente negativa que se tinha sobre homossexuais velhos, embora houvesse a compreensão de que os estigmas continuavam vigentes no curso de vida de homossexuais que somavam os seus esforços para manter a sua identidade LGBTQ+ aos desafios de envelhecer.

c) o terceiro momento (a partir dos anos de 1980 e meados de 1990) compreende um período em que foi notória uma *diversificação de questões e análises empíricas* de temas mais abrangentes sobre o envelhecimento, superando os polos de atitudes positivas e negativas, além de ser destaque uma maior atenção ao fenômeno do envelhecimento de mulheres lésbicas. Por um tempo as pesquisas foram divididas entre envelhecimento de homens gays e de mulheres lésbicas, com alguns apontamentos que frisaram as diferenças nos modos de envelhecer de cada grupo. De forma sutil também foram discutidas comunalidades entre as suas formas de envelhecer. Foi o início também das primeiras investigações sobre o contexto de vida de pessoas bissexuais e transexuais no trânsito para a velhice. Essas últimas pesquisas ocorreram timidamente. Henning (2017) discute que os estudos sobre o envelhecimento bissexual resultaram em formas mais superficiais de análises, muitas vezes focadas em apresentar uma suposta vantagem por ser bissexual, uma vez que muitos/as haviam construído uma família com filhos/as e esse fator constituía uma fonte de suporte social na velhice. As poucas pesquisas centradas em pessoas transexuais alertavam para os desafios de sobreviver até se alcançar à velhice, visto que estas carregam uma carga mais expressiva de estigma, além de terem que lidar com as consequências na sua saúde pelo uso de hormônios.

d) o quarto momento (desenvolvido nos fins dos anos de 1990 até os dias atuais) foi caracterizado por Henning (2017) como um *giro pragmático*. Esse giro é caracterizado principalmente por haver uma preocupação de ordem prática com a administração direta dos problemas enfrentados nas velhices LGBTQ+. Nesse sentido, a atenção tem se voltado para a criação de políticas públicas com o foco na proteção social e na garantia de dignidade aos/as velhos/as LGBTQ+, para isso, esforços são envidados nos diferentes setores da sociedade para

se tentar abranger a atenção ao público idoso LGBTQ+. Este campo tem contado com uma ação conjunta e interdisciplinar em que se entrecruzam com a gerontologia outras importantes áreas de atuação como a saúde pública, a psicologia, e o serviço social. Atualmente tem se preocupado constantemente em se compreender como os/as profissionais das diferentes áreas atuam no acolhimento de velhos/as LGBTQ+, e parte dos esforços têm sido direcionados a sensibilizar e instrumentar os/as profissionais para atenderem as “necessidades específicas” dos/as velhos/as LGBTQ+.

Adicionamos ao quarto período traçado por Henning (2017) a ênfase de estudos produzidos ao longo dos últimos 10 anos que contemplam o envelhecimento LGBTQ+ sob a ótica da psicologia social, com o referencial teórico das Representações Sociais. Encontramos aqui no Brasil o ineditismo dessas pesquisas que tomam o envelhecimento LGBTQ+ como objeto social de RS. Grande parte dos estudos se concentram no núcleo de pesquisa do professor Dr. Ludgleydson Araújo, professor do departamento de Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Piauí. Vale salientar, que o primeiro capítulo sobre Velhice LGBTQ só foi inserido no Tratado de Geriatria e Gerontologia na sua quinta edição, publicada em 2022, e contou com a autoria do referido pesquisador (Araújo, 2022).

Em se tratando mais especificamente da produção nacional sobre estudos *queer*, teremos um atraso considerável das primeiras pesquisas sendo realizadas no Brasil em comparação ao contexto norte-americano. Renan Quinalha (2022) alerta que há diferenças do momento em que a Revolta de Stonewall<sup>9</sup> eclodiu nos Estados Unidos e impulsionou os movimentos sociais numa crescente luta pelos direitos da comunidade LGBTQIA+. No auge desses acontecimentos, o Brasil vivia o momento histórico da Ditadura Militar. Um ano antes do famoso evento que aconteceria em Nova Iorque, em 1968 tivemos o decreto do Ato Institucional (AI-5)<sup>10</sup> que inaugurou o período mais sombrio desse evento histórico.

Segundo Leandro Colling (2018), a produção nacional dos estudos *queer* iniciou-se entre meados dos anos de 1990 e início dos anos 2000. Embora tenham demorado mais para se

---

<sup>9</sup> A chamada Revolta de Stonewall é um marco na luta por direitos pró-LGBTQ+, o evento inicial está datado de 28 de junho de 1969 quando o bar Stonewall Inn em Nova Iorque, nos Estados Unidos, foi invadido por policiais que costumavam perseguir e agredir a comunidade LGBTQ+ que frequentava o local. Esse evento contou com protestos contra a violência policial que tornaram público o início do ativismo pelos direitos LGBTQ+ que ganhou as ruas. No primeiro ano da Revolta de Stonewall tiveram várias manifestações LGBTQ+ em Nova Iorque, Los Angeles, San Francisco e Chicago. O movimento ganhou visibilidade em muitos outros países que também lembram da importância do evento que impulsionou a luta por direitos e reconhecimento da comunidade LGBTQ+.

<sup>10</sup> O AI-5 foi outorgado em 13 de dezembro de 1968, segundo Quinalha (2018) esse foi considerado o ato da ditadura mais duro tendo em vista que ele anunciava a necessidade de preservação dos valores morais e, consequentemente, abria espaço para o combate aos movimentos considerados subversivos às tradições defendidas pelos militares. A partir desse ato foram promovidas mais ações arbitrárias e reforçada a censura e a tortura.

estabelecerem, os estudos tiveram rápido desenvolvimento no país e espalharam-se entre diferentes núcleos de pesquisa do país. Para o comunicólogo, os estudos de gênero e sexualidade parecem impactar pouco no movimento LGBTQ+ do Brasil.

Na sequência, o presente projeto de tese traçará uma apresentação distinta de grupos de pessoas idosas a partir das suas identidades de gênero, considerando a cisgeneridade e a transgeneridade como marcadores distintos no curso do envelhecimento. O foco desta apresentação em dois grupos (cisgênero/a e transgênero/a) tem como intenção explicar algumas trajetórias, experiências, e legados que constituem as identidades da pessoa idosa LGBTQ+ sem que se pretenda exaurir as possibilidades de expressividade nos dois grupos, muito menos se pretende reduzir os seus processos a experiências estritamente diferentes em cada grupo.

### 3.1 ENVELHECER NA CISGENERIDADE

Os estudos que inicialmente se propuseram a investigar a relação entre as sexualidades não normativas com a velhice tiveram como ponto de partida o curso de vida de homens gays velhos (Henning, 2017). Observa-se nestes estudos uma análise do espectro representacional da velhice e da homossexualidade como forma dissidente. Também há uma concentração de estudos nos últimos anos a versar sobre o homoerotismo masculino e as relações intergeracionais que se desenvolvem em meio às práticas eróticas e sexuais na velhice de homens gays (Henning, 2020a; Passamani, 2017; Santos; Lago, 2015).

Inicialmente podemos citar os trabalhos dos sociólogos americanos John Gagnon e William Simon (1973), pioneiros nos estudos sobre a velhice de homens homossexuais. No seu texto clássico intitulado *Sexual Conducts* eles apresentam o contexto de vida de homossexuais velhos de maneira negativa. Para eles, os homens gays tinham menos recursos que os homens heterossexuais para lidarem com as crises do envelhecimento. Além disso, os autores indicavam uma antecipação dos sentimentos de declínios advindos da velhice, segundo os seus pressupostos, homens gays começavam a perceber esses declínios no auge dos seus 30 ou 40 anos, seria nesse período que haveria um conflito entre o declínio da atividade sexual com o crescente estilo de vida centrado na sexualidade. Enquanto homens heterossexuais se beneficiariam das mudanças nas características típicas de um sujeito mais maduro, como os cabelos grisalhos e rugas, entre os homens homossexuais essas mudanças seriam consideradas repulsivas na comunidade gay. O fato de não constituírem família, com filhos/as biológicos/as e de não contarem muitas vezes com a aceitação de familiares implicava num futuro desolador

para os homens homossexuais, segundo esses sociólogos. Assim, debatia-se sobre solidão, depressão e intenso sofrimento psicológico como um destino inevitável para gays na sua velhice.

A fatídica hipótese que defendia um “envelhecimento acelerado” para homens gays logo começou a ser contestada entre pesquisadores, na sua maioria sociólogos e antropólogos, que se interessavam para desbravar as nuances do envelhecimento e velhice homossexual. Ainda na década de 1970, outro sociólogo (Minnigerode, 1976 *apud* Henning, 2017) realizou um estudo comparativo entre homens heterossexuais e homossexuais nos Estados Unidos e não encontrou diferenças significativas na forma como heterossexuais e homossexuais lidam com as mudanças e os desafios da idade mais avançada, assim, não foram vistas diferenças significativas que corroborassem com a hipótese de que homens gays teriam uma transição precoce e mais drástica quanto ao trânsito para a meia idade e a velhice.

Seguindo na contramão aos estudos anteriores que pautavam características negativas ao modo de vida homossexual, Kimmel (1978) desempenhou um papel importante inusitadamente para aquela época quando propôs a formulação do termo “competência em crise”, segundo o autor, as pessoas homossexuais que tiveram inúmeras adversidades ao longo da vida tanto relacionadas a experiências pessoais como mais especificamente pelo fato de “assumirem” abertamente a sua sexualidade, a famosa “saída do armário”, teriam uma habilidade ou capacidade para ter mais resistência no seu ciclo de vida, ou seja, aquilo que antes serviu como conflito e foi fator de risco num dado momento da vida, quando ultrapassado, daria condição de maior maturidade e minimizaria os impactos negativos de outras crises posteriores.

Essa mudança de perspectiva sobre o contexto adverso de que muitos homens gays têm de enfrentar ao longo da vida abriu espaço para que muitos/as outros/as estudiosos/as se debruçassem sobre o tema e abrissem novos modos de significar o encontro dos sujeitos homossexuais com a velhice. Em continuidade às ideias de Kimmel (1978), Friend (1980) e Berger (1996), também sociólogos, passaram a defender que os desafios advindos do envelhecimento e, com isso, as tensões e ansiedades dela sucedida com as mudanças físicas e a perda do papel social não resultariam em tantos danos aos homens homossexuais. Isso aconteceria não somente pela ideia anterior da “competência em crise” e de uma maior resistência psicológica adquirida ao longo da vida, os autores agora defendiam que no seu repertório de vida os homens homossexuais têm uma maior flexibilidade acerca dos papéis de gênero e isso resultaria em menos impactos enfrentados por homens gays que não teriam que lidar de maneira mais impactante com alguma alteração no estatuto da identidade masculina normativa, geralmente dotada de ideais como potência, força, autonomia e virilidade. Berger

(1996) desenvolveu a noção de “maestria no estigma”, segundo esta noção sugere que os homossexuais por terem que lidar desde muito cedo com o enfrentamento do desvio social e da discriminação, eles aprendem a manobrar a sua identidade de maneiras intercambiáveis para cada ator da esfera social (família, amigos, trabalho, vizinhança, etc.). Tendo que fazer isso ao longo da vida, os homossexuais teriam maiores chances de contornar os episódios de discriminação e de exclusão enfrentados na velhice. Por essas e outras contribuições ao campo de estudos sobre o envelhecimento gay, os sociólogos passaram a ser chamados de gerontólogos do envelhecimento gay positivo<sup>11</sup> (Henning, 2017).

No Brasil encontramos o marco inicial dos estudos antropológicos realizados por Julio Assis Simões (2004) que primeiramente considerou a dificuldade de se estudar o envelhecimento em contextos não heterossexuais. Segundo o autor, a perspectiva de desenvolvimento humano na cultura ocidental tende a excluir os encontros entre o envelhecimento e a sexualidade. Simões (2004) relata haver uma depreciação do homossexual velho representado por determinantes comumente retratados no envelhecimento de pessoas heterossexuais tais como “o declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada” (p. 417). Também discutiu não haver uma forma de reconhecimento do homem gay velho em meio à comunidade LGBTQ+.

Simões (2004) considerou que os velhos gays recebem diferentes nomeações dentro da comunidade LGBTQ+ por jovens gays, de acordo com características advindas do envelhecimento (mudanças físicas) e da posição social do idoso. O autor considera três apelidos que são comumente atrelados aos velhos gays: tias velhas, velhos tarados e coroas. O primeiro refere-se ao homem bastante afeminado, o segundo corresponde ao que assedia os mais jovens. O último corresponde a uma imagem do homem maduro viril, que tem saúde e disposição física, com dinheiro suficiente para frequentar espaços do “circuito gay” e que pode bancar jovens gays.

As nomeações apontadas por Simões (2004) assinalam formas diferentes de conformação das identidades de velhos gays e podem ser encontradas em estudos subsequentes com o público idoso (Henning, 2014). Além de confirmar os apelidos apontados por Simões,

---

<sup>11</sup> O conjunto de pesquisadores que integrou o chamado *gay positive* procurou modificar o cenário anterior de pesquisas com homens gays que acentuavam aspectos negativos da velhice, assim, esses pesquisadores abriram espaço para que as pesquisas na área avaliassem recursos sociais adicionais que poderiam tornar a velhice de homens homossexuais mais vantajosa que a de homens heterossexuais. Apesar de terem surgido num período que refletia os avanços pós-revolução de Stonewall, esses pesquisadores foram criticados posteriormente por desconsiderarem as consequências de todo um processo de discriminação que afetava a comunidade de pessoas homossexuais e que não poderiam ser negligenciados em troca de uma nova roupagem para caracterizar as trajetórias desses sujeitos (Henning, 2017).

Henning (2014) discute a problemática apresentada por homens que se nomeiam como maduros (homens com práticas sexuais homoeróticas entre 40 e 70 anos). Estes homens relatam que experimentaram ao longo da vida grandes pressões para cumprirem com certas convenções sociais sobre o que deveria ocorrer em sua vida, durante períodos de transição na vida. Tais pressões configuram o que Henning denominou de *teleologia heteronormativa* que impõe marcos biográficos relacionados à constituição de relações duradouras, como o casamento com pessoas do sexo oposto, aquisição de filhos/as durante o relacionamento, etc. Os modos de vida alternativos que divergissem do percurso biográfico esperado facilmente foram lidos como uma despreocupação com a longevidade e tenderiam a ser censurados, desvalorizados ou mesmo patologizados. Em decorrência disso, Dustin Goltz (2010 *apud* Henning, 2014) debate sobre a influência do domínio da indústria cultural estadunidense que lança “mitologias” vinculadas ao corpo masculino envelhecido e que marcam negativamente a trajetória de vida do homem gay mais velho, pois este estaria fadado a um futuro de tristeza, miséria, isolamento e decadência.

Cristian Paiva (2009) levantou discussões acerca da abjeção em relação ao corpo velho e à homossexualidade no curso do envelhecimento. No intuito de considerar a topologia “centro-margens” na apreensão de processos de inteligibilidade do campo sexual, o autor questionou a experiência do envelhecimento homossexual que historicamente ocupa as periferias da sexualidade. Considera abjeta a posição oferecida aos velhos em relação à experiência da sexualidade, e, quando somada à homossexualidade, a abjeção ganha contornos máximos tendo em vista a perturbação do imaginário da velhice.

Em se tratando do pensamento social sobre a velhice, Paiva (2009) considera que os velhos homossexuais não correspondem ao ideal médico-normativo-midiático da velhice “risonha/dançante” e saudável que tem sido usada para representar a velhice. Considerando tal subversão no campo do envelhecimento, tornam-se abjetos os corpos/seres considerados marginais e ininteligíveis aos esquemas sociossexuais binaristas. Como abjeto<sup>12</sup>, os corpos/seres não importam, são incoerentes, sujos, poluidores do imaginário da velhice.

A dissertação defendida por Laura Maravilha (2010) foi a primeira publicação resgatada na Attena, o repositório digital da Universidade Federal de Pernambuco, que estudou participantes homossexuais acerca do envelhecimento. O estudo contou com a orientação da profa. Dra. Fátima Santos, também orientadora da presente tese. O objetivo da dissertação foi

---

<sup>12</sup> Apresentamos neste estudo o conceito de Abjeção trazido por Butler (1993/2022, p. 197) que explica que “o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”.



investigar através do referencial teórico das RS as ideias de senso-comum que circulam entre homens heterossexuais e homossexuais acerca do envelhecimento, a partir das diferenças que a orientação sexual traz para as suas vidas. Participaram homens gays (n=8) e heterossexuais (n=8) com idades a partir de 60 anos, na análise dos resultados foi apontado que a orientação sexual não foi determinante para a formação de representações sociais distintas acerca do envelhecimento. Os dois grupos representaram o envelhecimento como um processo natural do desenvolvimento humano, marcado por perdas e ganhos. A sexualidade apareceu como um princípio organizador das práticas sociais que diferenciou gays e heterossexuais no seu curso de envelhecimento. Para os primeiros, as mudanças estéticas surgidas e a diminuição do vigor sexual advindos do envelhecimento afetam a identidade homoerótica e, com isso, instigam práticas de cuidados como a preparação do corpo para atender padrões estéticos e a preservação da potência sexual. As mudanças estéticas foram significadas como os aspectos mais negativos do envelhecimento para os homens gays. Outro dado que chamou atenção nesse estudo diz respeito a se tomar o envelhecimento como o lugar das reflexões dos atos cometidos durante a vida, nesse sentido, o envelhecimento se torna palco para punições, recompensas e resgates espirituais. Tais suposições eram tomadas pela forte influência do discurso religioso, alguns homens gays representaram a homossexualidade como causa de um envelhecimento com menor qualidade de vida e como motivação para punições e reparações individuais já que o comportamento homossexual contraria a moral social e as leis divinas. No conjunto dos participantes heterossexuais as mudanças advindas do envelhecimento foram vistas com conformismo uma vez que o declínio do desempenho sexual era encarado como algo natural do envelhecimento. A diminuição da prática sexual foi atrelada a problemas de saúde como doenças da próstata, a perda da libido e ao desinteresse sexual por parte da parceira. Enquanto tratavam do seu comportamento sexual, os homens heterossexuais atrelavam o sexo a uma prática na instituição social da família e do casamento, que tinha principalmente a função procriativa e, portanto, tenderia a diminuir com o avanço da idade (Maravilha et al., 2013).

No seu trabalho de tese, Fernando Pocahy (2017) buscou analisar as formas de regulação do gênero e da sexualidade na articulação com os discursos normativos acionados no circuito de práticas homoeróticas de velhos gays residentes na cidade de Porto Alegre. Pocahy (2017) estudou homens idosos gays em saunas, bares de prostituição e videolocadoras pornô e suas análises lançaram contrapontos que distendem as representações do idoso homossexual geralmente ligado a uma figura triste, vitimizante, precária e necessitando de assistência. Ao se aproximar cada vez mais das experiências eróticas compartilhadas nos espaços das saunas e dos bares de prostituição, Pocahy (2017) observou uma tendência de deslocamento de práticas

discursivas que tendem a propagar a separação entre velhice e juventude. Esta última tem sido alvo das sociedades contemporâneas, que obcecadas pela manutenção da juventude, revestem-na de uma vida sexual ativa, de beleza, e de um corpo que se recusa envelhecer.

Embora tenha atestado uma supervalorização da juventude e do corpo jovem, Pocahy (2017) observou possibilidades de sociabilidade na velhice que permitem a contestação do destino de uma “sexualidade bizarra” e de um corpo “fora do mercado do sexo”. Os idosos que estavam situados nas saunas e nos bares de prostituição demonstravam ocupar um lugar possível na cidade, nas quais os seus movimentos de erotismo rompiam com as representações da velhice “normal” e do corpo “desejado” e, com isso, novas maneiras de viver o erotismo com o corpo envelhecido eram despontadas em meio a experimentações, recusas e negociações no campo político de relações sexuais.

Num estudo realizado com homens maduros e idosos frequentadores de lugares de sociabilidade homoerótica em São Paulo, Simões (2011) observou que os participantes ressaltavam a centralidade da sexualidade nas suas vidas, a maturidade foi significada como um processo que auxilia a acalmar o desejo intenso que ocorria desde a juventude, com isso, eles percebem ser possível na idade atual pensar no cuidado de si e negociar as formas de prazer entre eles. As questões referentes ao corpo eram muito frequentes, segundo Simões (2011) os participantes se demonstravam preocupados com as mudanças corporais e, por isso, eram muito vaidosos, em vista de mudanças corporais alcançadas com a idade avançada alguns recorriam a procedimentos estéticos de modo a mitigar os seus efeitos, na tentativa de manterem corpos atraentes. Simões (2011) observou ainda uma tendência nos entrevistados que tinham parceiros estáveis se relacionarem com pessoas mais jovens, com intervalos de idade que variavam entre 10 a 30.

No seu estudo de tese Cardoso (2015) objetivou discutir os limites e as marcas diacríticas e transversais existentes na comparação entre a questão do envelhecimento e a problemática da homossexualidade masculina com homens maduros que fazem ou praticam sexo com outros homens no contexto de relações homoafetivas da cidade de Soure, Marajó-PA. No estudo, o autor debate as estratégias utilizadas por um grupo de amigos de homens gays para lidarem com o preconceito numa cidade rural que confunde muitas vezes o relacionamento homoerótico com pedofilia. Foi observado que os interlocutores contavam com o apoio de amigos também homossexuais e formavam uma rede de apoio e solidariedade. O exercício da sexualidade foi algo presente nos discursos dos interlocutores, os mesmos utilizavam um conjunto de táticas ou estratégias de resistência para exercerem a sua sexualidade. Também relatavam a importância de serem independentes financeiramente para viverem uma velhice

livre e com satisfação (a satisfação sexual mais especificamente foi algo bem explorado pelos participantes ao longo da pesquisa).

Percebe-se que o avanço da idade pode trazer algumas mudanças no estabelecimento dos encontros afetivos, eróticos e sexuais. Neste sentido, Passamani (2017) discute que essas mudanças podem se configurar como um tipo de “plus” para que as relações não somente aconteçam como também sejam mantidas e desenvolvidas, o “plus” se refere ao “bancar”. Além do bancar, os interlocutores significam essa relação de troca de favores como agrado, ajuda, incentivo, presente. Essa intersecção entre condição socioeconômica e geração reflete o contexto relacional em que homens maduros e idosos gays conseguem assumir uma posição de privilégio em relação a jovens gays. Nessa relação de troca de benefícios, alguns interlocutores se recusam a encarar as trocas estabelecidas como uma situação que envolve a prostituição ao ser alegada a troca de carinho e o respeito. Outros interlocutores preferem assumir o recurso da prostituição que caracteriza mais propriamente a transação de sexo e desejo por algum ganho material (Passamani, 2017).

Passamani (2017) estudou a intersecção entre envelhecimento, memória e conduta de homossexuais do Pantanal de Mato Grosso do Sul de modo a averiguar também as estratégias utilizadas por homens gays para estabelecerem vínculos afetivos, eróticos e sexuais durante a velhice. Ele aponta inicialmente a importância de se pesquisar pessoas maduras e idosas que não migraram para os grandes centros urbanos e para as capitais com a tentativa de conseguirem se realizar enquanto sujeitos assumidamente homossexuais. O processo de migração de cidades menores para as capitais foi observado no curso de vida de muitos homossexuais brasileiros que encontravam na sua cidade de origem muitos desafios e impedimentos para vivenciarem plenamente a sua sexualidade (Trevisan, 2018).

Através dos seus interlocutores, Passamani (2017) observou que os homens de quase sessenta anos têm a tendência de permanecerem sozinhos. E a tendência também foi observada entre os interlocutores com mais de 70 anos que não lamentavam ou sequer sublinhavam a necessidade de estarem com alguém, de ter uma relação estável como se esse fosse um projeto geracional obrigatório para eles. Neste ponto, Passamani (2017) critica a chamada “ideologia familiar” que impõe a obrigatoriedade de constituir uma família (monogâmica, nuclear e heterossexual) com parceira e filhos. Além disso, discorre que ter uma família não corresponde necessariamente a ter uma rede de suporte social na velhice.

Oswald e Roulston (2018) tiveram como objetivo explorar a vida social de homens gays com mais de 65 anos, para isso entrevistaram 10 homens com idades entre 65 e 77 anos, residentes em Nova Iorque. Os participantes enfatizaram a importância de manter relações

íntimas no seu curso de vida, entretanto, ressaltaram que o avanço da idade impacta a sua sociabilidade de modo que com o avançar da idade as perdas são mais frequentes, trata-se de perdas sociais, emocionais e físicas que afetam as suas relações com os outros. No estudo citado os participantes revelaram que o tratamento dado à homossexualidade em períodos passados da história como a criminalização, a patologização e a condenação moral do comportamento homossexual trouxeram muitos impactos nos seus modos de interação social, principalmente no tocante a uma maior reclusão e ocultação da sua identidade sexual. Ademais, apesar de perceberem avanços nas políticas sociais pró-LGBT+, os participantes percebem haver resquícios de toda a repressão social e cultural passada, fato que rendeu para alguns a homofobia internalizada. No tocante às mudanças físicas advindas do envelhecimento, os participantes destacaram os impactos negativos na saúde, principalmente em contextos em que se convive com o HIV, além de mudanças no desempenho sexual, com a disfunção erétil. Por fim, o estudo aponta a importância dos espaços de convivência em ambientes gays, os chamados *gay-friendly*, espaços no qual os participantes conseguem se conectar com pessoas, partilhar sentimentos e fornecer e receber apoio.

Em estudo realizado sobre as representações sociais do envelhecimento elaboradas por homens gays observou-se que as RS se situam no paradoxo entre a aceitação e a negação da velhice, e estão ancoradas nas mudanças biopsicossociais que ocorrem na meia-idade e na velhice. Enquanto refletem sobre as mudanças advindas no seu próprio envelhecimento e também observando-se as mudanças que percebem na sociedade, os participantes relatam aspectos físicos e cognitivos como o surgimento de rugas, calvície e doenças, esquecimento, além de alterações no convívio social. Há uma notável consciência de que os padrões sociais para o envelhecimento mudam ao longo do tempo e, com isso, as formas de vivenciar a velhice e o envelhecimento sofrem alterações. O comportamento sexual foi destacado entre os participantes, estes, por sua vez, contrariam o imaginário da velhice assexuada, uma vez que o sexo foi associado ao bem-estar na velhice. Diante dos aspectos negativos atrelados à noção do envelhecimento masculino, os participantes tenderam a não se reconhecerem como velhos, uma vez que os declínios têm sido compensados com o autocuidado em saúde, numa tentativa de preservar um corpo saudável, ativo e atrativo. No tocante a abordagem a sua sexualidade contranormativa, os participantes tendem, em sua maioria, a não falar abertamente da sua orientação sexual. Foi observado que 60% dos idosos afirmaram ser assumidos quanto a sua homossexualidade, porém, somente 20% destes sentiam-se confortáveis para assumir a sua identidade em qualquer espaço que ocupem (Santos; Araújo, 2021).

Estudos internacionais mais recentes têm se concentrado em analisar a prestação de serviços de saúde para pessoas LGBTQ+. Alguns estudos trazem de forma recorrente as dificuldades encontradas por homens gays mais velhos de revelarem a sua identidade sexual em ambientes de saúde por temerem sofrer represália e maus tratos (Kia et al., 2022; Lyons et al., 2021; Pereira et al., 2020). Essa dificuldade é resultado de um longo histórico que os homens gays lidaram no seu curso de vida com estigmas e discriminação recorrentes. Um estudo realizado com homens gays canadenses com idades a partir de 50 anos revelou ser comum entre os participantes esconder a sua identidade sexual quando frequentavam serviços de saúde. Isso ocorria como uma estratégia de proteção de estigmas e de preconceito já que eles não sentiam segurança ao adentrar nesses serviços. Além de relatos de homofobia os participantes relatavam sofrer outros tipos de discriminação como o racismo, capacitismo e ageísmo. Além disso, nos seus relatos constaram o medo de serem reconhecidos como gays até mesmo se precisassem de atendimento domiciliar ou se precisassem ficar institucionalizados (Kia et al., 2022).

Chegando aos estudos realizados com mulheres maduras lésbicas, encontramos um número mais reduzido de publicações sobre a temática. Entre os estudos clássicos temos a referência da educadora americana Monika Kehoe. Num dos seus estudos publicados em 1986, Kehoe traçou um perfil do histórico sexual de mulheres lésbicas com idades a partir de 65 anos desde a juventude. Nos seus questionamentos a pesquisadora incluiu questões sobre a atividade sexual e percebeu que para algumas das mulheres pesquisadas o celibato era recorrente, mesmo que não fosse uma escolha da participante. Observou que as mulheres tinham uma tendência a desenvolverem relacionamentos monogâmicos e também tiveram relacionamentos intergeracionais, com parceiras que tinham uma diferença de idade variando entre 20 a 53 anos. Quando questionou as mulheres que haviam se relacionado tanto com homens quanto com mulheres sobre a diferença entre esses relacionamentos, muitas participantes relataram receberem mais atenção, carinho e cuidado de outras mulheres. Houve também aquelas que comentaram preferirem estar casadas com um homem do que não ter nenhum relacionamento.

Uma das hipóteses defendidas por Kehoe (1986) era de que as mulheres lésbicas idosas teriam mais resistência psicológica para se adaptarem melhor ao envelhecimento quando comparadas com as mulheres heterossexuais. Embora não possa concluir que isso de fato aconteceria, entre as suas observações a pesquisadora parecia enfatizar as características positivas entre as participantes da sua pesquisa, de modo que os traços e habilidades percebidos eram vistos como características de uma velhice bem-sucedida, uma das participantes que ela buscou detalhar no estudo citado tinha uma carreira profissional bem sucedida, desfrutava de

uma condição financeira regular, possuía uma rede de apoio e não se queixava de problemas de saúde física ou mental.

Jones e Nystrom (2002) desenvolveram uma pesquisa com 62 mulheres lésbicas com 55 anos ou mais, residentes nos estados de Washington, Oregon e Califórnia. A pesquisa objetivou explorar as experiências de vida de lésbicas mais velhas e as suas preocupações e necessidades à medida que envelhecem. Os resultados foram divididos em alguns temas, em um deles foi apresentado o processo de assunção da sexualidade, elas se recordaram de um período histórico em que se começou a desenvolver os primeiros movimentos do orgulho gay nos Estados Unidos. Algumas participantes lembraram da forte repressão enquanto havia as primeiras tentativas de reconhecimento das identidades de mulheres lésbicas. As participantes relatam que preferiam usar o termo “gay” para se referir a sua identidade sexual ao invés de usar o termo “lésbica”. Muitas das participantes reprimiram a sua identidade sexual como lésbica, casaram com homens, tiveram filhos e somente depois de se divorciarem e de seus filhos terem crescido, elas finalmente puderam assumir a sua orientação sexual.

Alguns dados relevantes ainda são tratados no estudo como, por exemplo, identificar que as mulheres buscaram desde muito ter a sua independência financeira. Os conflitos com familiares para muitas das participantes estiveram presentes, motivados principalmente pela sua sexualidade. Para muitas participantes, ter uma “família escolhida” foi uma alternativa para manter laços íntimos e solidários com parceiras e amigos ao longo da vida. Algumas participantes relataram nunca ter assumido a sua orientação sexual para os pais ou quando tentavam falar sobre o assunto recebiam a recusa de tratar sobre o assunto. Para algumas mulheres que finalmente conseguiam levar suas companheiras na casa de membros biológicos da família a aceitação se deu com o passar do tempo. O tema da discriminação e a da opressão foi debatido pelas participantes revelando que o trabalho poderia ser um ambiente hostil para mulheres que se assumiam lésbicas. Na época da sua juventude, muitas eram demitidas e perseguidas se taxadas como lésbicas. Com o avançar da idade a discriminação também passou a ser orientada pelo idadismo (Jones; Nystrom, 2002).

Estudos realizados no Brasil com mulheres lésbicas idosas apontam uma invisibilidade sobre as trajetórias de vidas dessas mulheres dada pela escassez de estudos com idosas lésbicas (Alves, 2010; Dantas, 2020). Em estudo realizado com mulheres lésbicas com idades entre 60 e 73 anos, Alves (2010) debate que, embora haja grande invisibilidade do grupo de mulheres lésbicas idosas, nem todas as mulheres compartilham dos símbolos e significados negativos que frequentemente são atrelados ao envelhecimento e à velhice. No seu estudo foi observado que as mulheres idosas pesquisadas puderam oferecer novas insígnias sobre o que torna uma mulher

sexualmente atrativa e que a idade avançada não configurava um obstáculo nas suas vidas amorosas. As interlocutoras da sua pesquisa apresentavam relacionamentos consistentes com suas parceiras, coabitando com as mesmas e não enxergavam impossibilidades de viverem os seus relacionamentos amorosos por serem idosas.

Alves (2010) percebeu também que o meio de interação para prováveis parcerias sexuais das idosas lésbicas se dava por meio da internet. As interlocutoras da pesquisa se queixavam que os espaços públicos que reuniam lésbicas para encontros durante a sua juventude já não combinavam com o seu estilo de vida atual, pois, à medida que envelheceram as mulheres mais jovens passaram a ocupar esses espaços e as novas formas de funcionamento instituídas não tornavam mais esses lugares atrativos. Algumas interlocutoras também ofereceram importantes contribuições no tocante à percepção sobre mudanças no contexto cultural das últimas décadas que promoveram deslocamentos nos discursos e nas práticas de mulheres homossexuais. Debateram também que na sua juventude as expressões de gênero eram mimetizadas, de modo que mulheres assumidamente lésbicas viam-se em condições de assumir um lado, mimetizando expressões masculinas ou femininas, que as colocavam em posições ativas ou passivas, provedoras ou dependentes, masculinizadas ou feminilizadas. Ao observarem mudanças no tocante a maior visibilidade da homossexualidade feminina e de avanços nas problematizações em relação aos dispositivos de gênero, essas mulheres relataram uma maior liberdade, vivenciada agora no tempo da sua velhice, em que se viam mais abertas para expressarem a sua sexualidade.

Estudando lésbicas idosas argentinas, Schultze (2017) discute que a invisibilidade de mulheres lésbicas idosas é resultado de uma sociedade atravessada pela lesbofobia, machismo e idadismo. As mulheres lésbicas tendem a cumprir com as obrigações de gênero intensamente impostas por seus familiares que reproduzem essas regras como determinantes da vida social que imprimem a imagem da mulher ligada à maternidade. Seja por medo de serem humilhadas, violentadas e excluídas das suas famílias, seja pela vergonha de apresentarem traços e desejos dissidentes, as mulheres lésbicas idosas seguiram um curso de vida no qual a lesbianidade foi deixada de lado, ocultada para que elas pudessem seguir a sua vida, em busca de independência, através do trabalho, principalmente.

Apesar de ter observado o cumprimento das imposições de gênero por parte das suas interlocutoras, Schultze (2017) localizou na passagem do tempo, quando estas mulheres adquiriram os seus 40 anos ou mais, uma possibilidade para que finalmente as mulheres vivessem a assunção do seu desejo como lésbicas. Eventos vividos no contexto de vida de pessoas maduras, como a conhecida síndrome do “ninho vazio”, quando ocorre a saída dos

filhos de casa, foi notadamente significada positivamente pelas participantes da pesquisa. A independência dos filhos também assinalou a possibilidade de independência dessas mulheres afixadas nos determinantes da maternidade. Assim, percebe-se que a maior longevidade foi acompanhada de maior liberdade das mulheres. Embora isso acontecesse no contexto de vida dessas mulheres, para algumas, assumir a sua sexualidade abertamente não estava sendo considerado pelas mesmas. O fato de finalmente se permitirem viver um relacionamento lésbico necessariamente não estava acompanhado de assumir esse relacionamento para outras pessoas. A saída do armário ainda não foi alternativa viável para essas mulheres.

Outro estudo desenvolvido com lésbicas idosas revelou que elas mantiveram por anos da sua juventude relacionamentos com homens para tentar disfarçar o seu desejo homossexual. Embora não tenham constituído relacionamentos duradouros com homens, nem tido filho, essas mulheres, quando jovens, apelavam para relacionamentos que mantinham uma aparente imagem de heterossexualidade. Tal tentativa se dava em função do medo da retaliação por parte de sua família e também por perceberem que da juventude havia forte rechaço de mulheres lésbicas na sociedade de modo geral. Essas estratégias não anulavam a vivência de relacionamentos com outras mulheres, mas constituíam saídas provisórias e alternativas para que pudessem, mais tarde, assumir um relacionamento lésbico (Dantas, 2020).

Dantas (2020) em seguida aponta que no tempo da velhice as identidades dessas mulheres lésbicas tornaram-se mais fluidas, quando finalmente puderam vivenciar relacionamentos pautados no seu desejo, assumindo o amor por outras mulheres. Em contato com essas experiências, Dantas (2020) afirma que suas interlocutoras romperam com representações de que a idade avançada constitui um impeditivo para haver experiências amorosas e sexuais. A velhice pode constituir um lugar para romper estigmas e para finalmente afirmar as identidades lésbicas anteriormente oprimidas e invisibilizadas. Também a suposição de que a velhice de mulheres lésbicas é marcada pela solidão, tristeza, fragilidade, frustração e desamparo (Navarro-Swain, 2004) não foi uma evidência presente no grupo estudado por Dantas (2020).

Dantas (2020) observou que as representações sobre o corpo e a velhice produzidas no grupo de mulheres lésbicas pareceu não divergir de representações encontradas em estudos com mulheres idosas heterossexuais. O medo e receio com a fragilidade avançada do corpo, a adaptação necessária para lidar com as limitações a partir da percepção dos declínios da idade avançada, as dificuldades de transitar em cidades que não são projetadas para o conforto e segurança de pessoas idosas também estiveram presentes nos discursos das interlocutoras. Entretanto, foi diferencial para a pesquisadora observar que as idosas lésbicas não tinham uma



visão marcadamente negativa do seu padrão de beleza, considerando as mudanças estéticas e corporais ao longo dos anos. A autora relata que percebeu uma melhor adaptação das idosas lésbicas em relação a sua autoimagem quando comparada a estudos com mulheres idosas heterossexuais.

As narrativas sobre as relações familiares também chamam a atenção de pesquisadores/as a respeito do envelhecimento de mulheres lésbicas. Pesquisadoras norte-americanas consideram o foco nas relações familiares entendendo que as mulheres lésbicas lidam com restrições nos seus vínculos familiares, abrindo espaço para que a rede de contatos dessas mulheres se expanda com a constituição de laços que envolvem parceiras sexuais, e amigos/as, em especial outras amigas lésbicas (Averett; Yoon; Jenkins, 2011).

As imposições advindas da chamada teleologia heteronormativa incide no contexto de vida das idosas lésbicas e a consequência por afirmarem a sua identidade homossexual é frequentemente a rejeição familiar. Para Averett, Yoon e Jenkins (2011), o contexto de exclusão familiar pode ser vivenciado muito cedo pelas mulheres lésbicas, tão cedo tenha sido a descoberta da sua sexualidade e a afirmação da sua orientação sexual oposta ao modelo heterossexual. Entretanto, a rejeição no seio familiar não implica necessariamente no isolamento dessas mulheres. Nesse contexto de intensa exclusão resultam trajetórias de vida assinaladas pelo investimento afetivo em grupos de amigos e amigas que fundam laços intensos e significativos. Os grupos formados por mulheres lésbicas que se reúnem com a intenção de proteger e enaltecer as suas vivências é chamado de *Family Choice*, coletivo que estabelece suporte social em diversos aspectos no contexto de vida das mulheres lésbicas (Hayman; Wilkes, 2016).

Baére e Zanello (2020) debatem que os dispositivos de gênero alcançam as trajetórias de vida das mulheres idosas lésbicas e muitas vezes essas mulheres são tributárias dos padrões normativos advindos dos modelos de relações heterossexuais. Analisando os discursos de idosas lésbicas (algumas delas mantinham a sua identidade lésbica em segredo), as pesquisadoras pontuam a ação dos dispositivos de gênero no seu curso de vida que podem conformar uma identidade supostamente heterossexual (pela omissão do desejo homossexual): na adolescência acontecem os relacionamentos forjados para camuflar o desejo homossexual; para as mulheres lésbicas presas em relacionamentos heterossexuais o sexo sem desejo é realizado como forma de manutenção do matrimônio e a dedicação à maternidade configura também uma forma de postergar a assunção do desejo homossexual visto que o cuidado com os filhos exige certas renúncias segundo as suas interlocutoras.

Em contextos em que a identidade homossexual das mulheres lésbicas é finalmente assumida, percebe-se que os anos a mais permitem novas configurações nos modos de viver a sexualidade, quando a frequência sexual cede espaço para outras possibilidades de compartilhamento na relação. O processo de subjetivação de mulheres no tocante ao dispositivo amoroso oferece condições às mulheres de manterem um maior investimento nas relações afetivas, no qual o companheirismo, o respeito e a atenção tornam-se centrais nas suas uniões matrimoniais (Baére; Zanello, 2020).

As autoras referem ainda que há uma menor importância do capital estético no processo de atratividade entre lésbicas, uma vez que a objetificação sexual (que imprime padrões estéticos para a mulher) não constitui uma demanda essencial na lesbianidade. Tomando esta direção, a comparação do envelhecimento de lésbicas com mulheres heterossexuais permite entender que há um cenário mais negativo para as mulheres que se subjetivaram na heterossexualidade. Ademais, a previsão de que a velhice configuraria um período de clausura, em que a mulher deveria desinvestir de atividades fora de casa também não foi observado no contexto de vida das mulheres lésbicas (Baére; Zanello, 2020).

Para finalizarmos o tópico sobre as identidades de pessoas cisgêneras pertencentes a minorias sexuais, traremos alguns exemplos de pesquisas que se dedicaram a estudar as identidades de pessoas bissexuais maduras e idosas. Como apresentação inicial a este grupo identitário teremos que repetir o que alguns estudos têm apontado frequentemente, trata-se de uma invisibilidade destoante ainda mais que as de mulheres lésbicas. Enquanto nos imbuímos da missão de retornar à literatura para acessar o percurso traçado por pesquisadores/as no campo da gerontologia LGBT+, nos deparamos inicialmente com a negligência para com esta identidade. Exemplificaremos a questão trazendo o relato de um estudo realizado pelos psicólogos americanos Grossman, D'Augelli e Hershberger (2000) que examinaram as redes de apoio social de 416 adultos, entre estes constavam lésbicas, gays e bissexuais. O estudo contou com uma porcentagem de 8% de pessoas que se identificaram como bissexuais. Foi feita uma descrição de como era composta a rede de contatos quanto às identidades sexuais e um dado observado foi que as pessoas bissexuais eram as que possuíam uma rede maior de contato com pessoas heterossexuais, chegando a 50% dos seus contatos. Dito isso, não houve mais nenhuma menção em todo o artigo sobre esses sujeitos. As descrições dos resultados seguiram de forma genérica, e sempre que precisaram pautar alguma identidade, apenas os dados dos participantes gays e lésbicas foram tratados. Embora o estudo traga dados interessantes de serem discutidos sobre a rede de suporte para gays e lésbicas não nos deteremos a essa descrição aqui.

Em 2001 mais um artigo do mesmo grupo de pesquisadores foi publicado, contando com a mesma amostra de participantes (D'Augelli *et al.*, 2001). Os dados continuaram a ser descritos entre os participantes gays e lésbicas, somente houve menção de um dado específico nos resultados que evidenciava que as pessoas bissexuais apresentaram pontuações significativamente mais elevadas no fator homonegatividade pessoal no Inventário de Atitudes sobre Homossexualidade (RHAI) quando comparadas com gays e lésbicas do estudo. O dado não foi discutido pelos autores.

Shankle *et al.* (2003) desenvolveram um estudo com o objetivo de fornecer uma visão geral de algumas das questões principais que afetam a comunidade LGBTQ+ mais idosa, em sua longa exposição de demandas para a comunidade LGBTQ+, um dos poucos pontos que abordou especificamente as demandas de pessoas bissexuais descreveu uma maior exposição desses sujeitos ao uso recreativo de drogas ilícitas (52%), o uso de álcool (85%) e de múltiplas drogas (18%), esses dados não se referem especificamente a grupos mais longevos e se tratou, no contexto pesquisado, de um grupo de homens que fazem sexo com homens (HSH), tratado na referida pesquisa como integrantes gays ou bissexuais. Outro dado apontado diz respeito à prevalência de HIV/AIDS mais elevada entre homens gays e bissexuais, em se tratando especificamente dos homens gays e bissexuais mais longevos, estes são apontados com mais sintomas e doenças decorrentes dessas complicações em saúde.

Karen Fredriksen-Goldsen tem sido pioneira em estudos que trazem dados mais específicos sobre o grupo de pessoas bissexuais maduras vivendo nos Estados Unidos. Nos seus estudos a pesquisadora reforça a necessidade de estudar diversos fatores psicossociais e de saúde de pessoas LGBTQ+, ademais, em alguns dos seus estudos foi oferecida uma atenção especial às demandas de pessoas bissexuais maduras. Num dos primeiros estudos que ofereciam uma avaliação de demandas da população LGBTQ+, foi identificado que as pessoas bissexuais maduras tendem a revelar menos a sua identidade sexual publicamente em comparação com lésbicas e gays (Fredriksen-Goldsen *et al.*, 2011). Além disso, algumas disparidades em saúde foram percebidas para pessoas bissexuais que experimentavam mais problemas de saúde mental e saúde física que pessoas heterossexuais e até mesmo quando comparadas com gays e lésbicas (Fredriksen-Goldsen *et al.*, 2010).

Fredriksen-Goldesen *et al.* (2017) realizaram um estudo com base em dados do *Caring and Aging with Pride* que reuniu dados de 2.463 pessoas idosas LGBTQ+ vivendo nos Estados Unidos, nesse estudo examinaram mecanismos hipotéticos que explicam as disparidades de saúde entre idosos/as bissexuais e idosos gays e lésbicas, conforme o Modelo de Promoção da Equidade na Saúde. A amostra constou de 174 pessoas bissexuais maduras com média de idade

de 66,7 anos. Os resultados apontam que os/as idosos/as bissexuais tinham pior saúde mental e física em comparação a lésbicas e gays da mesma idade. No tocante aos fatores que envolvem a identidade sexual e os recursos sociais, foi observado que as pessoas bissexuais tinham índices mais elevados de estigma internalizado, tinham níveis mais baixos de divulgação da sua identidade sexual, tinham menos apoio social e menos senso de pertencimento à comunidade. Segundo os/as autores/as, o elevado nível de estigma internalizado pode repercutir em barreiras na obtenção de recursos sociais importantes para a saúde e o bem-estar.

Um dado relevante discutido no estudo diz respeito às nuances na trajetória de vida de pessoas bissexuais maduras, uma vez que diferentemente de pessoas lésbicas e gays maduras, pessoas bissexuais possuem maior probabilidade de casamento e parentalidade com o sexo oposto, mesmo assim, esse dado não contribuiu para elevar os índices de apoio social como é o esperado em contextos que defendem a parentalidade e o casamento como alternativas para aplacar a solidão ou aumentar a rede de suporte para a pessoa idosa (Fredriksen-Goldsen *et al.*, 2017).

Outro estudo desenvolvido por Fredriksen-Goldsen *et al.* (2022) com 216 pessoas bissexuais maduras examinou eventos de vida e experiências de bissexuais por diferentes gerações e por gênero. Os grupos foram divididos em três gerações: geração invisível (nascidos em 1934 ou antes), geração silenciada (nascida entre 1935-49) e geração orgulho (nascidos entre 1950 e 1964). Estudando por meio das diferentes gerações, os/as autores/as observaram que cada geração trazia desafios particulares advindos de um contexto histórico, social e cultural que perpassou a sua trajetória de vida e trouxe impactos no tocante às suas experiências identitárias. Foi observado que a geração invisível, que concentrava as pessoas mais velhas da pesquisa, atingiu a maioria em meio a uma sociedade opressora, que não oferecia espaços para debater sobre a sexualidade, a não ser para patologizar e criminalizar o comportamento sexual entre pessoas do mesmo sexo. Esses fatos históricos geraram consequências para que muitos não assumissem a sua orientação sexual e se envolvessem em relacionamentos heterossexuais. Apesar dessa geração ter sido fortemente marcada pela invisibilidade, muitas delas passaram despercebidas, dada a ocultação da sua identidade sexual, e, por isso, relataram baixas taxas de estigma quanto a sua identidade (que não era lida como desviante já que não expressavam sua sexualidade abertamente). Os homens bissexuais apresentaram maior discrição quanto à sua identidade sexual quando comparados às mulheres bissexuais, estas últimas, por sua vez, eram mais propensas a ter um relacionamento estável com pessoas do mesmo sexo.

No tocante à geração do orgulho, os/as autores/as debatem que a maior exposição das identidades sexuais dessa geração dadas as conquistas assinaladas no campo social com as conquistas de direitos civis, como o casamento homoafetivo, e as modificações socioculturais advindas dos movimentos de mulheres, também trouxe maior vulnerabilidade para a geração citada, uma vez que são reconhecidos/as mais facilmente e, conseqüentemente, são alvos de discriminação e preconceito. Esse é um dado que abre um paradoxo para se pensar de um lado a importância da afirmação do orgulho LGBTQ+ e a conquista de direitos sociais, por outro lado, as pessoas ficam mais expostas ao preconceito e não deixam de ser vítimas de inúmeras violações já que parte da sociedade resiste às políticas afirmativas para a população LGBTQ+. Nesse sentido, os dados apontam que as pessoas bissexuais de uma geração mais recente de idosos/as que não escondem a sua orientação sexual carecem de uma maior segurança e proteção social (Fredriksen-Goldsen *et al.*, 2022).

### 3.2 ENVELHECER NA TRANSGENERIDADE

Os primeiros estudos com pessoas transgêneras idosas no Brasil revelam inicialmente que a conquista da longevidade merece destaque em se tratando do envelhecimento desse grupo da população. Os/as pesquisadores/as enfatizam nos discursos das interlocutoras, travestis e transexuais, a conquista por alcançarem a velhice quando a expectativa de vida de pessoas transexuais no Brasil não ultrapassa os 35 anos. Vale salientar que o escasso número de pessoas trans idosas é resultado de uma sociedade violenta e intolerante, que tem na sua conjuntura uma série de empecilhos para envelhecer como uma pessoa transgênera. Siqueira (2004), em seu estudo pioneiro com travestis com idades entre 59 e 79 anos, observou que embora a velhice tenha permitido uma fase mais tranquila na vida e com melhor qualidade de vida, o percurso até os anos mais avançados foi repleto de adversidades.

Siqueira (2004) apresenta as conquistas relatadas com entusiasmo pelas interlocutoras que percebem que a chegada à velhice lhes confere um *status* perante o seu grupo. As travestis idosas sentiam-se satisfeitas por ganharem mais passabilidade<sup>13</sup> entre as pessoas, uma vez que eram confundidas às vezes com senhoras (idosas cisgêneras). Em suas trajetórias de vida, marcadas pela prostituição, elas assinalam que são sobreviventes de uma época de contágio do

---

<sup>13</sup> A passabilidade corresponde a um regime de visibilidade e de reconhecimento que obedece a convenções sociais sobre as performances masculinas e femininas. Neste caso, “ser passável” significa conseguir “passar por mulher” ou “passar por homem” nas diferentes ocasiões (Sander; Oliveira, 2016).

HIV, do vício pelo uso de drogas, da violência extrema praticada contra travestis e do preconceito.

As travestis idosas nos estudos de Siqueira (2004) viam-se como modelos para as travestis jovens, uma vez que a sua trajetória, notadamente marcada por muitas adversidades, também lhes conferiu muita experiência. As interlocutoras relataram o seu engajamento na militância política para que travestis de gerações mais novas possam desfrutar de mais respeito e qualidade de vida e também alertaram para que as mais novas se preparassem para a velhice, considerando as dificuldades enfrentadas ao longo do envelhecimento e dadas as precárias condições de vida para travestis num país como o Brasil.

Antunes e Mercadante (2011) sublinham que algumas travestis mais velhas acabam a exercer um papel importante perante o seu grupo. Elas podem desenvolver o papel de “mães” ou “madrinhas” amparando as travestis mais novas. Nesse apadrinhamento, as travestis mais velhas iniciam, protegem e ensinam as mais novas a viverem como travestis. Nos seus ensinamentos são repassadas as técnicas que culminam nas mudanças corporais almejadas pelas travestis. A expertise adquirida com os anos a mais, com o uso de hormônios, e a aplicação de silicones, vai sendo transmitida ao longo do processo de transição pelas travestis maduras (Sander; Oliveira, 2016).

Entretanto, o encontro com a velhice não está livre de impactos para as travestis mais velhas. As travestis idosas também se sentem excluídas do grupo de outras travestis quando alcançam a velhice. Há relatos também de travestis que destransicionaram, ou seja, voltaram a se vestir como homens após alcançarem a velhice ou que passam a assumir outras funções quando não há mais procuras suficientes para se manter no meio da prostituição (Antunes; Mercadante, 2011). Entre as alternativas para as travestis mais velhas resta alugar quartos e cuidar de travestis mais novas. As que primeiro desbravaram os territórios da prostituição fora do Brasil também atuam como referência para as travestis jovens que tentam a vida fora do país, em especial, na Europa (Antunes; Mercadante, 2011).

O reconhecimento e o respeito por travestis mais novas, as chamadas “novinhas”, nem sempre faz parte da realidade de muitas travestis maduras e idosas, as chamadas “tias”. Em contrapartida, ao que foi observado por Siqueira em seu estudo pioneiro no Brasil, estudos posteriores, realizados com travestis brasileiras (Sander; Oliveira, 2016) e argentinas (Schultze, 2017), apresentam um contexto desfavorável em meio ao encontro geracional de travestis. As travestis mais velhas percebem em alguns contextos que não há mais o respeito com aquelas que trilharam o caminho antes e que enfrentaram inúmeras dificuldades no seu percurso. Ao invés do reconhecimento e acolhida, tem existido um rechaço e estigmatização do próprio meio

trans em resposta aos marcadores da velhice que vão ganhando contornos nos corpos das travestis.

O envelhecimento não coloca as travestis numa posição favorável no mercado da prostituição. Isso acontece porque os atributos físicos vão se tornando cada vez menos atrativos e isso afeta o seu sustento pela prostituição (Antunes; Mercadante, 2011). Sander e Oliveira (2016) asseveram que o mercado do sexo impõe drasticamente um limite etário que pode ser bastante excludente em se tratando do processo de envelhecimento. Observa-se, com isso, que há uma insegurança sobre como será o sustento na velhice para as travestis que sobrevivem da prostituição. Elas relatam frequentemente o interesse de terem uma garantia de renda na velhice, visto que já reconhecem desde cedo as dificuldades a serem enfrentadas mesmo contando com pouca idade. O fato também de estarem num mercado de trabalho informal não lhes oferece nenhuma garantia na velhice. Na possibilidade de envelhecer, elas sentem-se desamparadas física e socialmente mais que qualquer outra pessoa idosa.

O envelhecimento, aos olhos dos outros, também é mais precoce para as travestis presentes na prostituição, visto que por volta dos quarenta anos muitas já são consideradas velhas, fisicamente decadentes, menos atraentes para esse meio (Antunes; Mercadante, 2011). Chamadas de “tias”, as travestis com idades a partir de quarenta anos observam um movimento de elisão periódica dos corpos mais velhos, fato que configura um quadro de deslocamento dos seus corpos que se tornam indesejáveis.

Estudando mulheres trans argentinas, Shcultze (2017) debate que a velhice foi percebida como uma etapa da vida em que não há mais correspondência com padrões de beleza socialmente impostos. As mulheres trans significavam constantemente a velhice com o tema da perda da beleza e as mudanças na sua aparência com o aumento da idade eram consideradas como “apunhaladas” na sua autoestima. Nesse sentido, Sander e Oliveira (2016) debatem que o contínuo processo de envelhecimento pode representar para as travestis mais velhas a perda dos traços de feminilidade adquiridos conforme incorporavam insígnias resultantes do processo de transição e que foram provenientes de um grande investimento durante a juventude.

As travestis mais velhas não representam somente negativamente os efeitos da passagem do tempo sob o seu corpo. Ao mesmo passo em que percebem certas limitações advindas do avanço da idade, as travestis veteranas também encontram motivos de orgulho, alcançada a maior longevidade. Entram em cena novas possibilidades em que figura de um lado uma representação que afirma o estigma da travestilidade somado ao da velhice, em que são acentuadas as representações da solidão, melancolia, decadência física e desvalorização erótica; do outro lado, numa perspectiva positiva, são frisadas as possibilidades de adquirir novos

valores, de ocupar novos espaços, de finalmente ter o sossego da casa própria, de acessar a educação, de se engajar na militância (Sander; Oliveira, 2016).

Alcançar a velhice também é um desafio para as pessoas trans que promoveram intervenções no corpo, de modo a atingirem as modificações que ajudariam a conformar a imagem corporal à sua identidade de gênero. Percebe-se no processo de construção identitária que tais intervenções recebem grande importância, mas muitas das estratégias empregadas para se obter tais modificações são realizadas clandestinamente, sem que haja auxílio seguro e especializado. O caminho mais acessível se tornava também uma escolha arriscada que põe em risco a sobrevivência das pessoas trans. Em estudos realizados com pessoas transgêneras encontramos relatos de procedimentos realizados clandestinamente pelas chamadas “bombadeiras” que levaram à morte ou que trouxeram sequelas irreversíveis e indesejadas (Antunes, 2013; Schultze, 2017).

A respeito dos desafios encontrados por pessoas trans no seu curso de vida até alcançarem a velhice, Schultze (2017) enfatiza o trágico destino enfrentado pela expulsão de casa por seus familiares. O autor discute que, inevitavelmente, as pessoas trans tendem a romper com a invisibilidade e a “prisão no armário”, tendo em vista que a notória necessidade de afirmação das identidades trans perpassa por transformações corporais que as tornam visíveis à sociedade, começando na sua família. A expulsão de casa foi o ponto de partida de muitas pessoas trans (principalmente as que contam com idades mais avançadas) no início da sua transição de gênero. Elas fazem parte de uma geração mais intolerante à diversidade de gênero em que imperavam práticas violentas que culminavam na retirada dessas pessoas do convívio cotidiano, diurno. Esse fatídico trajeto não tem se apresentado com muitas diferenças na atualidade, embora tenhamos conquistado uma maior visibilidade das identidades de pessoas trans, acompanhada de uma luta intensa por direitos dessa população (Antunes, 2013; Schultze, 2017).

O saldo equivalente às práticas de expulsão das pessoas trans das suas famílias de origem, também era somado da migração de pessoas trans das pequenas cidades, para as metrópoles e capitais. Comparativamente às pessoas idosas, gays e lésbicas, foi observado por Schultze (2017) que foram as pessoas trans que precisaram migrar mais intensamente para as grandes cidades. As instituições escolares e o mercado de trabalho formal também estão munidos do preconceito e da discriminação que acentua a condição de pobreza e de marginalidade que acompanha as pessoas trans durante o seu curso de vida. Em meio a este quadro social de intensa exclusão, restou para muitas o mercado da prostituição (Schultze, 2017).



Fabbre (2015) realizou um estudo com 22 pessoas transexuais maduras que iniciaram a transição de gênero após os 50 anos. Analisando as trajetórias das participantes, foi identificado que elas percebiam desde cedo que as suas identidades não correspondiam às normativas da masculinidade. A transição que aconteceu para essas participantes somente após atingirem a maturidade aconteceu após sucessivas tentativas de se alinhar às exigências de gênero, para corresponder aos papéis que lhes eram impostos. As tentativas feitas antes foram significadas como um fracasso e somente depois foram reconhecidas como fúteis e desnecessárias. Forçar-se a cumprir papéis de gênero, como casar com mulheres, ter filhos, e afastar-se da feminilidade para habitar outras identidades sociais resultaram em frustrações e sofrimento. Até mesmo quando se afirmaram inicialmente como homens gays, cumprindo uma primeira quebra com as normativas de gênero, ainda restava a necessidade de afirmar a sua identidade de gênero feminina.

Lidar com a transição de gênero para as participantes do estudo citado foi um processo repleto de desafios, foi lento para algumas participantes que também tiveram sentimentos como angústia, medo e raiva ao longo de todo o processo. Algumas participantes tiveram que renunciar ao sucesso adquirido quando estas mantinham a sua identidade como homem cisgênero e recomeçar o seu projeto de vida afirmando-se como transexual. Para além dos desafios e dificuldades citados, as participantes resgatam nos seus discursos os ganhos adquiridos com a sua transição de gênero. O conforto e felicidade sentidos após finalmente afirmarem a sua identidade feminina foi libertador para as participantes, e, em alguns casos, contar com o apoio de familiares e amigos foi mais uma motivação para que seguissem com o seu projeto. Nesse sentido, a autoaceitação e, conseqüentemente, a autoconfiança foi apontada como fatores centrais na promoção da saúde mental no curso da sua transição de gênero (Fabbre, 2015).

Adán *et al.* (2021) realizaram um estudo qualitativo com 19 transexuais (10 mulheres transexuais e 9 homens transexuais), com idades entre 64 e 82 anos, residentes nos Estados Unidos de modo a identificar as necessidades da comunidade de idosos transgêneros. Nesse estudo, os/as autores/as identificaram algumas categorias que indicaram sobretudo preocupações dos/as participantes quanto ao enfrentamento dos desafios do envelhecimento. De forma unânime, os/as participantes revelaram ter receio sobre receber cuidados de terceiros, uma vez que temem sofrer maus tratos e abusos como consequência da sua identidade de gênero. Para os/as participantes os maus tratos variam entre não ser tratado pelo nome ou pronomes que os/as identificam na sua pertença de gênero, como também há o medo de sofrer agressões graves como atos de abuso físico e sexual.

Há um intenso medo por parte dos/as participantes de perder a autonomia e de ficar dependente, parte desse medo é justificado pelo fato de não terem confiança na rede de suporte, seja familiar ou institucional, que deverá prestar cuidados a longo prazo. A fragilidade atrelada nas suas concepções à velhice os/as faz sentirem que não poderão se defender ou mesmo que não terão quem os/as defenda. Esse medo foi expresso não somente como uma expectativa negativa, mas adveio também do relato de outras pessoas trans idosas que foram maltratadas em contextos que dependiam de cuidados. Houve também relatos da experimentação de sentimentos de isolamento e de solidão advindos do afastamento de familiares e também da dificuldade de constituir um relacionamento conjugal estável. Para alguns/mas participantes, foi relatada uma dificuldade para assumir a identidade como uma pessoa transexual na velhice e para eles/as isso constitui um empecilho que contribui para o isolamento e a solidão (Adán *et al.*, 2021).

Ainda que relatem tantas dificuldades, Adán *et al.* (2021) discutiram que os/as participantes da sua pesquisa também relataram aspectos positivos relativos a uma modificação no tratamento social às pessoas transexuais. Alguns/mas participantes debateram que nos últimos anos percebem uma maior aceitação às suas identidades, isso é notado em alguns contextos em que são atendidos/as pelo sistema de saúde e conseguem usar o nome e o pronome desejados, e percebem uma equipe mais habilidosa para lidar com as questões de gênero nesses serviços. O sentimento de pertença à comunidade foi relatado por alguns/mas participantes que relataram a importância da sua trajetória na comunidade, isso adveio principalmente através do exercício da sua profissão que lhes conferiu propósito. Ademais, a participação direta de alguns/mas participantes na comunidade trans foi relatada principalmente através do ativismo e do apoio ao movimento transgênero. Como consequência do seu engajamento político com as causas da comunidade trans, muitos/as participantes defendem que a geração mais jovem de pessoas trans deve assumir com orgulho a sua identidade, que a melhor fonte de felicidade seria a autoaceitação, abraçando a sua identidade.

Gomes *et al.* (2024) realizaram um estudo com 20 mulheres transexuais brasileiras de meia idade e idosas de modo a identificar as suas representações sociais sobre a velhice trans. Observou-se que as dinâmicas sociais notavelmente marcadas pela discriminação e a violência cometidos contra pessoas transexuais impacta as suas representações de velhice, uma vez que se trata de uma população que mantém uma baixa expectativa de vida e alcançar a velhice é uma grande conquista. As participantes relataram um contexto de invisibilidade das suas identidades devidas a uma negação de direitos básicos como o acesso à educação, ao trabalho e aos serviços de saúde. As participantes apresentaram atitudes negativas em relação ao

envelhecimento, motivadas principalmente pelo reconhecimento das adversidades que o contexto social imprime nas suas trajetórias, rodeadas por processos violentos. A solidão também foi relatada constantemente pelas participantes, que retrataram situações familiares complexas, marcadas pelo abandono de familiares.

As participantes atrelaram a velhice aos processos psicossociais que compõem uma base hostil para aquelas que têm que lidar ao longo dos anos com recusas, ao serem retratadas como abjetas e, como consequência de uma sequência de exclusões, elas sentem-se empurradas a aderirem a práticas que as vulnerabilizam ainda mais, como é o seu ingresso compulsório na prostituição. Considerando a precariedade das condições de vida que muitas mulheres transexuais têm enfrentado no seu curso de vida, algumas participantes relataram as preocupações sobre alcançar a velhice considerando os seus hábitos de vida como o consumo de bebidas e drogas. Em meio a tais desafios, algumas participantes relataram os seus enfrentamentos para se protegerem da hostilidade social, de conseguirem prevenir infecções sexualmente transmissíveis e de manterem laços significativos apesar do desamparo escancarado (Gomes *et al.*, 2024).

#### **4. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO EMBASAMENTO PARA OS ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO E DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO**

Neste trabalho de tese, partimos do pressuposto de que o envelhecimento configura um objeto social relevante para análise à luz da Teoria das Representações Sociais, sobretudo por sua natureza heterogênea e pelas mobilizações que provoca nas relações sociais ao longo da história. Consideramos, ainda, os atravessamentos culturais que permeiam diferentes grupos e sociedades (Félix; Santos, 2011). Ressaltamos também os contextos controversos e desafios ainda em aberto da posição das pessoas em franco envelhecimento, que, ao longo de suas trajetórias de vida, se deparam com discursos e práticas contraditórias capazes de constrangê-las e, muitas vezes, excluí-las do convívio social (Debert, 1999/2000).

Em estudo de revisão da literatura, Castro e Camargo (2017) explicam que o processo de envelhecimento e a fase da velhice são tomados geralmente como objetos equivalentes pelo pensamento social. Desse modo, no âmbito das representações sociais os sujeitos tendem a desconsiderar as diferenças entre o envelhecimento e a velhice, e a objetivação do envelhecimento ocorre por meio da figura da pessoa idosa. Ainda mais, a atribuição dos termos velho/a e idoso/a sofre variações conforme a caracterização negativa ou positiva que é associada aos modos de significação sobre o fenômeno do envelhecimento, enquanto o termo velho é marcadamente relacionado àquele que se excluiu ou é excluído da realidade social por sofrer os impactos negativos da velhice, o/a idoso/a, por seu turno, é a figura que, embora tenha a idade avançada, não sente os sinais da velhice e continua ativo/a e participativo/a na comunidade (Magnobosco-Martis; Vizeu-Camargo; Biasus, 2009).

##### **4.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

A escolha pela TRS constitui uma tentativa de abarcarmos os processos simbólicos e de significação que atravessam os diferentes grupos sociais na sua tentativa de tornar objetos ou fenômenos desconhecidos e/ou estranhos (o não familiar) em algo familiar. Esse foi um princípio básico apontado por Moscovici (1961/1978) que explica:

[...] a fim de penetrar no universo de um indivíduo ou de um grupo, o objeto entra numa série de relacionamentos e de articulações com outros objetos que aí já se encontram dos quais toma as propriedades e as quais acrescenta as dele. Ao tornar-se próprio e familiar, o objeto é transformado e transforma [...] (p. 63).

Argumentando sobre novas bases para o desenvolvimento da psicologia social, Moscovici (1961/1978) propôs uma nova concepção de sujeito, tomando-o como ativo, que é não só construtor da realidade social como também é nela constituído. Neste cenário, o sujeito procura formas de entender a sua realidade e constrói respostas que constituem um saber popular tão importante quanto o saber científico. Através do conceito de RS, Moscovici irá propor modos de analisar como o senso comum se serve das inovações científicas, mas não se trata somente de reconhecer a relação entre o senso comum e o conhecimento científico, Moscovici propôs uma articulação entre o conhecimento do senso comum com outros sistemas sociais, e sobre como essas articulações se dão mediante os meios de comunicação (Vala; Castro, 2013).

Moscovici (2000/2015) compreende as representações sociais como um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano. Segundo ele, as representações sociais constituem a maneira como o sujeito lida com a comunicação, pois esta é sustentada pelas influências sociais pertencentes ao senso comum, às realidades cotidianas e é através das mesmas que as pessoas se relacionam reciprocamente. É devido a tais atribuições que o conceito de RS pode ser compreendido como um sistema de valores, ideias e práticas que possuem duas funções principais:

Primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social (Moscovici, 1961/1978, p.13).

Moscovici (1961/1978) analisou os modos como as representações sociais são produzidas coletivamente e com isso trouxe uma interrogação pertinente sobre o que faz de uma representação um produto social, partilhado coletivamente. O autor discute que as representações interagem como dimensão dos grupos sociais e as proposições, reações e avaliações são organizadas de modos diversos, uma vez que são construídas de acordo com as classes, as culturas e os grupos. Nesta análise, Moscovici (1961/1978) destaca três dimensões constituintes das RS: a informação, a atitude e o campo de representação ou imagem. A informação diz respeito à organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um dado objeto social; a atitude estabelece a orientação global em relação ao objeto social, ou seja, constitui uma resposta organizada e latente. Por fim, o campo da representação compreende uma estrutura que organiza e hierarquiza os elementos do objeto apreendido, segundo Moscovici (1961/1978, p. 69): “a noção de dimensão obriga-nos a julgar que existe

um campo de representação, uma imagem, onde houver uma unidade hierarquizada de elementos”.

Ainda há que se considerar como as representações sociais impactam a participação dos sujeitos na malha social. Pensando nisso, Moscovici (2000/2015) se debruçou numa análise de como as representações sociais intervêm na nossa atividade cognitiva ou sobre como elas são independentes dela ou até que ponto a determinam. Moscovici considerou que não se tratava somente de considerar o pensamento social desmembrado em elementos básicos como palavras, ideias e imagens, as quais estamos expostos cotidianamente. Em vista disso, Moscovici complexifica o fenômeno apontando a natureza das representações conforme duas funções distintas: a) a primeira função diz respeito a convencionalizar os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram, nesse sentido as representações conferem uma forma definitiva, localizam em uma determinada categoria e as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e compartilhado por um grupo, é através das convenções que conseguimos conhecer o que representa o quê; b) a segunda função é a prescrição, ou seja, as representações impõem-se sobre nós, elas estão estruturadas antes mesmo que comecemos a pensar e derivam de uma tradição que determina o que deve ser pensado, encontramos aí a estrutura do pensamento social que é anterior aos sujeitos, transmitida na interação social, no entanto, esse não é um processo estático uma vez que essas representações são “repensadas, re-citadas e re-apresentadas” (Moscovici, 2000/2015, p. 37).

Vale salientar que as RS não se limitam a repetir o que já existe na sociedade; em vez disso, são moldadas e transformadas pela interação e pela experiência das pessoas junto aos seus espaços de pertença, refletindo a diversidade de perspectivas e de visões de mundo das pessoas e/ou grupos, revelando diferentes aspectos da realidade conforme as experiências e pontos de vista individuais ou coletivos. O enfoque mutável que Moscovici conferiu ao fenômeno das RS o fez traçar a principal diferença entre o conceito de representação coletiva, traçado anteriormente por Durkheim. Moscovici reconhecia que a sociedade moderna se sustentava em meio a uma pluralidade de ideias, assim, haveria novas formas de conceber a vida em sociedade, portanto, a insistência numa permanência, típico do conceito de representações coletivas era insuficiente para apreender a dinâmica social, em que paralelamente devemos lidar, em alguns casos com a estabilidade e noutros casos com a mudança social, que pode se dar de maneira mais lenta ou mais radical (Vala; Castro, 2013).

Santos (2005) assinala mais quatro funções da representação social, são elas: função de saber, função de orientação, função identitária e função justificadora. A função de saber demonstra que as RS oferecem condições para podermos explicar, compreender e dar sentido

à nossa realidade. A função de orientação, como o nome sugere, destaca que as RS servem como um guia de conduta, orientando, comportamentos e práticas sociais e ao mesmo tempo se origina através dessas práticas. A função identitária cumpre o estabelecimento de uma identidade grupal e, por consequência, gera a diferenciação entre um grupo (grupo de pertença) e outros grupos. Por fim, a função justificadora diz respeito a como as RS são usadas como justificativas de condutas no conjunto das práticas sociais (Santos, 2005).

Moscovici aponta que as RS constituem formas de saber provenientes dos modos de apropriação da realidade vivenciada. Em meio a esse processo, dois mecanismos são fundamentais para formar as RS de um objeto social, são eles a ancoragem e a objetivação. A ancoragem corresponde em inserir o objeto em um sistema de pensamento com informações pré-existentes, ou seja, adicionar uma rede de significações em torno desse objeto, sendo assim, quando colocado em uma categoria, o objeto passa a adquirir suas características. A objetivação ocorre quando o objeto desconhecido se torna familiar, nesse sentido o que era abstrato é tornado em algo concreto, de modo que um conceito é transformado em uma imagem ou em núcleo figurativo (Santos, 2005).

Aqui daremos atenção especial ao conceito de ancoragem tendo em vista como ela tem relações íntimas com a direção do pensamento social em relação aos objetos sociais, sendo típicos desse processo a classificação, categorização e julgamentos. Moscovici (2000/2015) explica que a representação é um sistema de classificação e de denotação de categorias e nomes, ao realizarmos essa categorização é feita uma escolha de guardar na memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa sobre algo ou alguém. O processo de classificação e julgamento se dá a partir de uma comparação com um protótipo que geralmente é aceito como representante de uma classe, quando isso ocorre, estamos sujeitos a perceber e a selecionar as características que são mais representativas deste protótipo. Também há que se considerar no processo de ancoragem que o processo de classificação pode se dar como generalização ou particularização e tal procedimento não se trata de uma escolha puramente intelectual, mas uma atitude específica para com o objeto, o que Moscovici (2000/2015) declarou ser “um desejo de defini-lo como normal ou aberrante” (p. 65). Isso posto, Moscovici segue afirmando que a ancoragem se propõe a um jogo em que as coisas não familiares vão sendo definidas como conformes, ou divergentes da norma. De maneira alguma isso ocorre sem que haja consequências sociais. As consequências práticas em torno dessa classificação desembocam em preconceitos de várias ordens e leva Moscovici a suspeitar que tais preconceitos seriam apenas superados se pudessemos mudar as representações sociais que os fundamentam.

Isso posto, não é estranho que o desenvolvimento de estudos utilizando a TRS possa resultar em discussões inerentes ao preconceito. Podemos conceber, conforme apontam Pereira *et al.* (2011), que as representações sociais estão na base do preconceito. No presente estudo de tese, consideramos que o preconceito sobrevém mediante os modos de significação sobre a realidade do envelhecimento de grupos minoritários. É imprescindível considerar que adotamos uma perspectiva psicossociológica sobre o fenômeno do preconceito. Lacerda, Pereira e Camino (2002) definem o preconceito a partir de uma perspectiva societal, entendendo-o como:

uma forma de relação intergrupal onde, no quadro específico das relações de poder entre grupos, desenvolvem-se e expressam-se atitudes negativas e depreciativas além de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de um grupo por pertencer a esse grupo” (p. 166).

Ao procurar entender os modos de construção das teorias do senso comum sobre os objetos sociais, Moscovici chegou à conclusão da existência de três determinantes sociais que contribuem na elaboração de RS: a) Pressão à Inferência, que diz respeito a criação de um consenso com um grupo específico para que assim ocorra a comunicação e, com isso, valide também a representação; b) Focalização que faz referência a atenção destinada ao objeto social, que pode variar de acordo com diversos fatores além do interesse, sendo a cultura uma delas, isso irá influenciar na maneira como apreendemos as informações sobre a realidade e dependerá também de que conhecimentos já possuímos; c) Defasagem e Dispersão de Informação corresponde às condições de acesso e exposição em que temos as informações. Portanto, através dessas três dimensões, os sujeitos podem construir códigos comuns para compreender a realidade do seu mundo (Santos, 2005).

No campo dos estudos sobre o pensamento social é possível diferenciar as RS em grupos distintos, a depender das repercussões dos processos psicossociais mediante os diferentes objetos de representação. Neste sentido, podemos encontrar RS mais institucionalizadas e outras mais emergentes. Vala e Castro (2013) destacam três tipos de representações sociais ou, conforme eles apontam, três maneiras distintas em que as RS são partilhadas, são elas: hegemônicas, emancipadas e polêmicas.

As representações hegemônicas constituem as RS mais consensuais, ou mais instituídas, uma vez que tendem a ser bastante difundidas, refletem produções de sentido da sociedade em que há mais estabilidade, no qual pode imperar aspectos normativos e coercitivos, portanto, podem ser tomadas como fatos incontroversos. As representações sociais emancipadas são fruto das interações e dos debates sociais, nesse sentido, elas são produzidas em meio aos processos de negociação, são muito plásticas justamente por necessitarem de cooperação e de mais trocas



simbólicas. Por fim, as RS polêmicas advêm de conflitos entre visões opostas de grupos opostos, elas possuem um caráter paradigmático e podem polarizar os grupos à medida que os mesmos se posicionam distintamente sobre um mesmo objeto social. No contexto dessas últimas representações, é possível também obter metainformações, ou seja, é possível apreender características dos diferentes atores que participam de grupos, bem como de suas motivações (Vala; Castro, 2013).

De acordo com Vala e Castro (2013), devemos considerar que as representações sociais sofrem os efeitos das inovações advindas da produção científica, conforme observado por Moscovici ao estudar as repercussões do desenvolvimento da psicanálise na sociedade francesa, mas não devemos unicamente a este fator as constantes inovações no contexto das RS. De forma sintética, considerando o trabalho detalhado de Vala e Castro (2013) para exemplificar os vários fatores que contribuem para mudanças nas RS, citaremos os cinco pontos tratados pelos autores, quais sejam: 1) as inovações oriundas da esfera tecnológica; 2) novidades advindas da esfera pública, influenciadas pelos movimentos sociais minoritários, grupos de extrema direita, por exemplo; 3) o contato, debate e convivência de diferentes grupos nas sociedades multiculturais; 4) pressão de transformações estruturais no ambiente; 5) inovações legislativas e políticas públicas.

No contexto das últimas observações, destacamos que os grupos elencados na presente pesquisa podem sofrer os efeitos de fatores psicossociais dos últimos anos quando temos testemunhando no Brasil a polarização política em que de um lado concorrem partidos progressistas em confluência com as pautas travadas pelos grupos minoritários e do outro lado temos a renovação de pautas conservadoras por grupos de direita e de extrema direita que buscam o desmonte das conquistas até aqui alcançadas. Em momentos posteriores desse trabalho, veremos que as mudanças sociais advindas de conquistas no cenário legislativo como a proposição de leis pró-LGBT+ têm provocado tensionamentos entre os diferentes grupos sociais que testemunham um aumento da visibilidade da população LGBT+. Enquanto isso, temos visto também o confronto dos ditos “novos valores” com os sistemas de crenças e valores que foram difundidos ao longo do seu ciclo de vida, segundo a sua educação de base. Trata-se de um panorama que acena para o desenvolvimento de representações polêmicas que são produto de disputas entre diferentes grupos, em que as instituições sociais, ou dispositivos de gênero e de sexualidade, têm travado para manter estáveis a cisheteronormatividade, enquanto, de outro lado, abrem-se frestas sobre esse sistema normativo, mesmo que de maneira mais complacente ou eufemizada.

Para analisar as representações sociais e os processos identitários relacionados ao envelhecimento LGBTQ+ entre os/as participantes elencados/as na presente tese, foram empreendidos estudos que tomaram como perspectiva teórica duas abordagens correntes da TRS, quais sejam, as abordagens sócio-genética e a societal. Essas duas abordagens possuem caráter complementar, conforme apontado por Sá (1998), elas integram a grande teoria das representações sociais, não são incompatíveis e a relação entre elas trouxe efeitos importantes para cumprir os objetivos aqui propostos. Abaixo teremos uma exposição dos pontos fundamentais das duas abordagens.

#### **4.1.1 A Abordagem sócio-genética**

A abordagem socio-genética foi fundada por Moscovici e além da sua contribuição temos especialmente os trabalhos de Denise Jodelet para o desenvolvimento da abordagem. Segundo Kalampalikis e Apostolidis (2020) o composto sócio-genético tem como princípios norteadores pesquisar, a partir das ciências humanas e sociais, os processos que envolvem a gênese da própria teoria, considerando o passado e o presente. Assim, é necessário empenhar-se num trabalho em que seja possível a:

identificação sutil desta zona de tensão que criou o contexto a partir do qual os significados e práticas dos sujeitos surgem em relação a este objeto. Estes significados e práticas podem ser consensuais, variados, polarizados, em uma palavra, plural, transmitindo a herança viva de quadros culturais e históricos de apropriação, filiação e interpretação (Kalampalikis; Apostolidis, 2020, p.4).

De acordo com Jodelet (2001), as representações sociais envolvem um saber prático que orienta os indivíduos e grupos sociais nos seus modos de nomear e de definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade, favorecendo a tomada de decisões e escolhas. Para Wagner (1998), as RS fazem parte do imaginário social, integrando-o e recriando os elementos que oferecem sentido à realidade social. As RS tornam o mundo inteligível para os membros de grupos sociais e culturais. Portanto, são concebidas como um processo de comunicação em desenvolvimento nos grupos sociais e também são o resultado desse processo.

Wagner (1998) debate a importância da socio-gênese das representações sociais e discute que a sua origem só pode ocorrer mediante a inclusão de determinados objetos na comunicação, que, por sua vez, podem abarcar pontos compartilhados consensualmente, como também podem ser fruto de divergência. As RS também estão apoiadas em necessidades práticas, ou seja, os objetos de RS surgem em condições sociais em que um fenômeno desconhecido, ou não familiar, torna-se relevante ao ponto de oferecer mudanças nas condições

de vida ou mesmo na organização das condutas e práticas. A comunicação coletiva estabelecida sobre o não familiar constitui um esforço para tornar o mesmo objeto em algo inteligível e controlado.

Compreende-se que as RS abrangem os processos sociais de comunicação e discurso (Wagner, 1998), as RS circulam entre os discursos, “são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais” (Jodelet, 2001, p. 17-18). Jodelet (2001) explica que as representações sociais funcionam como sistemas de interpretação. A maneira com que são construídas e veiculadas, através dos seus conteúdos permeados por valores e ideologias, permite que as pessoas desenvolvam uma visão acerca dos fenômenos sociais e, com isso, assumam posturas diante dos mesmos. Logo, as RS coordenam as nossas relações com o mundo e com os outros, organizando e orientando as condutas e as comunicações sociais. Observamos com isso que as RS figuram também como fenômenos cognitivos que funcionam na base do sentimento de pertencimento social das pessoas às implicações afetivas e normativas, “às interiorizações das experiências, das práticas, dos modelos de conduta e de pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social, que aí estão ligados” (Jodelet, 2001, p. 22).

Jodelet (2019) traz uma importante discussão sobre o que constituem os chamados “fenômenos representativos” no campo de estudos em RS, para a pesquisadora eles remetem ao duplo *status* das RS por “ser ao mesmo tempo, conhecimento do mundo e sistemas de interpretação deste mundo” (p. 17). Sobre esta observação, Jodelet (2019) estabelece que a problemática das RS se situa numa questão fundamental: “como articular conhecimento e significação, dando aos objetos representados o seu *status* de saber?” (p. 17). Na sua elaboração sobre a questão, Jodelet debate que se faz necessário articular os componentes das RS em categorias diferenciadas de saber, significação e sentido. Sobre essas três categorias, Jodelet (2019) assinala que:

Cada representação, seja de um objeto, uma pessoa ou de um evento inclui: a) elementos de conhecimento, adquiridos por transmissão social ou experiência, b) significações atribuídas ao objeto em função de pressupostos compartilhados socialmente pela comunicação e levados pela linguagem, como Benveniste (1969) demonstra, c) sentidos que ela reveste para o sujeito como diz Vygotsky (1984), em função de sua compleição psicológica, suas experiências, crenças ou adesões ideológicas (p. 17).

Kalampalikis e Apostolidis (2020) debatem sobre um ponto fundamental que mobiliza os estudos de RS na perspectiva sócio-genética, trata-se de se considerar, a princípio, que qualquer objeto representativo no ambiente real é um objeto atravessado por zonas de tensão,

nesse sentido, qualquer objeto representativo é um objeto de tensão. As zonas de tensão derivam de um processo básico, característico da elaboração de um objeto de RS, trata-se do movimento de traçar atribuições e fazer alocações, contornando os objetos sociais. Os autores identificam três zonas de tensão: uma ligada ao *status* do objeto na esfera social, cultural e subjetiva; a segunda relacionada à natureza das RS; e a terceira está atrelada ao *status* da perspectiva empregada para estudar o objeto.

Observamos as zonas de tensão quando estamos diante das diferentes perspectivas adotadas ao se abordar o mesmo objeto de representação, esse é um evento bem possível ao se tratar de um tema polêmico que divide a sociedade e cujas representações vão ser pautadas conforme aspectos sociais, culturais, políticos e privados (Kalampalikis; Apostolidis, 2020). Para tratar das repercussões sociais que um objeto pode provocar, Jodelet (2017) introduziu o conceito fenomenológico de “horizonte” e explica que:

o mesmo objeto ou evento, quando olhado em horizontes diferentes, dá lugar a trocas de interpretação, confrontos de posição pelos quais os indivíduos expressam uma identidade ou lealdade. Cada horizonte traz à tona um significado central do objeto de acordo com sistemas de representação trans-subjetiva específicos dos espaços sociais ou públicos nos quais os sujeitos se movem. Eles se apropriam destas representações devido a sua adesão e fidelidade a estes espaços (p. 77).

Considerando os pressupostos acima, ousamos dizer que o envelhecimento LGBTQ+, aqui tomado como objeto de RS, está situado entre zonas de tensão, consideradas as implicações que este terá com aspectos da sexualidade, do gênero, e da longevidade. Isoladamente, a sexualidade e o gênero já dividem opiniões na sociedade, são tratados com indiferença ou com muita severidade, há construções ao longo da história para que a sexualidade e o gênero tenham sido tratados de diferentes formas: patologizados, criminalizados, tratados como pecado. Também lidamos nas últimas décadas com uma expansão dos movimentos sociais e o tema da diversidade sexual e de gênero provavelmente nunca ganhou tanto espaço nas mídias sociais e nos espaços públicos com tem sido atualmente. Quando cruzamos o envelhecimento aos fatores sexuais e de gênero temos um encontro não resolvido perante uma sociedade que prega uma velhice assexuada.

#### 4.1.2 A Abordagem societal

A abordagem societal foi introduzida no campo dos estudos em TRS por Willem Doise que se destacou pelas contribuições do seu grupo de pesquisa em psicologia social experimental na Universidade de Genebra. Doise buscou articular nos estudos em psicologia social as

explicações de ordem individual com explicações de ordem societal, nesse sentido se fazia necessário centrar a sua atenção nos sistemas de crenças compartilhadas sobre a organização e o funcionamento cognitivo (Almeida, 2009). O termo societal qualifica a abordagem sob uma perspectiva mais sociológica que enfatiza a inserção social dos indivíduos de modo a apresentar como o indivíduo dispõe de processos que lhe permitem funcionar em sociedade e de como a sua pertença social, os aspectos interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais conduzem o funcionamento desses processos (Doise, 2002).

Estudando as produções dos/as psicólogos/as sociais publicadas entre os sete primeiros volumes do *European Journal of Social Psychology*, Doise (1980) chegou à conclusão de que a pesquisa em psicologia social deveria se dar a partir de quatro níveis de análise: intraindividual, interpessoal, intergrupar e societal. O mesmo irá propor a integração dos quatro níveis de análise no estudo das RS de modo a estruturar uma base de investigações correlatas entre as contribuições da psicologia e psicologia social com a sociologia (Doise, 2002).

O primeiro nível de análise, o intraindividual, analisa os modos como os indivíduos organizam as suas experiências com o meio ambiente. O segundo nível analisa os processos interindividuais e situacionais, nesse sentido os sujeitos são considerados intercambiáveis e são os seus sistemas de interação que fornecem os princípios explicativos típicos das dinâmicas sociais. O terceiro nível se debruça sobre os processos intergrupais e considera estudar as diferentes posições sociais que os indivíduos ocupam nas relações sociais e analisa como essas posições modulam os processos do primeiro nível e do segundo nível. O quarto nível, denominado societal, foca nos sistemas de crenças, representações, avaliações e normas sociais; nesse nível é defendido o pressuposto de que as produções culturais e os processos ideológicos assim como as características de uma sociedade e de certos grupos, dão significação ao comportamento dos indivíduos, criam e dão suporte às diferenciações sociais baseadas em princípios gerais (Doise, 2002).

Doise (2002) defendia que as pesquisas em psicologia social deveriam articular os diferentes níveis teóricos por ele estabelecidos. Em sua proposta de análise dos quatro níveis das RS ele situa a noção de que as RS atuam como princípios geradores de tomada de posição, por sua vez, esse primeiro processo resulta das diferentes inserções sociais entre os indivíduos, e, mais ainda, atuam como elementos organizadores dos processos simbólicos que afetam as relações sociais.

O chamado grupo de Genebra empreendeu importantes pesquisas ao considerar o conflito como fator desencadeante de mudanças. Apoiado em contribuições trazidas desde Festinger e Piaget nos seus estudos sobre dissonância cognitiva e a origem social do

descentramento, respectivamente, e chegando aos estudos de Moscovici (1961/2012) sobre minorias ativas, Doise (1991) defendia que os conflitos sociocognitivos oriundos da interação social são fontes para o progresso cognitivo, nas suas palavras:

há um conflito sociocognitivo quando, em uma mesma situação [de interação social], são produzidos socialmente diferentes enfoques cognitivos para o mesmo problema. Em condições adequadas, a presença desses diferentes pontos de vista pode favorecer sua coordenação dentro de uma nova solução mais complexa, porém mais conveniente que qualquer dos enfoques prévios considerados isoladamente (Doise, 1991, p. 15).

De maneira valiosa, Doise empreendeu uma tentativa de conduzir os estudos sobre RS ao campo das relações sociais entre grupos. Partindo disso, foi possível defender que as RS têm origem nas práticas sociais e nas interações intergrupais (Doise, 1992). Almeida (2009) confirma que as asserções de Doise (1972) tratam que o conteúdo das RS depende das relações grupais, pois elas servem para justificar certo modo de encadeamento das relações, enquanto cada grupo mantém ao mesmo tempo a sua especificidade e identidade. Ao refletir sobre os estudos de identidade social desbravados por Henri Tajfel, Doise (2002) conclui que a norma social, entendida como uma norma genérica, adquire o *status* de uma forma gestáltica, já que seria ativada quando os grupos estão diante dela. É nesse sentido que este último aponta o princípio societal presente nas pesquisas de Tajfel.

Estudando temas como estereótipo, categorização social e polarização coletiva, Doise (1972) vai observar que as representações sociais entre grupos se formam a partir dos julgamentos que um grupo oferece aos outros grupos, com isso ele explica: “a necessidade e o interesse de se estudar as dinâmicas representacionais exatamente onde elas se produzem, ou seja, no contexto das relações sociais, sendo estas justificadas e antecipadas por aquelas” (p. 206).

Num estudo de comparação entre dois grupos (endogrupo e exogrupo) de jovens de nível médio, Doise e Mugny (1984) descrevem o funcionamento individual em grupo e o processo de categorização social e constataram que as condições que “possibilitam o funcionamento dependem também de análise no nível interindividual (situações de encontro) e posicional (assimetrias de status entre as duas categorias)” (p. 18). Sendo assim, eles detalham que há impactos distintos nas avaliações produzidas pelos grupos (endogrupo e exogrupo) considerando as múltiplas pertencas sociais em termos de estruturação da categorização grupal. Nos seus experimentos foram definidas condições de categorização simples através da pertença por gênero (homem versus mulher), e estabelecida uma categorização cruzada tomando a diferenciação por gênero e tipo de grupo por uma cor (grupo azul versus grupo vermelho). Em

seus resultados foi visto que a condição de categorização simples (pertença por gênero) possibilitou que os/as participantes fizessem avaliações distintas no contexto “meu grupo” e o “outro grupo”, mas essa diferença desapareceu quando os sujeitos foram inseridos numa categorização cruzada (gênero e cor). Também observaram que grupos distintos tendem a acentuar as suas diferenças e semelhanças, por exemplo, grupos de *status* superior marcam mais claramente a distância em relação aos grupos de *status* inferior ao se avaliarem reciprocamente, mas também ocorrem modos de discriminação mais complexos quando consideraram o que ocorre no grupo de menor *status*, uma vez que esse grupo, ao reconhecer o seu *status* menos favorável, tendeu ativamente a inverter as relações dominantes.

Doise, juntamente com Alian Clémence e Fabio Lorenzi-Cioldi propôs um quadro teórico e metodológico para o estudo quantitativo das representações sociais. Considerando que as RS atuam como princípios organizadores das relações simbólicas entre os indivíduos e grupos, os referidos autores lançaram três hipóteses para os estudos em RS: a primeira hipótese sustenta que os diferentes membros de uma população estudada partilham efetivamente certas crenças comuns sobre uma dada RS, assim as RS se estabelecem sobre um campo simbólico comum ou referências comuns aos indivíduos, então compartilhado; a segunda hipótese centra-se na natureza da tomada de posições individuais, na heterogeneidade das tomadas de posições em relação ao um objeto de RS sobre o porquê os indivíduos diferenciam entre si nas relações que mantêm com as RS; a terceira hipótese exprime o consenso entre os indivíduos, considera o processo de ancoragem das tomadas de posição em outras realidades simbólicas coletivas, como as hierarquias de valores, as percepções que os indivíduos constroem e das categorias e experiências sociais que eles partilham com os outros (Doise, 2002).

Doise propôs três tipos de ancoragem que condicionam as tomadas de posição individuais no campo das RS: a) a ancoragem psicológica está apoiada nos valores, atitudes e opiniões individuais; b) a ancoragem sociológica reflete a pertença social dos indivíduos; c) a ancoragem psicossocial está relacionada à percepção das relações sociais e às inserções assimétricas na sociedade. Ao tratar dos diferentes processos de ancoragem, Doise propôs avançar para além dos aspectos comuns ou consensuais em torno das RS e alcançar também as variações individuais e as modulações que se inscrevem em cada sistema de regulações simbólicas (Trindade; Santos; Almeida, 2019).

#### 4.1.3 Tomando a noção de sistema de representações sociais para estudar diferentes objetos sociais

Ao se propor a estudar o envelhecimento LGBTQ+, tomando-o como objeto de representações sociais, aventuramo-nos a analisar um objeto social que poderia ser considerado composto por mais objetos sociais, como já sugere a sua nomenclatura (envelhecimento + LGBTQ+). Queremos dizer com isso que o envelhecimento acrescido da sigla “LGBTQ+” para além de caracterizar na literatura corrente um novo campo de estudos em gerontologia, nos estudos de RS o termo pode resultar na relação de diferentes objetos sociais, um sendo representativo do envelhecimento/velhice enquanto o segundo representaria um contexto de diversidade que caracteriza minorias ativas. Pensando nessa relação entre objetos de RS surgiu um questionamento: Poderíamos afirmar que o envelhecimento LGBTQ+ constitui somente um (01) objeto de RS? Ao longo da revisão que temos realizado para fins desse trabalho encontramos algumas pesquisas que consideram estudar RS sobre o envelhecimento LGBTQ+ elaboradas por diferentes grupos sociais. Trataremos a seguir brevemente sobre alguns achados nesse campo ainda pouco explorado na literatura nacional. Não pretendemos realizar uma análise exaustiva dessas produções que partem de um núcleo comum de pesquisas aqui no Brasil. Vale salientar que não foram encontradas pesquisas no âmbito internacional sobre RS sobre o envelhecimento LGBTQ+.

Num estudo que buscou identificar as representações sociais entre profissionais do Programa de Saúde da Família (PEF) acerca da velhice LGBTQ+ (Jesus *et al.*, 2019a) foi identificado que as RS apreendidas permeiam a invisibilidade dos/as idosos/as LGBTQ+. Reconhecendo a invisibilidade que também expõe a pouca familiaridade desses/as profissionais com o objeto social pesquisado, foi possível perceber que as classes obtidas nas análises de classificação hierárquica descendente (CHD) destacam objetos familiares como o envelhecimento, velhice, homossexualidade e preconceito. Assim, enquanto tratam do envelhecimento LGBTQ+ (objeto social com baixa propagação no grupo estudado) os/as participantes ancoram esse objeto às noções anteriores e familiares advindas da senescência. Amparando seus discursos nas problemáticas sociais que atravessam os sujeitos com identidades LGBTQ+, os/as participantes trazem para os seus discursos o tema do preconceito que é enfrentado por esses indivíduos. Ademais, o termo LGBTQ+ foi sendo representado por alguns/as participantes com relação à orientação sexual, com foco nos sujeitos homossexuais.

Outro estudo realizado com pessoas espíritas a fim de identificar as suas RS acerca da velhice LGBTQ+ também contou com o pouco conhecimento dos/as participantes acerca do



objeto de estudo (Jesus *et al.*, 2019b). Entre as classes definidas na CHD é possível observar que as representações permeiam noções de velhice, sexualidade, preconceito, do ser idoso/a. A velhice LGBT+, segundo os/as autores/as, foi ancorada na noção de sexualidade, mais especificamente considerando esta velhice diferente com base no elemento distintivo da orientação sexual. Em se tratando de conceber a fase da velhice, esta foi representada como sendo um desafio para idosos/as não-heterossexuais, visto que vivenciar a velhice já não é fácil para pessoas heterossexuais. Para dar conta dessa diferenciação, os/as participantes trazem repetidamente as noções de preconceito e discriminação que afetam as pessoas LGBT+ no seu curso de vida.

Fonseca *et al.* (2020) realizaram um estudo com facilitadores/as de grupos de convivência dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) dos estados do Ceará e Piauí a fim de identificar as suas RS a respeito da velhice LGBT+. As RS sobre velhice LGBT+ estiveram organizadas em torno de uma noção de velhice como uma fase natural do ciclo de vida, independentemente da orientação sexual. Novamente as RS centraram-se sobre a velhice e, nesse caso, uma indiferenciação dessa fase quanto à orientação sexual, ou seja, por ser considerado um processo natural, a orientação sexual não traz alterações na velhice entre grupos sociais com diferentes identidades sexuais. O preconceito fez parte de mais de uma classe para retratar a velhice LGBT+ de modo que foi entendido que o preconceito faz parte da sociedade que lida com rejeição às pessoas idosas de modo geral, o que inclui também as pessoas LGBT+.

Santos *et al.* (2020) analisaram as RS de brasileiros/as sobre a velhice LGBT+. Entre as RS encontradas observou-se a centralidade das noções de velhice natural (sem distinções para outros grupos sociais), de pessoa idosa, de pessoa LGBT+, e de sexualidade nos processos de significação atrelados ao objeto de representação velhice LGBT+. Novamente o tema da velhice normal, igual, natural são considerados para nomear a velhice LGBT+, sem que sejam ressaltadas mais novidades ao que se pensa sobre a velhice no geral. No entanto, as noções sobre pessoa idosa e pessoa LGBT+ foram aproximadas, as pessoas LGBT+ foram vistas como pessoas felizes e, quando idosas, essa felicidade transparecia as noções do que representaria um bom envelhecimento. As pessoas idosas (heterossexuais) e LGBT+ foram assinaladas nos discursos como pessoas que devem ser respeitadas. No tocante à sexualidade, as RS giraram em torno da noção de orientação sexual, os/as participantes relataram não ser comum associar questões da sexualidade à pessoa idosa, portanto, não imaginaram em momentos anteriores que haveria idosos/as com identidades não-heterossexuais, ademais, o termo homossexual foi utilizado para tratar de pessoas LGBT+ no geral.

Fonseca *et al.* (2022) analisaram as representações sociais da velhice LGBTQ+ sob a ótica de mulheres lésbicas brasileiras. Novamente vemos nesse estudo uma não familiaridade com o termo velhice LGBTQ+, as participantes consideraram na sua exposição tratar a velhice de uma maneira genérica, já que para elas uma pessoa LGBTQ+ tem uma velhice normal. Apesar de adotarem uma noção de velhice natural, numa das classes é possível perceber que o preconceito torna a velhice LGBTQ+ desafiadora, em que se reconhece toda a intolerância da sociedade que afeta a saúde física e mental dessa população. A análise prototípica realizada demonstra que o termo “preconceito” se inclui no núcleo central das RS sobre velhice LGBTQ+, de modo que é bastante evocado ao tratarem desse objeto de RS. Em outros estudos o termo preconceito também se mostrou saliente ao se considerar a estrutura das RS sobre velhice LGBTQ+. Esse termo é bastante evocado e junto com o termo “solidão”, possui bastante impacto nos modos de conceber o fenômeno (Fonseca *et al.*, 2022; Gomes *et al.*, 2020).

O estudo de Sousa *et al.* (2023) realizado com uma comunidade rural litorânea sobre representações sociais da velhice LGBTQ+ repercutiu numa análise de três objetos, quais sejam, o envelhecimento, velhice LGBTQ+ e envelhecimento em uma comunidade rural. Foi interessante observar que a pouca familiaridade com o termo velhice LGBTQ+ foi compensada com uma discussão sobre o pensamento social da comunidade sobre os modos de viver a velhice e as mudanças que são atreladas ao processo de envelhecimento. O grupo estudado não propôs uma análise diferenciada da velhice para pessoas LGBTQ+, embora reconhecessem os impactos do preconceito. O grupo expôs as suas percepções sobre como é envelhecer numa comunidade rural, portanto, atrelaram as suas representações ao ambiente em que vivem e se relacionam cotidianamente. Além do mais, foi observado o preconceito por parte de alguns/as participantes que revelaram atitudes negativas atreladas às pessoas LGBTQ+. Os/as pesquisadores/as refletem sobre os impactos da tradição religiosa que esse grupo mantém de forma predominante e que essa base religiosa orienta o seu posicionamento quanto à diversidade sexual e de gênero (Sousa *et al.*, 2023).

Tendo em vista as representações sociais que tomaram a velhice LGBTQ+ como objeto social, refletimos que podemos estar diante de um sistema de representações sociais constituído por um conjunto de objetos (velhice, envelhecimento, LGBTQ+, idoso, preconceito, sexualidade, orientação sexual, homossexualidade, transexualidade, entre outros) evocados para dar significação ao estranho ou não familiar, por isso, é tratado como algo desconhecido por muitos grupos sociais. Juntos esses objetos auxiliam nos processos de ancoragem e de objetivação de um fenômeno que tem pouca difusão e baixa propagação, mas que vem a ser mostrado com mais ênfase nos últimos anos.

Achamos também importante destacar as observações de Castro e Camargo (2017) sobre a complexidade que envolve considerar o envelhecimento como objeto social de RS. Segundo os autores, o envelhecimento pode suscitar uma extensa rede de outras noções mais amplas que servem para estruturar outros objetos relevantes que permeiam o envelhecimento. Dito isso, trazemos para a discussão o conceito de sistemas de representação social para os estudos aqui desenvolvidos sobre as RS do envelhecimento LGBT+, tomando-o dentro de um conjunto de representações interligadas e mutuamente dependentes entre si.

Encontramos a noção de sistema desde a obra seminal de Moscovici, quando este explica os mecanismos de formação das representações sociais, mais especificamente sobre o processo de ancoragem, entendido como sistema de classificação e de nomeação dos objetos sociais. Seguindo com essa compreensão, Moscovici (1961/1978, p. 58) explicou que “para penetrar no universo de um indivíduo ou de um grupo, o objeto entra numa série de relacionamentos e articulações com outros objetos que já estão lá e dos quais ela empresta as propriedades e acrescenta as suas próprias”.

Ainda com Moscovici (1961/2012) encontramos o conceito de sistema e metassistema, os dois conceitos foram trazidos por Moscovici para refletir sobre a função dos sistemas cognitivos que operam no pensamento para apreensão de categorias. Um sistema operativo é responsável por fazer associações, inclusões, discriminações e deduções; e o metassistema atua controlando, verificando e selecionando a partir de regras, de princípios normativos, assim este segundo retrabalha a matéria produzida pelo primeiro sistema. Doise (2019) esclarece que o metassistema é composto por normas sociais que coabitam diferentes áreas do pensamento adulto, ou seja, é possível que o sujeito sofra a intervenção de diferentes metassistemas, o que dependerá das diferentes ocasiões com os seus respectivos metassistemas. Enquanto defende que os conceitos de sistema e metassistema foi negligenciado nas pesquisas com RS ao longo dos anos, Doise (2019) aposta que esses conceitos são fundamentais para psicólogos sociais que, segundo ele mesmo defende, deveriam estudar as relações entre as normas sociais e os funcionamentos cognitivos.

Em se tratando dos fatores que impactam a constituição de sistemas e metassistemas nos sistemas cognitivos, Moscovici (1961/2012) trouxe nos estudos sobre representação social da psicanálise três modalidades diferentes de comunicação que ele acessou pelos meios de imprensa, são elas: difusão, propagação e propaganda. A difusão é caracterizada pela indiferenciação entre a fonte e o receptor da comunicação, nesse sentido, a informação que é recebida por um autor de artigo da imprensa é veiculada para criar um conhecimento comum e adaptar-se ao interesse do público; a propagação se dá a partir de quando a comunicação é

estabelecida por membros de um grupo dotado de uma visão de mundo organizada e particular, dispõe de uma crença a propagar e se esforça para acomodar novos saberes no seu quadro de pensamento; a propaganda constitui uma forma de comunicação inserida nas relações sociais conflituosas, nela há o desafio de conciliar o contraste entre o verdadeiro e o falso saber, ou seja, entram em cena a visão de mundo que orienta a publicação compartilhada pelos diferentes atores sociais, mediante um objeto social.

Doise (2019) explica que as três modalidades de comunicação expostas por Moscovici constituem protótipos para se pensar a organização social e, nesse sentido, elas modificam-se no curso da história. Essas modalidades de comunicação podem produzir outras estruturas de representações e, conseqüentemente, “fazer intervir em outros sistemas de tomada de posição nas relações simbólicas” (p. 170). Doise (2019) discute ainda que as noções sobre sistema e metassistema se alinham aos estudos de opiniões, atitudes e estereótipos trabalhados por Moscovici e, quando associados, permitem estudar os vínculos entre relações de comunicação e organizações individuais de sistemas de pensamentos e de atitudes individuais.

Encontramos em várias das obras de Jodelet a menção à noção de sistema de representações, brevemente traremos alguns apontamentos que ela nos oferece sobre o tema. Para Jodelet (2001, p. 21), as “representações formam um sistema e dão lugar a “teorias” espontâneas, versões da realidade que encarnam as imagens ou condensam as palavras, ambas carregadas de significações”. Isso posto, ela destaca que nos estudos em RS é preciso apreender não só as ideias e imagens que as concretizam, como também se faz necessário estudar as modalidades coletivas que os membros de uma sociedade ou de um grupo social dispõem para estabelecer operações lógicas e de sintaxes específicas que estão interligadas a sistemas de representação previamente estabelecidos.

Jodelet (2021), ao debater sobre as condições e modalidades da estabilidade e a transformação dos fenômenos representativos, desenvolve uma explanação acerca dos processos de conferir sentido a um acontecimento pelo senso comum, segundo a autora, esse processo decorre da ancoragem do acontecimento no sistema de pensamento preexistente das pessoas que o interpretam. Ela segue explicando que o processo é mobilizado: “de acordo com as pertencas sociais, com os engajamentos ideológicos, os sistemas de valores referenciais, etc., um mesmo acontecimento pode mobilizar diferentes representações transubjetivas, para retomar uma qualificação de Boudon, que os situam em horizontes variáveis” (p. 72). A noção de horizontes, já explorado sobre a abordagem socio-genética, retrata que um objeto que um sujeito observa é percebido sob horizontes diferentes, essa visão de horizonte supera a noção individualista de perspectiva, “isso porque o modo de abordagem dos objetos e dos

acontecimentos que povoam o nosso mundo cotidiano demanda de sistemas de representações transubjetivas que modelam ou matizam nossas percepções” (p. 73). Esses sistemas de representações são “específicos aos espaços sociais ou públicos nos quais os sujeitos evoluem” (Jodelet, 2021, p. 74).

Apesar da haver várias indicações na literatura sobre RS que se referem aos sistemas de representações sociais, o uso do conceito ainda é muito difuso. A respeito disso, Félix *et al.* (2016) desenvolveram um estudo de revisão bibliográfica sobre o conceito de sistemas de representações sociais e observaram que o termo, apesar de muito utilizado, não tem sido devidamente explorado de modo a oferecer uma definição mais consistente, com estudos mais detalhados sobre o tema. Comumente utilizado como sinônimo de RS, a noção sobre sistema de representações muitas das vezes se dissolve em noções gerais e, em alguns casos, é utilizado para designar um conjunto de representações ou a relação entre duas, ou mais representações. Durante o estudo de revisão, as autoras chegaram a quatro categorias que apresentam bem o emprego do conceito de sistema de representações sociais nos estudos analisados, são elas: 1) SRS como conjunto de conhecimentos; 2) SRS como conjunto de representações sociais; 3) SRS como sinônimo para representações sociais; 4) Noções dispersas (Félix *et al.*, 2016). A respeito do que o estudo de revisão nos oferece em termos norteadores para a condução da nossa pesquisa, seguimos a indicação de considerar o SRS como um conjunto de representações sociais para múltiplos objetos sociais. A seguir traremos alguns exemplos de pesquisadoras/es que adotaram essa concepção, pensando como essas pesquisas são norteadores para o nosso campo de estudo.

No estudo de Camargo e Wachelke (2010) os autores partiram do pressuposto de que as representações sociais sobre AIDS, envelhecimento e corpo estariam conectadas. Eles conduziram uma pesquisa realizada com 1118 estudantes do ensino médio e de graduação universitária visando caracterizar as relações mantidas pelos conteúdos das representações sociais sobre os três objetos. Na suas considerações apontaram que a literatura apresenta três dimensões que permeiam os conteúdos sobre as três representações em conjunto, uma primeira dimensão é a esfera de saúde, uma segunda dimensão é a da sexualidade e uma terceira dimensão é o do tempo de vida. Os resultados apontaram semelhanças e diferenças entre os elementos das representações sociais sobre a AIDS, o envelhecimento e o corpo; esses três objetos interagiram de modo que foi possível inferir que há zonas de interação entre os três objetos, foi vista uma grade que indicava alguns elementos dicotômicos como vida e morte, saúde e doença, amor e sexo que se interconectam com os objetos elencados.

Silva, Trindade e Silva Júnior (2012) realizaram uma pesquisa mediante dois grupos focais, com homens e mulheres, para estudar as representações sociais sobre conjugalidade entre casais recasados. Os autores verificaram que a RS da conjugalidade é constituída por objetos sociais distintos como família, casamento, amor, gênero. Desse modo, interagem em meio aos diversos elementos que dão significados ao universo representacional em torno da conjugalidade. Silva, Trintade e Silva Júnior (2012), ressaltam que:

Um sistema de representação pode ser entendido com um conhecimento socialmente partilhado formado por um conjunto de objetos representacionais, que, por sua vez, são constituídos por um conjunto de elementos representacionais. Todos os objetos e os elementos representacionais presentes em um sistema representacional estão interrelacionados de tal forma a dar coerência e sentido a esse sistema representacional, como uma rede de significações e símbolos (p. 441).

No estudo de Moraes (2018) foram investigadas as dinâmicas envolvidas na construção de representações sociais sobre o aborto e eutanásia, por meio do estudo de consensos e dissensos. A pesquisa foi realizada com 351 estudantes universitários dos cursos de medicina, enfermagem e direito. Os resultados ratificaram a influência dos campos ideológicos na construção de sistemas de representações sociais que relacionam as práticas polêmicas no espaço público. Foi observada uma associação entre os temas aborto e eutanásia, de modo que ambos os objetos associam conteúdos polêmicos a um campo regulador da bioética que pode ser efeito de um forte engajamento da mídia em manter os assuntos distantes de um debate ético mais reflexivo sobre a autonomia dos sujeitos a respeito do tema.

Santos e Aléssio (2022) indicam ser preciso tratar cuidadosamente do conceito de sistemas de representação para tentar compreender os processos pelos quais um objeto social é inserido num sistema de pensamentos preexistentes e, conseqüentemente, como é estabelecida a rede de significações em torno do mesmo. As autoras indicam que o conceito de ancoragem exerce um papel fundamental no estabelecimento da rede de ligações entre representações e objetos.

Segundo Santos e Aléssio (2022), o sistema de representação pode ser definido como um conjunto de conhecimentos que mantém relações com formas ou universos de saberes e os sistemas, por sua vez, seriam “uma espécie de matriz que geraria novos conhecimentos” (p. 114). As autoras discorrem que geralmente os trabalhos desenvolvidos sobre RS tendem a investigar as RS sobre um objeto específico e, com isso, tendem a isolá-lo como se isso fosse possível diante do mundo social. Ao realizar tal movimento, de restrição de um objeto, os/as pesquisadores/as incorrem no risco de reduzir o fenômeno a um contexto com o qual não se sabe ao certo onde um objeto termina e o outro começa (Santos; Aléssio, 2022).

## 5. IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Considerando a trama dos estudos sobre as diferentes identidades sexuais e de gênero no curso da vida, é imprescindível que tratemos de analisar as noções sobre identidade que permeiam os processos de construção da subjetividade na contemporaneidade. Os estudos no campo da identidade têm se concentrado nas áreas da sociologia, da psicologia e da filosofia. Porém, conforme destaca Stuart Hall (1992/2020), trata-se ainda de um conceito pouco desenvolvido e compreendido, considerada a sua demasiada complexidade. As elaborações advindas dos muitos esforços para se compreender os processos que culminam na formação de identidades revelam, de um lado, as disposições que atravessam as determinações socioculturais e históricas, noutro ponto, destacam os determinantes individuais intrassubjetivos relativos às diferentes identificações dos sujeitos (Woodward, 2014).

Na psicologia, encontramos pelo menos duas perspectivas de abordagem do conceito de identidade, considerando as áreas da psicologia social e da psicologia clínica. No campo da psicologia clínica observamos o desenvolvimento da noção de “identidade pessoal”, caracterizada como “a consciência de si como individualidade, singularidade, dotada de uma certa constância e de uma unicidade” (Lipiansky, 1992, p. 115 *apud* Santos, 1998). Na perspectiva da psicologia social temos a apresentação do conceito de “identidade social” que compreende as pertencas do sujeito a uma diversidade de categorias, tantas quantas possam indicá-lo em uma categoria de referência, isso se dá em função dos grupos, culturas, funções exercidas, que servem de base para a construção da sua identidade (Santos, 1998).

Henri Tajfel (1983) desenvolveu importantes estudos que auxiliaram na compreensão sobre a identidade social. Para Tajfel (1983), a identidade social se apresenta “como aquela parcela do autoconceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, com o seu significado emocional e de valor associado àquela pertença” (p. 290). Nesta perspectiva, o grupo é entendido como “uma entidade cognitiva com grande significado para o indivíduo num determinado momento” (Tajfel, 1983, p. 289). O pertencimento a um grupo psicológico refere-se à pertença emocional, cognitiva e valorativa, que reflete a imagem que o indivíduo tem de si, tendendo sempre à busca de uma imagem socialmente positiva.

Henri Tajfel (1983) assevera que um grupo só existe em relação a outro grupo. Neste sentido, os grupos não existem isoladamente: “um grupo não é uma ilha da mesma maneira que um indivíduo também não é uma ilha” (1983, p. 24). Esta condição de interação entre grupos levou Tajfel a debater que as consequências psicológicas da pertença a um grupo estão

diretamente ligadas à inserção desse grupo numa determinada estrutura de relações intergrupais. Neste sentido, Vala e Castro (2013) discutem que, em meio às interações sociais entre os diferentes grupos, a identidade constitui uma fonte geradora de consenso e de diferenciação. A busca por semelhança ou por diferença são processos que orientam a comparação social e, com isso, marcam “como pensamos coletivamente e o que, coletivamente, pensamos” (p. 576).

Quando estudamos as dinâmicas identitárias precisa considerar que cada indivíduo pertence simultaneamente a vários grupos (por exemplo, brasileiro ou italiano, cisgênero ou transgênero, preto ou branco, adulto ou idoso, etc.), de modo que a saliência em relação às diversas pertenças grupais depende do contexto (Codol, 1984) e das posições relativas dos grupos numa dada estrutura social (Deschamps; Molinier, 2009). Portanto, no decorrer da vida, por mais que a pessoa apresente a sua identidade como uma totalidade, a mesma vai se manifestar como um desdobramento, demonstrando uma multiplicidade de determinações as quais estamos sujeitos, essas representações do indivíduo formam uma intrincada rede, em que existem tanto atravessamentos que nos impossibilita de compreender quando foi a identidade originária daquele circuito. As identidades, assim, irão refletir a estrutura social, reagindo no sentido de conservá-la ou transformá-la (Ciampa, 1986).

Retomando o plano das relações intergrupais, a teoria da identidade social é amparada por três processos cognitivos que geram classificações auxiliares na compreensão das noções dentro/fora do grupo, segundo os desenvolvimentos de Tajfel e Turner (1979). Trata-se de três processos fundamentais: a categorização social, a identificação social e a comparação social. Tajfel (1983), por sua vez, denominou categorização social “o processo através do qual “se reúnem os objetos ou acontecimentos sociais em grupos, equivalentes no que diz respeito às ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo” (p. 291). Assim, a categorização social permite ao indivíduo definir as pessoas, inclusive nós mesmos, em grupos aos quais pertencemos. A identificação social é o processo em que ocorre a identificação como membro de um grupo, a partir disso os indivíduos passam a se comportar da maneira com que acreditam que os membros desse grupo deveriam se comportar. Por fim, a comparação social é o processo em que as pessoas de um determinado grupo comparam o seu grupo com outros grupos em termos de prestígio e posição social. Neste movimento, tendem a perceber o endogrupo como tendo uma posição social mais elevada em comparação ao exogrupo.

Ciampa (1986) considera que cada sujeito é formado por uma gama de personagens, esses que se conservam, se sucedem, se alternam ou coexistem, e apesar desse fluxo, formam uma percepção de totalidade da identidade. Justamente, a representação de diversos



personagens durante a dinâmica das relações sociais permite a pluralidade da identidade e a sua mobilidade. O autor argumenta que a identidade não é fixa, existirão mudanças, essas desejáveis ou não, mas que nos fazem ao mesmo tempo, personagens e autores/as de uma história, que nós mesmos/as criamos e por isso ocupamos essas duas funções, ao passo que só construímos uma identidade e ocupamos esse lugar quando agimos: é pelo fazer, que alguém se torna algo. Para Ciampa (1986), anterior a identidade existe a relação, a representação da identidade se molda, então, em meio a esse processo serão reforçados comportamentos que fortalecem as condutas dessas identidades, por exemplo, para o sujeito ser filho/a é implacável existir um pai ou uma mãe e vice versa.

A ideia de estabilidade ou instabilidade em torno do conceito de identidade gera tensões acerca de como alguns/mas estudiosos/as se posicionam em relação à problemática. Na centralidade dessas discussões se estabelece uma tensão entre o essencialismo e o não essencialismo. Woodward (2014) explica que as discussões baseadas no essencialismo sobre a identidade tendem a fundamentar as suas bases tanto na história quanto na biologia. Para exemplificar a noção essencialista de identidade, a autora aponta que a perspectiva de tomar o corpo como sendo um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos é muito utilizada para definir a identidade sexual dos sujeitos. A autora também exemplifica que a noção essencialista também pode reivindicar uma cultura ou uma história comum que ateste o pertencimento a uma identidade étnica, religiosa ou nacionalista a determinado grupo. Percebe-se, pois, que as concepções essencialistas podem oferecer uma visão limitada acerca da construção da identidade.

As relações sociais operam, a partir dos marcadores da diferença que expressam diferentes condições de vida, tais condições, por sua vez, são tributárias de operações da economia, da política, das instituições culturais nacionais ou globais, do trabalho, das relações domésticas e familiares, do circuito das ruas. São operações que respondem a um contexto historicamente elaborado e mediado nas relações sociais de poder. O respeito à historicidade das identidades revela a forma plástica que envolve a construção das identidades. No mundo considerado pós-colonial estão expostos os determinantes socioculturais que regulam as identidades e o reconhecimento da flexibilidade das identidades, desprendidas de quaisquer marcadores essencialistas, estremecem as velhas identidades herdadas do mundo colonial e que não sustentam mais as novas formas de posicionamento na contemporaneidade. Como resultado da tensão entre as velhas e as novas identidades temos a luta política pelo reconhecimento das identidades (Woodward, 2014).

O reconhecimento da pluralidade e flexibilidade da identidade foi favorável para que os chamados “novos movimentos sociais”<sup>14</sup> concentrassem a sua luta em torno da identidade. Esses movimentos têm se caracterizado principalmente pela tentativa de apagarem a fronteira entre o pessoal e o político. Na centralidade desse movimento, os atores sociais que investem na política de identidade, têm lutado pela afirmação da identidade cultural de pessoas pertencentes a grupos oprimidos e marginalizados. Esses movimentos dividem-se entre aqueles que pautam as noções de singularidade e diversidade do seu grupo em noções essencialistas e os movimentos que questionam o essencialismo da identidade.

Hall (2014) defende que a identidade e a diferença são mutuamente determinadas. O autor debate que estas são questões inseparáveis e interdependentes, resultantes do processo sociocultural provenientes de atos de criação linguística. Destarte, isso implica dizer que a identidade não é o simples resultado de elementos da natureza que formam essências para a formação de uma identidade. Assim, a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas, como criações sociais e culturais. A identidade e a diferença também são atravessadas pelas relações de poder. Isso ocorre, pois os processos linguísticos pelos quais símbolos e discursos são produzidos na sociedade assinalam uma relação assimétrica entre os diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o reconhecimento da diferença, inerente aos processos de constituição das identidades, também se estabelece em meio à disputa por recursos simbólicos e materiais da sociedade (Silva, 2014; p. 81). De acordo com Silva (2014) “a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. [...] A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (p. 81).

Os processos de diferenciação ocorrem na centralidade entre a identidade e a diferença, e correlatos à diferenciação atuam outros processos que conferem materialidade a esta relação estreitamente demarcada pelo poder que se expressa nos processos de incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós e eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”), normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”). No conjunto das operações simbólicas que configuram a vida em sociedade, a afirmação da identidade assim com a marcação da diferença institui operações de incluir e de excluir, de modo que afirmar “o que somos” também significa dizer “o que não somos”. Quando demarcamos fronteiras (“eu” e “nós”) também indicamos distinções entre o que está dentro e o que está fora. Na produção das

---

<sup>14</sup>Segundo Woodward (2014), os chamados “novos movimentos sociais” surgiram no Ocidente nos anos 60, especialmente após os anos de 1968 com a rebelião estudantil, o ativismo pacifista e antibélico e a luta pelos direitos civis.

identidades observamos as classificações e hierarquizações que tensionam a vida em sociedade demarcando privilégios arbitrariamente em meio aos diferentes grupos sociais (Silva, 2014).

As classificações frequentemente embasam uma estrutura em torno de oposições binárias, geralmente, em torno de classes polarizadas: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual, cisgênero/transgênero, etc. Ressalta-se, em meio a esse contexto, que questionar a identidade e a diferença é uma das formas de problematizar os binarismos em torno dos quais se instalam as relações de poder que reverberam em assimetrias entre os grupos. A norma, por outro lado, constitui uma das maneiras de sustentar a hierarquização das identidades que de modo geral resulta na escolha arbitrária de uma identidade específica como parâmetro para as demais identidades (Silva, 2014).

Observa-se em meio a conjuntura social que tomar uma identidade como norma para as demais identidades repercute drasticamente no cenário das relações de poder. Ao garantir a normalidade de determinada identidade, a sua força torna-se tamanha que sequer é vista como *uma* identidade (Silva, 2014). Observamos, no exemplo da cisnormatividade, como a identidade cisgênera é lida geralmente como *a* identidade. Numa sociedade em que ser cisgênero é a norma, garante-se que “ser cisgênero” não é considerado uma identidade de gênero, ou seja, não precisamos nos afirmar como cisgêneros pois se torna redundante afirmar aquilo que já esperamos que sejamos. Silva (2014) afirma que “a força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade”. Por outro lado, para haver a definição do que é considerado aceitável, desejável e natural é necessário haver uma definição do que é considerado abjeto, rejeitável e antinatural.

Entre os fenômenos que intervêm na construção de identidades, destacam-se as representações sociais. De acordo com Jodelet (2015), as representações sociais são produto das atividades de apropriação da realidade exterior e conseqüentemente formam processos de elaboração psicológica e social da realidade. As representações sociais se inserem no circuito das interações sociais e interferem na dinâmica dos comportamentos intra e intergrupais, nas ações de resistência e de mudança social (Jodelet, 2015). Para Cabecinhas (2011) as representações sociais funcionam como estruturas de conhecimento que guiam e facilitam o processamento da informação social. Para ela, as RS estão profundamente ligadas aos processos intergrupais, sendo criadas nas interações sociais.

Segundo Santos (2005), as RS cumprem uma função identitária, isso acontece a ter em vista que a produção de dadas representações difere entre um grupo e outro. Através dessa interação que envolve o reconhecimento de um grupo pertencente (endogrupo) e a definição de um grupo externo (exogrupo) acontecem as partilhas entre grupos que ganham contornos

particulares e, de forma interativa, resultam processos de um lado para a diferenciação grupal enquanto no outro lado é criada a identidade grupal. Wagner (1998) explica que a formação de grupos permite que sejam trocados informações, crenças e julgamentos que constituem o consenso social, compartilhados entre os membros de um grupo, esses conhecimentos precisam ser acessíveis a todos os membros para que se torne público e, com isso, se efetive um núcleo de identidade social.

A interação social que integra a formação das RS define também os atores como parte complementar dos objetos e dá-lhes o sentido de pertencerem a comunidades e culturas específicas (Wagner, 1998). A diversidade advinda dos processos grupais confere às RS uma função decodificadora. Por trás desta função revela-se que a polivalência do discurso possibilita uma leitura seletiva do mesmo em função das diferentes identidades. Segundo Moscovici (1961/1978): “a representação social, diferentemente das outras formas de conhecimento, supõe uma relação específica entre o sujeito e o objeto de conhecimento: o indivíduo projeta a sua identidade no objeto que representa” (p. 270).

Doise (1984) destaca nos seus estudos que a dinâmica das relações entre os grupos conduz a modificações adaptativas nas representações sociais, nesse sentido o autor discute que na relação intergrupal, as representações podem estar ligadas a atribuição de características que permitem desencadear comportamentos discriminatórios, e, mais ainda, servem para justificar tais reações. Ademais, as representações sociais permitem que cada grupo disponha de um sistema de representações que permita antecipar os comportamentos do outro e programar a sua própria estratégia de ação.

As relações entre as representações sociais e os processos intergrupais são bastante complexas. Diferentes estudos apontam ser necessário atentarmos para a influência das posições assimétricas dos grupos, tanto nos discursos como nas identidades sociais criadas no interior desses grupos (Cabecinhas, 2004; Tajfel, 1983). Moscovici (1988) alerta que embora os indivíduos sejam ativos na construção das suas representações, a dinâmica da estrutura social assinala posições diferentes entre os sujeitos de modo que nem todos possuem a mesma margem de liberdade no processo de negociação das representações. Embora estejam em constante processo de mutação, a apropriação do “novo”, que caracteriza a elaboração das representações sociais, segue uma lógica de “conservadorismo” profundamente “sociocrêntrica”.

## 6 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

### 6.1 OBJETIVO GERAL

- Examinar as representações sociais sobre envelhecimento LGBTQ+ por meio da análise dos processos intergrupais entre indivíduos do endogrupo LGBTQ+ e do exogrupo, considerando aspectos dos processos identitários das pessoas do endogrupo LGBTQ+.

### 6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apreender as representações sociais sobre envelhecimento LGBTQ+ elaboradas por pessoas do endogrupo (adultas e idosas pertencentes à comunidade LGBTQ+) e do exogrupo (adultas e idosas cisgêneras e heterossexuais);
- Identificar quais objetos sociais se articulam à experiência e significação do envelhecimento LGBTQ+ no endogrupo e exogrupo;
- Analisar consensos e dissensos nos sistemas representacionais sobre o envelhecimento LGBTQ+ no endogrupo e exogrupo;
- Compreender como membros do endogrupo e do exogrupo posicionam-se frente à estrutura social e simbólica hegemonicamente cisheteronormativa;
- Estudar como pessoas LGBTQ+ vivenciam a assunção da identidade sexual e de gênero;
- Avaliar os impactos da dinâmica societal cisheteronormativa no reconhecimento e na afirmação da identidade LGBTQ+;
- Identificar as experiências de envelhecimento considerando as diferentes identidades estudadas.

### 6.3 DELINEAMENTO GERAL DA PESQUISA

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com recorte exploratório. Para Flick (2009) a pesquisa qualitativa está centrada na construção social das realidades em análise e o seu interesse está voltado para estudar as perspectivas dos/as participantes a respeito das suas práticas cotidianas e do seu conhecimento cotidiano.

Compreendido como uma investigação social, este estudo se apoiou em dados sociais construídos em meio aos processos de comunicação (Bauer; Gaskell, 2015). Confere-se a esta estrutura de pesquisa que os dados formais, que compõem o *corpus* de análise, reconstroem “as maneiras pelas quais a realidade social é representada por um grupo social” (Bauer; Gaskell, 2015, p. 22). Nesse ínterim, o direcionamento tomado pelo pesquisador para acessar o campo da realidade social foi focado no estudo da TRS, que se debruça sobre a análise de significados e dos processos que os constituem no cotidiano das pessoas (indivíduos, grupos, coletivos) e pressupõe uma incursão sobre os modos de produção da cultura de determinado grupo. Como possibilidade de acessar tal experiência, deve-se valorizar a linguagem comum e o uso concreto dos significados como foco central dessa investigação (Jovchelovitch, 2008).

A abordagem qualitativa foi apoiada pelo uso de um *software* que contém uma base estatística quantitativa para compreender qualitativamente os conteúdos produzidos durante os processos de produção de dados. Os processos de análise também se deram com o desenvolvimento de análise de conteúdo manual de parte do material estudado, seguindo os pressupostos estruturados por Laurence Bardin (2011).

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, apresentando CAAE: 68624523.0.0000.5208 e número do parecer: 6.131.546. Seguindo as diretrizes das Resoluções de nº 466/12 e de nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisas com seres humanos, o pesquisador esclareceu aos/às participantes sobre a sua participação voluntária, das possibilidades de interrupção da pesquisa quando se fizesse necessário, dos riscos e benefícios em participar da pesquisa e informados/as sobre o sigilo dos dados fornecidos e da necessidade de gravação da entrevista. O seu consentimento foi firmado com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A, B).

Para facilitar a compreensão dos processos metodológicos empreendidos nesta pesquisa, optamos por apresentar os métodos detalhados no corpo dos capítulos que apresentam cada estudo desenvolvido. Nesse sentido, os capítulos 07 e 08 retomam o tópico de métodos e apresentam os/as participantes, os instrumentos, os procedimentos de produção de dados e de análise dos resultados. Também incluímos em cada capítulo de resultados os objetivos específicos que nortearam a condução da pesquisa.

Quadro 1 – Sistematização dos estudos.

CAPÍTULO	OBJETIVOS	ESTUDOS	Procedimentos metodológicos		
			PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS	ANÁLISE
<b>Capítulo 07</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apreender as representações sociais sobre envelhecimento LGBTQ+ elaboradas por pessoas do endogrupo (adultas e idosas pertencentes à comunidade LGBTQ+) e do exogrupo (adultas e idosas cisgêneras e heterossexuais);</li> <li>- Identificar quais objetos sociais se articulam à experiência e significação do envelhecimento LGBTQ+ no endogrupo e exogrupo;</li> </ul>	Estudo 1	67 pessoas do endogrupo (34) e do exogrupo (33).	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questionário demográfico;</li> <li>- Estímulo que explorou o campo de representação dos/as participantes sobre o envelhecimento LGBTQ+.</li> </ul>	Classificação hierárquica descendente (CHD) através do IRAMUTEQ.
<b>Capítulo 07</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar quais objetos sociais se articulam à experiência e significação do envelhecimento LGBTQ+ no endogrupo;</li> <li>- Analisar consensos e dissensos nos sistemas representacionais sobre o envelhecimento LGBTQ+ no endogrupo;</li> <li>- Compreender como membros do endogrupo posicionam-se frente à estrutura social e simbólica hegemonicamente cisheteronormativa.</li> </ul>	Estudo 1	34 pessoas do endogrupo LGBTQ+.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questionário demográfico;</li> <li>- Entrevista semiestruturada.</li> </ul>	Classificação hierárquica descendente (CHD) através do IRAMUTEQ.
<b>Capítulo 07</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar quais objetos sociais se articulam à experiência e significação do envelhecimento LGBTQ+ no exogrupo;</li> <li>- Analisar consensos e dissensos nos sistemas representacionais sobre o envelhecimento LGBTQ+ no exogrupo;</li> </ul>	Estudo 1	34 pessoas do exogrupo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Questionário demográfico;</li> <li>- Entrevista semiestruturada.</li> </ul>	Classificação hierárquica descendente (CHD) através do IRAMUTEQ.

	- Compreender como membros do exogrupo posicionam-se frente à estrutura social e simbólica hegemonicamente cisheteronormativa.				
<b>Capítulo 08</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estudar como pessoas LGBTQ+ vivenciam a assunção da sua identidade sexual e de gênero;</li> <li>- Avaliar os impactos da dinâmica social cisheteronormativa no reconhecimento e na afirmação da identidade LGBTQ+;</li> <li>- Identificar as experiências de envelhecimento considerando as diferentes identidades estudadas.</li> </ul>	Estudo 2	08 pessoas do endogrupo escolhidas no banco de sujeitos típicos do IRAMUTEQ.	- Entrevista semiestruturada.	- Análise de Conteúdo Temática (Bardin, 2011).

Fonte: Silva-Júnior (2025).



## **7 ESTUDO 1 – SISTEMA DE REPRESENTAÇÕES DO ENVELHECIMENTO LGBTQ+ ELABORADAS POR PESSOAS DO ENDOGRUPO E DO EXOGRUPO**

### **7.1 OBJETIVOS**

- Apreender as representações sociais sobre envelhecimento LGBTQ+ elaboradas por pessoas do endogrupo (adultas e idosas pertencentes à comunidade LGBTQ+) e do exogrupo (adultas e idosas cisgêneras e heterossexuais);
- Identificar quais objetos sociais se articulam à experiência e significação do envelhecimento LGBTQ+ no endogrupo e exogrupo;
- Analisar consensos e dissensos nos sistemas representacionais sobre o envelhecimento LGBTQ+ no endogrupo e exogrupo;
- Compreender como membros do endogrupo e do exogrupo posicionam-se frente à estrutura social e simbólica hegemonicamente cisheteronormativa.

### **7.2 MÉTODO**

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo-exploratório com dados transversais.

Participaram ao todo 68 pessoas, divididas em dois grupos: um endogrupo, composto por 34 participantes com identidades LGBTQ+; um exogrupo, composto por 34 participantes cisgêneros/as e heterossexuais. Os/as participantes do endogrupo foram inicialmente localizados/as através do Centro Estadual LGBTQIAPN+ Luciano Bezerra Vieira. Considerando o número mais restrito de pessoas adultas e idosas com identidades LGBTQ+, adotamos também o acesso de mais participantes através da técnica metodológica bola de neve, caracterizada como um recurso de recrutamento que prevê que os sujeitos iniciais da pesquisa (acessados na instituição citada) indiquem, a partir da sua rede de contatos, outros/as possíveis participantes (Oliveira *et al.*, 2021). Foram incluídas pessoas que se autoafirmam LGBTQ+ com idades a partir de 40 anos. Foram aplicados os seguintes critérios de exclusão: apresentar déficit cognitivo grave, e/ou perda auditiva grave que impedisse a compreensão dos instrumentos utilizados na pesquisa. As pessoas que não tinham acesso à ferramenta do Google Meet foram excluídas quando optaram pela participação remotamente.

Os/as participantes do exogrupo foram contactados/as nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) de Campina Grande-PB e também utilizamos o recurso de bola de neve para completar o número previsto de participantes. Foram incluídas pessoas que se autoafirmam cisgêneras e heterossexuais com idades a partir de 40 anos. Foram aplicados os seguintes critérios de exclusão: apresentar déficit cognitivo grave, e/ou perda auditiva grave que impedisse a compreensão dos instrumentos utilizados na pesquisa. Alguns/mas participantes foram entrevistados/as através da ferramenta do *Google Meet*, para estes/as foi necessário ter acesso à referida ferramenta.

No endogrupo, a idade dos/as participantes variou de 40 a 71 anos ( $M=54,74$ ;  $DP=6,47$ ), sendo que 7 pessoas tinham idades entre 40 a 49 anos, 21 participantes tinham idades entre 50 e 59 anos, e 6 pessoas tinham 60 anos ou mais. No tocante à identidade de gênero, 23 participantes se identificam como pessoas cisgêneras (67,6%), enquanto 11 pessoas se identificam como transgêneras (32,4%). No exogrupo, a idade dos/as participantes variou de 46 a 73 anos ( $M=56$ ;  $DP=5,59$ ), sendo que 3 pessoas tinham idades entre 40 a 49 anos, 24 participantes tinham idades entre 50 e 59 anos, e 7 pessoas tinham 60 anos ou mais. Todas os/as participantes se declaram como pessoas cisgêneras e heterossexuais. Outros dados sociodemográficos podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1 - Dados sociodemográficos dos participantes do endogrupo e do exogrupo (n=68).

DADOS DEMOGRÁFICOS				
Identidade de gênero	Endogrupo		Exogrupo	
	N	%	N	%
<b>Cisgênero</b>				
Homem	10	29,4%	05	14,7%
Mulher	13	38,2%	29	85,3%
<b>Transgênero</b>				
M. transexual	06	17,6%	00	-
H. transexual	02	5,9%	00	-
Travesti	02	5,9%	00	-
Não-binária	01	2,9%	00	-
<b>Orientação sexual</b>				
Bissexual	05	14,7%	00	-
Gay	09	26,5%	00	-
Heterossexual	09	26,5%	34	100%
Lésbica	10	29,4%	00	-
Pansexual	01	2,9%	00	-
<b>Estado civil</b>				
Solteiro/a	18	52,9%	06	17,6%
Casado/a	11	32,4%	19	55,9%
Divorciado/a	04	11,8%	06	17,6%
Viúvo/a	01	2,9%	03	8,9%

<b>Arranjo de Moradia</b>					
	Sozinho/a	13	38,2%	06	17,6%
	Cônjuge	09	26,5%	20	58,8%
	Amigos	03	8,8%	00	0,0%
	Fam. biológica	08	23,5%	08	23,5%
	Abrigo	01	2,9%	00	0%
<b>Cor/etnia</b>					
	Branco/a	14	41,2%	08	23,5%
	Pardo/a	16	47,1%	22	64,7%
	Preto/a	04	11,8%	04	11,8%
<b>Escolaridade</b>					
	Não alfabetizado/a	02	5,9%	01	2,9%
	Ens. fundamental	05	14,7%	09	26,5%
	Ens. médio	12	35,3%	11	32,4%
	Ens. superior	10	29,4%	06	17,6%
	Pós-graduação	05	14,7%	07	20,6%
<b>Religião</b>					
	Católica	20	58,9%	26	76,5%
	Umbanda	01	2,9%	00	0%
	Espírita	03	8,8%	00	0%
	Evangélica	01	2,9%	06	17,6%
	Cristã	01	14,7%	02	5,9%
	Budista	01	2,9%	00	0%
	Não possui	07	23,5%	00	0%
<b>Atividade laboral</b>					
	Aposentado/a	07	20,6%	07	20,6%
	Empregado/a	22	64,7%	18	52,9%
	Desempregado/a	12	35,3%	09	26,5%
<b>Filhos</b>					
	Sim	08	23,5%	30	88,2%
	Não	26	76,5%	04	11,8%

Fonte: Silva-Júnior (2025).

No processo de produção de dados foram utilizados três instrumentos: a) um questionário demográfico, b) um estímulo que explorou o campo de representação dos/as participantes sobre o envelhecimento LGBT+, c) um roteiro de entrevista semiestruturada. De modo a caracterizar os/as participantes, foi aplicado um questionário demográfico que incluiu questões referentes à idade, identidade de gênero, orientação sexual, escolaridade, estado civil, renda, arranjo de moradia, ocupação, aposentadoria ou pensão, religião (Apêndice A).

O estímulo consistiu em solicitar ao/à participante que imaginasse uma pessoa LGBT+ idosa e, a partir da sua mentalização, cada participante deveria descrever como era a pessoa, apontando as suas características e descrevendo sobre como percebem o seu envelhecimento (Apêndices B, C). A utilização da imaginação pautou-se no princípio de objetivação, processo que compreende a formação das RS junto a ancoragem e que segundo Moscovici (2000/2015), “une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a

objetivação aparece, então, diante dos nossos olhos, física e acessível.” (p. 71). O uso desse recurso na pesquisa cumpre o papel de aproximar as representações sobre o campo do envelhecimento LGBTQ+, considerando que os termos “envelhecimento LGBTQ+”, “diversidade sexual e de gênero” são pouco difundidos no meio social e, por isso mesmo, carecem de estímulos que aproximem a ideia (conceitos) e a realidade vivida nas expressões que permeiam a comunidade LGBTQ+.

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, registradas com um gravador de áudio. As questões versaram sobre o envelhecimento LGBTQ+ (Apêndices B e C). Segundo Minayo (2014), a entrevista semiestruturada é um meio de produção de dados no qual o/a pesquisador/a tem certa flexibilidade para a condução da entrevista. Assim, as perguntas poderão desviar do que fora previsto no guia estruturado, sendo possível a formulação de novas questões em meio à conversação estabelecida. O roteiro de entrevista semiestruturada foi o mesmo para os dois grupos estudados nessa primeira etapa da pesquisa.

Os dados demográficos foram analisados segundo análise de frequência e percentil com o auxílio do *software* SPSS for Windows versão 21, para caracterizar os/as participantes. O *corpus* de análise proveniente do estímulo guiado e das entrevistas semiestruturadas foi submetido a uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD) simples, através do *software* Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ), versão 0.7. A CHD, ou método Reinert, é uma análise de agrupamentos (*clusters*) que submete os segmentos de texto de um *corpus* a sucessivas divisões em função da correspondência de formas lexicais, assim são definidos grupos de segmentos de texto que possuem vocabulários semelhantes entre si (Sousa, 2021).

Seguindo a perspectiva de trabalhar com grupos de pertença distintos, a análise lexical promovida pelo *software* permitiu o aproveitamento de variáveis categóricas de contexto (características do/a enunciator/a) no tratamento de dados e, a partir disso, foram consideradas as relações entre os textos e as suas condições de produção e de recepção (Reinert, 2009).

Nesse primeiro estudo tivemos três análises realizadas conforme as pertenças grupais. Essas análises são descritas a seguir:

- a) Na primeira análise juntamos todos os sujeitos, membros do endogrupo e do exogrupo, numa análise de CHD que usou o *corpus* produzido através do estímulo que provocava os sujeitos a imaginarem uma pessoa idosa LGBTQ+ e, posteriormente descrevê-la. Essa análise reuniu ao todo 67 participantes, houve uma perda de uma participante que não conseguiu responder ao estímulo, embora tenham sido envidados esforços para auxiliá-

la no processo. Para esta análise, a linha estrelada<sup>15</sup> que compõe as características do/a enunciador/a inseriu uma variável típica para diferenciar os sujeitos como endogrupo ou exogrupo. Somada a essa variável apontamos outras variáveis típicas que caracterizavam os sujeitos quanto a sua identidade de gênero e identidade sexual.

- b) A segunda análise agrupou todas as pessoas do endogrupo LGBTQ+, reunindo os/as 34 participantes que se voluntariaram no estudo. Foram realizadas análises de CHD com o corpus produzido com a aplicação da entrevista semiestruturada. Na estruturação da linha estrelada<sup>16</sup> que caracteriza os sujeitos da pesquisa mantivemos as variáveis típicas que caracterizam a identidade sexual e de gênero, e retiramos a variável típica sobre pertença como endogrupo ou exogrupo por ela não ser mais necessária nessa análise.
- c) A terceira análise reuniu as 34 pessoas do exogrupo que aceitaram participar da pesquisa. Foram realizadas análises de CHD com o corpus produzido com a aplicação da entrevista semiestruturada. Na estruturação da linha estrelada<sup>17</sup> que caracteriza os sujeitos da pesquisa retiramos a variável típica sobre identidade de gênero uma vez que todos os sujeitos se autodeclararam cisgêneros e também retiramos a variável típica sobre orientação sexual visto que todos/as se autodeclararam heterossexuais. Retiramos também a variável típica sobre pertença como endogrupo ou exogrupo por ela não ser mais necessária nessa análise.

A seguir faremos a apresentação dos resultados em três blocos de análises, conforme estabelecemos na estruturação dos dados produzidos com cada grupo.

---

<sup>15</sup> Abaixo está apresentada a linha estrelada que foi utilizada no corpus para análise no IRAMUTEQ com o endogrupo e exogrupo:

\*\*\*\* \*ind\_01 \*gru\_1 \*gen\_1 \*iden\_3 \*ori\_3 \*ida\_2 \*civ\_2 \*cor\_1 \*tra\_2 \*esc\_4 \*rel\_2 \*conv\_1

A legenda para compreensão das variáveis típicas é a seguinte: ind=indivíduo; gru=grupo; gen=gênero; iden=identidade de gênero; ori=orientação sexual; ida=idade; civ=estado civil; cor=cor e/ou etnia; tra=trabalha atualmente; esc=escolaridade; rel=religiosidade; conv=convive com pessoa/s LGBTQ+.

<sup>16</sup> Abaixo está apresentada a linha estrelada que foi utilizada no corpus para análise no IRAMUTEQ com o endogrupo:

\*\*\*\* \*ind\_01 \*gen\_1 \*iden\_3 \*ori\_3 \*ida\_2 \*civ\_2 \*cor\_1 \*tra\_2 \*esc\_4 \*rel\_2 \*conv\_1

A legenda para compreensão das variáveis típicas é a seguinte: ind=indivíduo; gen=gênero; iden=identidade de gênero; ori=orientação sexual; ida=idade; civ=estado civil; cor=cor e/ou etnia; tra=trabalha atualmente; esc=escolaridade; rel=religiosidade; conv=convive com pessoa/s LGBTQ+.

<sup>17</sup> Abaixo está apresentada a linha estrelada que foi utilizada no corpus para análise no IRAMUTEQ com o exogrupo:

\*\*\*\* \*ind\_01 \*gen\_1 \*ida\_46 \*civ\_1 \*cor\_3 \*tra\_1 \*esc\_2 \*rel\_2 \*conv\_1

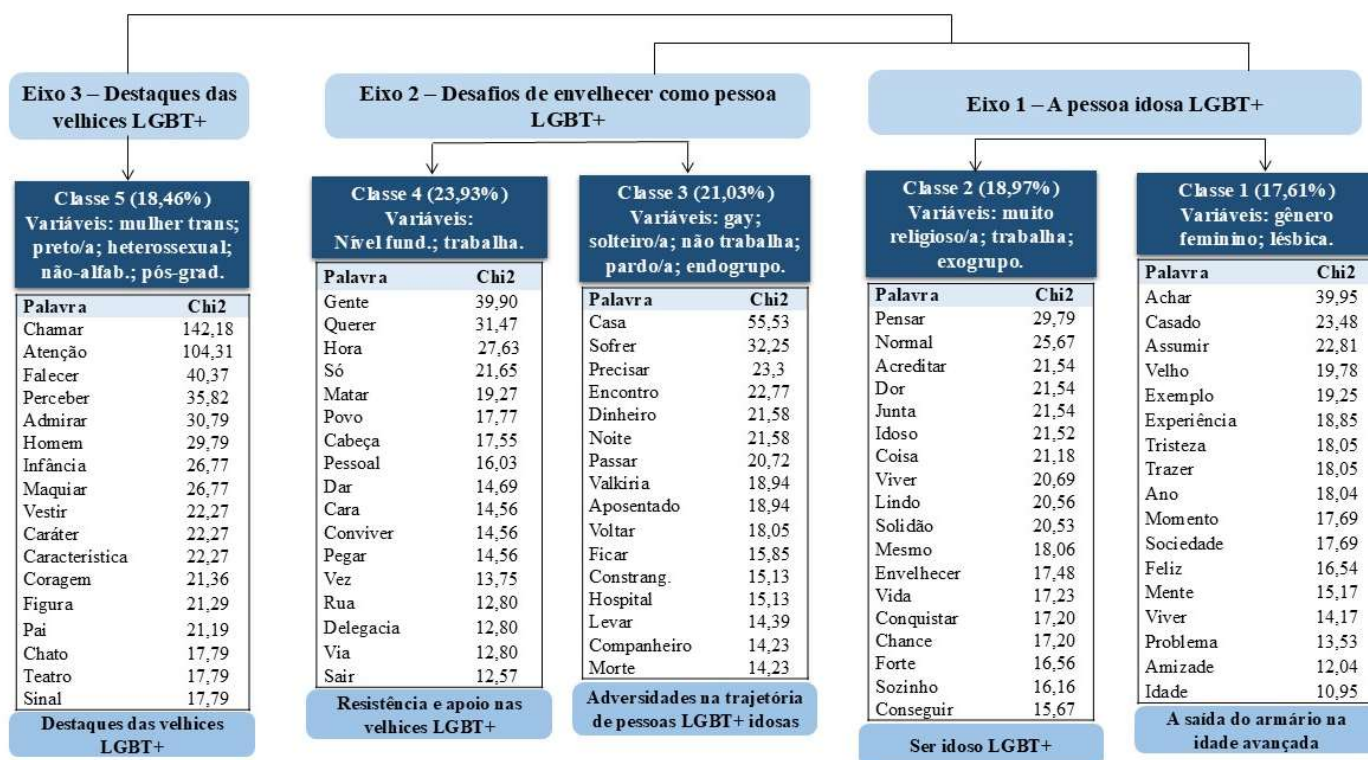
A legenda para compreensão das variáveis típicas é a seguinte: ind=indivíduo; gen=gênero; ida=idade; civ=estado civil; cor=cor e/ou etnia; tra=trabalha atualmente; esc=escolaridade; rel=religiosidade; conv=convive com pessoa/s LGBTQ+.

## 7.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 7.3.1 Imagens sobre o envelhecimento LGBT+: representações sociais pelo endogrupo e exogrupo

O *corpus* foi composto por 67 unidades de texto, após o seu processamento no IRAMUTEQ ele foi dividido em 619 unidades de contexto elementar (U.C.E) com aproveitamento de 585 unidades (94,51%). A análise produziu um dendrograma com 5 classes. A primeira partição dividiu o *corpus* em dois eixos, o primeiro eixo denominado “A pessoa idosa LGBT+” agrupou as classes 1 e 2, o segundo eixo foi denominado “Desafios de envelhecer como pessoa LGBT+” reuniu as classes 3 e 4. Por fim, a classe 5 destacou-se das demais formando o último eixo. As classes podem ser visualizadas na Figura 1.

Figura 1 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) sobre o envelhecimento LGBT+ pelo endogrupo e exogrupo



Fonte: Silva-Júnior (2025).

### 7.3.1.1 Eixo 1 - A pessoa idosa LGBTQ+

A classe 1 – A saída do armário na idade avançada – é a menor das classes, constituída por 103 U.C.E., ela representa 17,6% do total de unidades. As variáveis descritivas da classe compreendem o gênero feminino e mulheres lésbicas. As palavras que obtiveram maior associação com a classe foram: casado, assumir, velho, experiência, tristeza, sociedade, feliz, filho.

Numa tentativa de inscrever uma imagem sobre pessoas LGBTQ+ idosas, os/as participantes recorreram a exemplos de pessoas da sua convivência que só assumiram a sua identidade sexual de forma mais tardia, após terem casado, antes numa relação heterossexual, e de terem filhos. Elas percebem que ao longo da vida esses sujeitos parecem ter lidado com um misto de afetos, embargados pelo pensamento social permeado de muitas referências para cada pessoa vivenciar as transições no curso de vida. No meio do processo, também foi necessário assumir posicionamentos e fazer escolhas para além das exigências sociais. Assim, foi destacado nessa classe o exemplo de mulheres que se assumiram posteriormente como lésbicas, mesmo tendo vivido anos casadas com homens:

Ela é lésbica quer dizer, ela já foi casada muitos anos, na verdade quando ela veio se assumir ela já tinha dois filhos. Já era avó quando ela veio se assumir. A gente tem muita amiga assim que depois eu acho que de muitos anos de casada, filho já crescido é que veio viver a sua vida. A gente tem muitas que têm filhos (Participante 15, 56 anos, cisgênera, lésbica, casada, branca, ensino superior).

Mesmo essa não sendo uma rota exclusiva na trajetória de vida de mulheres lésbicas, é notável nos estudos realizados com essa população que há uma elevada frequência de mulheres que sucumbiram às pressões sociais que estipulam a realização de determinados marcos biográficos como o casamento e o desenvolvimento da prole (Alves, 2010; Jones; Nystrom, 2002; Schultze, 2017). Schultze (2017) debate que as mulheres enfrentam vários temores em relação a divergirem da heterossexualidade compulsória, como o medo de ser violentada, de ser humilhada e/ou ser expulsa da família. Porém, alcançar uma idade mais avançada funcionou para algumas mulheres como a possibilidade de finalmente expressarem o seu desejo, rompendo com o casamento com homens e assumindo relações homoafetivas (Shultze, 2017). Dantas (2020) relata que, ao alcançarem a maturidade, algumas mulheres romperam não somente com as obrigações para conformar a heterossexualidade, como também seguiram na contramão das representações sobre uma velhice assexuada.

Henning (2016) estudou homens entre os 45 e 70 anos que mantinham práticas homossexuais e/ou se identificavam como homossexuais e observou que muitos deles narravam momentos do seu curso de vida em que havia fortes expectativas para vivenciarem marcos biográficos como heterossexuais. Cedendo a essas pressões, estes sujeitos cumpriam as convenções sociais nas diferentes fases da sua vida, por isso, muitos deles casaram com mulheres, tiveram filhos, foram provedores do lar e sentiam que não podiam revelar as suas práticas homossexuais. Ademais, Henning (2016) segue explicando que os participantes percebem que as gerações atuais de pessoas mais jovens têm uma grande “vantagem” comparados ao período que viveram a sua juventude, uma vez que elas conseguem ter uma maior liberdade para expressarem a sua identidade sexual.

Apesar da ruptura nas expectativas de familiares, foi relatado que as mulheres lésbicas e homens gays seguiram com o apoio dos seus filhos, após a sua saída do armário. Esse dado nos evidencia que o cenário social para uma pessoa LGBT+ não se resume a uma sequência de rompimentos de relações após a revelação da identidade dissidente. As dinâmicas familiares podem ser ressignificadas, e o contato intergeracional pode favorecer a abertura de laços afetivos entre as gerações, num momento em que as convenções sociais podem não mais importar para definir papéis e performances sexuais.

Porque Maria de Kalú<sup>18</sup> ela é uma mulher, como é que eu posso dizer a você, é resiliente, uma mulher forte, uma mulher da época que eu iniciei, ela já era gay, e deixou o marido dela, era casada, e esse filho que ela tem agora, toma conta dela, é adotivo, ela deixou tudo pra trás pra viver com uma mulher (Participante 09, 56 anos, cisgênera, lésbica, solteira, parda, ensino superior).

Nesta classe, os/as participantes ancoram a sua representação sobre envelhecimento LGBT+ aproximando a noção de ser velho/a, por ter uma idade avançada, com a experiência: “Eu acho uma bobagem quando a pessoa diz assim, eu não vou devido à idade, não, pelo contrário, eu vou porque eu vou com mais experiência, eu vou com uma bagagem maior” (Participante 28, 50 anos, cisgênera, gay, solteiro, branco, ensino superior). Estudos de RS sobre o envelhecimento apontam que o pensamento de que a pessoa idosa tem experiências acumuladas ao longo da vida é destacado como um aspecto que salienta aspectos positivos da velhice, em contraste com os estereótipos negativos que são atrelados a esta fase da vida (Brito et al., 2021). Castro e Camargo (2017) explicam que a noção de experiência aparece junto da

---

<sup>18</sup> Maria de Kalú é uma figura pública na cidade de Campina Grande. Uma mulher lésbica conhecida pelo seu pioneirismo e resistência no cenário campinense, ela fundou em 1985 o primeiro bar LGBT+ na cidade, o chamado “Bar de Maria de Kalú” que permaneceu oficialmente funcionando até o ano de 1996. A história de Maria de Kalú é apresentada num breve documentário disponível no Youtube, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wkiRV8XQ3T4&t=6s>



concepção de sabedoria, as duas expressam aspectos positivos acerca das transformações vivenciadas no curso de vida dos sujeitos mais longevos e auxiliam a equilibrar a dinâmica de perdas e de ganhos percebidos no trânsito para a velhice.

Na presente pesquisa, a noção de experiência pode também subsidiar a visão dos/as participantes acerca das pessoas citadas que saíram do armário ao alcançarem a idade mais avançada. Neste sentido, a experiência adquirida ao longo dos anos poderia levar ao reconhecimento que o amadurecimento pessoal favorece a aceitação da identidade sexual. Representado desta maneira, o envelhecimento pode ganhar novos contornos no imaginário social e ser debatido como um catalisador na ressignificação dos referenciais normativos heterossexuais, trazendo a necessidade de ter maior liberdade para expressar sentimentos, desejos e comportamentos. Corroborando a estas noções, encontramos em estudos sobre RS da velhice LGBTQ+ que a autoaceitação, a sabedoria e a segurança para lidar com críticas foram qualidades positivas atreladas às pessoas idosas LGBTQ+ que as auxiliam no seu ajustamento pessoal (Carlos; Santos; Araújo, 2018).

Considerando o campo representacional sobre as sexualidades dissidentes, Jesus *et al.* (2019a) observaram em profissionais da estratégia de saúde da família que a orientação sexual era referida como uma decisão livre e, portanto, deveria ser respeitada, para estes/as mesmos/as participantes as pessoas idosas eram consideradas sujeitos mais maduros por isso mesmo elas poderiam ter mais certeza sobre as suas escolhas e desejos. No estudo de Carlos, Santos e Araújo (2018) a homossexualidade foi representada como uma escolha, como se dependesse da vontade do sujeito. Entretanto, a maturidade para lidar com as questões da identidade sexual na velhice é concebida por diferentes atores sociais como um fator promotor de felicidade e de bem-estar entre pessoas idosas, podendo contribuir para uma velhice tranquila e bem-sucedida (Jesus *et al.*, 2019b; Salgado *et al.*, 2017; Santos *et al.*, 2020; Silva *et al.*, 2022).

Também é necessário reconhecer que os processos de assunção da identidade numa etapa mais avançada da vida não reflete somente um processo de amadurecimento pessoal, portanto, não ocorrem apenas num nível intraindividual no qual os indivíduos organizam as suas experiências. As experiências citadas refletem como os sujeitos interagem em meio ao sistema de crenças, valores e normas sociais vigentes sobre o comportamento sexual e os eventos normativos do curso de vida, neste sentido, percebemos haver uma íntima articulação entre as explicações de ordem intraindividual com as explicações de ordem societal que permeiam as trajetórias assinaladas.

Os/as participantes se dividem entre avaliar as pessoas idosas LGBTQ+ como indivíduos tristes ou felizes, suas ponderações se pautam na ancoragem e na objetivação sobre as alterações

enfrentadas no envelhecimento, sendo dependentes das condições de vida que são percebidas: “Uma pessoa com amizades. Não solitária, pelo contrário. Uma pessoa feliz, com tristezas que nós temos. Mas uma pessoa muito bem realizada que veio para cumprir a sua jornada aqui na Terra” (Participante 23, 56 anos, cisgênera, lésbica, casada, branca, pós-graduação). O olhar para as dimensões físicas do envelhecimento, em que o declínio das funções foi notável, corroborou com uma avaliação negativa desta etapa da vida: “Já essa minha amiga, ela é boa, mas o físico dela não deixa ela ser feliz. Eu acho que é isso. Não deixa ela ser feliz” (Participante 14, 58 anos, cisgênera, lésbica, casada, branca, ensino superior).

A ancoragem e a objetivação do envelhecimento sobre aspectos físicos, mais notadamente nas alterações estéticas e na funcionalidade física é uma constante nos estudos sobre as RS que tomam o envelhecimento como objeto social (Castro *et al.*, 2021; Castro; Camargo, 2017). Essa tendência se repete em investigações que abordam o envelhecimento LGBT+ e esses resultados sugerem que os sujeitos partem de uma compreensão do envelhecimento enquanto processo biológico (Alves *et al.*, 2021; Santos; Araújo, 2021; Sousa *et al.*, 2023). Outrossim, chamou atenção a avaliação que os/as participantes teceram sobre ter amizades e, conseqüentemente manter uma rede de apoio na velhice. Essa é uma avaliação feita a partir do contato direto que os/as participantes possuem com esses sujeitos, pois eles/as também integram essa rede de amizades.

A classe 2 – Ser idoso LGBT+ – foi formada por 111 U.C.E. e representou 19% do total de unidades. As variáveis descritivas da classe compreendem pessoas que se consideram muito religiosas, que trabalham, e que fazem parte do exogrupo. As palavras que obtiveram maior associação com a classe foram: normal, acreditar, dor, idoso, viver, lindo, solidão, envelhecer, vida, conquistar.

Observamos que a variável que aponta o pertencimento ao exogrupo sugere uma pouca familiaridade dos sujeitos com a temática, nesse sentido, os/as participantes esforçam-se para lembrar ou reconhecer pessoas LGBT+ idosas que tenham conhecimento e/ou convívio. Estudando pessoas espíritas, Jesus *et al.* (2019b) também observaram o pouco conhecimento desses sujeitos sobre a velhice LGBT+ que era justificado pela falta de contato com pessoas idosas LGBT+, embora especulassem que não seria uma velhice fácil, pois associavam estereótipos negativos ao grupo LGBT+. A dificuldade de representar uma pessoa idosa LGBT+ também foi observada na categoria típica de digitadores protestantes que integram um programa de saúde da família (Jesus *et al.*, 2019a). A respeito de tais dificuldades de representar o envelhecimento LGBT+, Salgado *et al.* (2017) discorrem sobre a invisibilidade da população idosa LGBT+, fruto de atitudes de evitação e até mesmo de desprezo por parte da sociedade.

Vale salientar que a invisibilidade ressaltada pode também ser retrato de uma sociedade que não associa fatores sexuais à figura da pessoa idosa, assim sendo, é pouco provável nesse cenário que uma identidade sexual dissidente seja efeito de especulação. Se considerarmos o mito da velhice assexuada certamente teremos mais dificuldades de reconhecimento dos sujeitos que desviam dos moldes heteronormativos. Essa invisibilidade não está presente somente no contexto do exogrupo, pessoas do endogrupo LGBTQ+ de gerações mais jovens também demonstram desconhecimento e pouca familiaridade com pessoas idosas LGBTQ+, daí percebe-se que as diferenças geracionais de jovens e adultos LGBTQ+ podem se dar num espaço de poucas interações entre as coortes (Flôres; Terra, 2017; Fonseca *et al.*, 2022; Gomes *et al.*, 2020).

Mesmo sendo difícil formular uma imagem e representação sobre uma pessoa idosa LGBTQ+, os/as participantes finalmente trouxeram alguns exemplos. Os conteúdos a compor as RS sobre o envelhecimento LGBTQ+ centralizam na figura da pessoa idosa, enquanto que a questão identitária não é considerada como um fator diferencial no processo, como observado em outros estudos sobre o mesmo objeto social (Fonseca *et al.*, 2022; Gomes *et al.*, 2019; Gomes *et al.*, 2020; Sousa *et al.*, 2023). A partir disso, consideraram que o envelhecimento de pessoas LGBTQ+ segue o curso normal, por preencherem trajetórias que também são encontradas nas vivências de pessoas cis e heterossexuais da mesma faixa etária. “Eu acredito que ele levava uma vida normal assim e reconhecendo o dia a dia que chegou àquela idade, mas normal pra ele. Eu acredito que querendo ou não, ele vai ter algumas restrições, algumas dificuldades, por conta da idade que chegou” (Participante 49, 62 anos, homem cisgênero, heterossexual, casado, pardo, ensino fundamental).

Os/as participantes do exogrupo também ressaltaram o peso do preconceito e da discriminação e, por vezes, consideraram o estereótipo do envelhecimento solitário para as pessoas LGBTQ+.

Eu acho que as pessoas LGBTQ são mais solitárias quando vai envelhecendo. No meu modo de pensar, acho que eles têm mais solidão, vivem mais sozinhos, entendeu? Porque às vezes até, não é nem que a pessoa queira, mas o tempo mesmo, o tempo. Vai se afastando daquela pessoa (Participante 45, 60 anos, mulher cisgênera, heterossexual, viúva, parda, ensino médio).

Acho assim, na velhice ele vive um pouco mais fechada assim, mais fechada, mesmo que tenha aquele alto astral, mas vive assim, naquele cantinho dele, que muitas das vezes a família não aceitou na juventude, imagina agora, né? Depois de idoso. Se ele já foi excluído quando era jovem, imagina agora, na velhice. Se sente assim, solitário, sozinho (Participante 50, 50 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, ensino média).

Os resultados sugerem que o exogrupo tende a representar a velhice LGBTQ+ com estereótipos negativos. Em parte, os/as participantes demonstram uma compreensão acerca dos fatores de risco que as pessoas LGBTQ+ enfrentam no meio social, em que são perpetradas inúmeras formas de violências (Jesus *et al.*, 2019b; Salgado *et al.*, 2017; Santos *et al.*, 2020), no entanto, suas representações podem também estar ancoradas na ideia de que por não constituírem família, com filhos biológicos e a falta de aceitação de familiares, terão um desfecho trágico. Esse contexto representacional foi observado nos estudos sociológicos clássicos sobre o envelhecimento de homossexuais que centravam a sua discussão em temas como solidão, depressão e transtornos mentais (Gagnon; Simon, 1973) e ainda perdura no imaginário social visto que estudos sobre RS do envelhecimento LGBTQ+ constantemente relatam haver estereótipos negativos que pessoas do exogrupo compartilham em relação à velhice LGBTQ+, representando-a como solitária (Araújo *et al.*, 2019; Jesus *et al.*, 2019a; Sousa *et al.*, 2023).

#### 7.3.1.2 Eixo 2 - Desafios de envelhecer como pessoa LGBTQ+

A classe 3 – As adversidades na trajetória de pessoas LGBTQ+ idosas – foi formada por 123 U.C.E. e representou 21% do total de unidades. As variáveis descritivas da classe compreendem homens gays, pessoas solteiras, que não trabalham, de cor parda e demais integrantes do endogrupo LGBTQ+. As palavras que obtiveram maior associação com a classe foram: casa, sofrer, precisar, encontro, noite, passar, aposentado, voltar, constrangimento, hospital e morte.

Esta classe enfatiza principalmente o contexto de vida de muitas pessoas idosas LGBTQ+ que foram lembradas por sua trajetória de vida difícil, marcada pela expulsão de casa, por humilhações e constrangimentos. As histórias de amigos/as LGBTQ+ são lembradas pelos/as participantes e narradas com um misto de admiração e de tristeza, pois muitas dessas experiências foram acompanhadas de muito perto, a proximidade que os/as participantes têm com as pessoas lembradas torna a narrativa muito pessoal.

A família o deixou, ou ele deixou a família. Os dois se deixaram. Quando ele era jovem [...] E depois, aí quando ele pensa que saiu de casa e foi para viver uma vida melhor, né? A vida foi pior. Porque teve que ir para a cozinha dos outros, para cozinhar, lavar, passar. Teve que procurar uma coisa para fazer. Na época, ninguém queria uma pessoa em casa, além de bicha e franga. Era como dizia (Participante 04, 62 anos, cisgênero, gay, solteiro, pardo, ensino médio).

Alguns estudos realizados com pessoas idosas LGBTQ+ têm mostrado as dificuldades encontradas no percurso de vida desses sujeitos que tiveram que lidar com um contexto social excludente e violento (Fredriksen-Goldsen *et al.*, 2023; Shultze, 2017). Assim, a geração de idosos LGBTQ+ compartilha de um período histórico de maior controle da sexualidade em que as práticas de repressão, a rejeição e a perseguição social constituíam desafios no seu curso de vida (Marques; Sousa, 2016). O perfil biográfico de muitas pessoas idosas LGBTQ+ é marcado notadamente pela rejeição familiar, pela dificuldade de expressar abertamente a sua identidade sexual, pela exclusão do mercado de trabalho e por episódios repetitivos de LGBTQfobia (Henning, 2020a; 2020b).

Há relatos sobre travestis que tentaram a vida na Europa e, durante a sua juventude, prosperaram com a prostituição, porém, vivem a velhice de forma precária. Também relataram as histórias de pessoas LGBTQ+ que tentaram a vida em metrópoles, mas voltaram para a cidade de origem ao alcançarem a idade mais avançada.

Na época que Valkíria<sup>19</sup> se prostituía na Europa, os clientes pagavam dinheiro e levavam joias, levavam ouro para as transsexuais naquela época. Valkíria ganhava muito dinheiro e hoje Valkíria está abandonada, sem cabelo, doente, sozinha, muitas vezes que eu encontro Valkíria, ela me abraça chorando, beirando os 80 anos e ela diz: eu não fiz nada na minha vida, estou esperando só a morte, estou esperando só a morte chegar (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

A fala da participante traz de forma enfática o impacto negativo da velhice que acomete a vida das travestis. Na sua exposição, é retratado o contraste da posição social de uma travesti jovem em comparação a uma travesti que alcança a velhice. Esse impacto reverbera nos modos de vida de muitas travestis que traçaram metas mediante as possibilidades que eram vislumbradas no meio social. Nesse sentido, muitas travestis e mulheres trans tiveram que migrar para a Europa em busca de melhores condições de vida e apostaram no mercado da prostituição nas grandes metrópoles. Nessa tentativa, o corpo era objeto de negociação e sobre ele pesavam os padrões de beleza, de gênero e de erotismo (Antunes, 2013; Sander; Oliveira, 2016). Assim, percebemos que as mudanças são ancoradas na perspectiva da perda da beleza e da juventude e no fatídico destino de uma velhice solitária. É possível que para este grupo em particular, que sobrevive principalmente da prostituição, as marcas da velhice sejam muito mais drásticas e exacerbadas, considerando as cobranças que o mercado do sexo impõe, alertam

---

<sup>19</sup> Na pesquisa optamos por manter o nome citado de Valkíria, uma mulher transexual que figura como uma pessoa pública na cidade de Campina Grande. Valkíria é referência para muitas gerações de pessoas LGBTQ+ na cidade e região, para muitas, principalmente no círculo de travestis e transsexuais, ela é símbolo de resistência visto que foi uma das primeiras pessoas trans a frequentar a cidade à luz do dia.

Antunes e Mercadante (2011). No seu estudo, Antunes e Mercadante (2011) observaram que as travestis são precocemente taxadas como velhas, visto que no contexto da prostituição elas deixam de ser consideradas atraentes muito cedo, já por volta dos 40 anos decaem os interesses de seus clientes.

Outro ponto que merece atenção no contexto assinalado da vivência de travestis corresponde às dificuldades para manterem expectativas de futuro, com a esperança de longeviverem. Sander e Oliveira (2016) discutem que por se distanciarem das convenções vigentes sobre as biografias de vida na cisnormatividade, a ideia de um não futuro pode vigorar para as travestis que percebem que não cumpriram eventos normativos do curso de vida como casar, ter filhos biológicos, ter emprego estável, manter uma relação estável com a família. A fala apontada anteriormente sinaliza uma visão pessimista da velhice, corroborando com essa assertiva e constitui mais um indicativo de que os processos de significação acerca da velhice refletem as condições materiais no qual os sujeitos estão submetidos.

As representações sobre a velhice compreendem estereótipos negativos que aproximam as noções de doença, perda da autonomia, dependência, internação em hospitais e morte. Neste ponto, atravessamos o campo representacional sobre a velhice e o envelhecimento notadamente marcado pelas noções de declínio da saúde e da funcionalidade (Castro *et al.*, 2021; Castro; Camargo, 2017), é notório que as RS sobre o envelhecimento LGBTQ+ justapõem estes estereótipos que adensam a ideia de uma velhice mais homogênea, resumida como um período penoso pela decadência adquirida.

Fica tão sozinho, tão ainda mais dependente ainda [...] Ele e suas dores, né? Ele e seus pensamentos. Quando está com alguém, mesmo que não seja também gay, mas está com alguém que conversa com ele, às vezes pergunta o que quer. Mas é engraçado, quando eu penso em alguém assim [idoso], eu penso sempre numa pessoa deitada em cima de uma cama, né? (Participante 22, 58 anos, cisgênero, gay, solteiro, pardo, ensino médio).

Entretanto, outros sentidos também são atrelados à velhice, como a aposentadoria, representada como uma conquista social importante que oferece estabilidade. A ideia de alcançar a velhice também é vista como uma conquista diante de tantas adversidades ao longo da vida, nesse sentido, uma pessoa trans que alcançou os 70 anos mais é citada como um grande exemplo na comunidade, embora as suas condições de vida atuais sejam preocupantes:

Minha amiga às vezes diz: eu estou aqui sozinha eu fico pensando, ai meu Deus do céu, obrigado Jesus eu estou chegando, eu estou chegando nos 70 e poucos anos. Eu nem pensei em chegar porque já sofri tanto, já sofri tanto. A gente tem a casa, tem o emprego, tem tudo, que ela é aposentada também, eu já sou aposentada também, mas é assim mulher nós somos aposentados mas é aquela história a gente viu um passado

e não foi muito bom não (Participante 18, 57 anos, mulher transexual, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

Primeiramente, vemos com este discurso que o fato de uma pessoa transexual sobreviver e alcançar a faixa dos sessenta anos ou mais é visto como uma conquista, portanto, estamos falando de uma exceção feita no percurso esperado para esse grupo. A partir dessa provocativa, tomamos contato com uma problemática social que diz respeito ao extermínio de um segmento da sociedade, pois lidamos com uma realidade que é fruto da disseminação de discursos de ódio que perduram no campo de conflitos que permeia o contexto de vida de pessoas trans que sofrem no Brasil de uma tentativa constante de aniquilamento (Benevides, 2024). Segundo os registros que constam no último dossiê publicado em 2024 pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), no ano de 2023 foram registradas 155 mortes de pessoas trans, destas, 145 foram de assassinatos e 10 foram suicidadas. A pessoa trans mais jovem assassinada contava com 13 anos, e a pesquisa revela uma persistência de uma patrulha contra crianças e adolescentes trans. O Brasil ocupa pela 15ª vez consecutiva o primeiro lugar no *ranking* de assassinatos à população trans. Além disso, são citadas no dossiê uma série de violações de direitos humanos cometidos contra as pessoas transexuais que têm desde o direito negado para acessar o banheiro público conforme a sua identidade de gênero, a constrangimentos no atendimento no serviço público, negligência na prestação de cuidados, retaliações e assassinatos brutais (Benevides, 2024).

Em segundo lugar, as pessoas travestis e transexuais que alcançam a longevidade acabam sendo referência para o seu grupo de pertença. É interessante observar que a participante relata a conquista da sua aposentadoria, trata-se de um recurso pouco comum no contexto de vida de mulheres transexuais e travestis que não puderam constituir vínculos formais de trabalho e, por isso, podem não acessar esse benefício. Em estudos anteriores, é mais relatado que travestis ao alcançarem a idade mais avançada tendem a desenvolver novas estratégias e caminhos profissionais, mas não se desviando completamente do espaço da prostituição já que passam a trabalhar como pensionistas, cafetinas ou “bombadeiras” (Antunes, 2013; Sander; Oliveira, 2016). Assim, pensamos que mulheres trans e travestis que estão vivendo o trânsito para a velhice, que contam atualmente com 50 anos ou mais, possam representar exemplos de trajetórias distintas dessa rígida conjectura que limita a nossa visão sobre a transexualidade. Mais que operar uma mudança no contexto do pensamento social, políticas públicas devem ser cobradas para as pessoas transexuais terem finalmente a liberdade e a possibilidade de escolherem os seus caminhos profissionais e pessoais, sem que isso seja uma exceção de poucas pessoas que representam o grupo.

A classe 4 – Resistência e apoio nas velhices LGBTQ+ – foi formada por 140 U.C.E. e foi responsável por 24% do total de unidades. As variáveis descritivas da classe compreendem pessoas com nível fundamental de ensino e que trabalham. As palavras que obtiveram maior associação com a classe foram: gente, querer, hora, só, matar, botar, povo, cabeça, dar, cara, conviver, pegar, rua, delegacia, sair.

Os conteúdos que compreendem a classe remetem às recordações dos/as participantes sobre eventos da sua vida, muitos deles relacionados às experiências que foram compartilhadas com as pessoas idosas citadas durante a entrevista. Muitas das pessoas citadas foram lembradas com orgulho por serem consideradas desbravadoras, por se rebelarem e assumirem a sua identidade de gênero num período de muita opressão. Receber conselhos, conversar sobre eventos da vida e fornecer suporte à pessoa idosa que faz parte do seu ciclo de amizades são práticas comuns que acontecem no cotidiano dos/as participantes junto daqueles/as que foram lembrados/as com estima.

As de idade é aquela palavra, prego batido e ponta virada. Resto é resto. Aí eu gosto mais das trans das mais de idade, porque as de idade a gente conversa só o passado depois a gente vai começar o presente é quando a gente se encontra de novo. Aí é bom uma pessoa de idade por causa disso, porque as pessoas de idade muitas vezes você relembra o passado com aquela pessoa que é sua amiga que você nem tá lembrado (Participante 18, 57 anos, mulher transexual, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

A discussão ressalta que no âmbito da convivência entre a mesma geração é possível encontrar pessoas que conseguem criar vínculos a partir de eventos e de experiências que são compartilhadas e também sobre a proximidade de valores, crenças e de comportamentos defendidos dentro do mesmo grupo geracional. Nesse sentido, recorremos a Debert (1999/2020) para explicar que a geração não se refere ao conjunto de pessoas que possuem a mesma idade, mas as que vivenciaram eventos que definem trajetórias passadas e futuras. Assim, percebemos a preponderância do fator cultural na formação do fenômeno geracional. Mannheim (1982) debate haver uma ligação entre os membros de uma geração e isso resulta da semelhante posição que ocupam dentro de um todo social. É bem possível que a dinâmica geracional proporcione afinidades em um grupo no que diz respeito às suas visões de mundo e às suas formas de participação social. Entretanto, o conceito de geração não pode reduzir a análise dos aspectos socioculturais de um estrato da sociedade, uma vez que outros fatores como a classe social, gênero, raça, sexualidade complementam-se e conjugam-se ao aspecto geracional (Sarmiento, 2005).



É possível pensar também que a relação entre pares num grupo de pessoas LGBTQ+ acaba sendo uma alternativa importante no curso de vida desses sujeitos que precisam formar a sua própria subcultura no contraponto em que elas não seguem os repertórios normativos que instalam obrigações sobre a família, o casamento, seus desejos e identidades. Assim, formar um grupo consistente de amigos/as como uma “família escolhida” é uma forma de manter-se na sociedade com um grupo de referência e de apoio e também é uma possibilidade para que as pessoas LGBTQ+ vislumbrem um futuro, incluindo também as concepções sobre viver a velhice (Miller, 2023; Hull; Ortyl, 2019).

O laço social formado entre esses sujeitos trouxe alívio para os momentos de desamparo social, e, nesse meio, os/as participantes do endogrupo e do exogrupo demonstraram atitudes positivas quanto à pessoa idosa, aqui encontramos mais frequentemente a ideia de que o envelhecimento proporciona maturidade emocional e também se aproxima de uma estrutura solidária entre gerações. Isso posto, vimos que as pessoas idosas são lembradas como pessoas experientes, que foram importantes na juventude das participantes porque lhes deram suporte e proporcionaram o sentimento de pertença e identificação em tempos de muitas incertezas:

Naquele tempo, era mais rígido a lei. Era mais pego na vida. Era mais difícil. Então, foi onde ele deu a maior força à gente. Levantou a cabeça da gente [...] E foi onde a gente tomou pé e força para enfrentar e bagunçar durante a noite da gente. A gente bagunçava com o nome dele. Muitas noites a gente sentou na casa dele e bebeu com os amigos que a gente levava para a casa dele. Curtia na casa dele. E sempre foi uma pessoa que nunca fechou as portas para a turma da gente. Ele nunca fechou as portas (Participante 20, 56 anos, mulher transexual, heterossexual, divorciada, parda, ensino fundamental).

Eu acho que tem seus 87 anos. Mas para mim é completa, completa de tudo, porque na hora o que mais precisa é de um colo e não importa que colo seja esse, é aquele. Aí o pessoal diz não, mas é porque ela é assim [lésbica], não importa! O que vale, o que ela vai me oferecer, que é o colo dela [...] Aí a gente já enche o coração de, a falta da mãe é grande, mas essa daqui está suprimindo um pouquinho. Está substituindo (Participante 55, 55 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, ensino fundamental).

Pensar no exemplo de uma pessoa idosa LGBTQ+ levou os/as participantes a se recordarem de eventos de vida marcados pela violência, em tempos mais difíceis em que a discriminação e a violência contra pessoas LGBTQ+ eram legitimados. Uma travesti relata de quando era jovem, a sua narrativa envolve recordações de espancamentos, tentativas de homicídio e violência cometidas por policiais:

Tinha vezes que a gente nem fazia nada, passava a viatura e pegava 4 ou 5, só pra gente lavar a delegacia. Com preguiça de lavarem a delegacia, aí levavam a gente. Quando dava 5 horas soltavam a gente. A gente saía com a cara de puta recalcada,

parecia aquelas pobre coitada. A gente era puta arrependida da vida mas a gente era feliz porque quando eu saía da delegacia aí, a gente saía e o povo dizia olha as travestis saindo, que diabo foi que fizeram? Fizemos nada, só pra gente arrumar a delegacia. Mas tinham o prazer de humilhar (Participante 18, 57 anos, mulher transexual, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

A vida na rua, trabalhando na prostituição, foi apontada como um fator de risco que contribuiu para a morte de muitas travestis antes mesmo que elas alcançassem a velhice.

É por isso que eu fico pensando eu fico deitado assim pensando ai meu Deus eu agradeço, ai Deus, o dia que a gente chega a gente está chegando, porque tem muitos que nem, nem chegam onde a gente chegou, e principalmente as que foram de rua porque as profissionais do sexo quando é LGBT que é profissional do sexo, elas vão fazer programa e tem muitas delas que vão e tem umas que nem voltam pela qualidade e pela personalidade que estão fazendo hoje (Participante 18, 57 anos, mulher transexual, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

Mais uma vez percebemos como a trajetória de vida de travestis é marcada pela violência brutal. Na recordação da participante, ela retrata um período entre os anos setenta e oitenta marcados pela ditadura militar no Brasil em que havia forte repressão e perseguição às trabalhadoras sexuais, em especial às travestis. Nessa época, muitas travestis foram assassinadas, algumas desapareceram sem deixar registros. Esses são eventos que marcam a memória das travestis que sobreviveram a esse período nefasto e constitui um fantasma que assombra as gerações das que sobreviveram, como também das travestis jovens que ainda atestam a atualidade dessas violências (Henning, 2020b).

Uma participante trouxe à sua memória o exemplo de um amigo de infância, um homem gay idoso, assassinado brutalmente na sua casa. Esse foi um caso recente à data de realização da entrevista, que segundo a participante não recebeu a atenção devida da polícia, ademais, algumas pessoas ao seu redor não aceitavam o seu sofrimento em relação a ter perdido um amigo tão querido.

Aí ele foi morar bem perto de mim, lá em casa. Aí pronto, aí convivíamos. Aí chegou a notícia que mataram ele. Eu fiquei sem chão. Fiquei sem chão, foi uma briga até com meu ex-marido, porque ele disse – tu está chorando por uma pessoa que é desse jeito, porque meu ex-marido é ainda preconceituoso, está chorando por uma pessoa que é desse jeito, ele procurou. Ele era humano, ele era ser humano. E da forma como ele foi morto, foi triste. Até hoje, quando fala, eu ainda não trabalhei isso na minha mente (Participante 52, 57 anos, mulher cisgênera, heterossexual, divorciada, preta, ensino superior).

A violência cometida contra pessoas LGBTQ+ não é exclusividade de uma identidade, embora encontremos na trajetória de vida das pessoas transexuais as marcas mais significativas dessa violência estrutural e aniquiladora como fora debatido na classe anterior. No contexto de vida de homens gays também encontramos registros de assassinatos brutais, em casos de

homens mais velhos esses eventos tendem a ser relacionados à manutenção de relacionamentos com homens jovens que se encontram para relações casuais que envolvem a troca de benefícios (Paiva, 2009). Comparativamente, temos números mais significativos de homicídios contra homens gays do que contra mulheres lésbicas, mas esses dados estatísticos não explicam as diferenças dessas variações. Alguns estudiosos pontuam que a masculinidade constitui uma cobrança a ser performada por homens que precisam alimentar o ideal social de virilidade, força e brutalidade (Zanello, 2018). Nesse sentido, Borillo (2010) discute que “em uma sociedade androcêntrica como a nossa, os valores apreciados de forma especial são os masculinos; neste caso sua ‘traição’ só pode desencadear as mais severas condenações. Portanto, o cúmulo da falta de virilidade consiste em assemelhar-se à feminilidade” (p. 88). Oliveira e Nunes (2016) explicam ainda que em função das diferenças sociais e culturais que imprimimos nas performances de gênero, os homens se expõem a mais fatores de risco, apresentando uma maior exposição a contextos que os vulnerabilizam, como participar de encontros fortuitos, em locais restritos da segurança pública.

No contexto da LGBTfobia ainda encontramos uma série de enredos que tornam os crimes de ódio cometidos contra pessoas LGBT+ eventos isolados, culpabilizando as vítimas por seus comportamentos. Essa realidade está presente nas narrativas judiciais que confrontam a possibilidade da qualificação dos atos violentos como LGBTfobia ou crime. Também encontramos os impasses dessa discussão presentes no discurso midiático que ora aponta a existência da LGBTfobia como uma problemática real que encontra as pessoas com identidades dissidentes, mas em outras oportunidades produzem associações entre as vítimas de homicídio e o mundo das drogas ilícitas. Assim, não é difícil a associação das imagens de pessoas LGBT+ vitimadas pela LGBTfobia com estereótipos negativos de figuras consideradas perigosas e desviantes na sociedade, quais seja, imagens do tipo traficante, usuário/a de drogas, prostituta (Efrem Filho; Gomes, 2020).

#### 7.3.1.3 Eixo 3 - Destaques das velhices LGBT+

A classe 5 – Destaques das velhices LGBT+ – se separou das demais classes sendo formada por 108 U.C.E., sendo responsável por 18% do total de unidades. As variáveis descritivas da classe compreendem mulheres transexuais, pessoas pretas, heterossexuais, não alfabetizadas e com pós-graduação. As palavras que obtiveram maior associação com a classe

foram: chamar, atenção, falecer, admirar, homem, infância, maquiar, vestir, caráter, característica, coragem, figura, teatro.

Os/as participantes destacam nessa classe as características que mais chamam a sua atenção nas pessoas idosas LGBTQ+ citadas. São apontadas qualidades positivas que têm uma relação com o caráter revolucionário e que são símbolo de resistência para os/as participantes, por não recuar diante das inúmeras dificuldades enfrentadas por ser LGBTQ+. A coragem, a disposição, o alto astral, o bom caráter e a teimosia de viver foram características citadas repetidas vezes pelos/as participantes: “O que chama a minha atenção nela é que ela não se incomoda com a população ou com o que alguém fala a respeito dela. Ela é muito bem definida, bem resolvida” (Participante 60, 51 anos, homem cisgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior). Sobre outra pessoa destacada: “Ela estuda, já se aposentou, mas ainda faz o trabalho lá no cemitério, ela tem o seu próprio carro, eu admiro muito ela. O que mais me chama a atenção nela é a coragem, a coragem por ter enfrentado toda a dificuldade que ela já enfrentou” (Participante 64, 61 anos, homem cisgênero, heterossexual, divorciado, preto, ensino médio).

Diante de tantas qualidades, os/as participantes expressam a sua admiração e respeito por aqueles/as que se tornaram uma figura de referência na sua comunidade. Pelo lugar social que ocuparam com tanto esforço:

Eu sempre hoje ainda admiro ele como professor, como dono de cartório, como tudo. Como político porque ele foi político também. Então foi uma pessoa que eu admirei muito ele [...] Até agora que a cidade está escrevendo um livro em memória dele (Participante 20, 56 anos, mulher transexual, heterossexual, divorciada, parda, ensino fundamental).

Também são citadas figuras públicas de pessoas LGBTQ+ que deram maior visibilidade à comunidade:

Eu falo da Rogéria. Acho ela muito interessante, sabe? Ela começou como maquiadora, depois foi pro teatro em Paris, aí em Paris conheceu uma travesti, sabe? Mas ela nunca perdeu a identidade dela, não é porque ela fosse contra ela ser travesti. Eu acho que ela nunca perdeu a essência (Participante 25, 42 anos, travesti, heterossexual, solteira, preta, ensino médio).

Observamos a partir dos discursos produzidos na pesquisa que o envelhecimento e a velhice tomados como objetos de representação social suscitam atitudes e posicionamentos dos diferentes grupos sociais. Enquanto vivenciamos mudanças na tessitura social que abrem novas perspectivas para pensar o fenômeno inegável do envelhecimento populacional, faz-se urgente negociar novas representações acerca de ser velho/idoso e sobre o que a velhice pode oferecer enquanto mais uma etapa do ciclo vital (Arruda, 2012). Encaramos com mais abertura as

possibilidades de uma velhice sexualizada, produtiva, com saúde e bem-estar (Silva; Pocahy, 2021), as pessoas idosas têm protagonizado outros enredos, diferentes daqueles demasiadamente marcados pela solidão e desesperança. As transformações sociais com o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) também têm afetado esse cenário, e contribuído para que as gerações de pessoas mais longevas mostrem as suas habilidades de adaptação, de criatividade e de interesse em se inteirar sobre as demandas da contemporaneidade (Castro; Camargo, 2017; Miranda; Monteiro; Santos, 2022).

Quando associamos o envelhecimento e a velhice ao espectro das identidades LGBTQ+ ganhamos mais corpo e plasticidade num movimento que alerta para a heterogeneidade dos modos de viver a vida e de envelhecer. Fruto de uma luta que já soma mais de 50 anos, o campo da gerontologia LGBTQ+ é um lembrete de que os sujeitos resistem às ditaduras e necropolíticas (Baron; Croce; Henning, 2021). A maior difusão das existências, das histórias e experiências de pessoas idosas LGBTQ+ na mídia, junto aos programas televisivos, nos filmes, novelas, jornais e também nos livros publicados no Brasil abrem novas possibilidades discursivas sobre o tema (Henning, 2021).

Os/as participantes desse estudo atestam tais mudanças, em que ainda lidamos com estereótipos, preconceitos e discriminação que alcançam as pessoas LGBTQ+ e as pessoas idosas nas diferentes identidades com os seus marcadores sociais; e também nos dão notícia de uma realidade que aponta para uma sociedade em mudança. Henning (2016) debate que as pessoas de meia-idade e idosas atualmente vivenciam, depois de muitas décadas, a possibilidade de não sofrer com a extrema perseguição, controle e estigmatização acerca das suas identidades. Isso repercute sobremaneira nos modos de gestão da velhice, constituem também um alerta para a necessidade de as políticas públicas e as instituições voltadas para os cuidados com a pessoa idosa se prepararem para o acolhimento desses sujeitos com os seus diferentes marcadores identitários.

Percebemos também que alguns/mas participantes do exogrupo tendem a estereotipar pessoas LGBTQ+ criando uma imagem mítica dos indivíduos que desconstróem as expectativas normativas do gênero, mas nem por isso elas são rechaçadas em suas memórias:

Aí Delson era como se fosse uma figura aqui que no carnaval aí no Carnaval, ele se enfeitava todo aí o povo dizia: ele não é homem não. Ele é mulher, aí todo mundo dizia, mas como é que ele é mulher que ninguém entendia até aí não era nada moderno [...] Então Delson era uma figura que o povo tinha medo. Delson é mulher e eu lembro que eu com 10 anos e como é que ele é mulher? Se ele se veste, se ele usa calça como homem, ele tem voz de homem, mas passa maquiagem [...] (Participante 38, 55 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, pós-graduação).

A construção de estereótipos sobre as diferentes vivências do gênero advém de uma profunda cadeia associativa de características, expressões e comportamentos determinados dentro de uma lógica binária de subjetivação. Trata-se de uma construção cultural atravessada por produções históricas que culminaram na conformação dos diferentes papéis de gênero na sociedade (Zanello, 2018). Além disso, como apontado por Colling (2018), é nítido que a sociedade nos conduz, via de regra, para termos uma única identidade de gênero, a qual é determinada pelo sexo e, conseqüentemente, entendida como natural.

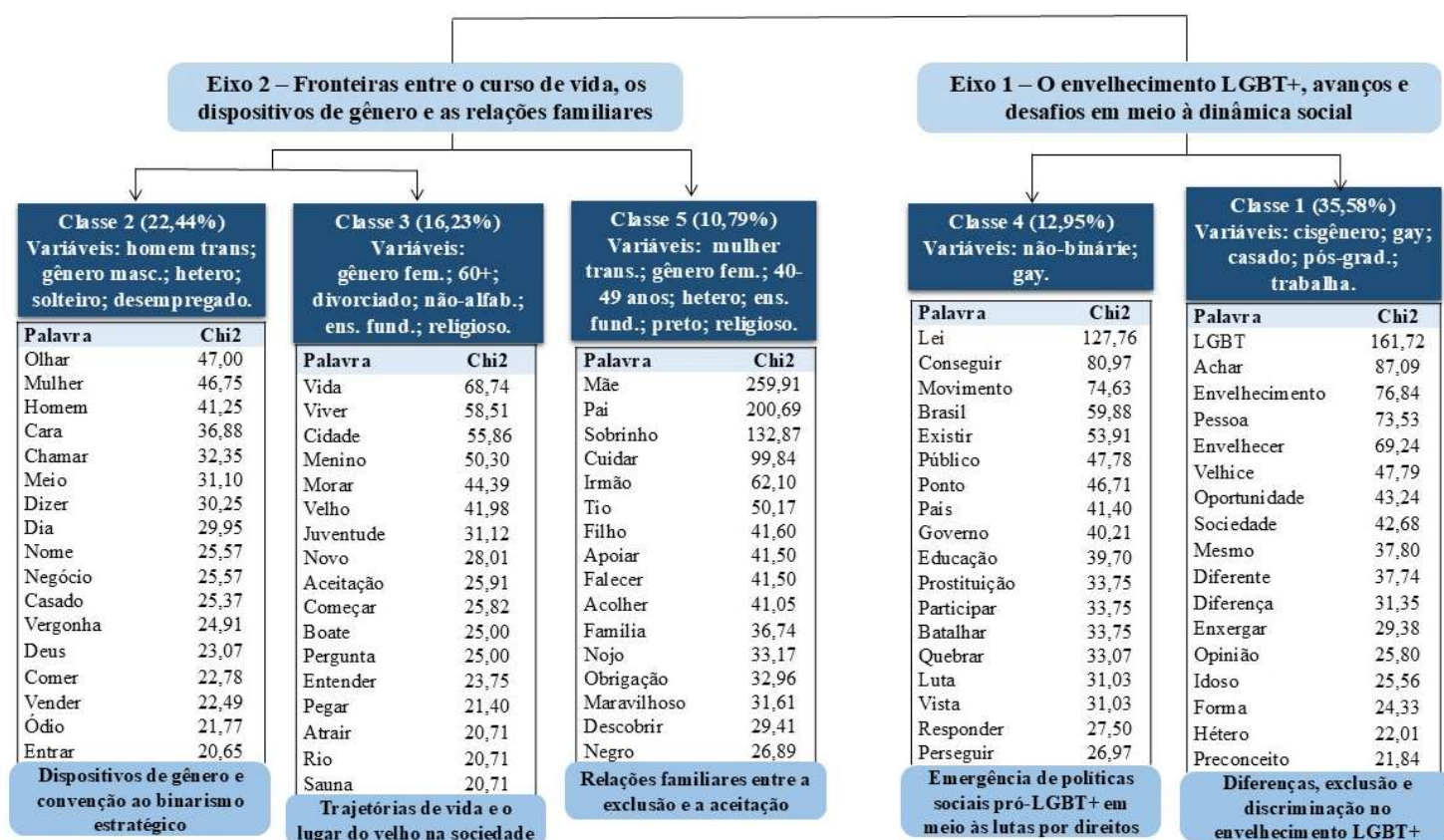
A essas tentativas de conformar o gênero a estrutura biológica, Colling (2018) diz que o gênero não se trata de uma ideologia, mas um tipo de análise relevante para perceber e denunciar, por exemplo, diferenças entre homens e mulheres na nossa sociedade. Quando falamos a respeito de diversidade de gênero, por seu turno, estamos nos referindo à ideia de que existem mais possibilidades do que somente o ser homem ou ser mulher, uma vez que essa dicotomia não inclui diversas pessoas (Colling, 2018). É interessante perceber que na história de alguns/mas participantes, a presença de pessoas LGBTQ+ já causava certa confusão a respeito das performances do gênero socialmente impostas. O incômodo pode ser um produto dessa contravenção, mas também poderíamos pensar num legado bem mais significativo no tocante a um princípio do que pode fazer descortinar as supostas garantias que funcionam como engodos para os diferentes atores sociais que consentem os papéis sexuais e de gênero binários. Perceber na alteridade desses encontros a ruptura com alguns desses princípios performáticos também pode fazer esses sujeitos desfrutarem do alívio e da possibilidade de questionarem as exigências que também os perseguem.

### **7.3.2 Análise dos sistemas representacionais e posicionamentos acerca do envelhecimento LGBTQ+ pelo endogrupo**

O *corpus* foi composto por 34 unidades de texto ou entrevistas, após processado no IRAMUTEQ, foi dividido em 1188 unidades de contexto elementar (U.C.E) com aproveitamento de 1188 unidades (97,47%). A análise produziu um dendrograma com 5 classes distintas, entre as quais as classes 1 e 4 apresentam maior relação entre si, sendo responsáveis por 48,5% do material analisado. Essas duas classes constituem o eixo 1 chamado “O envelhecimento LGBTQ+, avanços e desafios em meio à dinâmica social”. Esse eixo reúne os segmentos de texto sobre o envelhecimento LGBTQ+ embasados nos preconceitos que tornam desafiador o percurso da população LGBTQ+ que alcança a velhice. As classes 2, 3 e 5

constituem um segundo eixo denominado de “Fronteiras entre o curso de vida, os dispositivos de gênero e as relações familiares” sendo responsáveis por 51,4% do material analisado. O eixo é formado por segmentos de texto que indicam as operações simbólicas que tratam da normatividade sobre o sexo e o gênero que impõe limites nos modos de viver e de representar as ditas identidades dissidentes (ver Figura 2).

Figura 2 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) sobre o envelhecimento LGBT+ pelo endogrupo.



Fonte: Silva-Júnior (2025).

### 7.3.2.1 Eixo 1 - Envelhecimento LGBT+, desafios e avanços em meio à dinâmica social

A classe 1, denominada “Diferenças, exclusão e discriminação no envelhecimento LGBT+”, foi composta por 412 segmentos de texto (35,58%), as variáveis descritivas que mais se destacaram foram as de pessoas cisgêneras, gays, casadas, com pós-graduação e que trabalham. Os dados revelam que ser idoso/a, por seu turno, já é considerado um desafio, dado o acentuado etarismo presente na sociedade, o que pode ser agravado quando se analisam

identidades minoritárias por orientação sexual, gênero e raça. Por exemplo: “A” é hétero, envelheceu, com todas as suas dificuldades, mas não teve o trauma e não passou a perseguição em todos os requisitos que a classe LGBT vem há muitos anos [...] porque a pessoa acumula traumas, perseguição, falta de oportunidade, aí a perseguição” (Participante 19, 53 anos, cisgênero, gay, solteiro, pardo, ensino médio).

Observa-se que o marcador etário acena para um campo de desvalorização e de desrespeito pela sociedade em geral dada a supervalorização da juventude (Castro *et al.*, 2022), tornando o campo representacional sobre o ser idoso/a algo desafiador quando ancorado em concepções sobre as dificuldades biológicas e aquisição de doenças (Castro *et al.*, 2022; Santos; Araújo, 2021) e discriminações que se desdobram, entre outros desfechos, numa possível negação da velhice (Santos; Araújo, 2021).

São ressaltadas diferenças para o envelhecimento LGBT+ considerando-se o cenário hostil, excludente e discriminatório contra as pessoas abertamente LGBT+. Nesse sentido, o curso de vida é ameaçado constantemente pelas pressões normativas que impõem a obrigação da cisheteronormatividade. Henning (2020a; 2020b) debate que a gerontologia tem historicamente tratado o envelhecimento e a velhice homogeneizadamente, desconsiderando-se as trajetórias de pessoas LGBT+ que também alcançam as idades longevas. Isso posto, debate-se que a normatividade sobre o gênero e a sexualidade repercute em incertezas, instabilidades e inseguranças que são produto de uma ausência de biografias não heterossexuais e não cisgêneras que possam servir como referenciais sobre como viver a vida tendo identidade LGBT+ (Henning, 2020a). A contrariedade aos padrões citados gera conflitos e se desdobra em processos de opressão e de exclusão aos sujeitos situados à margem da normatividade (Araújo; Carlos, 2018).

O envelhecimento de pessoas LGBT+ também é considerado mais solitário, os/as participantes acreditam que não constituir uma família seguindo os padrões de ter um casamento e gerar filhos/as, ou mesmo considerando a expulsão das suas famílias de origem, pode originar uma trajetória de desamparo e solidão na velhice: “Todos envelhecem só. A maioria. A maioria do LGBT mora só [...] acho que isso vem desde o início, de jovens, sabe? Porque os velhos de hoje foram aqueles jovens que decidiram viver a sua vida” (Participante 04, 62 anos, cisgênero, gay, solteiro, pardo, ensino médio). O fato, se observa desde os primeiros estudos no campo da gerontologia LGBT, portanto, a solidão na velhice é considerada um dos estereótipos mais presentes quando se aborda a velhice LGBT+ (Henning, 2017).

Segundo Zanello (2018), o dispositivo do casamento impera sobre as idealizações em torno de viver a vida que reitera e mantém as relações de gênero promulgando a necessidade de



relações amorosas, de procriação e de constituição da instituição família e, aliado a tudo isso, a promoção de modos de subjetivação disponíveis na prateleira do amor que é a heterossexualidade. Assim, a ideia de solidão é vendida para retratar uma trajetória trágica a ser destinada aos sujeitos que corrompem a normatividade vigente sobre os corpos e os desejos, é colocada como um destino fatídico expresso numa construção narrativa de um “não-futuro” (Henning, 2016). Porém, ela também encontra as pessoas que vivem o projeto da heterossexualidade e da cisgeneridade, o que torna esse debate mais complexo, conforme aponta Debert (1999/2020), por haver uma dificuldade assinalada de se estudar o bem-estar na velhice; quando se pensa em termos de relação entre gerações na família, em integração ou segregação espacial, os indicadores mostram-se pouco eficazes e definitivos.

Entre os/as interlocutores/as foram pontuadas diferenças em relação à trajetória de pessoas com identidades transgênera comparada às identidades cisgêneras, tendo em vista que a pessoa transexual tem sido mais rechaçada e acentuadamente mais excluída do meio social em vista de uma cultura que produz inúmeras violências com a população trans. Esses posicionamentos foram defendidos tanto por interlocutoras cis e trans que acreditam que pessoas cis conseguem mais facilmente aceitação na sociedade começando por sua família, também são pessoas que conseguem ocupar lugares de prestígio, a partir de um bom trabalho, além de conseguirem se casar e constituir a sua própria família: “porque as pessoas nunca viram isso com normalidade, porque eu disse lixo? Lixo, para mim era assim, porque se eu me apresentasse, eu fui sempre o quê? Um personagem, uma mentira, hoje eu sou a verdade” (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior). Vale salientar que se tratam de representações entre membros de um endogrupo, o de pessoas LGBTQ+, em que se sobressai o reconhecimento da violência que serve como ancoragem da transexualidade, reconhecida a sua condição de corpos abjetos e violados. Por sua vez, as imagens narradas sobre agressões, rejeição e assassinatos com requintes de crueldade contribuem para a objetivação das suas RS.

Os processos de ancoragem e objetivação acerca da transexualidade seguem estruturas diferentes quando estudamos as RS em exogrupos, geralmente constituídos por acadêmicos (Queiroz *et al.*, 2023) e profissionais da saúde (Santos; Shimizu; Merchan-Hamann, 2014). Nessas pesquisas, os processos de ancoragem apontam para uma caracterização da transexualidade às normas sobre o sexo (biológico) sendo revertidas e violadas sob a perspectiva do contrato social cisnormativo, além de ser frequentemente associada à dinâmica saúde-doença, em que se destacam as especulações sobre a “mudança de sexo” e os tratamentos à base de hormônios (Queiroz *et al.*, 2023; Santos; Shimizu; Merchan-Hamann, 2014). Há ainda

uma indiferenciação entre a orientação sexual e a identidade de gênero que leva a uma generalização das identidades LGBTQ+ sobre o termo da homossexualidade, quando estudadas as RS na população em geral (Santos *et al.*, 2020).

Considera-se, pois, que as representações dos/as participantes em proximidade com as trajetórias de pessoas transexuais refletem a estrutura societal que se mostra potencialmente mais ameaçadora às identidades trans. Dados empíricos apontam diferenças significativas da violência experimentada entre pessoas idosas cisgêneras e transgêneras, sendo estas últimas as que experimentaram índices mais elevados de violência ao longo da vida, discriminações ao longo da vida e microagressões (Fredriksen-Goldsen *et al.*, 2023). Em um estudo sobre representações sociais da transexualidade com base em comentários de redes sociais foi identificado que as violências simbólicas dirigidas à população transexual no Brasil são justificadas mediante discurso culpabilizante, opressor e fundamentalista que situam a pessoa trans à margem dos direitos sociais (Vitali *et al.*, 2019), os discursos de ódio exemplificam o campo de conflitos que permeia o contexto de vida de pessoas trans que sofrem no Brasil de uma tentativa constante de aniquilamento (Benevides, 2024).

Para ascenderem a uma condição de igualdade de oportunidades no curso de vida foi discutido que as pessoas LGBTQ+ devem despende muitos esforços, pois alcançar certa estabilidade e superar os inúmeros preconceitos ao longo da vida constitui uma tarefa árdua, porém, necessária para viver uma velhice com estabilidade. Essa perspectiva tomada pelos/as participantes demonstra que a velhice se conforma discursiva e materialmente a partir de sistemas regulatórios e de inteligibilidade do corpo (Debert, 1999/2020). Nesse sentido, as identidades LGBTQ+ parecem configurar uma estrutura saliente significada como um desafio, por seu turno, os sujeitos tendem a individualizar a sua trajetória para compensar a contrariedade que percebem em detrimento às pressões que se impõem sobre os seus corpos e desejos. Ocorre, conforme denominado por Debert (1999/2020), processos de reprivatização do envelhecimento que transformam a velhice numa responsabilidade individual – e, nesses termos, ela poderia então desaparecer do nosso leque de preocupações sociais” (p. 14). Segundo esse compromisso firmado, caberia a cada sujeito superar as adversidades que se ordenam estruturalmente.

Além disso, os discursos apontaram pressões normativas defendidas pelos/as próprios/as interlocutores/as que defendem ser necessário aderir a comportamentos menos extravagantes, que não extrapolem convenções sociais sobre o comportamento sexual e as expressões de gênero:

Eu acho até que o idoso LGBT, ele é mais respeitado do que os jovens, porque os jovens do mundo LGBT, eles querem aparecer, eles querem escandalizar, eles querem provar para a sociedade que são LGBT, e a sociedade não aceita [...] a gente tem que fazer por onde amenizar o preconceito (Participante 10, 64 anos, cisgênero, gay, solteiro, branco, pós-graduação).

Mesmo para as/os participantes adultas/os foi notada uma conformação às pressões normativas da moral sexual, a geração de jovens LGBT+, segundo elas/es, pode colocar em risco o espaço que foi negociado nessa matização em busca de respeito e reconhecimento: “Eu acho que o respeito vem da gente. Se a gente se dá o respeito, a gente é respeitado. [...] Eu digo direto que as mais velhas foram quem abriram os caminhos para as mais novas porque o que a gente passou não foi brincadeira. Tudo vai ao respeito” (Participante 26, 43 anos, mulher trans, heterossexual, casada, branca, nível fundamental).

São expostos conflitos intergeracionais tendo em vista as discrepâncias culturais percebidas nas gerações de jovens LGBT+ que expressam mais abertamente a sua sexualidade nos espaços públicos e que contradizem os valores da geração pesquisada. Nesse quesito, Shultze (2017) considera que a geração de pessoas idosas LGBT+ pode se sentir pressionada a “sair do armário” tendo em vista a visibilidade das identidades LGBT+ nos últimos anos, isso entraria em contradição com as formas com que estes/as aprenderam a viver a vida, sobrevivendo e se subjetivando e ocultando privadamente as suas identidades sexuais ao longo de muitos anos.

As reações favoráveis ao aderir um sistema de valores e normas sobre a produtividade e desempenho social, bem como, um comportamento sexual regulado oferecem condições para pensarmos as diferenças existentes entre as chamadas minorias, em que o fator geracional é permeado por opiniões, normas e juízos diferentes para cada geração. Moscovici (1979/2011), estudando as minorias ativas, apontou a existência da minoria ortodoxa que se caracteriza como pró-normativa, nesse sentido, é dada ênfase à norma majoritária, o que parece caracterizar bem o grupo pesquisado. Por conseguinte, cede-se aos preceitos da maioria sobre como devem ser encaradas a vida sexual, qual seja, no âmbito privado, ainda mais, aqueles que divergem à normalidade imposta deve conter-se, não revelar abertamente as suas “preferências” sexuais. As gerações de jovens LGBT+ poderiam representar na percepção dos/as participantes o que Moscovici (1979/2011) denominou minoria heterodoxa, sobressaindo-se como um grupo contranormativo que impõe a norma minoritária trazendo novidades não somente quanto ao comportamento sexual como também a tantas outras normas que versam sobre o gerenciamento da vida.

O fenômeno do envelhecimento LGBTQ+ foi considerado um tema invisibilizado pela sociedade, tendo em conta a sua pouca difusão como demonstra os estudos sobre o tema (Alves *et al.*, 2021; Jesus *et al.*, 2019; Salgado *et al.*, 2017; Santos *et al.* 2020), ademais, sobre isso os/as interlocutores/as apontaram que existe pouco espaço para se debater sobre o envelhecimento e a velhice de pessoas LGBTQ+ e, portanto, são escassas as estratégias que viabilizem atenção e cuidado quanto a esse grupo que adentra a velhice.

Vale salientar que uma parcela de participantes, ao retratar o que seria o envelhecimento LGBTQ+, considerou primeiramente que o envelhecimento é caracterizado como um processo natural da vida, sendo, portanto, representado como um processo homogêneo que não apresenta distinções entre os diferentes grupos sociais. Essa concepção aponta que o envelhecimento LGBTQ+ está ancorado nos aspectos biológicos do envelhecimento: “Eu acho que é a mesma coisa o envelhecimento, Deus fez a gente tudo igual, fez separado não. Eu acho que é a mesma coisa. Só muda as coisas, que a gente não tem a digital tudo igual [...] só muda assim, a fisionomia, o jeito da pessoa” (Participante 17, 59 anos, cisgênera, bissexual, casada, branca, ensino fundamental). Assim, encontra-se mais repetidamente uma relação intrínseca do envelhecimento aos declínios físicos e cognitivos que, nessa perspectiva, são esperados com o avançar da idade (Alves *et al.*, 2021; Salgado *et al.*, 2017). Constatou-se na presente pesquisa que as pessoas que tratam o envelhecimento como um processo estritamente homogêneo e apartado dos fatores sociais e culturais, ignoram a ação dos diferentes marcadores que historicamente têm estruturado desigualdades nas condições de vida, também ancoram as suas representações a partir do discurso religioso para sustentar a ideia de igualdade nas oportunidades de viver no mundo. Em contrapartida, aqueles/as participantes que debatiam que o envelhecimento se trata de um processo heterogêneo, sensível aos processos de exclusão advindos da dinâmica social que permeia os diferentes marcadores identitários, tinham a sua trajetória notadamente marcada pela sua participação no movimento social.

A classe 4 – Emergência de políticas sociais pró-LGBTQ+ em meio às lutas por direitos – foi composta por 150 segmentos de texto, correspondendo a 12,95% do corpus analisado. Essa classe trata da relação entre os desafios percebidos por ser uma pessoa LGBTQ no Brasil e as mudanças sociais que têm sido possíveis a partir da ação de programas, projetos de lei e políticas públicas que focam na proteção social de pessoas LGBTQ. Grande parte das conquistas percebidas são referidas aos movimentos no centro do ativismo LGBTQ+: “a gente tem uma certa liberdade conseguida através das lutas dos movimentos sociais e se não fosse a nossa luta, tudo estaria muito mais complexo e mais difícil porque esse preconceito, ele vai sempre existir” (Participante 27, 54 anos, cisgênera, bissexual, divorciada, parda, ensino médio).

Como resultado dessas conquistas, os/as interlocutores/as atribuem uma amenização do preconceito e da discriminação com a população LGBT+, mas defendem que isso não significa que ainda haja uma maior aceitação por parte da sociedade, pois, essas pessoas temem sofrer os efeitos da lei que pune pela prática da LGBTfobia do que realmente estarem abertas para repensarem seus valores, crenças e atitudes, arraigadas de conotações negativas sobre o panorama da diversidade sexual e de gênero: “A sociedade é homofóbica, disfarçada de carinho, de elogios porque existe uma lei que protege. Eu sofro de discriminação todos os dias, mas, eu não estou nem ligando para as discriminações, qualquer coisa eu corro na justiça” (Participante 06, 57 anos, não-binária, gay, solteira, branca, ensino superior).

Em seus discursos os/as participantes discutem não haver uma mudança significativa nos modos de pensar da sociedade sobre o campo mais abrangente da diversidade sexual (que aqui incluiria as noções sobre população LGBT+, velhices LGBT+ e direitos LGBT+) visto que são ressaltadas apenas a inibição de comportamentos violentos e discriminatórios buscando-se evitar as penalidades por meio dos órgãos regulamentadores. Os/as participantes explicitam a ideia de que as pessoas de modo geral não incorporam as novidades presentes nas leis, o que poderia levar a mudanças no pensamento social. Nessa perspectiva, os/as participantes não percebem mudanças nas representações hegemônicas sobre o objeto em questão, pois não há a incorporação de novidades, com a modificação de visões preexistentes, através da classificação e da explicação para levar a familiarização do estranho (objeto novo) em familiar (Jodelet, 2001; Moscovici, 2000/2015). Nesse sentido, é válido destacar que no campo das RS ocorrem não somente a integração do estranho às convenções preexistentes, mas, sobretudo, elas permitem a transformação do familiar (Arruda, 2002). Ilustramos essa situação trazendo um exemplo de um estudo realizado com docentes no nordeste do Brasil que investigou as RS sobre diversidade sexual, no estudo os/as autores/as debatem que as representações parecem, de um primeiro ponto de vista, compreender atitudes positivas, porém, elas são pautadas em elementos reducionistas e ambíguos como formas sutis de camuflar concepções, crenças e práticas LGBTfóbicas (Souza; Silva; Santos, 2017). Em consequência dessas verificações, os/as participantes da presente pesquisa sugerem a educação como uma base importante para modificar essa cultura enraizada no preconceito: “É porque, assim, ainda não existe uma educação voltada para isso. Eles fazem campanha de educação para mostrar, para suavizar, mas têm que ter uma educação bem mais preparada, bem mais organizada e feita com mais seriedade” (Participante 05, 51 anos, transexual, heterossexual, divorciada, branca, ensino superior).

Os/as participantes relatam inseguranças advindas de um cenário social instável em termos de garantia de direitos para a comunidade LGBTQ+, o contexto explicativo de que advém determinada fragilidade em meio às recentes conquistas é discutido sob o prisma das mudanças de governo no país, que se mostram marcadamente polarizadas, dividindo a sociedade entre ideais progressistas e conservadores. Foi discutido o impacto do bolsonarismo, representado pela palavra “governo”, que trouxe o medo da violência e acentuou um panorama de discriminação que tardava esmorecido. Em vista disso, o grupo discute a importância de leis que efetivem a proteção e que assegurem o direito à cidadania da população LGBTQ+ visto que as conquistas alcançadas ainda se mostram insipientes num país, que é atravessado culturalmente pelo conservadorismo. Tais fragilidades foram relacionadas mais enfaticamente no grupo de pessoas transexuais em que são atreladas a esse grupo maiores barreiras no acesso aos recursos básicos, como educação, saúde e segurança. Como resultado disso, a prostituição compreende um estigma que as persegue:

E principalmente, essa ascensão da extrema-direita que teve no país, sabe, é uma extrema direita burra e cega que simplesmente quer negar [a diversidade] a qualquer custo. Por mais que, no fundo, até reconheçam que é um direito legítimo, mas se agarram num conceito idiota de conservadorismo que não é conservadorismo, é retrocesso, é um povo retrógrado, simplesmente não permitir. (Participante 03, 52 anos, cisgênero, gay, casado, branco, ensino superior).

Segundo Henning (2020b), a onda de ultraconservadorismo impulsionada durante todo o processo eleitoral presidencial de 2018 marcou consideravelmente as trajetórias de sujeitos que historicamente sofrem com as vulnerabilidades infringidas à população LGBTQ+ e que perceberam nesse movimento um retrocesso diante de um cenário de conquistas duramente alcançadas. O movimento bolsonarista renovou o conservadorismo antes enfrentado durante a última ditadura no Brasil, sendo então pautadas sob as bases do fundamentalismo cristão e de projetos econômicos neoliberais radicais que evocaram o medo pelo futuro que se encontrava um pouco latente, mas jamais ausente (Quinalha, 2022). As gerações de pessoas idosas atuais, por sua vez, são herdeiras de um passado não vencido de inúmeras repressões, de modo que é mais possível ancorar as noções sobre direitos LGBTQ+ ao regime de muitas violências praticadas que suscitaram processos de luta e de reivindicações.

Mesmo considerando as lutas travadas na sociedade em prol dos direitos de LGBTQ+ ainda assim são apontados entraves a partir de conflitos no próprio movimento LGBTQ+ que chegam a fragilizar algumas identidades, a exemplo disso é expresso que não é dada atenção à pessoa idosa LGBTQ+. Os relatos apontam que o movimento social LGBTQ+ pode estar sendo representado como um espaço homogêneo que não contém elementos plurais suficientes e, por

isso, muitos/as se sentem excluídos/as das pautas e das movimentações, por não se sentirem devidamente representados/as, a sensação provocada é de exclusão ou mesmo de discriminação: “[...] dentro do próprio movimento, há discriminação, dentro desse próprio movimento. Não existe um foco para melhorias do idoso, não existe uma causa para pessoas idosas homoafetivas” (Participante 06, 57 anos, não-binária, gay, solteira, branca, ensino superior).

Os discursos produzidos revisitam uma das preocupações atuais do movimento LGBTQ+ na atualidade, conforme aponta Quinalha (2022), que discute sobre os equívocos de se posicionar contrariamente ao reconhecimento das diversas identidades. O autor defende que os diferentes processos de identificação, sob a perspectiva da interseccionalidade, oferecem condições de pensarmos amplamente as estruturas de poder e de desigualdade que organizam a sociedade e nos permite dar uma dimensão coletiva às nossas individualidades. As identidades não fundam agrupamentos homogêneos, por haver uma série de subdivisões internas que não podem ser menosprezadas e trabalhar com essas diferenças seria fundamental para o que ele define de política radical e interseccional de mudança. Os resultados aqui expostos revelam que não somente a raça, o gênero e a sexualidade devem ser destacados como marcadores da diversidade, como também o fator etário precisa ser considerado no alcance de uma política efetivamente interseccional.

#### 7.3.2.2 Eixo 2 - Fronteiras entre o curso de vida, os dispositivos de gênero e as relações familiares

A classe 3 “Trajetórias de vida e o lugar do velho na cidade” foi composta por 188 segmentos de texto, perfazendo 16,23% do corpus. Os/as participantes focalizaram nas suas trajetórias de vida para traçar as suas representações sobre as mudanças advindas com o avanço da idade, apontam as suas concepções sobre os modos de viver a vida quando se atinge os 50 anos ou mais e situam qual o espaço que deve ser ocupado por pessoas velhas. Pertencer ao gênero feminino, ter idade mais avançada (60+), possuir baixa escolaridade destacaram-se como características demográficas do grupo que constitui a classe.

O passado é lembrado como registro de um tempo difícil, em que foi preciso insistir em se viver a vida como uma pessoa que não era aceita na comunidade. Sob a constatação de um meio coercitivo, algumas estratégias eram utilizadas como forma de resistência e de sobrevivência. Com algumas pessoas, havia uma grande discrição para não ser descoberto/a como LGBTQ+ no trabalho, por exemplo. Evitava-se falar da vida pessoal. Para alguns/mas,

casar, contrariando o seu próprio desejo, foi uma alternativa para não ser descoberto/a: “Quantas vezes eu não escutei dentro da empresa e eu abaixava a cabeça, eu saía de fininho. Quando eu escutei um colega de trabalho dizer sabe o quê? Uma mulher, sapatão. Esse é um nome até carinhoso. A mulher sapatão era para ser lançada na fogueira” (Participante 14, 58 anos, cisgênera, lésbica, casada, branca, ensino superior).

Oliveira (2023) analisou os processos de subjetivação e a dinâmica afetiva em mulheres com idades entre 40 e 65 anos, que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres e observou que o discurso das participantes reflete uma temporalidade social em que as normas sexuais e de gênero pesaram sobre os seus processos de subjetivação e como efeito da aquiescência à norma circulavam o medo e a vergonha numa configuração que evocava o sentimento de vulnerabilidade. Assim, a autora debate que as recordações de um passado de hostilidade e preconceito marcam profundamente a vida presente dessas mulheres que convivem de maneira simultânea e sobreposta com as violências cotidianas que perduram na contemporaneidade e impõem restrições morais como a expressão homoafetiva.

As estratégias adotadas constituíram formas de lidar com a chamada heterossexualidade compulsória, responsável por normatizar o desejo, empurrando os sujeitos para dentro do campo da legitimidade e aceitabilidade, minando as possibilidades de assunção da sua sexualidade: “É por isso que hoje vivem muito só. Porque não se casaram mesmo, e outra coisa, os que se casaram são raros, os que casaram com outro homem naquela época e viver até hoje junto, né?” (Participante 04, 62 anos, cisgênero, gay, solteiro, pardo, ensino fundamental). Para muitas pessoas com sexualidades dissidentes, seguir uma trajetória heteronormativa seria um destino irrefutável (Henning, 2016). Essas pressões normativas são observadas em outros países que atestam que a heterossexualidade compulsória inseriu pessoas LGBTQ+ forçadamente em trajetórias que desconsideravam as suas identidades sexuais e de gênero (Hua; Yang; Goldsen 2019; Schultze, 2017). Migrar para outros espaços foi uma alternativa para muitas pessoas LGBTQ+ frente às pressões normativas, numa tentativa de se livrar do fatídico destino de construir uma família. Assim, as cidades pequenas, no interior do estado, foram trocadas pelos centros urbanos que contavam com menos vigilância e mais liberdade (Passamani, 2017; Schultze, 2017). Observa-se, em suas representações, que o sentido de “morar” passa a valer não somente como habitar um espaço, mas, principalmente, se sentir pertencente a um lugar, sentir-se aceito/a e livre: “Até na minha cidade eu já vejo morando junto e a comunidade respeitando, entendeu? Porque parece que o que a comunidade mais critica, mais avacalha, é justamente aquelas pessoas que não sabem o que querem da vida” (Participante 16, 60 anos, cisgênera, lésbica, casada, branca, ensino superior).



A palavra “velho” foi usada para representar as pessoas mais velhas e idosas que alcançam as mudanças mais salientes do avanço da idade. Seguindo com essa palavra, encontra-se o seu sentido depreciativo na sociedade. Assentam-se nesse termo as dificuldades para estabelecerem relacionamentos afetivos. Também é declarada a dificuldade de ser incluído/a no mercado de trabalho quando se percebe a preferência por pessoas jovens. O contexto representacional aqui exposto revela o predomínio de elementos da juventude para balizar os posicionamentos acerca da velhice e do envelhecimento. Assim, a hipervalorização da juventude repercute um cenário desfavorável para os sujeitos em franco processo de envelhecimento, quando imperam as insígnias da beleza, força, produtividade e consumo ancoradas no “ser jovem” (Silva, 2021). A produção discursiva sobre o envelhecimento ao se encontrar com a possibilidade de experimentação da sexualidade produz uma ideia de monstruosidade, temos a materialidade abjeta que traduz a representação sobre velhos com sexualidades dissidentes e não é incomum envolverem as identidades de velhos LGBTQ+ às noções de solidão, abandono, e falta de desejo pela vida (Pocahy, 2017).

O velho entra em contraste com o novo, o jovem; há entre essas classificações etárias uma prescrição de comportamentos e, não só isso, desenvolve-se uma segregação espacial do velho que se torna um estranho em lugares antes ocupados como boates e saunas. Debate-se, também, que não é indicado para uma pessoa velha querer manter a juventude de forma compulsiva:

Quando a gente vai envelhecendo, vai deixando mais as farras, vai se acabando mais. Só quando a pessoa tem a companhia já, envelhece junto [...] só se for arranjar outra pessoa mais velha, mas para arranjar uma mais nova é difícil, é difícil. Eu acho difícil porque tem muita gente que se incomoda (Participante 34, 58 anos, cisgênera, lésbica, solteira, parda, não-alfabetizada).

No plano das intersecções geracionais, vemos ser construídas narrativas e práticas que versam sobre as possibilidades de viver o erotismo ao longo das diferentes idades da vida. Pocahy (2017) alerta para os processos de sociabilidade prescritos para pessoas idosas com sexualidades dissidentes que afrontam as normas sociais com a sua sexualidade considerada “bizarra”, e, por isso, são deslocadas do “mercado do sexo”. O autor debate que no centro das experiências homoeróticas de gays velhos ocorrem perfurações nas imagens produzidas acerca das vidas abjetas. Passamani (2017) explica que entre as estratégias utilizadas para o envolvimento sexual entre velhos homossexuais e jovens destacam-se as trocas de favores sexuais e algum benefício, para muitos essas não configuram uma prostituição, tratar-se-ia de uma relação de ajuda, com agradados, incentivos e presentes que beneficiariam ambas as partes.

A classe 2 – “Dispositivos de gênero e convenção ao binarismo estratégico” – contou com 283 segmentos de texto, o que representou 24,44% do *corpus* estudado. As variáveis descritivas dessa classe indicam que ela foi formada por homens trans, que não trabalham, solteiros e heterossexuais. Encontramos nessa classe os segmentos de texto sobre as formas de subjetivação que sustentam papéis de gênero ligados a heteronormatividade, enquanto adentramos num campo simbólico de contradições em relação a tentativas de reconhecimento e de respeito às identidades expostas. Isso posto, observa-se nos discursos a explicitação de papéis referentes ao “masculino” e “feminino”, em geral, reificadas e naturalizadas, mesmo quando se debatem a formatação das identidades trans que em tese descortinam os parâmetros do ser homem ou ser mulher:

Agora tem muita gente que não aceita, tem vezes que nem é porque é LGBT é porque tem gente que não se comporta como é para se comportar. Porque se você é uma mulher trans ou homem trans, ou travesti, ou algo do mesmo sexo, então tem que se comportar como a pessoa que os outros veem (Participante 18, 57 anos, mulher transexual, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

Berenice Bento (2017) debate sobre o gênero e a sexualidade na experiência transexual e nas suas discussões, a autora critica a posição de Judith Butler ao desconsiderar o fenômeno do corpo, reduzindo a identidade a um efeito do discurso. Para Bento (2017), a experiência transexual põe em evidência a especificidade dos processos de construção dos corpos que buscam ajustar-se ao modelo dimórfico. Diante disso, o corpo-sexuado constitui um efeito protético das tecnologias fundamentadas na heterossexualidade. Considerando a plasticidade que o corpo-sexuado assume, sendo ele manipulável e transformável, “o que irá estabilizá-lo na ordem dicotomizada dos gêneros é a sua aparência de gênero” (p. 160). Nesta tentativa de conformação das estéticas por meio de artifícios que culturalmente fundamentam um sistema de binarismo dos gêneros situamos também a formulação da identidade social do ser transexual. Nesse sentido, os/as participantes da presente pesquisa se servem do modelo binarista de gênero para conduzir os processos de categorização social e de comparação social, responsáveis por formatar a identidade social, segundo Tajfel (1983). Ao assumir a identidade trans, os/as participantes revelam uma tentativa de homogeneizar o seu grupo, buscando também um reconhecimento e uma sociedade que impõe limites aos gêneros (sobre o ser homem e o ser mulher).

Enquanto é retratado o desconforto por não receber o reconhecimento devido em relação à autoidentificação como homem ou mulher, os homens trans da pesquisa queixam-se dos olhares atravessados, em que pesa um julgamento e desautorização em relação a assumir o seu

próprio gênero. Isso fica exposto quando ocorrem queixas repetidas em relação a não ser chamado pelo nome escolhido, mesmo após haver uma retificação em cartório: “as pessoas de fora da família também são assim, não respeitam a forma que eu quero ser tratado. É porque gente conhecida sabe do seu crescimento [...] ficam insistindo ainda hoje e ficam insistindo no nome antigo” (Participante 31, 40 anos, homem transexual, heterossexual, solteiro, pardo, ensino médio).

Estudando representações sociais de mulheres trans sobre identidade de gênero e transfobia no Brasil e na Colômbia, Sánchez-Fuente *et al.* (2021) observaram que há muitas dificuldades enfrentadas por pessoas trans ao assumirem a sua identidade junto da família e da sociedade em geral. As representações sociais em torno da sua identidade são negativas, considerando o medo, a dor, o sentimento de impotência, a angústia e a falta de esperança no futuro. Em meio a muitos episódios de violência e de discriminação, as pessoas trans vêm lutando por reconhecimento e por respeito, mas a transfobia interfere na atitude destas quanto a vivenciarem o seu processo de identificação pessoal como trans.

Num impasse com uma sociedade que exclui, discrimina e agride, há também uma tentativa de conciliação dessas diferenças. Sendo assim, foi percebido, entre os/as participantes da presente pesquisa, uma defesa em torno de comportamentos e formas de relacionamentos que integram a normatividade do desejo. Percebe-se não haver uma subversão aos dispositivos do gênero, no lugar disso impera a tentativa de não ser reconhecido como uma pessoa trans, o desejo da chamada passabilidade que lhes retira o constrangimento de terem a sua identidade como trans revelada em público. A respeito disso, Bento (2017) assevera que, no contexto da identificação e formatação das identidades trans, a construção do “eu sou” implica um trabalho de negociações com as idealizações. No campo das idealizações, tanto de homens trans como de mulheres trans, a socióloga reitera que predominam representações hegemônicas explicadas como idealizações masculinas (homens viris, fortes, musculosos, altos, peludos) e idealizações femininas (mulheres que cuidam, doces, emotivas, frágeis, solidárias):

Eu não tenho orgulho não. Nunca tive. Eu estou falando em relação ao transexual. Estou falando da gente que tem essa, se chama disforia de gênero. Essa disforia que é essa inconformação [...] porque o diferente nunca vai ser igual [...] eu não quero estar me expondo. Eu também não quis marcar lá no Centro LGBT porque eu evito entrar lá (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

O binarismo estratégico presume que há um caminho privilegiado nos modos de subjetivação que dividem de um lado homens, considerados viris, ativos, fortes e brutos, enquanto às mulheres lhes cabe a posição de passividade, de cuidado e de servir (Zanello, 2018).

Nesse campo representacional, as chamadas sexualidades dissidentes colocam em xeque alguns valores gerados na heteronorma, porém não subvertem os dispositivos de gênero, ao ancorarem as suas representações em convenções do binarismo homem e mulher, ativo e passivo (Baére; Zanello, 2020). Por conseguinte, os/as participantes se asseguram no meio LGBTQ+ como um grupo de minoria ortodoxa, pró-normativo, que defendem que o pertencimento ao intragrupo LGBTQ+ não deve resultar numa desfiguração ao binarismo de gênero, já que o que foge a essa norma é considerado abjeto. Dessarte, espera-se ainda um respeito pela reprodução de papéis sexuais vigentes: “quando vocês vão transar com um cara que o cara libera, a primeira coisa que vocês fazem é comer o homem. Que mulheres são essas que comem os homens? [...] Mulher é mulher!” (Participante 11, 60 anos, cisgênero, pansexual, solteiro, pardo, nível médio).

A classe 5 – Relações familiares entre a exclusão e a aceitação – apresentou 125 segmentos de texto, correspondendo a 10,79% do *corpus* total. As variáveis descritivas da classe assinalam que ela foi formada por pessoas do gênero feminino, faixa etária entre 40 e 49 anos, mulheres transexuais, pretas, heterossexuais, que se consideram religiosas. A ideia subjacente é que a família não representa um lugar de garantia de aceitação e de cuidado quando se trata de uma pessoa que é LGBTQ+, tendo em vista que os familiares, principalmente a figura paterna, não se mostram receptivas ao filho/a que se descobre LGBTQ+.

Enquanto falam das suas experiências com o pai, a mãe e os seus irmãos, as/os participantes retratam mais repetidamente situações de desprezo e de opressão, elas/es parecem viver a materialização do preconceito e da discriminação inicialmente nas suas casas, de onde foram expulsas ou, por serem constantemente agredidas, precisaram ir embora o mais rápido possível, antes mesmo de atingirem a maior idade: “[...] mas as que vivem de prostituição [mulheres trans], que foram expulsas de casa, que estão doentes. Muito doentes, as famílias não cuidam, as famílias, a maioria não querem nem saber” (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

Ao falarem das suas famílias como grupos tradicionais e conservadores, cujos núcleos reuniam os pais e um número extenso de filhos, os/as participantes acreditam que a família é caracterizada como um meio do qual não se consegue esconder a sua identidade como LGBTQ+. A partir daí surge o desafio gerado que impunha a necessidade de haver uma solução para o que era considerado um problema no centro da família: saber qual o vínculo será possível de ser mantido dada as diferenças percebidas que geravam conflitos.

A exclusão do meio familiar constitui uma das principais vulnerabilidades que atinge inicialmente a trajetória de vida de pessoas LGBTQ+. Encontramos em diversos estudos que versam sobre o envelhecimento da população LGBTQ+ que a exclusão da família é um fator de

risco psicossocial prevalente (Hua; Yang; Goldsen, 2019; Sánchez-Fuente *et al.*, 2021; Schultze, 2017). Observamos que a família ocupa um lugar central no imaginário social sobre as relações de gênero e sexualidade na sociedade. O seu funcionamento privilegiado como dispositivo sexual e de gênero é um determinante nos processos de enfrentamento social de pessoas que tensionam os discursos normativos erigidos (Zanello, 2018). O afastamento da família mediante a recusa e não-aceitação agrava significativamente o contexto de violência e de discriminação perpetrados contra a pessoa LGBTQ+, trazendo consequências na sua trajetória como dificuldade de autoaceitação da identidade dissidente (Sánchez-Fuente *et al.*, 2021). O distanciamento da família também pode originar um agravamento das desigualdades cumulativas que os sujeitos adquirem ao longo do curso de vida e que levam a uma piora da sua qualidade de vida na velhice (Miller, 2023).

As trajetórias de pessoas LGBTQ+, por seu turno, tensionam as garantias que culturalmente são atribuídas à instituição familiar. As experiências traumáticas advindas das violências e discriminações cotidianas, do abandono e da rejeição são fatos que atravessam as representações sobre a família e oferecem um cenário mais diversificado sobre o que é uma família e qual a sua função (Weeks, 1983). Weeks (1983) aponta que a ideologia familiar que comporta um projeto de vida plena e realizada com a composição de uma família (monogâmica, nuclear e heterossexual) também é uma construção que avança uma promessa para os sujeitos que alcançarão a velhice. Afinal, envelhecer traz para os sujeitos a necessidade de ter uma rede de suporte.

Observamos que, embora existam muitas dificuldades vivenciadas no cenário da família, essa instituição se impõe como um objeto representacional difuso em que demonstrações de cuidado e de afeto se chocam com reações de repulsa, rejeição e discriminação. Sánchez-Fuente *et al.* (2021) ressaltaram que a família foi considerada um elemento essencial na trajetória de mulheres transexuais brasileiras e colombianas, para que elas conseguissem assumir a sua identidade transexual e encontrar forças na luta pela aceitação na sociedade. Em nosso estudo, a percepção sobre o processo de envelhecimento (de si e do outro) parece fortalecer os laços familiares que antes podiam estar fragilizados. Por suposto, contrariando todo o cenário de rejeição na família, a mãe foi a principal figura de cuidado e símbolo da possibilidade de o amor superar a rejeição. Apoiadas na demonstração de afeto pela figura materna, restou para alguns/mas participantes acreditarem ser possível construir relações afetivas na família. Isso posto, muitas pessoas LGBTQ+ passaram a exercer o papel de cuidadoras dentro da família, sejam com os seus pais idosos, sobrinhos/as e até mesmo tios/as idosos/as e

os/as avós. Aos/às sobrinhos/as é direcionado afeto e cuidado que seria destinado aos/às possíveis filhos/as.

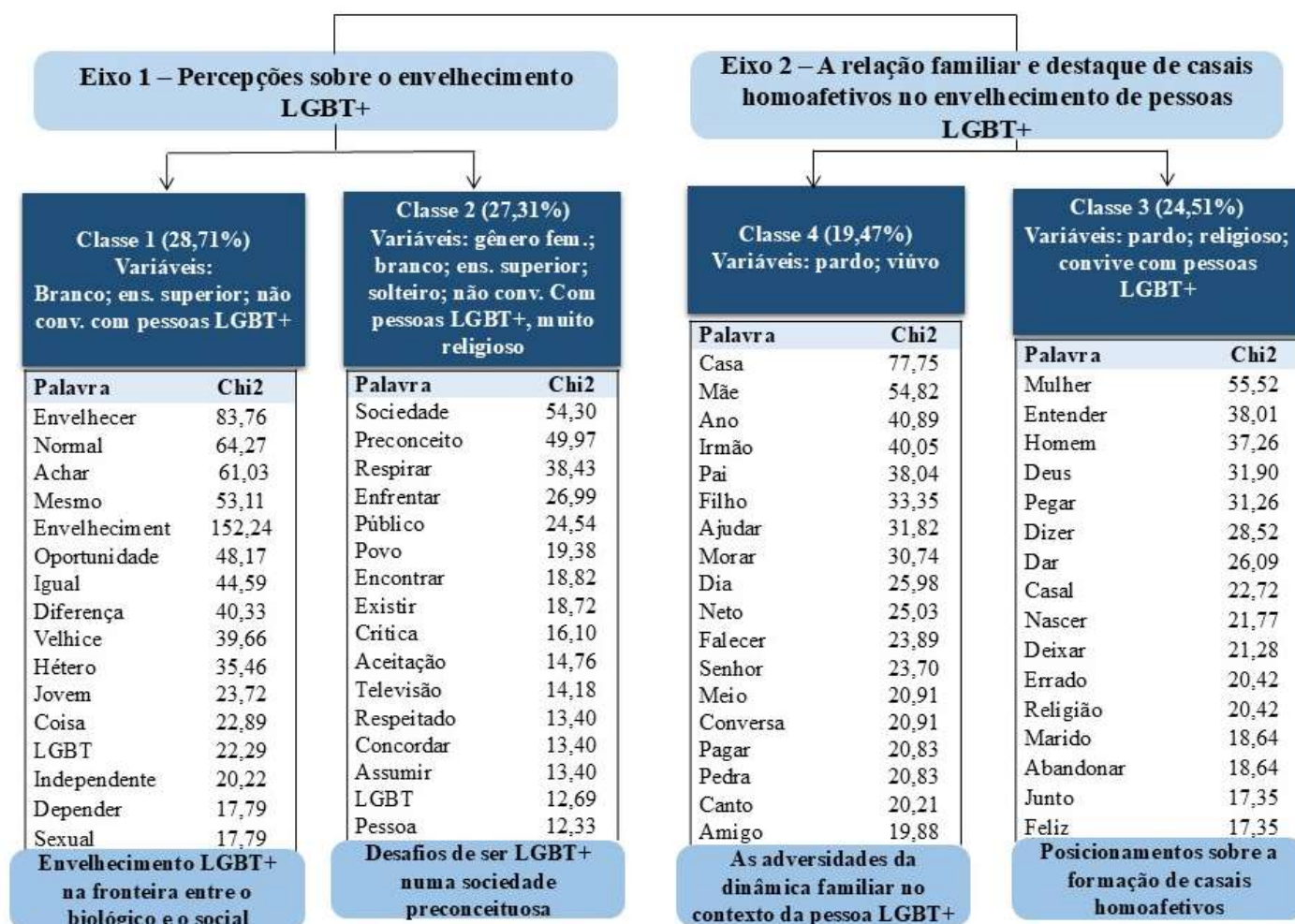
Percebe-se que existe um investimento afetivo e financeiro para os/as sobrinhos/as que, em alguns contextos, ficaram mais próximos/as das suas tias e tios LGBT+. Embora haja muito descrédito em relação ao acolhimento que deveria ser exercido no centro da família, há uma discussão sobre a função do amor nas relações entre familiares. Quando isso não acontece entre membros que compartilham laços sanguíneos, busca-se nos/as amigos/as e, nos espaços de convivência, estabelecer laços afetivos significativos e quando isso acontece, defende-se que ali existe uma família.

Numa tentativa de manter uma atitude positiva sobre a família nas suas trajetórias de vida, a população LGBT+ pode investir de um novo significado à instituição familiar. A família necessariamente não tem que ser formada por pessoas que dividem a consanguinidade. Amizades com laços significativos também podem fundar uma família para pessoas LGBT+. Hull e Ortyl (2019) discutem que o contexto de intensa exclusão impulsiona as pessoas LGBT+ a procurarem investimento afetivo em grupos de amigos e amigas que constroem laços intensos e significativos. As chamadas famílias escolhidas (*family choice*) são grupos formados por pessoas LGBT+ que se reúnem com a intenção de proteger e enaltecer as suas vivências, correspondendo a um coletivo que estabelece suporte social em diversos aspectos ao longo da vida. Apesar de ser um modelo de família fortemente presente na realidade de pessoas LGBT+, considerando principalmente as pessoas transexuais, as mudanças ocorridas nos últimos anos com a ênfase no casamento homoafetivo e o aumento da parentalidade LGBT+, tem também alertado para um retorno a concepções mais tradicionais sobre família com parentes biológicos/as e/ou legais (Hull; Ortyl, 2019).

### **7.3.3 Análise dos sistemas representacionais e posicionamentos acerca do envelhecimento LGBT+ pelo exogrupo**

O *corpus* foi composto por 34 unidades de texto, após o seu processamento no IRAMUTEQ ele foi dividido em 884 unidades de contexto elementar (U.C.E) com aproveitamento de 714 unidades (80,77%). A análise produziu um dendrograma com 4 classes, entre elas as classes 1 e 2 formaram um eixo comum intitulado “Percepções sobre o envelhecimento LGBT+” que foi responsável por compor 56% do material analisado. O eixo 2 foi formado pelas classes 3 e 4 e foi intitulada “A relação familiar e a constituição de casais homoafetivos no envelhecimento de pessoas LGBT+” reuniu 44% do corpus estudado.

Figura 3 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) sobre o envelhecimento LGBT+ pelo exogrupo.



Fonte: Silva-Júnior (2025).

### 7.3.3.1 Eixo 1 - Percepções sobre o envelhecimento LGBT+

Observamos que os/as participantes centraram as suas produções tendo o envelhecimento e a velhice como objetos de representação. Nesse sentido, o envelhecimento foi representado como um processo natural, e está ancorado na ocorrência de mudanças físicas decorrentes deste e na ideia de aumento da idade. Isso posto, eles/as entendem que essas alterações devem acontecer para todos os indivíduos longevos, inclusive para aqueles sujeitos com identidades dissidentes. A velhice foi retratada como uma etapa da vida repleta de desafios. A ponderação com fatores psicossociais levou a uma consideração sobre implicações patológicas no processo de envelhecimento da pessoa LGBT+ que foi considerada pelo

exogrupo como alguém que foge das noções apreendidas de normalidade. Entretanto, o grupo produziu dissensos sobre o tema, alguns/mas participantes também consideraram que a realidade vivenciada no envelhecimento é dependente de fatores psicossociais que marcam condições sociais desiguais para encarar o envelhecimento. Nesse sentido, percebeu-se que a expressão “LGBT+” divide o grupo na análise sobre o envelhecimento e tornou saliente para alguns/mas os aspectos psicossociais presentes no envelhecimento que impõem muitas vezes riscos e barreiras aos sujeitos que compõem grupos minoritários.

A classe 1 - Envelhecimento LGBT+ na fronteira entre o normal e o patológico - foi composta por 205 segmentos de texto e representa 28,71% do total extraído. As variáveis descritivas que se destacaram foram pessoas brancas, com ensino superior e que não convivem com pessoas LGBT+. Nesta classe, os/as participantes tenderam a considerar o envelhecimento um processo natural, com isso, eles/as justificaram que todos os indivíduos vivenciarão as suas implicações e desafios. Os conteúdos que compõem as RS sobre o envelhecimento LGBT+ incluem também as noções de normalidade e anormalidade, igualdade e diferença, em razão das palavras que tiveram maior associação com a classe: envelhecer, normal, achar, mesmo, envelhecimento, oportunidade, igual, diferença, velhice, hétero, jovem.

Para justificar sua visão sobre o envelhecimento LGBT+ os/as participantes indicaram que as pessoas LGBT+ têm um envelhecimento normal, ou seja, vivem as mudanças naturais esperadas com o avanço da idade: “As pessoas LGBT estão envelhecendo normal como a gente. Eu acho, eu vejo normal como a gente. Não é porque eles são LGBT que eles não vão envelhecer igual a nós [...] A velhice de quem é LGBT é igualzinha à nossa. Não tem diferença, não tem diferença” (Participante 63, 54 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, branca, nível médio). A naturalização do envelhecimento e velhice LGBT+ é observada em outros estudos com pessoas do exogrupo (Fonseca *et al.*, 2020; Gomes *et al.*, 2019; Jesus *et al.*, 2019a; Jesus *et al.*, 2019b; Sousa *et al.*, 2023) e também do endogrupo LGBT+ (Fonseca *et al.*, 2022; Gomes *et al.*, 2020). Os estudos apontam que a identidade sexual muitas vezes não constitui para os grupos um elemento que altere o processo de envelhecimento, nesse sentido, é mais imperativo pensar o envelhecimento como um processo natural e biológico do ciclo de vida acompanhado por mudanças majoritariamente caracterizadas por declínios físicos e funcionais (Fonseca *et al.*, 2020; Gomes *et al.*, 2019; Jesus *et al.*, 2019a; Jesus *et al.*, 2019b; Sousa *et al.*, 2023).

Quando pensam mais a fundo nas dificuldades enfrentadas com o avanço da idade, alguns/mas participantes do presente estudo tendem a retratar o envelhecimento LGBT+ com mais desafios, já que o envelhecimento para pessoas heterossexuais é desafiador e tais



dificuldades se acentuam para os sujeitos dissidentes. Esses são aspectos atrelados à vivência do envelhecimento de pessoas LGBTQ+ em outras pesquisas realizadas. Embora haja uma primeira noção que trata o envelhecimento como um processo natural e biológico, também é adicionada a ideia de ser um processo mais desafiador para as pessoas LGBTQ+, pois elas lidam com preconceitos, discriminação, repressão sexual e outras violências no seu curso de vida (Fonseca *et al.*, 2020; Jesus *et al.*, 2019a; Gomes *et al.*, 2019; Gomes *et al.*, 2020).

Embora tenhamos encontrado nos estudos consultados uma associação dos desafios que uma pessoa LGBTQ+ enfrenta com as adversidades apontadas ao envelhecimento, identificamos, de forma adicional, na presente pesquisa, teorias do senso comum de que o envelhecimento de pessoas LGBTQ+ é mais precoce. Essa noção de envelhecimento mais rápido está também ancorada numa concepção patológica das identidades LGBTQ+, no discurso apresentado a seguir vemos haver uma atribuição de desequilíbrio emocional, que se sustenta na ideia de que há um desvio da normalidade e isso impacta negativamente o seu envelhecimento individual:

Eu acho assim, de envelhecer todo mundo vai envelhecer, que seja transgênero, ou não, todos nós envelhecemos, mas que, como eu digo, essas pessoas assim, elas envelhecem mais rápido, porque elas não têm o equilíbrio não tem a capacidade que uma pessoa, entre aspas, normal, tem, entendeu? Mas que todos envelhecem, vamos envelhecer, vamos envelhecer e envelhece mesmo (Participante 50, 50 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, ensino médio).

Além disso, as representações que consideram as adversidades na trajetória de uma pessoa LGBTQ+ revelam estereótipos apresentados por membros do exogrupo que podem retratar a pessoa LGBTQ+ como uma pessoa adoecida pelo meio social.

Olhe, se a gente que é hétero e segundo a norma, somos normais, é difícil envelhecer, tu imagina o LGBTQ. Aqui a gente tem algum tempo [...] aquele menino é uma pessoa assim, muito triste da situação dele, porque ele já está envelhecendo, infelizmente muitos conflitos familiares, eu não sou psicóloga mas pelo pouco que eu entendo dele, ele tem algum problema (Participante 54, 51 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, pós-graduação).

A relação entre estresse e envelhecimento é retratada em estudos científicos ao longo das décadas, de modo que alguns resultados apontam os efeitos nocivos do estresse crônico aos indivíduos que envelhecem, retratando até mesmo um aceleração do processo com a acentuação de declínios (Bauer, 2008; Bauer; Jeckel; Luz, 2009). Percebemos essa relação desde os estudos clássicos sobre o envelhecimento biológico que retratam que o envelhecimento fisiológico abrange uma série de modificações nas funções fisiológicas e mentais e com o avançar da idade o organismo vai perdendo a capacidade de manter o equilíbrio homeostático. Outra alteração neuroendócrina é a diminuição progressiva da reserva funcional. Nesse sentido,

a pessoa idosa submetida às situações de estresse físico, emocional de forma recorrente podem sofrer uma sobrecarga funcional e, consequentemente, adquirir processos patológicos tendo em vista o comprometimento dos sistemas endócrino, nervoso e imunológico (Jacob Filho; Sousa, 1994; Straub *et al.*, 2001).

Os resultados desses estudos têm sido difundidos pelas mídias principalmente nas últimas décadas em que há uma visibilidade do fenômeno do envelhecimento populacional. Desse modo, é possível que os diferentes grupos tenham acesso, através de telejornais e de notícias veiculadas nas redes sociais, a informações diversas sobre os efeitos nocivos do estresse à saúde e à qualidade de vida dos sujeitos. Vale salientar, conforme apontam Silva e Pocahy (2021), que lidamos nos últimos anos com um grande projeto de promoção de um envelhecimento ativo e saudável, a partir de agendas internacionais os diferentes países promovem a ideia de que o envelhecimento populacional é uma responsabilidade das políticas públicas que devem garantir bem-estar e qualidade de vida aos sujeitos mais longevos. Em contraponto, também surge na sociedade a ideia de que o envelhecimento saudável é uma responsabilidade individual, e, por isso, os sujeitos devem cuidar do seu estilo de vida para alcançarem um envelhecimento exitoso.

As noções sobre os efeitos do estresse no curso de vida de pessoas LGBTQ+ também fazem parte dos estudos com minorias sociais. A teoria de estresse de minorias foi desenvolvida por Meyer (2003) nos Estados Unidos, no início dos anos 2000 e teve como objetivo sistematizar os fatores específicos que são vivenciados por pessoas LGB e buscar explicar os efeitos que essas condições trazem, provocando desfechos na saúde mental desse grupo. A teoria propõe três dimensões de preconceito: 1) percebido: caracterizado pela vivência do estresse explícito advindo de situações estressoras pelo preconceito, rejeição, violência e agressão por pertencer a um grupo minoritário; 2) antecipado: acontece como uma antecipação de um evento estressor do futuro em que o sujeito lida com o estresse por meio da expectativa de rejeição e de recriminação, por ter que se manter em estado de vigília ou por ter que se esconder e se proteger; 3) internalizado: quando as atitudes e o preconceito advindos do meio social são internalizados pelo próprio sujeito que pertence ao grupo minoritário (Meyer, 2003). Em função da exposição de pessoas LGBTQ+ às diferentes situações estressoras, encontramos nas mídias sociais a apresentação de desfechos negativos na saúde mental dessa população que tem sido retratada com grandes índices de depressão, ansiedade, angústia, culpa, estresse pós-traumático, tentativa e consumação de suicídio, etc. (Grandim *et al.*, 2022).

É interessante perceber na presente pesquisa que as noções sobre envelhecimento e estresse se relacionam de modo a tornar mais densa a ideia de que as pessoas LGBTQ+ sofrem

de alguma condição patológica, seja sob uma perspectiva causal no qual a patologia é consequência dos fatores externos, seja também pela via de uma noção essencialista que revela que a pessoa LGBTQ+ é desviante de uma expectativa de desenvolvimento e de comportamentos normativos (seria possível inferir que haveria, para esses/as participantes, um desvio das trajetórias de envelhecimento saudável). Os discursos produzidos no campo social tornam o campo das especulações sobre os modos de vida de pessoas LGBTQ+ um espaço frutífero para que as teorias do senso comum acomodem os seus sentidos e significados sobre ser LGBTQ+ e envelhecer, considerando que as adversidades podem servir de justificativa para ancorar discursos patologizantes sobre essa população.

A velhice, de um modo geral, foi significada como uma etapa da vida mais difícil que necessita de um amparo econômico. Nesse sentido, alguns discursos traçam que o envelhecimento é uma consequência da trajetória individual dos sujeitos, e, por isso, é importante que os indivíduos busquem ser produtivos ao longo da vida, consigam uma profissão e tenham uma vida regrada para se viver uma boa velhice:

Eu acho que tanto faz eu ser LGBTQ+ como não ser, porque a vida que eu tenho hoje é consequência de tudo que eu já passei lá atrás. Aí se o LGBTQ+ ele também plantou, ele vai ter uma velhice confortável como qualquer outra. Agora também se não trabalhou, se ele não estudou, se ele viveu de loucura, de badalação exagerada, eu acredito que ele também não vai ter essa velhice confortável. Mas não é porque ele é LGBTQ+ e porque ele não fez por onde ele ter, tá entendendo? (Participante 37, 56 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, pós-graduação).

Considerando ainda as diferentes trajetórias de vida, as condições encontradas na velhice foram dependentes de como o sujeito vivencia a interação social, construindo ou não vínculos significativos. Nestas condições, a velhice teria dois desfechos possíveis:

Então eu encaro assim, dois caminhos, dois caminhos como o hétero, um triste, se a pessoa não conseguir constituir laços efetivos e outro que se a pessoa envelhecer construindo laços afetivos, aí eu acho independente, sinceramente, se a pessoa é LGBTQ+ ou não, eu vejo o processo de envelhecimento muito similar, porque eu vinculo muito a essa questão dos vínculos efetivos, se a pessoa conseguir construir ao longo da vida. Eu acho que na velhice isso vai fazer muita diferença, independente dessa questão de opção sexual. (Participante 42, 48 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, branca, ensino superior).

Alves *et al.* (2021) estudaram as RS da velhice LGBTQ+ elaboradas por avôs e avós de pessoas homossexuais e identificaram que o trabalho foi um elemento central para os/as participantes para conferir uma velhice com autonomia para os sujeitos LGBTQ+. Isso foi posto em consideração ao contexto de exclusão e de invisibilidade que as pessoas LGBTQ+ enfrentam cotidianamente, enquanto o trabalho foi considerado um fator de proteção que poderia amenizar

os efeitos do preconceito, podendo garantir um lugar de prestígio social mesmo assim. Além disso, semelhantemente ao que fora percebido na presente pesquisa, os/as avôs/ós estudados/as por Alves *et al.* (2021) defendem que as pessoas idosas LGBTQ+ devem procurar manter uma boa condição financeira e estabelecer vínculos afetivos significativos que possam salvaguardar dos desafios que devem aparecer com o avançar da velhice. Ter laços afetivos significativos, manter o contato com a família e recorrer a uma rede de suporte social também foi apontado como estratégias eficientes na vida de pessoas idosas, por isso mesmo o grupo de avôs/ós considerou a relevância do suporte advindo dessas diferentes fontes para as pessoas LGBTQ+ que lidam como uma dinâmica social complexa, repleta de desafios para alcançar estabilidade na velhice.

A classe 2 intitulada “Desafios de ser LGBTQ+ numa sociedade preconceituosa”, agrupou 195 segmentos de texto, correspondendo a 27,31% do material analisado. As variáveis descritivas desta classe foram a escolaridade de nível superior, ser branca, solteira, do gênero feminino, que não convivem com pessoas LGBTQ+ e se considerar muito religioso/a. Nessa classe as palavras que obtiveram maior associação destacam os aspectos psicossociais que trazem desafios para os sujeitos pertencentes a grupos minoritários, quais sejam: sociedade, preconceito, respeitar, enfrentar, público, povo, encontrar, existir, crítica, aceitação, televisão, assumir.

A discussão sobre preconceito perpassou toda a classe, sendo este um importante elemento de ancoragem das representações sociais sobre grupos minoritários. Através da discussão sobre a pessoa idosa LGBTQ+ muitos outros exemplos de discriminação foram utilizados para demonstrar que a sociedade não supera o histórico de exclusão dos grupos minoritários que acontecem de maneiras variadas, em diferentes contextos como em casa, na rua, no ambiente de trabalho, etc.. O cenário destacado pelos/as participantes envolve não somente a pessoa LGBTQ+, como também inclui pessoas pretas, com deficiência e idosas; vistas como alvo da discriminação social.

[...] porque a gente sabe que também o sistema, quando vai fazer entrevista, ainda tem preconceito com essas pessoas para dar emprego, ainda tem preconceito. Preto e LGBTQ+ que ainda mais tem preconceito, e se não tiver uma graduação, eu não digo nem o ensino médio hoje, que o ensino médio é a alfabetização, mas se não tiver uma graduação, não entra no mercado de trabalho não, não entra (Participante 52, 57 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, preta, ensino superior).

Os conteúdos da classe revelam uma constante nos estudos sobre RS do envelhecimento LGBTQ+ que têm ancorado às noções desse objeto social com o preconceito (Araújo *et al.*, 2019; Fonseca *et al.*, 2022; Jesus *et al.*, 2019a; Jesus *et al.*, 2019b). Nesse sentido, Gomes *et al.* (2019)

debatem que embora tenhamos uma crescente discussão na sociedade sobre os direitos pró-LGBT+, há também na contramão desses debates o crescimento de discursos político-religiosos que enfraquecem essas pautas. O reconhecimento das adversidades da velhice e do envelhecimento LGBT+ é acompanhado da ideia de haver um duplo estigma para os sujeitos que de um lado convivem com uma sexualidade dissidente e de outro têm que lidar com os processos excludentes atrelados à velhice (Jesus *et al.*, 2019b). Pensamos que a ancoragem do envelhecimento LGBT+ no preconceito e em estigmas pode também funcionar como uma justificativa para haver uma maior resistência de aceitação à diversidade sexual e de gênero no âmbito familiar uma vez que na trajetória de pessoas LGBT+ a permanência no “armário” constitui uma maneira de se defender da repressão social. Muitos pais de pessoas LGBT+ defendem a permanência dos/as seus/uas filhos/as no armário para garantir uma segurança e proteção da hostilidade direcionada a pessoas LGBT+. Isso posto, nos parece que a fixação na ideia do preconceito no contexto do pensamento social sobre ser LGBT+ reforça o lugar de desprestígio do grupo dissidente, e, na formação dessas RS, conforme defendido por Jodelet (2001), as práticas dos grupos sociais podem ser um reflexo desse pensamento hegemônico.

O contexto de preconceito e discriminação contra pessoas LGBT+ foi também situado em meio a um recorte temporal. Isso posto, os/as participantes debateram que as gerações de pessoas mais velhas que são LGBT+ já enfrentaram maiores dificuldades na juventude, muitas não podiam assumir a sua identidade sexual e de gênero para a família.

Olha, talvez eu estou tentando ver se eu consigo alguém assim que é assumido com mais idade, porque essas pessoas que têm mais idade hoje, quando elas eram jovens, talvez elas não se assumissem, porque o preconceito era muito maior, a intolerância era muito maior, então eu acho que talvez elas sejam mais discretas, do que quando você é mais jovem, quando você, ser jovem hoje, LGBT e ser uma pessoa de mais idade (Participante 42, 48 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, branca, ensino superior).

Considerando o ambiente intolerante que a geração de pessoas idosas LGBT+ encontrou na sua juventude, em especial naquilo que se referia à sexualidade, muitas pessoas sucumbiram à invisibilidade como uma estratégia de driblar as sanções que eram destinadas a esses sujeitos. Sendo assim, a discrição foi para muitos uma condição básica que os livraria da discriminação (Lisboa Filho; Machado; Dias, 2013). Entendemos que essas estratégias também tiveram efeitos na experiência de pessoas do exogrupo que fazem parte da mesma geração e que alegam não terem contato com pessoas LGBT+ na sua juventude. Ao relatar sobre a invisibilidade de pessoas LGBT+ no passado, uma participante se questionou se as pessoas LGBT+ existiam em

gerações passadas, para explicar a suas ideias sobre o assunto ela relatou que o aparecimento de pessoas LGBTQ+ aconteceu de forma mais repentina:

Porque foi assim, de repente a gente sabe que existe, mas de repente tudo, eles tomaram conta. Agora, o que eu acho errado, o que eu acho errado, mas também não tenho nada contra. Eu, minha opinião, é que devido a essa explosão desse sistema deles, eles forçam a barra, eles querem mostrar a coisa assim (Participante 59, 69 anos, mulher cisgênera, heterossexual, solteira, branca, pós-graduação).

Essa mesma participante aponta ser difícil para ela aceitar uma pessoa LGBTQ+ já que acredita que se trata de uma invenção dos últimos anos, dada a maior visibilidade conquistada. É visto no seu posicionamento que as noções arraigadas sobre o gênero e a sexualidade compõem um repertório que estabilizam os papéis sexuais e de gênero, nesse sentido, as suas RS trazem prescrições, inibições, tolerâncias e preconceitos, por exemplo. Mas há também a contradição com as mudanças nos sistemas de valores sociais mais atuais quanto ao exercício desses papéis que passaram a considerar nos últimos anos a tolerância à diversidade. Isso mostra o processo dinâmico das RS que aponta para a relação entre fenômenos pessoais e sociais que se estabelecem através das realidades das relações que se estabelecem entre o endogrupo e o exogrupo (Valsiner, 2015):

Eu não sei se eu posso dizer se é preconceito, mas existe assim uma barreira. Existe aquela barreira, porque eu não sei, eu não tenho essa aceitação. Porque é como se fosse, eles serem assim uma invenção, eles se inventarem dessa forma. Eles se inventarem dessa forma, mas que é a escolha, para mim é a escolha. Quem quer ser LGBTQ, seja, quem não quer (Participante 59, 69 anos, mulher cisgênera, heterossexual, solteira, branca, pós-graduação).

Ao destacarem os aspectos históricos que atravessam as vivências de pessoas LGBTQ+, os/as participantes atestam que as condições históricas, os dispositivos sociais e os fatores socioculturais a elas atreladas são determinantes nos modos de viver a vida. Assim, podemos entender também que a produção de RS denuncia “o senso comum como uma realidade homogênea acerca da qual se referem as propriedades distintivas na gestão do cotidiano e na identidade dos grupos” (Jodelet, 2015, p. 61), sendo assim, o senso comum apresenta propriedades e tem funções ligadas aos seus modos de produção e também exerce papel fundamental na interação social e na comunicação social (Jodelet, 2015). Considerando um contexto específico como este apontado na presente pesquisa, percebemos que as representações são forjadas no curso da história, com as normativas vigentes em cada época, a pertença dos sujeitos e as suas práticas são tributários também de sistemas sociais amplos em que se incluem os dispositivos sexuais e de gênero. Por isso mesmo, não é raro que encontremos posicionamentos contrários à visibilidade que nos últimos anos é conferida às questões de

diversidade sexual e de gênero, ou mesmo que veladamente encontremos teorias que debatam que o incentivo às causas LGBTQ+ podem produzir mais pessoas LGBTQ+ na sociedade, como um contágio social que se daria pela nomeação, pelo respeito e pelo reconhecimento de suas existências (Baron; Croce; Henning, 2021).

Outra questão importante reflete o fato de os/as participantes apontarem o respeito como uma solução para a problemática do preconceito existente na sociedade. Entretanto, eles/as discutem que a mudança no comportamento não corresponde exatamente a uma mudança no pensamento social, visto que o respeito não é acompanhado necessariamente de aceitação. A aceitação é vista como um processo mais difícil, uma vez que mexe com crenças e valores que tocam princípios morais sobre a sexualidade: “Eu acho muito sério isso muito muito, esse problema está muito sério ainda, eu acho que é uma questão ainda longe que não está tão perto de se chegar a um consenso a uma solução porque assim, eu posso até não aceitar, mas eu tenho que respeitar” (Participante 67, 73 anos, mulher cisgênera, heterossexual, viúva, parda, pós-graduação). Nesse ponto, vemos que os sujeitos trazem as dinâmicas dos processos interindividuais em que é defendido o respeito como uma estratégia para mediar os conflitos estabelecidos nas diferenças expostas na relação endogrupo e exogrupo, essa relação, na visão dos/as mesmos/as, parece ser mais flexível e passível de modificações. Porém, quando refletem sobre a dinâmica societal que compreende os sistemas de crenças, valores e normas sociais, os/as participantes mostram-se otimistas quanto a perceberem mudanças significativas na estrutura ideológica que determina os comportamentos em direção ao preconceito e discriminação (Almeida, 2009). Mesmo assim, o respeito é defendido, as leis foram aclamadas como responsáveis por diminuir o preconceito existente contra pessoas LGBTQ+. Tendo em vista a predominância dos conflitos em função da diversidade sexual e de gênero, os/as participantes defendem também esforços no nível intraindividual, assim, destacam que a autoaceitação é uma possível solução para as pessoas que primeiro devem se aceitar como são e, após essa etapa vencida, devem conseguir enfrentar melhor as provocações da sociedade.

Os/as participantes destacam a importância da televisão e das redes sociais como meios de divulgar as atrocidades cometidas contra a população LGBTQ+. É por meio da televisão que eles/as têm acesso às informações e às notícias sobre pessoas LGBTQ+, e esse pode ser também o único espaço em que eles têm acesso às questões da comunidade LGBTQ+: “Eu vejo muitos casos [de violência]. Muita coisa que a gente vê na televisão. De morte, de espancamento, de tudo, né? De que a gente vê muita coisa, né?” (Participante 64, 58 anos, mulher cisgênera, heterossexual, solteira, branca, ensino médio). A televisão foi apresentada como o meio mais acessível pelos/as participantes para ter aproximação com a temática, e com isso percebemos

como esse dispositivo é responsável pela difusão de informações para esta população. Aqui nos chamou atenção pensar sobre quais as motivações ou quais contextos levam os/as participantes a darem maior atenção às programações que veiculam notícias sobre violências cometidas contra pessoas LGBTQ+, quando sabemos que as pessoas LGBTQ+ são representadas de diferentes formas nas mídias sociais, inclusive há um maior espaço para apresentar relacionamentos homoafetivos, artistas LGBTQ+ e debates sobre direitos dessa população.

### 7.3.3.2 Eixo 2 – A relação familiar e a constituição de casais homoafetivos no envelhecimento de pessoas LGBTQ+

As discussões nesse eixo foram centralizadas nas noções de família e na relação entre o casal homoafetivo. Em muitos casos os/as participantes trouxeram relatos de amigos e amigas que são homossexuais ou que têm familiares que são gays e tiveram que lidar com conflitos familiares, dada a sua orientação sexual. A discussão sobre a formação de casais deu-se de forma comparativa com os casais heterossexuais. Também houve discursos atrelados às crenças religiosas e teorias do senso comum sobre diversidade sexual e de gênero.

A classe 4 foi nomeada como “As adversidades da dinâmica familiar no contexto da pessoa LGBTQ+”, ela representou 19,47% do material analisado, as variáveis descritivas da classe foram as de pessoas pardas e viúvas. As palavras com maior associação na classe foram: casa, mãe, ano, irmão, pai, filho, ajudar, morar, dia, neto.

Nesta categoria os/as participantes discutem sobre a exclusão da pessoa LGBTQ+ da sua família de origem e os receios por não saber quais os desfechos de vida que esse evento produz. Os/as participantes trouxeram exemplos de pessoas próximas da sua convivência que tiveram irmãos/ãs expulsos/as de casa por se declararem como LGBTQ+: “Até a família mesmo é contra, às vezes não aceitam, às vezes querem jogar até a pessoa para fora de casa” (Participante 40, 51 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, nível fundamental. Houve relatos de histórias de mães e de pais que rejeitaram os/as filhos/as por serem LGBTQ+, expulsando-os/as de casa ou exigindo que mudassem o seu comportamento para serem aceitos/as: “Tem um colega meu que conheço. Agora que eu me lembrei que ele já está na idade. Ele já está na idade. E a mãe dele não quis mais ele. E ele foi rejeitado na rua e tentaram matar” (Participante 62, 52 anos, mulher cisgênera, heterossexual, divorciada, parda, ensino médio). Tais relatos acenderam uma preocupação em relação a como seria a vida de uma pessoa que não tem uma casa para morar.



A rejeição familiar e a expulsão de casa são eventos possíveis no contexto de vida de uma pessoa LGBTQ+, para uma geração de pessoas idosas LGBTQ+ esse pode ter sido um acontecimento esperado no seu curso de vida quando da assunção da sua identidade sexual e de gênero (Henning, 2020a). O meio familiar se mostra desafiador para a pessoa LGBTQ+ uma vez que a família se apresenta como um agente de socialização que busca conformar as expectativas sobre os papéis sexuais e de gênero na base do que chamamos educação familiar. Assim, desde muito cedo meninos e meninas recebem a transmissão de normas sociais ou de expectativas de comportamentos e de desejos que se ancoram em noções binárias sobre o gênero e sob uma perspectiva heteronormativa. A medida em que crescem e se comportam expressando o seu gênero e a sua sexualidade esses sujeitos são recompensados quando correspondem a tais desempenhos, mas quanto desviam dessas prerrogativas, recebem sanções negativas que vão desde o olhar de reprovação à violência física e expulsão das suas famílias de origem (Connell; Pearse, 2015).

A autoafirmação como uma pessoa LGBTQ+ tende a ser acompanhada, portanto, pelas repercussões na família, nesse sentido, a família também faz parte de um sistema de representações em que se ancoram as noções sobre ser LGBTQ+, considerada a saliência desta primeira nos eventos de vida geralmente apontados como uma ruptura crítica no contexto das relações familiares. Silva *et al.* (2023) estudaram fontes de reportagens publicadas em jornais brasileiros entre 2017 e 2021 sobre pessoas idosas LGBTQ+ e identificaram que nessas matérias o contexto de convívio familiar é representado como sendo disfuncional e com vínculos rompidos. A reprovação dos familiares, o afastamento e o repúdio são destacados nas matérias analisadas que retratam as adversidades no curso de vida de pessoas LGBTQ+ idosas. Além disso, é retratado haver inúmeras tentativas por parte de familiares para mudarem os/as seus/as filhos/as conforme o modelo cisheteronormativo. Um estudo de revisão bibliográfica apontou que além da rejeição parental, os problemas familiares envolvendo pessoas idosas LGBTQ+ também decorrem de abusos financeiros por parte de familiares e por conflitos com familiares de parceiros/as com quem a pessoa constitui um relacionamento (Torelli; Bessa; Graeff, 2023).

A representação sobre ser LGBTQ+ e família apresentou também variações no sentido de ela não comportar somente a ideia de que as relações familiares são rompidas. Ao contrário disso, é visto na presente pesquisa que a família conta com o suporte daquele sujeito que antes fora renegado e afastado da família. Portanto, mesmo contando com a recusa do seu grupo de origem, algumas pessoas LGBTQ+ foram lembradas como responsáveis por cuidar de seus pais na velhice ou até mesmo de irmãos em períodos de necessidade: “ele é muito organizado financeiramente, muito. Ele tem o apartamento dele em Recife, tem a casa própria aqui. Só

compra o que pode, ele ajuda até a família. E tem um irmão que não é, não é LGBT, mas é destrambelhado” (Participante 37, 56 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, pós-graduação).

A prestação de cuidados tem sido algo observado nas trajetórias de pessoas LGBTQ+. No estudo de Nicoli *et al.* (2023) as atividades de cuidado envolvem tarefas não remuneradas em benefício do grupo familiar, e essas atividades são desenvolvidas principalmente por homens gays e bissexuais cisgêneros e mulheres lésbicas cisgênero. No contexto de vida de pessoas trans e travestis foi observado que mesmo havendo intensa rejeição familiar, ainda assim esses sujeitos se responsabilizavam pela execução de todas as atividades domésticas e de cuidados em casa, o que exigia às vezes que elas abandonassem os seus estudos e outras aspirações profissionais. As autoras chamam atenção para que não é somente o gênero de nascimento que estrutura a divisão social do cuidado ao longo da vida – o que colocaria as mulheres cisgêneras como as principais responsáveis pelo cuidado –, mas também a sexualidade, e a identidade de gênero dissidentes são marcadores que podem delegar para esses sujeitos a obrigatoriedade dessas atividades na dinâmica familiar. A prestação de cuidados aos pais idosos de pessoas LGBTQ+ também foi verificada na pesquisa supracitada, e em outros contextos de pesquisa foi visto que às vezes esse momento configura um retorno da pessoa LGBTQ+ para a sua família de origem na tentativa de fortalecer vínculos de modo a oferecer suporte aos seus pais muito idosos (Alves, 2010).

Discutimos na presente pesquisa que a imposição do cuidado às pessoas LGBTQ+ pode configurar uma resposta pelo não reconhecimento da identidade dissidente, em casos particulares podemos identificar que não há o reconhecimento do grupo familiar composto por pessoas LGBTQ+, como, por exemplo, o relacionamento homoafetivo. Não ter filhos, no caso de muitas pessoas LGBTQ+, também pode justificar a delegação das responsabilidades pelos pais já idosos quando outros membros da família se ausentam dessas obrigações. É interessante pensar que essa alternativa pode significar uma reaproximação da pessoa LGBTQ+ ao seu grupo familiar, mas isso não significa necessariamente que a sua identidade sexual ou de gênero finalmente será aceita pelo grupo familiar. Este último pode ainda resistir ao espectro da diversidade do/a seu/ua filho/a, continuando a cobrar pelo sigilo, discrição e/ou negando a possibilidade de uma convivência com parceiros e/ou parceiras do mesmo gênero. Por outro lado, a pessoa LGBTQ+ também pode usufruir de uma validação implícita acerca da realização de tarefas delegadas a outro gênero, e essa configuração pode funcionar para alguns como uma oportunidade ter reconhecido o seu papel na família mesmo que essa condição também lhes traga afetações e até sobrecarga.

A rejeição familiar não foi apontada exclusivamente no contexto de vida das pessoas LGBTQ+ mais velhas. Verificamos que a discriminação perdura para as gerações de pais de jovens LGBTQ+ que tendem a repetir com essas atitudes uma jornada longa marcada por experiências traumáticas no qual a rejeição é somente uma das manifestações da discriminação. Nesse sentido, a apresentação do cenário de discriminação e de preconceito no contexto retratado é uma ilustração de como a família opera enquanto instituição social que tende cumprir o seu papel de regulador das expressões sexuais e de gênero entre as gerações (Zanello, 2018). Nesse caso, alguns/mas participantes, mães que têm filhos/as jovens LGBTQ+ relataram com tristeza as dificuldades na relação em casa, provocadas pela resistência de o pai aceitar o seu filho gay:

O pai é quem critica, sabe, porque ele diz que não aceita, não aceita, e eu bato na tecla, digo a ele que tem que aceitar. Ele tem um sobrinho também que é casado, e eu digo você tem seu sobrinho que é casado com outro homem. Ele diz que não quer saber que é meu sobrinho, quero saber do meu filho, que eu fiz um homem, eu não fiz [um homossexual], sabe? (Participante 68, 69 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, preta, ensino fundamental).

Enquanto se posicionavam contrários à rejeição de familiares, os/as participantes justificavam que não poderiam assumir tal postura uma vez que não têm ideia do que pode acontecer no futuro, uma vez que seus netos e netas poderiam se assumir como uma pessoa LGBTQ+: “Eu não posso, que a gente tem filho, tem neto, têm neta, e ninguém sabe o futuro de ninguém. Então eu respeito de todas as maneiras, ou desse jeito, você ser desse jeito, para mim é uma pessoa normal. O que vale é o respeito” (Participante 55, 55 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, ensino fundamental). Alertaram que na contemporaneidade, diferente de anos anteriores, cada família conta com pelo menos uma pessoa LGBTQ+ então não é possível para elas manter tal atitude negativa. Pensar que uma pessoa LGBTQ+ faz ou pode fazer parte do seu grupo familiar é tido como um motivo para acolher e não a condenar ao abandono: “Porque a gente não sabe futuramente o que pode acontecer na família da gente. Porque hoje em dia, em cada família, tem uma pessoa que seja assim. Então a gente tem que acolher, a gente tem que abraçar, a gente tem que dar carinho e amor” (Participante 50, 50 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, ensino média).

Esses discursos partem do reconhecimento acerca da visibilidade LGBTQ+ e de como ela impacta a estrutura do pensamento social sobre a diversidade sexual e de gênero. A maior visibilidade dada às questões de gênero e sexualidade aponta para uma realidade em que não é mais possível negar a existência da diversidade como um elemento da subjetividade humana. No contexto social, a difusão de notícias e informações, e a presença cada vez mais frequente

de pessoas LGBTQ+ nas diferentes mídias sociais atestam um cenário social em transformação. Encontramos nas novas gerações uma maior abertura que possibilita a assunção das identidades quando comparamos com gerações anteriores. Entretanto, o campo das conquistas socioculturais na esfera da diversidade sexual e de gênero não garante que o preconceito e a discriminação não figurem ainda como problemáticas presentes nessas interações. O que vemos ainda é um movimento reacionário de parte da sociedade que tenta operar em torno de um controle social sobre os corpos e subjetividades, tentando manter a normatividade sustentada em pilares como o heterossexismo, heteronormatividade, misoginia, patriarcalismo, cissexismo, entre outras manifestações.

Ainda considerando o contexto da família, é válido pensarmos que a identificação e o reconhecimento, mesmo de maneira relutante, de uma pessoa LGBTQ+ no núcleo familiar, apesar dos desafios que ainda constitui essa pertença, também pode ser pensado como mais um agente transformador das relações que em tempos anteriores era notadamente marcada pelo encobrimento da identidade. Considerando esses cenários, o contexto representacional sobre diversidade sexual e de gênero tem se tornado mais dinâmico, significando também pensar, conforme estabelecido por Moscovici (2013 *apud* Jodelet, 2021, p. 134) que a representação social, funciona como uma “rede de conceitos e de imagens que interagem e cujos conteúdos evoluem continuamente num tempo e num espaço dados”. Nesse sentido, entram em cena os diferentes meios de comunicação pelas mídias, o caráter social em que as interações entre os indivíduos e/ou grupos estabelecem com os objetos sociais, como também em virtude dos laços que os unem; os aspectos cognitivos e afetivos também participam dessa interação. Jodelet (2021) debate ainda, parafraseando Moscovici, que o processo de construção de uma representação social ocorre em meio a “sistemas em curso de desenvolvimento” e os processos que constituem as representações sociais (ancoragem, objetivação) introduzem o movimento na formação e na função das representações. Sobre a ancoragem, Jodelet (2021) explica que a ancoragem se dá “de acordo com as pertenças sociais, com os engajamentos ideológicos, os sistemas de valores referenciais, etc., um mesmo acontecimento pode mobilizar diferentes representações transubjetivas” (p. 72), as interpretações dos sujeitos podem levar a situações de consenso ou dissenso.

A classe 3 foi denominada “Posicionamentos sobre a formação de casais homoafetivos”, ela envolveu 24,51% do total das entrevistas, concluindo 175 U.C.E. As variáveis descritivas que predominam nessa classe são a cor parda, ter convivência com pessoas LGBTQ+ e se considerar religioso/a. As palavras que contém maior associação na classe são: mulher, homem, deus, pegar, dizer, dar, casal, nascer, deixar, errado, religião, marido,

abandonar. Nesta classe, os/as participantes primeiramente compartilharam a sua crença num modelo ideal de casal que está sustentado na formação de um par heterossexual de pessoas cisgêneras. As bases do pensamento refletem as prescrições normativas do comportamento afetivo e sexual sob ideais religiosos. Enquanto debatiam sobre a formação de casais baseados/as em crenças e valores religiosos os/as participantes apontam a relação heterossexual como natural, baseados/as nisso, alguns/mas participantes expuseram atitudes negativas em relação à formação de casais homoafetivos: “Esse negócio que tu fala, LGBT, eu não dou valor, eu não gosto porque, sabe o que é? É porque eu já nasci na minha cabeça, com minha religião e o meu jeito, assim, de ver meus avós, dizer assim, é casado, um homem e a mulher, tem filho” (Participante 62, 52 anos, mulher cisgênera, heterossexual, divorciada, parda, ensino médio).

O preconceito contra pessoas LGBTQ+ atrelado a crenças religiosas é observado em outros estudos sobre RS que atestam que o fator religioso está ligado a uma estrutura moralista da sociedade que é histórica, manifestando-se durante muitas gerações (Salgado *et al.*, 2022). Cerqueira-Santos *et al.* (2017) debatem haver na sociedade brasileira uma prevalência de ensinamentos cristãos sustentados em bases patriarcais com enfoque numa doutrinação sobre como devem ser as relações maritais, nesse sentido, a homossexualidade passa a ser condenada como algo pecaminoso, ao constituir um desvio da vontade divina. Há também teorias do senso comum que tratam a homossexualidade como uma invenção da atualidade, ao ser defendido que não havia homossexuais em gerações passadas (Salgado *et al.*, 2022). Num contexto representacional, observamos que as religiões cristãs têm sido responsáveis pela disseminação de atitudes negativas acerca da população LGBTQ+, usando como justificativas as suas interpretações sobre os textos bíblicos (Sousa *et al.*, 2023). No entanto, há mudanças também em como os grupos de pessoas religiosas representam a população LGBTQ+, mostrando atitudes mais acolhedoras e positivas sobre o tema (Gomes *et al.*, 2019; Jesus *et al.*, 2019b).

Considerando o cenário de mudanças de atitudes quanto ao tema da diversidade sexual e de gênero, observamos que alguns/mas participantes apontavam saídas mais sutis para relatar a sua abstenção de se posicionarem contra ou favoravelmente aos relacionamentos homoafetivos e afirmavam que somente Deus poderia realizar tal julgamento. “Quando eu fui ficando mais velha, eu já fui procurando. Por ser uma pessoa muito religiosa, eu ficava, meu Deus, será que [...] Mas, para mim, só Deus cabe julgar o certo e o errado. Quem sou eu para julgar o que é aquela pessoa?” (Participante 39, 58 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, pós-graduação). Os valores religiosos podem entrar em contradição com os posicionamentos agressivos e violentos contra pessoas LGBTQ+. Salgado *et al.* (2022) discutem

que embora encarem com estranheza, algumas pessoas que partem de crenças religiosas para representar pessoas LGBTQ+ se apoiam também em crenças sobre o respeito ao ser humano e expressam uma desejabilidade social ao mesmo tempo, em que reagem negativamente aos sujeitos vistos como dissidentes.

Em continuidade a esse debate, vimos que os valores religiosos são problematizados por algumas pessoas do grupo estudado, como, por exemplo, quando recordam de uma lição cristã que aponta o amor como uma resposta aos relacionamentos entre os sujeitos”: “Deus criou o homem e a mulher? Sim, isso é fato. Mas Deus criou o quê? O amor! E se existe um amor entre dois homens ou duas mulheres, é amor, gente. Tem coisa mais linda do que o amor?” (Participante 44, 52 anos, mulher cisgênera, heterossexual, divorciada, parda, ensino superior). Seguindo essa justificativa, alguns/mas participantes afirmam ser contrários/as ao fato de algumas pessoas LGBTQ+ terem que esconder a sua orientação sexual para serem aceitas, citam os exemplos de figuras públicas que passaram muito tempo no “armário” e ainda debatem não haver certo ou errado no tocante à afetividade, para eles/as o importante é que a pessoa esteja bem: “Existe uma série de questões, né? Vem a política, vem a religião. Enfim. Vai saber o que é certo e o que é errado? Quem está certo e quem está errado? Não existe certo ou errado, existe você estar bem, existe você estar feliz, existe você estar em paz” (Participante 44, 52 anos, mulher cisgênera, heterossexual, divorciada, parda, ensino superior).

Esses discursos mostram-nos que quando acessamos os ensinamentos disseminados pelo discurso religioso, também há perspectiva do amor incondicional, do respeito e do acolhimento ao próximo. Em contraste com o ódio, discriminação e violência, encontramos um contexto em que há dissensos nos modos de balizar os relacionamentos com pessoas LGBTQ+ segundo uma ótica religiosa. É importante considerar que outros elementos, além do discurso religioso, implementam e podem agravar as reações dos sujeitos que defendem a segregação e mantêm atitudes hostis às pessoas LGBTQ+, como o sexismo, o patriarcado e noções essencialistas sobre a formação das identidades. Mas ainda assim, é pertinente pensarmos que a direção dos discursos produzidos nas instituições religiosas mantêm relações potentes com a manifestação de um preconceito ou com a abertura de novos modos de interação pautada no respeito ao outro.

As representações sobre casais homoafetivos foram objetivadas nas imagens que se têm sobre casais heterossexuais. Percebemos a partir dos discursos produzidos que os/as participantes não sabiam denominar os sujeitos mediante a sua identidade sexual, como gays ou lésbicas, e por isso recorriam às expressões “homem com homem” e “mulher com mulher”

para retratá-los. Um dos participantes mimetizou o que pra ele se parece com uma relação de marido e mulher, como, por exemplo, ter a casa arrumada, conviver bem como casal, manter papéis binários no casamento: “O casal de homossexuais me chamou atenção porque eles vivem bem, como marido e mulher, uma casa bem arrumada toda, cada um” (Participante 36, 63 anos, homem cisgênero, heterossexual, casado, pardo, nível fundamental).

O contexto representado no trecho supracitado conforma o sistema interpretativo sexo/gênero explicado por Gayle Rubin (1975/2017) que discute que o gênero representa uma divisão de sexos imposta socialmente. Para ela, o gênero e a sexualidade devem ser pensados em interação, são com os arranjos sociais como o casamento e a divisão sexual do trabalho que se institui a diferença entre homens e mulheres na sociedade. Nesse sentido, independentemente das manifestações do sexo e do gênero, todas elas são impostas pelos imperativos dos sistemas sociais. Através do sistema heteronormativo, pessoas designadas no sexo masculino e pessoas designadas no sexo feminino são transformadas em homens e mulheres, e juntos são considerados metades incompletas, sendo necessária a união entre ambos para preencher a ideia de completude. Além disso, é sustentada a ideia de que homens e mulheres são diferentes entre si, e as suas diferenças são explicadas mediante causas naturais. Rubin (1975/2017) segue discutindo que o gênero é implantado nos indivíduos de modo a assegurar o casamento, este, por sua vez, se dá sob a imposição da heterossexualidade, se tornando compulsória.

A fixação num modelo de relação heterossexual provém, portanto, de inúmeras aprendizagens e de práticas que tornam rígidas as construções dos gêneros e das sexualidades numa sociedade notadamente cis-heteronormativa (Louro, 1999/2022). De acordo com Louro (1999/2022), os sujeitos participam de um intenso processo de formatação da sua performance de gênero e do exercício da sexualidade, essa aprendizagem social é empreendida de modos explícitos ou dissimulados, de forma incansável pelas diferentes instâncias sociais e culturais. As raízes e pressão com que essas normativas operam fazem com que a sexualidade continue a ser alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades.

O reconhecimento de que há identidades sexuais que extrapolam a heteronorma motivou os/as participantes a explicarem como entendem esses desvios. Nesse sentido, foi trazida uma teoria de que as pessoas já nascem LGBTQ+, essa pareceu uma forma de justificar um posicionamento favorável aos sujeitos que não têm controle sobre o que sentem, somente seguem o seu desenvolvimento já dando sinais muito cedo de que não conformam a heteronorma. A ideia de nascer LGBTQ+ parece abrir uma nova concepção adepta tanto a uma base religiosa quanto biológica, funcionando como uma saída à noção de “opção”, já que escolher seguir com uma identidade dissidente é uma afronta aos pressupostos

cisheteronormativos e/ou à moral religiosa: “E meus alunos eu sentia porque assim muita gente diz é isso, não, você já nasce, eu tenho opiniões assim porque tem aluno meu que eu peguei de pequeno e eu já sabia, eu já sabia, eu sentia que ele já tinha aquele dom, aquela delicadeza, tá entendendo?” (Participante 38, 55 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, pós-graduação).

A teoria lançada pelo exogrupo compõe uma visão essencialista sobre as identidades sexuais. Nesse sentido, Woodward (2014) expõe que as discussões baseadas no essencialismo sobre a identidade tendem a fundamentar as suas perspectivas na biologia ou na história. No caso da identidade sexual, por exemplo, o corpo é tomado como o ponto em que estão estabelecidas as fronteiras do sexo, é a partir das características biológicas que esse corpo é caracterizado enquanto masculino ou feminino. Os/as participantes do presente estudo alegam uma base biológica que pode ser amparada também na apropriação do discurso científico, no campo das pesquisas genéticas e morfológicas com seres humanos. Jeolás e Paulino (2009) debatem que a sexualidade apresenta duas perspectivas teóricas, quais sejam: essencialismo e construtivismo social. Nessa primeira noção trazida na presente pesquisa, as autoras confirmam a forte influência da biologia que atribui uma essência biológica à homossexualidade, seja a partir da hereditariedade genética, funcionamento fisiológico ou hormonal. Ao estudarem as RS da homossexualidade entre professores/as do ensino público as autoras identificaram que a homossexualidade foi representada como algo inato aos sujeitos e, mesmo havendo dissensos sobre essa discussão, quando a homossexualidade foi tomada como algo inerente à essência do sujeito, tal ideia gerou uma apreensão menos julgadora do ponto de vista moral pelos/as participantes, repercutindo numa melhor aceitação da orientação sexual dissidente. Ao longo dos anos temos visto esforços de pesquisas científicas que tentam encontrar marcadores genéticos ou características do desenvolvimento fisiológico que expliquem as bases das diferenças entre as orientações e os gêneros considerados dissidentes, isso mostra que o discurso científico também espera produzir uma nova compreensão acerca da sexualidade dos indivíduos ou de como as problemáticas do gênero alcançam as pessoas transexuais no seu desenvolvimento. Não é difícil que encontremos na mídia a proliferação de informações acerca de possíveis achados científicos sobre o tema. Também é possível encontrar em diferentes grupos, incluindo o endogrupo LGBT+, tentativas de explicar a diversidade sexual por uma via essencialista que retrata as identidades dissidentes como algo natural ou inato aos sujeitos.

As representações também se ancoram nas noções que as participantes trazem sobre as dinâmicas de casal entre pares heterossexuais, neste caso, elas pareceram refletir sobre as suas experiências com relacionamentos atuais ou passados. Relatam ser difícil constituir uma relação



durável, que o envelhecimento de um casal não é uma tarefa fácil, uma vez que é comum, segundo as participantes, o abandono do casamento. Os homens são tidos como mais volúveis e descompromissados com a relação e podem mais facilmente deixar a mulher quando ela envelhece e perde os seus atrativos.

Porque hoje, o marido quando a mulher está mais velha, eles deixam tá entendendo? Eles abandonam, existe o abandono, entendeu? Porque enquanto você está dançando, enquanto você tem um parceiro, você está saudável, mas quando você vai envelhecendo. É difícil ele envelhecer junto com o parceiro sempre tem aqueles abandonos, entendeu? Eles abandonam (Participante 38, 55 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, parda, pós-graduação).

A dinâmica de gênero apontada retrata o desconforto das mulheres que percebem uma assimetria nas relações de gênero, assim como Rubin (1975/2017) debate acerca de um sistema de opressão que opera sobre o gênero feminino e que coloca os homens numa condição de apropriação do corpo feminino, sendo este último descartável, fácil de ser trocado num sistema social e cultural que facilita esses intercâmbios. O envelhecimento é posto também como mais um desafio no contexto das mulheres em que já é operante o sexismo. Goldenberg (2013) aponta que as discussões sobre o envelhecimento de mulheres são afetadas por um sistema regulatório que impõe valores ao corpo como um capital na baila dos relacionamentos afetivo-amorosos como também na apropriação de uma imagem corporal e conformação da autoestima dessas mulheres. Sobre as mulheres, assinala Goldenberg (2013), as cobranças sobre ter um corpo jovem, magro e *sexy* são imperativas na cultura brasileira. As mulheres, por seu turno, lidam com as mudanças do envelhecimento e precisam construir saídas subjetivas para tantas pressões sociais. As relações amorosas fazem parte desse desafio ao longo da trajetória das mulheres, que enfrentam a infidelidade dos parceiros, o abandono e o descompromisso dos mesmos com a relação marital. É desafiador romper com esse sistema de valores, mas é possível também encontrar representações sobre o envelhecimento feminino que destacam ganhos e realizações, incluindo o sentimento de liberdade sobre esse imaginário cultural sexista.

Alguns/mas participantes relataram também não ter encontrado casais homoafetivos de pessoas idosas ao longo da vida. Esse é um reflexo da invisibilidade que marca a geração atual de pessoas idosas LGBTQ+, e assim o foi também em gerações antecedentes, e, constantemente, esse tem sido um ponto de ancoragem das RS sobre o envelhecimento LGBTQ+ (Alves *et al.*, 2021; Fonseca *et al.*, 2022; Jesus *et al.*, 2019a; Jesus *et al.*, 2019b; Salgado *et al.*, 2017). Esse cenário representativo se mostra preocupante uma vez que a invisibilidade de um grupo social pode repercutir na exclusão social que se acentua com a falta de políticas públicas que possam

prestar auxílio a esse grupo populacional, atendendo demandas específicas que continuam latentes (Baron; Croce; Henning, 2021; Silva; Pocahy, 2021; Kittle *et al.*, 2022).

Olha, eu ainda não vi nenhum caso de pessoas envelhecerem juntas como um casal gay, lésbico. Mas eu não tenho o conhecimento de pessoas idosas assim que eu conheço, aquelas mulheres envelheceram juntas, aqueles homens envelheceram juntos. Mais casais, porque as minhas irmãs estão envelhecendo no casamento, então o marido a mulher, o marido da minha irmã faleceu faz dois anos que ela lá com seu cabelinho branco, todo enrugado e ele, eu te amo, é linda demais, eu amo essa mulher, isso é muito lindo, né? (Participante 58, 57 anos, mulher cisgênera, heterossexual, casada, branca, ensino médio).

Outros/as discutem que já viram casais homoafetivos de pessoas jovens. Enquanto imaginam um casal homoafetivo de pessoas com mais idade, alguns/mas participantes relatam que isso pode ser recebido com certo desprezo pela sociedade, dada a posição assexuada que a pessoa idosa é situada. Nesse sentido, o relacionamento entre duas mulheres idosas chega a ser irrepresentável:

Desse jeito, aí eu digo assim, que eu acho que vai ter aquela diferença, por exemplo, mora dois casais, dois casais, duas mulheres, e aí estão elas duas bem velhinhas, aí o pessoal pode dizer: o que será que essas duas velhas fazem? Já velhas, como um casal normal, um casal que eu digo é homem com mulher (Participante 45, 60 anos, mulher cisgênera, heterossexual, viúva, ensino médio).

No discurso assinalado percebemos a força com que o pensamento hegemônico trata o erotismo e velhice considerando-os de formas exclusivas como se uma categoria excluísse as possibilidades da outra. Essa limitação é tecida num cenário que toma a ideia de um erotismo arrefecido em pessoas velhas ou mesmo sob o mito de uma velhice assexuada. Ainda que consideremos um contexto permissivo ao exercício da sexualidade de pessoas idosas essas concepções transpassam noções prescritivas sobre como alcançar uma velhice saudável e positiva a partir do exercício de um “erotismo politicamente correto” (Debert; Henning, 2015). Sendo assim, recaímos mais uma vez sob a insistência de performar posições sexuadas a partir da lógica heteronormativa, apesar de percebermos discursos que buscam romper com noções centradas em códigos morais como a sexualidade de mulheres idosas (Debert; Brigeiro, 2012). No contexto das sexualidades dissidentes à heteronormatividade, é bem possível que as sociabilidades resultantes em distintas experiências sexuais na velhice sejam retratadas como bizarras. Porém, ao mesmo tempo, em que são consideradas abjetas para uma parcela significativa da população, esses sujeitos demonstram como as práticas sexuais e eróticas ditas não normais podem colocar em xeque a estabilidade do gênero – por exemplo a noção de regramento ativo-masculino versus passivo-feminino – na definição do que represente o que é

normal ou não, no estabelecimento de noções sobre a sexualidade e do que pode ser uma vida inteligível (Butler, 2018; Pocahy, 2011).

## **8 ESTUDO 02 - ANÁLISE DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS ENTRE PESSOAS LGBT+ NO CURSO DO ENVELHECIMENTO**

### **8.1 OBJETIVOS**

- Estudar como pessoas LGBT+ vivenciam a assunção da identidade sexual e de gênero;
- Avaliar os impactos da dinâmica social cisheteronormativa no reconhecimento e na afirmação da identidade LGBT+;
- Identificar as experiências de envelhecimento considerando as diferentes identidades estudadas.

### **8.2 MÉTODO**

O presente estudo foi estruturado tendo em vista que as entrevistas com os/as participantes do endogrupo LGBT+ suscitaram a necessidade de conhecer os processos identitários das pessoas que se declaram LGBT+, de modo a estudar quais as dinâmicas sociais que tangenciam a assunção da sua identidade social como uma pessoa LGBT+, declaradamente parte de um grupo minoritário. Vale ressaltar, conforme observado na segunda CHD sobre o envelhecimento LGBT+ (Figura 2), que os/as participantes fazem parte de uma geração de pessoas com 40+, isso posto, compartilham em comum fazerem parte de uma geração de pessoas que antecedeu muitas das conquistas sociais dos últimos 20 anos<sup>20</sup>, tendo a sua infância e juventude marcadas por uma invisibilidade das questões relativas à diversidade sexual e de gênero, além de uma forte pressão normativa para cumprir as performances cisheteronormativas. Pensando em como o aspecto geracional levantou debates acerca dos sistemas de representação sobre o envelhecimento LGBT+, buscamos um aprofundamento das experiências de envelhecimento sob a perspectiva dos processos identitários que marcam as trajetórias dos sujeitos ao se depararem com os avatares do envelhecimento.

A pesquisa adotou a abordagem qualitativa. Participaram 08 pessoas LGBT+ que haviam respondido ao primeiro bloco de entrevistas semiestruturadas. A escolha se deu a partir da seleção dos sujeitos típicos no banco de dados do IRAMUTEQ. Os sujeitos típicos são

---

<sup>20</sup> Destacamos as conquistas no campo dos direitos sociais pró-LGBT+ relativos às últimas duas décadas e que também foram acompanhadas de uma maior visibilidade para as questões sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil. Para um aprofundamento dessas questões sugerimos a leitura da obra de Facchini (2020).

aqueles que contribuíram significativamente para a formação das classes na CHD, tendo produzido discursos mais salientes em comparação aos/as demais participantes. Na saída do IRAMUTEQ os sujeitos são apontados como variáveis categóricas de contexto (características do/a enunciador/a) e, a partir disso, são consideradas as relações entre os textos e as suas condições de produção e de recepção (Reinert, 2009).

No segundo momento, eles/as responderam a questões semiestruturadas que versavam sobre os processos identitários, desde como foi assumir a sua identidade LGBTQ+ a pensar como percebem os relacionamentos e interações com pessoas do endo e do exogrupo (Apêndice D). O período de produção de dados ocorreu entre os meses de julho a outubro de 2023, preferencialmente na residência dos/as participantes ou nas instalações do Centro Estadual de Referência LGBTQIAPN+ Luciano Bezerra Vieira. Por ter uma abrangência para outros municípios do interior do estado da Paraíba, a pesquisa também se deu no ambiente virtual, por meio de salas abertas no *Google Meet*. As entrevistas foram gravadas, e posteriormente transcritas para a análise. No Quadro 1 estão apresentados os dados demográficos dos/as participantes. Para facilitar a identificação do/a participante na sequência dos dois estudos, mantivemos a numeração indicada desde o primeiro estudo.

Quadro 2 – Caracterização dos/as participantes (n= 8).

Nome	Idade	Ident. de gênero	Ori. Sexual	Cor/Etnia	Estado Civil	Escolaridade	Ocupação
Part. 01	56	H. trans	Hétero	Branco	Solteiro	Ens. superior	Desempregado
Part. 06	57	Não-binária <sup>21</sup>	Gay	Branco/a	Solteiro/a	Ens. Superior	Desempregado/a
Part. 09	56	Cisgênero	Lésbica	Parda	Solteira	Ens. Superior	Psicóloga
Part. 10	64	Cisgênero	Gay	Branco	Solteiro	Pós-graduação	Assistente social/advogado
Part. 11	60	Cisgênero	Pansexual	Pardo	Solteiro	Ens. Médio	Desempregado
Part. 20	56	M. trans	Hétero	Parda	Divorciada	Ens. Fund.	Cozinheira
Part. 24	45	Travesti	Hétero	Parda	Solteira	Ens. Médio	Prostituta
Part. 33	71	Cisgênero	Bissexual	Parda	Viúva	Ens. Médio	Autônoma

Fonte: Silva-Júnior (2025).

<sup>21</sup> O/a participante se identifica com os gêneros masculino e feminino e, portanto, adota os pronomes “a” e “o” de maneira fluida.

O *corpus* produzido nas entrevistas semiestruturadas foi analisado por meio da técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977/2011), de modo a obter os procedimentos sistemáticos para a organização e descrição do conteúdo, e para a análise do processo de comunicação presente nos discursos. De acordo com Bardin (1977/2011), a finalidade das diferentes técnicas de análise de conteúdo é deduzir certos dados que possibilitem a compreensão acerca das condições de produção do material, como, por exemplo, o contexto sociocultural do mesmo que incide na produção de discursos. A análise de conteúdo se utiliza de alguns procedimentos sistemáticos como a codificação, a categorização, a inferência, a dedução; portanto, a técnica não se limita à descrição pura e simples dos conteúdos das mensagens, mas se amplia fornecendo informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem.

Procedemos com a Análise Categorical Temática proposta por Bardin (1977/2011) que estabelece o critério de aproximação semântica para definição de categorias temáticas de análise. O processo de elaboração se dá a partir de uma leitura flutuante do material, da seleção dos documentos relativos ao tema conforme os objetivos propostos junto à formulação de indicadores temáticos. Na exploração do material, foram realizadas sucessivas leituras das entrevistas, de modo a capturar os significados obtidos em cada contexto específico presentes nos discursos dos/as participantes. A finalização do processo se deu com a análise reflexiva e crítica que resultou na apresentação de categorias e subcategorias de análise sobre o tema específico (Ver o Quadro 3).

Quadro 3 – Percentual das categorias temáticas e distribuição das unidades de contexto por subcategorias.

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de contexto</b>	<b>Percentual por categoria</b>
1. Assumir uma identidade dissidente	Adversidades na família	45	34,88%
	Sentimentos de medo e culpa	17	
	Explorar a sexualidade	11	
	Transição de gênero	24	
	Visibilidade LGBT+	61	
2. Identidades, passabilidade e o dispositivo do armário	Dinâmicas do armário	37	16,56%
	Passabilidade trans	22	
	Sexualidade sem rótulos	16	
	Sinais do envelhecimento	55	48,56%
	Não pensar na idade e postergar a velhice	34	
	Velhice sexuada	09	

3. Experiências de envelhe(ser)	Conflitos intergeracionais	23	
	Envelhecimento trans	57	
	Envelhecimento de mulheres lésbicas	16	
	Envelhecer numa rede de amigos LGBT+	26	
	<b>Total</b>	453	100%

Fonte: Silva-Júnior (2025).

## 8.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 8.3.1 Assumir uma identidade dissidente

A primeira categoria – Assumir uma identidade dissidente – foi composta por cinco subcategorias. Juntas essas subcategorias expressam as dinâmicas identitárias que perpassam a experiências dos/as participantes ao se depararem com os processos sociais no que diz respeito à política sexual e de gênero. Desde cedo, os/as participantes relatam as vicissitudes de se reconhecerem enquanto sujeitos com desejos dissidentes à normativa sobre a atração sexual e a incorporação dos dispositivos de gênero. As dinâmicas grupais vão ficando mais visíveis para esses sujeitos quando precisam pensar sobre a sua pertença familiar e, mais tarde, sobre a sua pertença na dinâmica socioafetiva que os inclui a uma minoria social.

Atravessando os discursos afirmativos que tratavam dos processos de assunção de uma identidade dissidente, nos deparamos com relatos de muitas adversidades que dificultaram a autoafirmação enquanto pessoa LGBT+, inicialmente essas dificuldades eram encontradas na família (*Adversidades na família*), os/as participantes afirmavam ter medo de demonstrar para a família a sua identidade sexual: “Então, muitos queriam [assumir-se] e tinham medo das pessoas. Tinha medo da família. E a gente dava conselhos que ela não tivesse medo da família. E outra coisa, que ele fosse a pessoa que escolhesse pra ser, não fosse escolhido por ninguém” (Participante 20, 56 anos, mulher transexual, heterossexual, divorciada, parda, ensino fundamental).

A rejeição e o abandono familiar retratam um contexto de vulnerabilidade comum entre pessoas LGBT+. As adversidades vivenciadas no meio familiar têm fortes implicações no curso de vida das pessoas que sofrem com o medo de não serem aceitas pela família (Fredriksen-Goldsen et al., 2023; Henning, 2016, 2017, 2020a; Hua; Yang; Goldsen, 2019; Marques; Sousa,

2016; Santos; Lago, 2013; Seffner; Duarte, 2015). Em determinados contextos os/as participantes atestam, a partir da sua experiência com a família, a proliferação de discursos de ódio que reverberam em diferentes formas de violência. Vimos no estudo anterior que tanto participantes do endogrupo quanto do exogrupo trazem a família como objeto de representação ao abordar o envelhecimento LGBT+, trata-se, portanto, de um tema saliente que alega de forma consensual a recusa por parte de familiares ao se depararem com uma pessoa LGBT+ no seu grupo.

Eu tenho minhas dificuldades porque tenho sobrinhos e pessoas machistas na família. Então essa é a minha grande dificuldade, mas eu estou burlando. É uma olimpíada todos os dias. É como se eu estivesse em uma pista de atletismo correndo 5 mil quilômetros, pulando as barreiras. Começa na família que não aceita. Há um distanciamento. E há esse conflito realmente, começa pela base familiar (Participante 06, 57 anos, não-binária, gay, solteira, branca, ensino superior).

É discutido pelos/as participantes que essa rejeição familiar é fundamentada pelo discurso religioso, pois serve para justificar o preconceito e ainda orienta sobre como deve ser o comportamento sexual entre um homem e uma mulher (ambos cisgêneros), quebrar essa expectativa é representado como um pecado e, por isso, os familiares acreditam que devem se posicionar contrários às identidades dissidentes. Assim, observamos que as pressões sociais se ancoram numa noção ideal de família, Santos e Lago (2013) discutem que a instituição familiar no contexto de pessoas mais velhas e idosas era caracteristicamente heterossexual e nuclear, nesses moldes, ela era tomada como um valor soberano que era defendido pelo Estado e pelas grandes instituições sociais como as escolas e igrejas, por exemplo.

Ninguém pergunta sobre relacionamento meu, de jeito nenhum. São todos evangélicos, aí é que a complicação é bem maior, não fala não, entendeu? Só faz, nem pergunta, mas se eu vivo com quem, só diz tudo bem, abraço, mas não diz para ninguém mais, para meu sobrinho e para a minha irmã, porque conhece, entendeu? Mas não querem saber disso não. É um aceitar em uma caixinha, de longe está bom (Participante 09, 56 anos, cisgênera, lésbica, solteira, parda, ensino superior).

A rejeição familiar pode resultar no abandono e/ou na expulsão de casa. Esse desfecho é muito conhecido e lembrado pelos/as participantes que atestam eventos críticos na qual a família impõe a sua vontade sobre as suas trajetórias e, de modo imperativo, condiciona o seu apoio ao cumprimento dos papéis de gênero exigidos. Quando o abandono é normalizado no meio familiar ele torna-se uma prática banalizada, mesmo existindo em meio a uma contrariedade de afetos e de pensamentos.



A lavadeira da minha irmã chegou assim triste lá. Eu sempre estava por lá e eu disse: por que você tem tá tão triste? Ela respondeu: é porque meu filho, a minha irmã escolheu com ele, disse para eu botar ele para fora de casa. Aí eu disse: e você vai fazer isso? Pois é, ele é o teu filho, se você botar ele para fora de casa, você vai botar ele para encontrar companhias para sair fazendo coisa errada. Ele não está fazendo coisa errada. Ele não está fazendo coisa errada. E ela vive na casa da minha irmã há mais de 15 anos. Ela vê as coisas da gente, que ela não é cega, né? A pessoa [irmã] chega com outra [companheira], mas não entra um homem dentro de casa, como é? Ela tem o nosso exemplo (Participante 33, 71 anos, cisgênera, bissexual, viúva, parda, ensino médio).

Apesar dos conflitos produzidos na família, restava para algumas pessoas buscar alternativas para lidar com o sentimento de rejeição e de desamparo, ultrapassar essas dificuldades e conquistar novas relações, repensar o que representa a instituição familiar e construir novos horizontes. Correlatadamente, percebemos no estudo anterior que as noções sobre família precisaram receber novos elementos representacionais, foram flexibilizadas para atender às dinâmicas sociais que permeiam o contexto de vida da pessoa LGBTQ+. Isso posto, as noções sobre laços sanguíneos e parentesco já não são suficientes para conformar o sentido prático de família para este grupo. Ainda assim, o termo família é aproveitado num contexto em que se estabelece novas relações, novos laços afetivos a partir da aceitação e das trocas afetivas e de prestação de cuidados. Trata-se também de uma estratégia para aplacar a frustração por não se sentir aceito no seu primeiro grupo de pertença.

Eu já escapei, já tive quatro infartos, tive um AVC, duas pernas amputadas. Tive cinco semi-AVCs. No fim do ano agora eu fiquei entre a vida e a morte numa UTI. Passei 15 dias sozinho. Tu fosse lá onde estava? Não, né? A família também não. Estou vivo? Estou. Eles estão com problemas? Estão. Mas eu resolvi os meus sozinho. Não precisei deles. E sempre fui assim. [...] Eu busquei em mim mesmo sozinho a força que eu tenho pra vencer. Não é tu que vai me dar, não [...] Eu consigo conviver. Fiquei entre a vida e a morte. O médico dizia, esse rapaz morre rindo. E eu dizia, meu filho, o que eu tenho que chorar, já chorei. Fiquei sozinho, abandonado no hospital. Em cima de uma cama, sem conhecer ninguém. Mas quando eu me recuperei, era perturbando o hospital inteiro. No bom sentido. Ave Maria! Quando eles perceberam que eu fui ficando triste, eles disseram ele está diferente! [...] Buscaram saber o que era que estava diferente. Porque era que eu estava diferente. E eu comecei a dizer, eu disse, olha. Se a gente for esperar pelo outro, você afunda. Porque nem sempre o outro tem a disponibilidade de estar do teu lado. E a gente espera muito isso das pessoas. E aquilo que você espera da pessoa e que a pessoa não te retribui, é o que te decepiona (Participante 11, 60 anos, cisgênero, pansexual, solteiro, pardo, nível médio).

Além da dinâmica familiar desafiadora, restava o medo em como a sociedade lidava com as questões da diversidade sexual e de gênero, num período em que não contávamos com as políticas públicas em defesa das pessoas LGBTQ+ o espaço público também era ameaçador (*Sentimentos de medo e culpa*). Frequentar locais públicos como bares, interagir com pessoas

na rua, e principalmente, ter encontros e relacionamentos homoafetivos não era tarefa fácil, já que eram discriminados/as e rechaçados/as explicitamente:

Conseguir as pessoas pra gente sair era difícil. Quem queria sentar numa mesa do bar onde estava a gente, os dois conversando? Ninguém queria sentar. Marcava um encontro, a gente ia através do encontro e quando ele marcasse aquele encontro que eles estavam esperando escondidos. A sociedade não podia ver que tinha nome, que tinha alguém que também era participante da família tradicional da cidade, que é uma família grande, a gente tinha medo, a gente tinha medo de ser descobertos. Entendeu? Então, a vida da gente foi essa, a vida da gente foi mais escondido, ninguém queria se aproximar da gente (Participante 20, 56 anos, mulher transexual, heterossexual, divorciada, parda, ensino fundamental).

O sentimento de culpa também foi um desafio para alguns/mas participantes que lidaram inicialmente com os efeitos da internalização do preconceito que era bastante expressivo em anos anteriores, gerando impasses quanto a vivenciar livremente a sua identidade sexual. Antunes (2017) debate sobre os efeitos da internalização da homofobia em homens homossexuais, para ele o sujeito que internaliza o preconceito tende a acreditar que ele é repulsivo, numa escala na qual os sujeitos lidam intermitentemente com sentimentos autodepreciativos, eles acumulam sentimentos como questionamentos sobre o seu valor pessoal, ódio por si mesmo, autodestruição. Encontramos nesses casos, a subjetivação dos elementos históricos que culminaram na construção da homofobia, por meio de componentes danosos que adensam o sofrimento e também incitam a discriminação e o ódio aos outros, como o heterossexismo, patriarcado, machismo, misoginia, por exemplo.

No princípio foi muito difícil, quando eu comecei a me relacionar com mulher. Foi muito difícil porque o preconceito era bem maior e foi muito difícil tanto que eu não queria que minha irmã se relacionasse com mulher. Chamei ela e disse não é legal, a sociedade não aceita [...] no começo eu também era preconceituosa [...] no começo eu me sentia culpada, por conta do preconceito como se eu tivesse fazendo uma coisa errada e quando eu entendi que não era isso, tudo ficou muito claro pra mim [...] (Participante 33, 71 anos, cisgênera, bissexual, viúva, parda, ensino médio).

Mesmo diante das adversidades destacadas, as pessoas LGBTQ+ também desenvolvem estratégias que podem ser lidas como práticas de resistência, mediante as pressões normativas. Em meio a uma dinâmica de muitos afetos, os/as participantes relataram experiências sexuais e tentativas de expressarem o seu desejo sexual desde a adolescência (*Explorar a sexualidade*). Foram destaque nessa subcategoria a fluidez com que foram a acontecer as suas primeiras experiências sexuais, movidos/as pela curiosidade e pelo interesse em traçar um caminho possível que resultaria na identificação com uma orientação sexual, mesmo tendo restrições e receios já que reconheciam as pressões normativas da heteronormatividade:

Eu saía por aí, eu tinha 14, 15, 16 anos, já beijava muito na boca. Naquela época, imagina como eu era danada, né! Porque hoje aqui as meninas estão aí se beijando, eu já fazia isso há muito tempo atrás [...] Acho que eu tinha 13 anos, quando eu tive a primeira mulher na minha vida. Era uma coisa guardada porque o pessoal não aceitava, mas todo mundo me percebia assim já. Eu não me escondia, eu não queria ser o que eu não era (Participante 09, 56 anos, cisgênera, lésbica, solteira, parda, ensino superior).

Henning (2020a) debate que diante de um cenário heteronormativo, encontrar alternativas que apontem para uma vida bem-sucedida sob uma lógica dissidente exige que os sujeitos repensem noções sobre como devem ser as suas autobiografias. A ausência de referências para estes sujeitos traz angústias existenciais, mas nem por isso muitos deles deixaram de traçar um caminho possível, tendo que enfrentar medos para assumir o seu desejo. Santos e Lago (2013) explicam que muitos homossexuais idosos aderiram aos espaços de sociabilidade que admitiam encontros homoeróticos, e constituíam diferentes espacialidades como forma de resistência. Os autores destacam que na cidade de Florianópolis havia espaços e bares especificamente GLS<sup>22</sup> que eram comuns na época da juventude dos participantes já idosos da sua pesquisa. Havia também os bailes da sociedade na qual os encontros homoeróticos eram permitidos sob um jogo de interditos, funcionavam discretamente, mas também serviam como lugares de convivência, driblando algumas prescrições sociais. Em muitos dos depoimentos acessados nesse estudo, vamos encontrar esses lugares na cidade que permitiam a convivência entre pessoas LGBT+, apesar de serem espaços discretos e reservados, eram conhecidos por aqueles/as que precisavam fazer uso desse espaço como uma forma de sociabilidade. Coletivamente, esses lugares também funcionavam como territórios no qual a sua identidade poderia ser expressa abertamente, em que as pessoas poderiam transitar entre pares (Seffner; Duarte, 2015).

Enquanto debatiam sobre os processos de assunção da sua identidade, os/as participantes trans trouxeram os depoimentos acerca da sua *Transição de gênero*. O processo de transição de gênero, nas trajetórias estudadas, foi antecipado por vários momentos de desconforto advindos de um repertório de comportamentos que performavam um gênero em cujas características não se adequavam às suas identificações e desejos. Um homem trans relatou que desde a sua infância gostava de brincar com meninos, gostava de futebol, mas foi proibido pelo seu pai de jogar bola. Num momento em que seu pai cedeu ao seu desejo de praticar um esporte, o participante foi inserido num grupo de basquete feminino. Entretanto, essa experiência não o livrou de muitos constrangimentos, ele percebia que as suas roupas não

---

<sup>22</sup> A sigla já foi utilizada para representar os grupos minoritários aqui estudados, significa gays, lésbicas e simpatizantes (GLS).

se adequavam ao vestiário feminino convencional e havia também muito desconforto por ser inserido no grupo de mulheres, taxado como uma mulher:

Eu tinha que estar entre as meninas, porque não tinha outro lugar, era no esporte que eu ainda me sentia bem. E ali certamente tem muitas meninas, até como eu, que era menino, e talvez ali eu me enquadrava, entendeu? Eu não me sentia bem, e eu tinha que aguentar estar em um time de basquete, eu tinha vergonha de entrar no banheiro com elas, porque eu tinha vergonha de ver elas trocando de roupa, aí eu entrava logo, eu usava o calção totalmente folgado, porque eu não gostava, eu parecia um palhaço, quer dizer, era uma coisa que eu não me encaixei na minha vida inteira (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

O sentimento era de estranheza com a então identidade que era imputada por outros que cobravam a performatividade do gênero dito normal e adequado para aquele sujeito, em função disso houve muito desgaste das relações familiares e das relações sociais de modo geral: “Eu tinha que viver aquele nome, tinha que viver aquele sexo, tinha que tentar ser o que as pessoas queriam que eu fosse. Eu tive que me humilhar pra ser o que eu não era” (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

A invisibilidade que pesava sobre a transexualidade foi considerada um dos fatores responsáveis por trazer tanta estranheza, tendo em vista que não havia referências que pudessem explicar que sentimentos eram aqueles, ao contar sobre a sua história de transição de gênero, o participante retoma a época da sua adolescência, quando lidava com a incongruência de gênero e os desconfortos decorrentes desta por não se reconhecer no gênero que foi designado ao nascer, num período em que a transexualidade era pouco difundida:

Essa represália também pesou sobre mim, porque, pra você ter ideia, quando apareceu alguma coisa sobre transexualismo, que eu vi numa revista, eu já era adolescente, e eu queria ver o que era aquilo que você tentava [...] eu lembro que na casa da minha avó, o meu tio, que era médico, levava muita Revista Manchete. Eu tinha aí uns 12 anos, 12 anos mais ou menos. Eu me lembro que tinha umas revistas mostrando um homem trans fazendo exercício [...] mas o jeito dele, por causa da aparência dele, mas, eu vi assim, eu me identifiquei, eu disse, eu sou assim, porque eu não me identificava com as meninas. E a primeira pessoa que eu vi antes, na casa da minha avó, foi a Cristine Jorgensen, assim, foi a primeira americana a trocar de sexo. E aí, eu me lembro que até eu arranquei a folha (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

Gomes *et al.* (2024) discutem que a invisibilidade que atravessa as identidades de pessoas trans é produto de uma realidade social que se estabelece sob inúmeras violências perpetradas pelo preconceito e discriminação, entre os quais é evidente a privação do direito de as pessoas trans assumirem a sua identidade social. Ao considerarmos mais especificamente as trajetórias dos homens trans no Brasil, temos que considerar que tais identidades só vem

alcançar a cena pública a partir dos anos 2000, o que não significa dizer que estas identidades só ganharam reconhecimento desde esse período, já que temos registros históricos de homens trans desde o período que sucedeu à Segunda Guerra Mundial. Antes mesmo de alcançarmos os anos 2000 já encontramos o protagonismo de João W. Nery que nos finais da ditadura militar, mesmo sem revelar a sua verdadeira identidade, publicou o seu primeiro livro autobiográfico intitulado “Erro de pessoa”, em que ele narrou a sua história como um homem transexual, notadamente marcada pela discriminação, censura e pelas vulnerabilidades após a sua transição de gênero<sup>23</sup> (Almeida; Carvalho, 2020).

A sensação de não pertencimento e de invalidação do gênero subjetivado torna a experiência trans um enfrentamento desgastante e desolador (Bento, 2017; Sander; Oliveira, 2016), para aquelas pessoas que ainda resistiram a assumir a sua identidade transexual na juventude, restaram adotar algumas estratégias para aplacar a sensação de incongruência de gênero, como, por exemplo, seguir com atividades ou comportamentos que cediam ao desejo de performar o gênero feminino, porém, essa alternativa não era suficiente:

Antigamente, eu faço um trabalho de transformismo há mais de 20 anos. Eu sou conhecida em toda a Paraíba e em algumas cidades do nordeste fazendo esse trabalho de transformismo. Então, eu me vestia de mulher de noite, fazia meu show e no meu dia a dia eu era um menino, um homem normal, entendeu? Mas eu não era feliz. Então o tempo foi passando e eu sofrendo, sofrendo. Eu não estava me sentindo bem, desconfortável. E teve uma hora que eu disse não, chega! Chega, chega, chega. Eu me descobri a xx [Nome]<sup>24</sup>. E hoje eu sou a pessoa mais feliz do mundo, porque eu sou o que eu sou (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

A transição de gênero numa idade mais avançada se mostrou como um processo de libertação para uma participante que assumiu a sua transição aos 50 anos de idade. Ela relatou com fascínio a sua conquista, por finalmente poder expressar publicamente a sua identidade como uma mulher transexual, algo que fora guardado por muitos anos em função das pressões sociais e da burocracia que inviabilizava este processo:

Hoje em dia eu me considero chamada de xxx<sup>25</sup>, por que? Porque xxx foi um posicionamento de xx que eu vivi no meu passado. Então, eu apago o nome, e

<sup>23</sup> João W. Nery foi um homem trans símbolo do ativismo trans masculino no Brasil. A sua cirurgia de redesignação ocorreu em 1977, ainda quando era proibido por lei se submeter a tal procedimento. A sua retificação de nome também se deu de forma clandestina. Ao retificar o seu nome, João Nery perdeu todo o seu histórico escolar e acadêmico, na época ele contava com 27 anos de idade, era psicólogo e mestrando em psicologia. Ele passou a ser considerado formalmente uma pessoa não alfabetizada e passou a trabalhar como pedreiro, pintor e vendedor.

<sup>24</sup> Retiramos o nome da participante e em substituição colocamos as letras “xx”.

<sup>25</sup> Evitamos colocar o nome da participante, no trecho de fala ela cita seu nome anterior de registro (nome morto, conforme as pessoas transexuais tendem a denominar) grifado com xx e também cita o seu nome após a retificação, grifado com xxx.

acrescento somente uma letra no meu nome. Eu vou viver xxx, que eu vivia no passado escondida. E hoje a xxx vai saindo. Hoje a xxx vai sair. Xxx já existia desde os 15 anos. Só que o nome xxx não podia ser. Eu era xxx, não era xx. Eu não vivia xx. Vivia xx para a sociedade. Para quem me conhecia eu era xx. Mas, pessoalmente, a minha luta era xxx. Até que o sonho [da retificação] chegou e eu pude realizar o sonho (Participante 20, 56 anos, mulher transexual, heterossexual, divorciada, parda, ensino fundamental).

Fabbre (2015) estudou mulheres transexuais que buscaram realizar a transição de gênero após os 50 anos de idade, o seu estudo reuniu mulheres transexuais residentes nos Estados Unidos, com diferentes origens étnico raciais (europeu-americano, afro-americanos, asiático-americano). Nas suas entrevistas, Fabbre (2015) observou que as mulheres transexuais precisaram reconhecer o fracasso de seguir um projeto de vida pautado nos ideais cisheteronormativos, e as tentativas forçadas de fazer funcionar uma identidade cisgênera lhes rendiam muitas frustrações e agravos à sua saúde mental e física. Para muitas participantes, a assunção da identidade trans e o início da transição de gênero foram significados como processos de libertação de anos de sentimentos reprimidos. Porém, esse projeto foi adiado por muitos anos envoltos de tentativas e erros, segundo as participantes. Alguns relatos de mulheres trans que expressavam outras identidades sociais, como a de um homem gay, também foram compartilhados, nesse âmbito, elas tentavam afastar a feminilidade, pois apreendiam os limites da sociedade para o gênero e a sexualidade. Outras ingressaram nas forças armadas como uma tentativa de tentar extirpar os seus “sentimentos transexuais”. Semelhantemente ao que encontramos aqui no Brasil, muitas dessas mulheres tiveram que lidar com as represálias sociais advindas da sua afirmação enquanto mulheres transexuais, muitas delas tiveram dificuldade de ingressar no mercado de trabalho, outras foram expostas à prostituição, ao abuso de substâncias e à condição de moradia na rua. Em meio a tantos desafios, as dinâmicas relativas à transição de gênero foram relatadas com orgulho, frutos de uma luta interpessoal, necessária para dar um sentimento de pertencimento às suas existências.

Nesse ponto, o orgulho reflete o reconhecimento da força e coragem por não cederem às pressões da cisheteronormatividade, que em anos anteriores já foram bem mais fortes, num período em que mal se falava sobre direitos pró-LGBT+:

E hoje eu sinto orgulho de dizer que sou trans. Hoje eu sinto orgulho, porque antes eu dizia , eu sou isso [homem gay], eu sou aquilo. E hoje eu chego e digo, eu sou uma trans. Olho pra mim mesma no espelho e digo, hoje eu sou outra pessoa diferente. Não sou aquela pessoa infeliz, eu sou uma pessoa trans e tenho que assumir o que eu sou (Participante 20, 56 anos, mulher transexual, heterossexual, divorciada, parda, ensino fundamental).

Vale ressaltar que assumir a identidade trans constitui uma parte do processo de transição de gênero, além da autoafirmação como pessoa trans também existem as movimentações que cada sujeito empreende para vivenciar as mudanças que são desejadas ao longo do processo (Bento, 2017). Fabbre (2015) explica que o processo de transição de gênero tem significados diferentes para as pessoas trans. Para algumas, significa buscar terapia hormonal ou modificações cirúrgicas de seus corpos, enquanto que para outras significa muito mais provocar uma renegociação das suas relações sociais e familiares a partir da acomodação da sua identidade de gênero, construída a partir da sua identificação aos elementos dispostos no seu entorno. Nesse sentido, os/as participantes narraram como foi para eles/as o processo de hormonização, que integra o processo transexualizador. Em suas narrativas fica evidente uma pressa para alcançar as características secundárias do corpo que se pretende ter.

Quando eu comecei já a me assumir, tomar hormônio. Eu cheguei por semana, eu fiz uma loucura. Eu tomava três injeções de Perlutan<sup>26</sup> de uma vez. Passei mal. Porque a gente quer um resultado rápido né? Mas a gente não pensa isso. A gente não quer saber. A gente quer resultado rápido. A gente quer ver logo o resultado 100%. E pronto (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

Durante a transição de gênero também aconteceram situações constrangedoras, ao passo que a pessoa trans sente os primeiros sinais das mudanças estéticas desejadas, ocorre a exposição desse processo para as outras pessoas que também começam a perceber a transição (Bento, 2017; Fabbre, 2015). Como resultado dessa exposição, ocorrem processos de preconceito e de discriminação que afetam a vivência do processo e desafiam as pessoas trans no seu projeto pessoal de transição de gênero:

Quando eu comecei [a transição] não deu seis meses, nem começaram a minha hormonização, somente a vestimenta, e nem fui tão [rápido], eu fui devagar, eu tinha até umas roupas mais... mas mesmo assim já ouvi isso [discriminação] de um aluno, aí você vê, não tem por que, e outra coisa, só fiquei aquele ano lá [na escola], eu passei um ano, esse foi meu segundo ano, final do ano, o colégio me dispensou, dizendo que ia fazer uma terceirização, mas isso não foi, isso foi para me botar para fora mesmo (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

Percebe-se que a transição constitui uma prática que contraria os discursos compulsórios da cisgenderidade, de modo que a experiência trans destitui os traços do gênero designado no nascimento e se ampara numa outra identificação. Vale salientar que a assunção da identidade trans, nos casos estudados na presente pesquisa, se deu a partir da busca para adquirir para si as

---

<sup>26</sup> A Perlutan® é um contraceptivo injetável hormonal, em sua posologia ele é indicado para ser administrado uma vez por mês. O contraceptivo é bastante conhecido entre mulheres trans e travestis que têm, entre as suas práticas de hormonização, feito, em muitos casos, o uso sem acompanhamento especializado.

insígnias e representações que culturalmente atribuímos aos gêneros, em uma estrutura binária de gênero. Ao escapar de uma lógica opressiva referente a ter que performar o gênero como sendo sinônimo do sexo, os sujeitos muitas vezes entram numa outra lógica normativa de ter que assumir uma performance e uma expressão de gênero cristalizada e inflexível (Bento, 2017; Teixeira, 2011). Debateremos melhor essa questão na próxima categoria, mais especificamente na subcategoria *passabilidade trans*.

A *Visibilidade LGBTQ+* foi um tema abordado pelos/as participantes que consideram haver uma mudança nas últimas décadas no cenário social com a inclusão de pautas LGBTQ+ pelos diferentes dispositivos sociais. As conquistas no campo social são lembradas e expressam um certo alívio dos/as participantes. No entanto, elas também se encontram ancoradas no histórico de opressão que ainda não foi vencido já que eles/as alertam que o pensamento social em torno da diversidade sexual e de gênero mantém o preconceito nas suas bases, mesmo que este possa estar sendo velado mediante às novas medidas instituídas (Baron; Croce; Henning, 2021; Henning, 2020b; Duarte; Seffner, 2016).

Hoje em dia sim, existe uma maior visibilidade para a população LGBTQ. Hoje em dia sim, porque como eu falei pra você, a visão mudou, mudou pra melhor, mudou e tá mudando, então em 2023, acabou-se ditadura, acabou-se aquela sentença de morte. Acabou-se aquilo de dizer: olha os aidéticos, olha os doentes, né? Olha o lixo da humanidade. Isso acabou. Não que não tenha pessoas que tenham esse pensamento e existem ainda, mas se existe, cale-se, guarde pra você o seu ódio, porque as coisas mudaram, entendeu? Não gosta? Fique com ele pra você, o seu ódio, viu? Que as coisas hoje mudaram e estão mudando, ou você segue ou você vai ter que se ver com a justiça, entendeu? Então as pessoas hoje, hoje você liga a televisão, se fala sobre transexualidade, se fala sobre homossexualidade, você liga um rádio, cantores cantam, cantores gays estão se assumindo, né não? Deputados, têm transexuais lá no Congresso, tem governador gay, isso é lindo, entendeu? Então as coisas mudaram, mudaram, e você tem que seguir o ritmo, ou senão é complicado, é complicado, né? (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

O contexto de visibilidade, segundo relatos trazidos no contexto da pesquisa, vem acompanhado de uma maior facilidade para as novas gerações que já não contam com as mesmas dificuldades para acessar os diferentes serviços, como os que são necessários na jornada de transição de gênero, por exemplo: “Eu acho que tem mais visibilidade e tem muito mais oportunidades no sentido de tratamentos, no nosso caso. Assim, A gente está tendo acesso, aqui pelo menos, aqui em Recife, acho que tem também, alguns direitos estão sendo exigidos, né?” (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

Os/as participantes assinalam haver uma maior tolerância às pessoas LGBTQ+ no espaço público, uma vez que eles/as sentem uma mudança no trato social por pessoas do exogrupo,



entendem que podem circular mais livremente nesses espaços que já foram reduto de práticas discriminatórias explícitas.

Hoje, você senta na mesa de um bar, você conversa com todo mundo, hoje todo mundo diz oi a gente. Na minha cidade hoje todo mundo já está chegando junto. Existe uma praça lá que todo mundo se encontra. Depois das 10 da noite todo mundo se encontra. Até 12 horas todo mundo está se encontrando. Mas ainda existe preconceito, ainda fica gente atocaiando e no outro dia tem o comentário. Fulano estava com fulano, fulano estava com ciclano, fulano não sei o quê, mas fulano era quem? Hoje é menino, hoje é menina, hoje é tudo, não é? Entendeu? Hoje é tudo. Mas hoje por quê? Porque hoje ela já entende que a lei existe. Hoje vão para o colégio, hoje já tem autorização de dizer, não, meu nome vai ser qualquer nome, vai ser Arthur, vai ser qualquer nome. A menina vai ter coragem de dizer e a professora vai ter que assumir o desejo dela. Antigamente, no tempo da gente, a professora não tinha, não existia isso, a gente nem sabia o que era isso (Participante 20, 56 anos, mulher transexual, heterossexual, divorciada, parda, ensino fundamental).

Ao debaterem sobre as mudanças percebidas nos últimos anos, alguns/mas participantes relatam que percebem um afrouxamento de preceitos morais sobre como deve ser o comportamento dos indivíduos, em se tratando da maneira em que expressam o afeto em público, por exemplo. Vimos no estudo anterior com o endogrupo LGBT+ que esse ponto descortina um conflito intergeracional de valores, de crenças e de práticas entre membros mais velhos e pessoas idosas com as gerações de jovens LGBT+. Tal postura pode caracterizar uma identificação como minoria ortodoxa, pró-normativa que conserva valores morais sobre os comportamentos sexuais tão enraizados na sua base familiar.

Esse conflito intergeracional também foi percebido num estudo realizado com um grupo de homens gays mais velhos residentes em Porto Alegre. Nele, os pesquisadores perceberam que o grupo fazia constantemente alusões ou comparações entre as possibilidades de vida dos jovens gays na atualidade e sobre como foi a sua juventude décadas atrás. Mencionaram conflitos de valores entre as gerações, enquanto valorizavam os seus valores (pautados na solidariedade, no respeito ao próximo, no crescimento cultural e artístico, na preocupação com a carreira profissional, discrição) em comparação à geração de jovens gays (individualismo, hiperssexualização, descompromisso com a cultura, entre outros). Também foram enfatizadas as diferenças entre os modos de sociabilidade e de expressão homoeróticas, principalmente nos locais públicos. Ao se recordarem das limitações e da rigidez com que se deparavam, que os impedia de expressar os seus afetos em público; o grupo de homens gays mais velhos atribui à sua geração a responsabilidade por essas mudanças, principalmente os integrantes mais velhos do grupo discutiam que essas conquistas foram produto da sua geração que abriu os caminhos para que os jovens da atualidade desfrutassem de maior abertura e leveza para viverem a sua sexualidade. Esses relatos foram trazidos com certa mágoa e indignação tendo em vista que os

gays mais velhos não se sentem devidamente respeitados e reconhecidos pelos jovens gays, ou por que a geração de jovens atribuía à sua geração de jovens os créditos dessa maior liberação sexual. Houveram também críticas aos jovens gays ao fato de eles assumirem-se precocemente sem antes terem dedicado tempo a amadurecer sobre outras tantas coisas importantes no seu curso de vida, como a formação profissional, o desenvolvimento de capital cultural, a valorização da família, entre outras questões (Seffner; Duarte, 2015).

Embora haja resistência por parte de alguns/mas participantes sobre adotar novas posturas frente às cobranças sociais internalizadas, há também o reconhecimento de que essa abertura os/as favorece, por ampliar os horizontes que antes foram cerceados.

Impacta também para quem é mais velho, porque na nossa época atrás, não tinha esse boom que há agora, porque, por exemplo, eu saio para um bar, sem ser direcionado para o mundo LGBT, e vejo as meninas se beijando na boca, os rapazes. Então se muito tiver, tem 16, 17 anos, e isso na minha época era um choque, caía a casa. Eu fazia porque eu era atrevida, mas hoje é abertamente, elas ficam lá, os meninos ficam se beijando, até na integração, eu já vi as meninas beijando na boca, e o povo, ave Maria, tudo com medo, assim, não quer nem saber, os héteros ficam se afastando, e alguns homens também, ficam criticando, mas é assim. É um novo mundo, é uma nova era, e a visibilidade está grande. Se assumir para todo mundo, eu acho que com gente jovem está melhor do que com as pessoas que estão no armário (Participante 09, 56 anos, cisgênera, lésbica, solteira, parda, ensino superior).

Em face das conquistas alcançadas nos últimos anos, os/as participantes cobram a elaboração de mais políticas públicas para pessoas LGBTQ+ e para pessoas com 50 anos ou mais. Chama atenção o fato de os/as participantes não considerarem o limite mínimo de 60 anos conforme previsto no estatuto da pessoa idosa, ao invés disso, eles/as apontam pessoas com 50 anos ou mais que já deveriam ser alvo de preocupações no planejamento das políticas estatais.

Tem que ter uma discussão específica para as pessoas acima de 50 anos porque é uma população mais frágil e mais vulnerável à rejeição à sociedade. No contexto todo, mas tem a proteção também desses mais jovens também pra não se marginalizarem pra não se prostituírem tanto porque eu acho que tem que você ter uma subjetividade, ninguém gosta de ficar batendo calçada, ninguém quer viver a vida toda assim. Eu acho que todo mundo tem suas angústias. Então é preciso que a pessoa, as pessoas, o meio, a sociedade, as assistentes sociais, os assistentes sociais se reunirem pra conversar, fazer alguma coisa enquanto é tempo porque eu posso chegar a 70 anos se eu chegar até lá e não, não ver esse projeto [...] Então precisa começar a ter gestores capazes porque em todas as áreas vai ter homoafetivo, gays e lésbicas então é preciso, e simpatizantes. É preciso começar a correr atrás do prejuízo antes que seja uma bomba e haja uma guerra de ideologias (Participante 06, 57 anos, não-binária, gay, solteira, branca, ensino superior).

São cobradas políticas públicas para habitação para pessoas mais longevas, e a concessão de benefícios sociais que amparem os sujeitos em diferentes condições de vida na qual a falta de recursos se faz presente.

Faz sete anos que não tem a Parada Gay em Campina Grande, que não tem nenhum apoio. Que eles estão vetando para que não aconteça. Quantos projetos como Transcidadania, que é um sucesso em São Paulo, tentamos trazer para Campina Grande e fomos bloqueados. Não, não e não. Então deixa as travestis na rua. Usando droga, se prostituindo, roubando e fazendo o que faz. Porque isso é um projeto para tirar as trans da rua. Levar elas para a sala de aula. Fazer um curso qualificante. Se elas não têm trabalho, vão fazer o que? Tem que se prostituir. Mas eles não querem dar uma oportunidade. Então elas vão continuar na rua (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

Conforme alguns relatos, existem especificidades que ainda não são contempladas pelas políticas públicas vigentes, principalmente em se tratando de pessoas transexuais que sofrem com a exclusão social desde a tenra idade, tendo o seu acesso à educação e ao trabalho negados, por exemplo.

A gente [transexuais] tem que ter prioridades, eu vou dizer, hoje eu deveria estar recebendo um salário digno de aposentadoria, porque eu tive que me afastar para fazer minha cirurgia, foram muitos anos, minha transição não foi tranquila, certo? [...] Eu acho que eu deveria ter o direito, eu, eu e alguns mais antigos, ter já agora, porque com 56 anos de idade, eu estou dependendo dessa porcaria, dessa bolsa família, que eu nunca precisei, entendeu? Passar necessidade, por quê? Porque eu não consigo emprego, mesmo assim, agora com 56 anos, quem consegue emprego, sem experiência, diga aí? (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

Notamos nos discursos produzidos que os processos identitários das pessoas estudadas guardam uma relação íntima com o cenário social estruturado a partir da lógica cisheteronormativa. Desde cedo, os/as participantes passaram a ponderar os seus comportamentos em vista da norma vigente que lhe era cobrada a performar. Em torno das suas trajetórias foram estabelecidas estratégias que ora sucumbiam às obrigações impostas por um roteiro estruturado de como deveria ser a performance do gênero, ora também podem ser considerados atos de resistência ao apostar na diferença.

Encontramos em nos seus relatos alguns mecanismos sociais utilizados sobre como lidar com a construção da identidade social, uma identidade dissidente, em que os sujeitos precisavam conciliar a desconformidade entre aquilo que era esperado no seio familiar e entre as demandas socioafetivas que também eram percebidas e que lhes eram tão importantes quanto a aceitação familiar. Falamos bastante de uma identidade dissidente neste trabalho de tese, e assumimos o termo tendo em vista que os/as participantes fizeram essa leitura desde cedo, por constatarem nos vários episódios da sua trajetória que assumir a sua identidade, além de configurar um ato de insurgência na sua família e em outros grupos sociais, também os/as inseria num grupo de pertença, pela identificação de desejos semelhantes sobre como viver a afetividade e/ou a expressão de gênero fora da cisheteronorma. Nesse ponto, destacamos a teoria da identidade social de Tajfel (1972) que alerta que os modos com que os sujeitos

desenvolvem uma avaliação de si estão na base do que ele chama identidade social, para ele esta última estaria “ligada ao conhecimento (de um indivíduo) da sua pertença a certos grupos sociais e da significação emocional e avaliativa que resulta desta pertença” (p. 292).

É refletindo sobre a sua pertença a diferentes grupos sociais que o sujeito define o seu lugar particular na sociedade. E pertencer a um determinado grupo social necessariamente não contribui para uma elaboração de uma identidade social positiva, é a partir da comparação de atributos e de características que este grupo possui em relação a outros grupos que se instaura uma dinâmica avaliativa do seu grupo de pertença (Tajfel, 1972).

Pertencer a um grupo minoritário pode expor a pessoa precocemente a uma dinâmica comparativa intensa na qual que as características percebidas como negativas são rechaçadas e discriminadas, buscando a adequação a padrões defendidos pelo outro grupo, dito majoritário. O sujeito, nesse meio, pode sofrer os efeitos das pressões normativas e então performar outros comportamentos até que este possa se apropriar de outros elementos que lhe possibilite construir uma identidade social positiva a partir da noção de diferença. Percebemos nos trabalhos de Tajfel (1972) a necessidade de as pessoas elaborarem uma identidade positiva, nesse sentido, pertencer a um grupo minoritário traz uma ameaça e desafia o desenvolvimento de uma estima e valorização de si, dos indivíduos que compõem o grupo minoritário. Em decorrência disso, Simon e Brown (1987) discorrem que os sujeitos de grupos minoritários buscam acentuar a homogeneidade do seu grupo, buscando nele características positivas que possam ser ressaltadas e que auxiliem a restabelecer ou preservar uma especificidade do seu grupo que se destaque em relação ao grupo de não pertença.

Em meio a esse processo, encontramos a relação entre as representações sociais partilhadas pelos grupos em relação aos objetos sociais que permeiam os processos identitários. Nesse sentido, Deschamps e Moliner (2009) consideram os laços existentes entre identidade e representações, e destacam que a análise das representações no âmbito das identidades pode considerar os diferentes níveis de interação, temos, por exemplo:

as representações de si mesmo, produzidas por um indivíduo a propósito de si mesmo, depois representações intergrupos, partilhadas por um grupo e relativas ao próprio grupo ou a um outro grupo. Podemos ainda distinguir representações sociais, partilhadas por um grupo e relativas a um objeto de seu entorno, em seguida representações do social, partilhadas por um grupo e relativas às hierarquias sociais. Enfim, distinguiremos representações coletivas, partilhadas por uma sociedade num conjunto e relativas a aspectos bem gerais do mundo (Deschamps; Moliner, 2009, p. 78).

Interessa-nos aqui especialmente considerar as representações intergrupos, que segundo Deschamps e Moliner (2009) trata-se de um fenômeno que só pode ser compreendido na

dinâmica estabelecida entre os indivíduos e os grupos em confronto que culmina na produção de saberes uns sobre os outros. A estereotipia é um fenômeno importante dessa interação que culmina na construção das identidades, ela se baseia em cognições (traços, comportamentos, etc.) que os indivíduos vão associar a eles mesmos, às pessoas do seu grupo e aos membros do exogrupo. A estereotipia se vale da categorização social que produz essas cognições. Nas relações entre os grupos os sujeitos se valem de conhecimentos ou de crenças que são associadas a eles mesmos, também dispõem desses recursos para pensar a sua pertença a um grupo como também esses conhecimentos e crenças levam a estabelecer uma visão dos membros de outros grupos do seu entorno social. Trata-se de uma produção coletiva uma vez que os conteúdos que implementam essas cognições são partilhados pelos membros de um mesmo grupo (Deschamps; Moliner, 2009).

Na esteira das representações intergrupos, Doise (1972) destaca que os conteúdos partilhados se cristalizam por ocasião das interações entre os membros de um mesmo grupo. A natureza das relações entre grupos determina o contexto das representações intergrupos. Assim, percebemos que no contexto das identidades estudadas nessa pesquisa, os sujeitos LGBT+ iniciam primeiramente um processo de construção identitária junto a um primeiro grupo de pertença, qual seja a sua família, mas muito cedo esses sujeitos começam a se deparar com as diferenças entre os seus interesses, entre as formas de performar o gênero, os comportamentos e interesses sexuais em relação à expectativa da família. A família, atuando como um dispositivo de gênero que garante a conformidade no sistema sexo/gênero/desejo expõe os seus estereótipos tanto relativos ao modelo binário sobre esse mesmo sistema (como devem ser homem e mulher, como devem se relacionar), como também em relação às identidades dissidentes a este modelo. Os estereótipos atrelados às identidades dissidentes são agravados com a discriminação social, e a visão sobre esses sujeitos passa a ser embargada pelas noções de anormalidade e pecado, por exemplo. Partir de um primeiro grupo para construir depois novas cognições sobre como é pertencer a um grupo dissidente não constitui uma tarefa fácil, vemos nos estudos sobre minorias sexuais e de gênero que essa construção coletiva é um esforço constante e dessas experiências restam muitos estereótipos apreendidos na base das suas relações e que são internalizados a tal ponto que nem sempre os sujeitos conseguem produzir uma identidade social positiva sobre ser LGBT+.

A noção de orgulho LGBT+, por exemplo, é produto de uma intensa luta dos movimentos sociais ao longo de décadas que reivindica um lugar de direitos e de dignidade às pessoas LGBT+. Mesmo portando uma grande diversidade, as pessoas de diferentes identidades que agregam a esse movimento buscam pautar direitos em comum, tornar mais visível a luta

por reconhecimento unindo forças entre os sujeitos que sofrem violências diversas (Aguião, 2016; Vianna, 2012). Isso não quer dizer que não haja diferenças, reivindicações distintas, conflitos e rivalidades dentro do próprio movimento LGBTQ+, porém, há o reconhecimento da exclusão estrutural que afeta os sujeitos de identidades dissidentes. Dito isto, os sujeitos partilham interesses em comum, entre os mais vigentes, o direito de ter sua identidade reconhecida, embora, haja necessidades que se diferenciam (Aguião, 2016).

O reconhecimento à diversidade sexual e de gênero no Brasil é, portanto, um projeto político social estruturado sócio-historicamente com muitas ações sociais, segundo Facchini (2020), a multiplicidade de campos discursivos de ação pode ser melhor traduzida a partir da noção de política sexual. Nesse sentido, vivenciamos ao longo de algumas décadas no Brasil uma jornada de acontecimentos que envolveu diferentes atores da sociedade, grupos e gestores públicos no que se refere aos direitos LGBTQ+. Facchini (2020) elabora uma importante linha do tempo acerca dos marcos históricos no Brasil para pensarmos a evolução do movimento LGBTQ+, inicialmente partimos das primeiras iniciativas de ativistas homossexuais que constituíram o movimento social a partir dos primeiros núcleos feministas nas universidades brasileiras na década de 1970. Estruturado sob uma perspectiva de “centramento”<sup>27</sup>, esse primeiro movimento reuniu homossexuais que debatiam as tensões entre “ser” ou “estar” homossexual, tentava-se nesse primeiro momento deslocar uma visão essencialista sobre a identidade homossexual para a categoria de “orientação sexual”. Nesse sentido, lutava-se pela afirmação homossexual a partir da prerrogativa do “assumir-se” como uma ferramenta política.

Nos anos 80 o movimento foi afetado pelas dificuldades trazidas pela epidemia do HIV/Aids, embora tenha sofrido abalos significativos, o movimento passou a considerar mais veemente a necessidade de ampliar os direitos dos homossexuais. A relação entre os movimentos sociais, o Estado e a sociedade civil ganharam contornos maiores a partir dos anos de 1990. Entre os anos de 1990 e 2000 vamos ter uma maior participação socioestatal e também o que Facchini (2020) denomina “descentramento”, que corresponde a uma complexificação dos sujeitos políticos dentro do movimento e que fez emergir o movimento como LGBTQ, caracterizando o que ela chama de “cidadanização” desses ditos sujeitos políticos. Segundo Facchini (2020):

No âmbito desse movimento, articulam-se a visibilidade produzida pelo sensacionalismo midiático ao associar Aids e homossexualidade e a chamada

---

<sup>27</sup> A noção de “centramento”, segundo Facchini (2020), caracteriza as primeiras iniciativas do movimento político organizado que ocorreu entre o final dos anos de 1970 até meados dos anos 1990 que era denominado de Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) em torno de uma noção substantivada de homossexualidade.

“resposta coletiva à epidemia”, abrindo espaço para uma “visibilidade positiva”. Essa ideia teve aproximações e deslocamentos produzidos também por ações de mercado e de mídia – em paralelo ocorria um processo de segmentação de mercado que fez surgir um mercado GLS (para gays, lésbicas e simpatizantes) ou voltado ao “público GLBT” (p. 41-42).

Os movimentos sociais continuaram a estabelecer importantes avanços no campo dos direitos LGBT+ principalmente a partir dos anos 2000, quando encontramos um terreno mais fértil para estruturar políticas públicas voltadas para as mulheres, para promover igualdade racial e o combate à homofobia. Em 2008 tivemos um marco na história do movimento LGBT+ com a realização da I Conferência de Políticas para LGBT, que contou com o apoio do então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva que com um gesto simbólico, ergueu a bandeira do arco-íris na abertura do evento (Facchini, 2020). Outros marcos podem ser destacados conforme exemplificados por Facchini (2020):

Entre as conquistas desse processo temos: o acesso a mudanças corporais para pessoas trans no SUS; as portarias que reconhecem o direito ao uso do nome social para travestis e transexuais; o reconhecimento das “uniões homoafetivas” pelo Supremo Tribunal Federal (STF); e a criação de políticas para a formação continuada de professores e editais de pesquisa, abordando, de modo transversal, a igualdade racial, de gênero e a diversidade sexual (p. 43).

Outro fenômeno que marca o contexto de visibilidade e de crescimento do movimento LGBT+ corresponde ao “essencialismo estratégico” que correspondeu a uma ênfase no processo de delimitação de identidades e que produziu novas formas de gestão dos conflitos que se estendiam desde os primeiros eventos do movimento social, quando da reivindicação de visibilidade por parte das mulheres lésbicas, de homens gays, das pessoas negras, e também as travestis, transexuais e bissexuais. Em meio aos processos de busca por visibilidade, as paradas do orgulho foram responsáveis por uma “visibilidade massiva” em que expressamente os sujeitos apostavam na exposição da sua imagem, como um corpo político, tentando confrontar os estereótipos sobre LGBT+, dar corpo e concretude à noção de comunidade e funcionar como um contexto complementar à incidência política (Facchini, 2020). A autora discute que as paradas funcionaram como a face pública do movimento LGBT+, foi a partir dessas paradas que as pessoas LGBT+ contaram com a interação de diferentes atores políticos, como ativistas e organizações; participaram grandes multidões que agregavam, além dos integrantes da dita minoria, as pessoas simpatizantes. A participação de identidades coletivas permitiu que as paradas evocassem experiências e conectasse diferentes categorias discursivas como a orientação sexual, a homofobia, a identidade de gênero, entre outras bandeiras.

### 8.3.2 Identidades, passabilidade e o dispositivo do armário

Nesta categoria são trazidas as problemáticas relativas a como cada sujeito lida com a sua identidade nos âmbitos privado e público, tendo que arranjar alternativas diferentes para driblar as dificuldades que estão relacionadas ao convívio social. Ademais, os/as participantes expõem o seu pensamento sobre os processos de revelação da identidade LGBTQ+, utilizando a metáfora do armário eles/as discutem como as pressões normativas mantêm os sujeitos no armário ou os empurram estrategicamente para dentro dele, colocando as suas identidades em jogo para lidarem com os eventos cotidianos da vida e com as interações sociais.

Enquanto debatiam sobre como percebem o trato que a sociedade oferece às pessoas LGBTQ+, foram sendo explicitados os posicionamentos de alguns/mas participantes que seguem suas vidas discretamente, apesar de terem assumido a sua identidade sexual e de gênero para a família e para pessoas próximas do seu convívio, procuram manter discrição fora de casa. Vale salientar que as pessoas que defendem essa estratégia se dizem fora do armário, pois debatem que já declararam a sua identidade sexual e o fariam em casos que julguem necessário, como também expressam em alguns espaços a sua subjetividade atravessada pelas dinâmicas identitárias dissidentes (*Dinâmicas do armário*).

Rapaz, eu vou ser bem sincero. Eu sempre disse o seguinte, eu, pelos cantos que eu ando, e que andei, eu nunca fiz questão de mostrar para ninguém, seja lá quem fosse, as minhas práticas. Nunca. Se alguém percebeu, massa. Se alguém não percebeu, massa também. Mas também, se quem não percebeu vier perguntar, assumo de boa. Nunca houve em mim a necessidade de eu mostrar para ninguém o que eu seja, o que eu pratico (Participante 11, 60 anos, cisgênero, pansexual, solteiro, pardo, nível médio).

Por vezes ocultar a identidade LGBTQ+ é apontada pelos/as participantes como uma estratégia necessária, sendo adequada para o convívio social, em espaços públicos como o trabalho em que defendem que não é necessário demonstrar qualquer traço que denuncie a sua sexualidade. Nesse sentido, percebe-se uma atitude positiva quanto a regular os comportamentos sexuais num contexto em que são atribuídos estereótipos negativos para as pessoas que expressam o gênero ou mantêm comportamentos que contrariam os valores morais patriarcais e sexistas (Gaspar; Vieira, 2025): “Agora, quanto ao meu trabalho, eu tenho que manter a minha postura de que não sou LGBTQ. Porque eu trabalho em instituições rígidas, de caráter, e muito fechadas. Então, lá eu sou como se eu não fosse do mundo LGBTQ, e eu acho até bom” (Participante 10, 64 anos, cisgênero, gay, solteiro, branco, pós-graduação).



Esse participante em questão é um homem gay que também atua como transformista desde a juventude. Durante anos ele trabalha no meio jurídico. Ao relatar sobre a sua experiência de trabalho num ambiente tão rígido e masculino, segundo sua própria avaliação, ele acredita que precisa desempenhar um papel em conformidade com a cisheternormatividade, performar o gênero com uma postura masculinizada, com roupas que não entreguem a sua homossexualidade, nem demonstrem trejeitos femininos.

Meyer (2003), ao discutir sobre a teoria do estresse de minorias, explica que a ocultação da identidade sexual é um dos processos que corrobora o estresse social que compromete a saúde mental de pessoas LGBTQ+<sup>28</sup>. Para explicar a teoria, Meyer (2003) traz elementos da teoria da identidade social com Tajfel e Turner (1986 *apud* Meyer, 2003) como, por exemplo, o processo de categorização que se dá entre as relações intergrupais, nesse sentido, os membros do grupo minoritário vivenciam os processos de distinção entre os grupos sociais, e ao lidarem com o preconceito e a discriminação que são dirigidos às pessoas LGBTQ+, os membros desse grupo minoritário podem ter prejuízos na sua autoestima e no seu autoconceito.

O autor debate que a ocultação da identidade é uma estratégia que visa proteger o indivíduo dos danos reais que o preconceito e a discriminação podem trazer quando da revelação da sua orientação sexual. O medo de ser descoberto/a tem sido acompanhado por modos distintos de esconder a sua sexualidade, seja para a família, no trabalho, na rua. Meyer (2003) discute que esse é um processo que ocorre de maneira recorrente com pessoas LGBTQ+, principalmente durante a adolescência, mas também é observado em outros estágios do curso de vida.

Gaspar e Vieira (2025) discutem que a estratégia de ocultar a identidade LGBTQ+ se dá também sobre uma leitura de território que os sujeitos fazem do seu entorno social. Para os autores o fenômeno se dá em meio a um contexto socioespacial de não lugar, quando o ambiente do trabalho, ruas de passagem cotidiana, e até mesmo o próprio bairro no qual os sujeitos moram provocam o sentimento de insegurança e o sentimento de pertencimento é drasticamente prejudicado pela estigmatização atrelada às identidades dissidentes.

Essa estratégia também foi usada por alguns/mas participantes para lidarem com as relações familiares. Deixar subentendido a sua sexualidade, mas não conversar sobre o assunto com os pais já idosos, foi uma alternativa para evitar conflitos em casa.

---

<sup>28</sup> No estudo original de Meyer (2003) citado na presente pesquisa o autor faz referência às pessoas LGB (Lésbicas, gays e bissexuais). Posteriormente encontraremos estudos sobre a teoria do estresse de minorias que também incluem as pessoas transexuais ou com outras identidades sexuais e de gênero, assim decidimos manter a sigla mais inclusiva que temos adotado na escrita desse trabalho, fazendo a ressalva aqui sobre o estudo inicial de Meyer.

Mas não sabia [o pai], nem tinha pra que. Porque a gente mal se via, ele conheceu minha companheira. Mas conheceu como minha amiga, tudo bem, não precisava. E minha mãe também, minha mãe sabia que a gente só viajava junto, dormia junto [...] Fingia que não [sabia] porque via a gente de boa, né? Mas depois que a minha mãe foi embora. Pronto, as duas pessoas que eu tinha receio de magoar, de ficar triste para as duas pessoas que fizeram tudo por mim [...] e se fosse o caso de chegar um momento que tivesse que falar eu teria falado com a minha mãe, se fosse um momento necessário. Mas não houve esse momento, não teve por que, pra que. Simplesmente para chamar atenção? (Participante 33, 71 anos, cisgênera, bissexual, viúva, parda, ensino médio).

Tal atitude pode alertar sobre alguns obstáculos que ainda não foram vencidos na trajetória de pessoas LGBTQ+ que se sentem constrangidas e/ou acreditam que a discrição e/ou a ocultação da sua identidade constituem formas mais viáveis de sociabilidade. Nesse sentido, Meyer (2003) explica que o ocultamento da identidade pode revelar fragilidades que a pessoa enfrenta no tocante à sua autoestima. A internalização da autodepreciação e a incorporação de valores e estereótipos negativos relativos à orientação sexual percebida também fazem parte de mais um processo que culmina no estresse de minoria, qual seja, a homofobia internalizada (Gaspar; Vieira, 2025).

No contexto das identidades dissidentes podemos entender também, conforme nos alerta Goffman (2004) que a pessoa estigmatizada pode se ver diante de duas posições, numa primeira posição a pessoa estigmatizada tem uma característica distintiva que é evidente e expõe imediatamente o traço ou característica estigmatizada, e na outra posição temos os sujeitos que tem uma característica estigmatizada, mas que não é imediatamente perceptível pelos/as demais. Goffman (2004) nomeia essas posições de condição de desacreditado e a segunda de desacreditável. Sob essa perspectiva, o autor debate que o sujeito presente na segunda posição, que se aplica aqui nesse contexto de pesquisa às pessoas que ocultam a sua identidade sexual e que são “passáveis”, pode atuar em colaboração aos sujeitos ditos “normais” entendendo que a sua condição não tem importância, nem merece atenção especial. Nesse sentido, percebemos um movimento semelhante quando nos deparamos com o dispositivo do armário, nas palavras de Goffman (2004):

A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde (p. 38).

Em continuação a essa perspectiva, alguns/mas participantes expressaram a sua percepção acerca das pessoas que não “saíram do armário”, que para eles/as compreende os sujeitos que não assumem a sua identidade sexual publicamente e nem pra si mesmo, mantém relacionamentos heterossexuais, constituem família: “Existem pessoas que casam para dar

satisfação à sociedade, que é bem mais podre que nós. Então, casam para dar satisfação. Têm filhos, constroem família e, na verdade, são gays [...]” (Participante 10, 64 anos, cisgênero, gay, solteiro, branco, pós-graduação).

Foi interessante perceber que há uma diferença nos modos de significação dessa metáfora do armário, em comparação com as primeiras estratégias de ocultação e descrição descritas como modos de passabilidade em espaços públicos, estar “dentro do armário” parece configurar um modo de sociabilidade menos aceito pelo grupo estudado, pois ele constitui uma negação explícita da identidade sexual, ou mesmo uma recusa a integrar o endogrupo LGBTQ+.

A invisibilidade é vista como responsável por manter muitas pessoas no armário, relatam os/as participantes. Não falar abertamente sobre a diversidade sexual e de gênero constitui então uma barreira que torna mais saliente a repressão e o preconceito internalizados.

Fico feliz por esse tema está sendo trabalhado. Nas universidades ele ficava no anonimato, né? E esse anonimato é exatamente o que faz as pessoas que não sai do meio do armário ficar cada vez mais trancado, né? E a gente sabe que isso gera insegurança, um medo e a gente sabe que grande parte dos suicidas são assim, são homossexuais os que não tem coragem de se abrir para a vida (Participante 33, 71 anos, cisgênero, bissexual, viúva, parda, ensino médio).

Os/as participantes compartilham da ideia de que o armário serve enquanto metáfora para não assumir uma identidade LGBTQ+, também constitui uma estratégia defensiva que, por vezes, pode ser acionada para proteger os indivíduos da discriminação e do preconceito que percebem ser direcionados às pessoas LGBTQ+.

Conheço muitas pessoas que não são assumidas. Se eu for contar a lista é grande. Elas são pessoas que têm medo da sociedade que outros ativistas não tem. Eu até compreendo. Porque eu estava conversando agora antes de entrar aqui na sala. E essas pessoas se sentem com medo de se expor para não serem apedrejadas. Mas dentro de suas casas elas vivem infelizes (Participante 06, 57 anos, não-binária, gay, solteira, branca, ensino superior).

Ao estudarmos as gerações de pessoas LGBTQ+ mais velhas e idosas iremos encontrar de forma recorrente discussões sobre estar dentro ou fora do armário. Esse também tem sido um debate de cunho geracional em que encontramos nas gerações de pessoas mais velhas o recurso do armário para atender às pressões heteronormativas. Como vimos em outros momentos da pesquisa, há uma defesa por parte de uma parcela de participantes sobre negociar com a heteronorma de algum modo, seja reconhecendo a necessidade de moderar os comportamentos sexuais, ou mesmo omitindo-se de expressar uma identidade considerada dissidente. Duarte e Seffner (2016), explicam que a geração de pessoas idosas pode defender

códigos morais sobre como deve ser a saída do armário, de modo que ela implique numa aceitação e numa visibilidade positiva. A forma com que a geração de jovens expressa os seus afetos em público produz dissensos nos modos como pessoas maduras e idosas pensam sobre como deve ser a vida amorosa de homens gays, se ela for visível, precisaria se dar de maneira respeitosa, por exemplo. Porém, Duarte e Sefner (2016) refletem que as noções sobre sexualidade, erotismo, pornografia em homens gays idosos é um terreno ambíguo e cheio de contradições, principalmente quando esses termos cruzam o campo do envelhecimento.

Para os/as participantes, essa estratégia não os/as livra de lidarem com afetos negativos, de se sentirem frustrados/as por seguirem um roteiro de vida que não condiz com o seu desejo. Os/as participantes refletem que viver no armário é um fator de risco que compromete a saúde mental de pessoas LGBT+.

Eu conheço muita gente que ainda não se assumiu. Que não saiu do armário. Eu digo essas pessoas que tem que sair porque você fica doente, mentalmente. Você não é feliz nunca, entendeu? Se você não se assumir. Não é se assumir para os outros não, é para você. É o que eu lhe disse: a pior mentira é aquela que você faz para você mesma. Aí é complicado (Participante 09, 56 anos, cisgênera, lésbica, solteira, parda, ensino superior).

Consoante essas observações, Meyer (2003) debate que, mesmo sendo considerada uma estratégia defensiva, ocultar a identidade sexual traz danos à saúde mental uma vez que está acompanhada de comportamentos deletérios como repressão das emoções, guardar para si eventos traumáticos provocados por abusos, preconceitos e discriminação; além de impedir que as pessoas LGBT+ façam parte de comunidades e desenvolvam identificações positivas com outras pessoas LGBT+.

Para os/as participantes, “estar no armário” não impede que os sujeitos mantenham relações casuais com outras pessoas que são abertamente LGBT+ ou que vivam veladamente relacionamentos homoeróticos duradouros.

Rapaz, deixa eu te contar uma história. Eu acho tão engraçado. A maioria das pessoas que curtem comigo, do sexo masculino, todos eles são casados. Visivelmente, não são [LGBT]. São comigo aqui [no sigilo]. E que eu acho, eu nunca entendi isso, porque eu sou muito procurado por homens casados. Eu não consigo entender isso. Porra, que mistério é que tem nisso? [...] e tem os solteiros, que são, se dizem homens [hétero], dizem-se homens. Mas quando chega comigo, são igual a mim, cara (Participante 11, 60 anos, cisgênero, pansexual, solteiro, pardo, nível médio).

Seffner e Duarte (2015) debatem que o dispositivo do armário comporta uma complexidade entre a dinâmica do revelar e esconder. Ao discutirem sobre a trajetória de homens gays mais velhos os autores debatem que mesmo não assumindo explicitamente uma

postura de se revelar enquanto homossexual para a família ou para outras pessoas do seu entorno, estes sujeitos que se autodenominavam “enrustidos” mantinham uma biografia pessoal que denotam um ponto fora da curva conforme as expectativas sociais. Eram homens velhos que nunca apresentaram uma namorada na família, nunca casaram, não tiveram filhos/as, não falavam de mulheres, tinham amigos com quem mantinham relações constantes de muita proximidade, com quem viajavam juntos, entre outras vivências. Segundo os autores esses elementos perturbavam o regime do armário. Mesmo sem contar sobre a homossexualidade estes sujeitos mantinham uma estratégia de resistência passiva e silenciosa que era certamente objeto de discussão entre as pessoas do seu convívio que, mesmo não tendo sido autodeclarada, as noções sobre homossexualidade surgiam mesmo sem ela ter sido pronunciada por esses sujeitos. Havia também nesse grupo, relatos de pessoas já cansadas de esconder, omitir, ou trocar fatos, ou terem que suportar olhares atravessados, piadas e joguetes que causavam desconforto e humilhação (Seffner; Duarte, 2015).

O armário também foi um lugar designado para os homens que se assumem publicamente como gays, mas que revelam às pessoas mais íntimas que se reconhecem como mulheres transexuais, embora não consigam admitir essa identidade para a família e para a sociedade enquanto tal. Na ótica de uma participante transexual, ser transexual é uma afronta muito maior aos padrões heteronormativos e, assim, assumir essa identidade se torna uma escolha mais difícil de ser sustentada numa sociedade transfóbica, principalmente quando consideramos as pessoas com idades mais longevas que já conseguiram firmar a sua identidade como homens gays.

Eu conheço amigos meus de 50 anos. Tenho amigos meus de 60 que são transexuais. Mas construíram uma vida profissional. Eu conheço amigos meus que são professores, que trabalham na área da saúde há muitos anos. E chegaram pra mim e falaram: eu queria virar trans, eu sou uma trans. Eu não tô confortável como homem. Mas pela minha idade [...] eu digo, não tem idade pra ser feliz, não. Não tem isso não. Mas sei lá, eu tô com medo de perder meu emprego. Eu tenho medo. Minha família me aceita como gay. Mas como uma mulher trans, eu acho que... acho que já é tudo, né? [...] Acontece por causa da pressão. A pressão da sociedade. Você pode ser gay, trans não. Homem não pode vestir roupa de mulher não. Isso é ridículo. Você é gay, continue gay, de barba e com roupinha de homem. O visual choca muito. E um homem aparecer de peito, um homem aparecer com as unhas bem feitas, maquiada, de cabelo grande, já é demais para a sociedade. Uma sociedade, como é que chama? Conservadora! (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

Na categoria anterior vimos que a transição de gênero para uma pessoa mais velha é repleta de desafios, as inseguranças quanto a lidar com mudanças radicais nos seus modos de expressar o gênero pode ser adiada por muitos anos ou mesmo não ser realizada. No entanto, esse é um processo que requer medidas de enfrentamento e de resignificação das condições de

vida dos sujeitos bem como das expectativas que eles possuem a respeito das relações sociais que têm estabelecido (Fabbre, 2015). Adán et al. (2021) debatem que a não revelação da identidade trans na velhice pode comprometer o espaço de sociabilidade levando os indivíduos a perderem a oportunidade de constituírem laços significativos com a comunidade de pessoas transgêneras, e, conseqüentemente, dificultar ainda mais a afirmação da identidade trans na velhice.

No contexto identitário das pessoas trans a passabilidade também é uma estratégia de sociabilidade, ela pode repercutir como um fator de inclusão e de acesso para as pessoas transgênero, mas também pode refletir na omissão estratégica da sua identidade trans (Duque, 2020) (*Passabilidade trans*). Encontramos, no presente estudo, o posicionamento de um homem trans que reflete sobre a sua passabilidade; ele procura, a partir dela, não ser reconhecido enquanto pessoa trans. Na sua justificativa, ele alerta para os riscos de ser uma pessoa transexual no Brasil, e considera o histórico brutal de violência cometida contra a população TT em diversos países para justificar o seu posicionamento:

[...] É, com certeza, e quanto mais invisível, melhor. Esse negócio de visibilidade trans, a gente faz para mostrar às pessoas que a gente existe, só que as pessoas, enquanto isoladas, na visibilidade, elas não têm segurança, não têm. O bullying, isso sempre vai existir, dificilmente isso vai acabar, dificilmente, por mais que se eduque, porque você vê que isso acontece nos Estados Unidos, isso acontece na Europa, tem países da Europa que não aceitam. Na Europa, tem país agora, qual foi o país que não pode ter, que ia matar a pessoa homossexual? Na Itália, a Turquia, a Olímpia, era no oriente, agora eu esqueci agora, que ia matar, que é pena de morte (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

No estudo de Almeida (2012) observamos que o dispositivo da passabilidade foi considerado uma alternativa importante nas vivências de homens trans, segundo os relatos dos interlocutores da sua pesquisa, a passabilidade constituía um desejo de “sumir na multidão”, uma tentativa de se fazer indiferente ao outro no quesito identitário, como uma forma de evitar os inúmeros constrangimentos que se sucedem após à descoberta da identidade trans. Duque (2020) debate também acerca da usabilidade do dispositivo da passabilidade que pode se seguir da intenção de conseguir *status* de grupos de “privilégios”, uma vez que os indivíduos ao serem “passáveis” podem desfrutar de um relativo conforto de não ter a sua identidade desafiada ou constrangida pelas inúmeras formas de violência, preconceito e de discriminação que são trazidas na presente pesquisa.

A passabilidade tem custos para cada sujeito, e a forma com que ela é almejada e trabalhada por cada um/a pode mudar o curso de vida das pessoas trans. Enquanto traçam a

jornada com uma nova identidade, elas podem ter dificuldades de se a ver com aspectos do seu passado.

E quando termina, no meu caso mesmo, hoje eu sou um fantasma no mundo também. Por quê? Porque quem me conheceu [antes da transição] não sabe. Eu tenho muita gente aqui que eu sei. Cara, eu fiz aqui da quinta série até a minha faculdade. Se eu não conhecia gente, eu estava aonde? Eu era uma topeira? Mas eu não posso... Eu já conversei com um ex-colega, frente a frente, com gente que eu treinei judô, frente a frente. Passo, não sei se ele está sabendo, meu ex-treinador. E ele sabe que eu morava ali e não sei se ele sabe quem sou eu. Agora, eu sei que uma ex-namorada minha pode até ter falado alguma coisa. Ela já sabe quem eu sou. Já falou comigo. Ela é casada, tem filho. Mas ela falou. Agora, eu vou dizer. Eu já vi ex-colega de classe que olhou pra mim assim. Acho que reconheceu pelo olhar, mas quando viu o resto, viu outra pessoa e virou a cara. De repente, você reconhece pelo olhar, mas vê que não é a pessoa. Então, é outra pessoa (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

Não é difícil encontrarmos elementos que atestem o histórico de violências e de perseguições às pessoas transexuais no Brasil, por exemplo. O cenário social ameaçador para pessoas trans afasta esses sujeitos das possibilidades de interagirem socialmente em atividades diárias comuns, como andar nas ruas livremente, estudar em escolas e universidades, ter um trabalho com carteira assinada (Antunes, 2013; Baére; Zanello, 2024; Gomes et al., 2024). Uma participante da pesquisa expõe os receios do seu grupo de pertença ao reconhecer que a exposição da identidade trans nos espaços públicos ainda é um desafio: “Mas a presença de uma trans é muito pouca nos lugares, porque muitas trans não querem sair, pois os olhares são muito grandes, sabe? A discriminação é muito grande, a maioria das trans é um vampiro, só sai de noite de casa, entendeu?” (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

Neste cenário, é importante que questionemos que inclusão e que acesso são oferecidos às pessoas transexuais que adquirem a passabilidade, mais especificamente sobre o porquê tem sido tão importante para a sociedade transpor os seus valores e expectativas já cobrados às pessoas cisgêneras para performar o seu sexo<sup>29</sup> aos sujeitos trans. A passabilidade parece mais reforçar os estereótipos de gênero, e, como consequência do não cumprimento deste ideal, aquelas pessoas que não alcançam esse padrão são excluídas e marginalizadas (Duque, 2020).

Então, como uma trans tem passabilidade, que é 100% parecer uma mulher, que tem trans, que você olha e você diz, nossa! Eu não tenho passabilidade, eu ainda, sou trans, tenho plástica, mas eu sou muito grandona, eu tenho 1,80 eu sou o famoso traveção

<sup>29</sup> Usamos a palavra “sexo” ao invés de “gênero” uma vez que a sociedade patriarcal e sexista que cobra uma performance dos sujeitos a partir de uma concepção binária não reflete sobre o gênero, pois trata o sexo como uma correspondência direta e inequívoca do gênero.

mesmo, que quando eu chego o povo olha mesmo, sabe? Isso me incomodava, hoje em dia eu não tô nem aí. Eu entro e acabou-se a história (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

Ela pode ser um engodo e protelar a necessidade urgente que temos na sociedade de garantir dignidade para a população transexual, começando pela sua aceitação e respeito, o que não se resolve com cobranças para adequar um corpo e um semblante a padrões já conhecidos. Segundo Demétrio (2019), a passabilidade pode configurar mais um dispositivo que reproduz a cisheteronormatividade a partir de uma norma hegemônica sobre o gênero e a sexualidade, uma forma de invisibilização e deslegitimação social das identidades transgênero. Nesse sentido, Duque (2020) explica que o dispositivo da passabilidade se apresenta como mais uma versão do armário gay que há muito tempo tem operado sob a lógica de manter invisíveis a diferença, uma forma de trancar as identidades consideradas subalternas enquanto outros grupos são lidos como “privilegiados” e dignos de serem reproduzidos como modelos de sujeitos/corpos/subjetividades/identidades.

Mas, eu vou lhe dizer. Não tem, eu não sei se existe essa aceitabilidade. Houve até uma reunião dos ex-colegas das Damas. Eu fiz colégio nas Damas. Trinta anos. Mas eu perdi. Tá pra fazer o de quarenta. Não sei se vai ter. Vai fazer quarenta anos a nossa turma. Não sei se eles vão fazer. No de trinta, eu não apareci. Não sabia também. Acho que eu não estava aqui. Acho que eu estava em Recife. Acho que eu estava em Goiânia. Não, eu estava em Recife. Que foi em 2014. Estava em Recife, mas minha mãe estava muito mal. Minha mãe estava nos estágios finais de Alzheimer. Então, ela estava se internando muito. Eu não me lembrei sobre isso. Eu também estava em Recife. Mas eu até vou saber. Mas eu fico pensando, será que eu devo ir? Entendeu? (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

Com uma carga elevada de cobranças sobre o gênero, uma pessoa trans pode sofrer de inseguranças, resultando num fator de adoecimento para a população TT. Não sucumbir aos imperativos dos dispositivos de gênero que buscam formatar os corpos trans à lógica binária é um ato de resistência e constitui uma oportunidade para poucas pessoas.

Eu cheguei na academia e as pessoas começaram a me olhar e eu fui pra aula de zumba, fui porque sou uma pessoa atrevida mesmo, fui pra aula, posso fazer zumba? Pode, meu amor, venha! Fui pra zumba, fazia pilates e o meu plano na academia é o plano completo, né? E faltava só o que? A piscina. E eu, meu Deus, eu fui embora, pra botar o maiô. Peguei o maiô, eu vou tô pagando, aí botei o maiô, comprei a toquinha de banho, menina, foi um escândalo nesse dia! Quando eu desci as escadas, menina, sabe as mulheres diziam arrasou! Arrasou! Porque elas me chamavam muito, né? Arrasou, vamos fazer natação, vamos pra piscina, mas eu tinha esse receio, sabe? De ser rejeitada, né? Mas no dia que botei o meu maiô e fui pra piscina, foi uma alegria! Todo mundo, arrasou! E pronto, tem uns olhares de ódio, mas eu já não dava mais confiança. E pronto, não? (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).



As pessoas com identidades não monossexuais (bissexual e pansexual) que participaram da presente pesquisa apresentaram a sua opinião sobre como entendem as questões identitárias, para elas, a sexualidade é fluida, o identitarismo<sup>30</sup>, por seu turno, foi visto como uma forma de rotular o desejo sexual (*Sexualidade sem rótulos*). No discurso que segue, a participante alinha a sua noção de uma sexualidade fluida com a sua crença religiosa na reencarnação.

Eu acho que não existe isso. Esses nomes por que? As pessoas queriam se identificar né com alguma coisa, né? Eu sou isso, eu sou aquilo. E na minha opinião pessoal, eu não gosto de sexo feminino nem do masculino, eu gosto dos dois. Para mim eu não sou lésbica, nem sou homossexual eu sou uma pessoa que por um acaso me identifiquei com outra pessoa que era do sexo feminino e em outro momento quando eu casei eu me identifiquei com um homem que me casei e casei para viver com ele. Casei de boa. Queria ter filhos, essa coisa toda. No caminhar houve contratempos e foi aí onde eu volto para a reencarnação. Encontrei com ele pro casamento, né? E eu já tive relacionamento com mulheres, antes de eu casar eu já tinha já tinha o relacionamento com mulheres (Participante 33, 71 anos, cisgênera, bissexual, viúva, parda, ensino médio).

Ao tentarem nomear a sua identidade, percebemos uma dificuldade de se autoafirmarem no espectro das orientações sexuais, pois a identificação com a bissexualidade e a pansexualidade se deu posteriormente, seguindo o curso dos seus relacionamentos amorosos, e foram a refletir sobre o que encontraram em termos de representação na sociedade para nomear o seu erotismo e as suas parcerias amorosas. Nesse sentido, as identidades heterossexuais, lésbica ou gay foram sendo utilizadas ao longo da sua trajetória, principalmente por terceiros que, por vezes, questionavam ou invalidavam o seu desejo não monossexual.

Os impasses que os/as participantes resgatam nos seus discursos, lembram algumas pautas trazidas na história do movimento bissexual. Primeiramente, encontramos o movimento de pessoas bissexuais ainda na década de 70 quando tivemos as primeiras manifestações dos movimentos sociais em prol dos direitos LGBT+ e que lutavam pelo reconhecimento das pautas de sujeitos ditos bissexuais. No meio acadêmico a bissexualidade foi alvo de muitos debates em se tratando da construção das categorias binárias de sexo e gênero, a bissexualidade configurava um terceiro elemento epistemológico que convocava estudiosos/as a pensarem sobre os avatares da sexualidade (Monaco, 2021).

---

<sup>30</sup> Quinalha (2022) debate sobre os desafios de manter a diversidade dos movimentos sociais alinhadas em torno de pautas que considerem as especificidades de cada identidade sem que isso implique numa disputa sobre quem deve receber maior ou menor atenção. Ele nos alerta para a importância de não perdermos a dimensão coletiva em torno das individualidades que lutam por reconhecimento, como também discute sobre a importância de politizar as identidades para que estas possam ocupar a cena pública. Nesse sentido, construir modos de trabalhar com a diferença é um trabalho necessário numa jornada em que se busca promover mudanças interseccionais. Segundo Quinalha (2022), é desejável e necessário que criemos pontes e mediações entre as diferentes lutas empreendidas pelas minorias “sem ranking de sofrimentos e sem fila de prioridades, sem cultivar um “identitarismo” que descola a identidade sexual e de gênero das suas determinações concretas na realidade, mas com a sensibilidade e alteridade para tecer laços de solidariedade e alianças que viabilizem uma revolução de múltiplas camadas” (p. 165).

Lewis (2012) explica que as epistemologias bissexuais podem desestabilizar o modelo binário heterossexual/homossexual tendo em vista que elas lançam críticas severas aos modelos binários que sustentam os pares de oposição heterossexualidade/homossexualidade, homem/mulher e masculinidade/feminilidade. Ao retratar o movimento de desestabilização promovido no cerne da epistemologia bissexual, Garber (1977<sup>31</sup> *apud* Monaco, 2021), expõe a sua crítica ao identitarismo e à essencialização das categorias sexuais, nesse sentido, Garber assumiu uma postura transgressora ao apontar que não havia possibilidades de categorizar a sexualidade humana. Segundo Garber:

Resumindo, não existe um “realmente”. A questão de saber se alguém era “realmente” hetero ou “realmente” gay deixa de reconhecer a natureza da sexualidade, que é fluida, não-fixa, uma narrativa que muda com o tempo, em vez de uma identidade fixa, ainda que complexa. A descoberta erótica da bissexualidade é o fato de ela revelar que a sexualidade é um processo de crescimento, transformação e surpresa, e não um estado de ser conhecível e estável (Garber, 1997, p. 73 *apud* Monaco, 2021, p. 96).

Podemos pensar, à luz dos discursos produzidos na presente pesquisa, que os/as participantes refletem uma crítica à categorização do desejo sexual, tendo em vista que eles/as também percebem que os dispositivos sexuais e de gênero geram cobranças e buscam se valer de garantias para que os sujeitos performem a cisheteronormatividade. Nesse sentido, essas pessoas veem-se com desejos intercambiáveis, fluidos que não cumprem completamente a cisheteronormatividade, mas também se diferenciam da homossexualidade por não admitirem uma única via possível para viver o encontro sexual, ou seja, não há nas suas experiências um limite expresso sob a ótica do gênero ou da orientação sexual que o façam ceder a uma identidade ou outra. No grupo estudado, os/as participantes não se servem do discurso acadêmico sob epistemologias transgressoras, mas revelam outros pontos de ancoragem do seu pensamento, como o que observamos no discurso religioso que, conforme observado, reflete uma noção do espiritismo, sob a ideia da reencarnação. Pudemos ver também que a fluidez da experiência sexual refletiu no caso do participante pansexual, modos de vivenciar o erotismo sem se prender a noções identitárias facilitando para ele o encontro com outros homens (homens que fazem sexo com homens) que não se autodeclaram homossexuais, bissexuais ou pansexuais.

Por mais que consideremos as epistemologias que rompem com os ideais identitários sob nomear uma identidade ou outra sob a prerrogativa de características e de nomeações a partir das expressões e práticas do erotismo e da performatividade do gênero, ainda assim

---

<sup>31</sup> GARBER, Marjorie. **Vice-versa**: bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana. Rio de Janeiro: Record, 1997.

vemos as pessoas bissexuais galgarem uma luta pela afirmação das suas identidades, sendo legítimo o seu espaço de reconhecimento como também as suas críticas às categorizações excessivas que tornam estereotipadas as vivências dissidentes (Shaw, 2023). Os poucos estudos que encontramos na literatura corrente sobre o envelhecimento de pessoas bissexuais alertam para os desafios que pessoas bissexuais mais longevas enfrentam tendo em vista o maior estigma enfrentado, menor autodeclaração da sua identidade, menor apoio social e menos pertencimento à comunidade, quando comparado a homens gays e mulheres lésbicas (Fredriksen-Goldsen et al., 2017, 2022). Esses resultados são fruto também de uma maior invisibilidade das suas pautas como também da rejeição à bissexualidade como uma categoria identitária (Fredriksen-Goldsen et al., 2017; Shaw, 2023).

### 8.3.3 Experiências de envelhe(ser)

Nesta categoria, os/as participantes refletem sobre a sua experiência de envelhecimento, nesse sentido, são debatidas as transformações e os desafios advindos desse processo, bem como são compartilhados os anseios e expectativas sobre alcançar a velhice. Em função dos discursos produzidos, conseguimos acessar algumas dinâmicas identitárias que perpassam o envelhecimento dos sujeitos considerando a sua pertença grupal.

Ao relatarem sobre como percebem o seu processo de envelhecimento, os/as participantes centraram sua exposição em aspectos que denotam as mudanças físicas que, para eles/as, são comuns aos sujeitos no franco envelhecimento, ligados ao declínio do vigor físico e a mudanças estéticas (*Sinais do envelhecimento*). Essas mudanças provocam reações nos sujeitos que passam a reconhecer o impacto da idade mais avançada e também repercute nas relações com os seus pares que identificam essas mudanças e reagem a elas (Santos; Lago, 2013): “Quando mais um dia eu tava olhando minha cara, eu tava ficando mais velho ainda. Daqui mais um dia eu não vou nem sair na rua mais. De tanta vergonha que eu tenho do meu próprio rosto” (Participante 20, 56 anos, mulher transexual, heterossexual, divorciada, parda, ensino fundamental).

Vimos que os sujeitos podem fazer alguns arranjos para encobrir as marcas do envelhecimento. Segundo Torres *et al.* (2015) a recusa para assumir a identidade do ser idoso/a pode refletir um contexto representacional em que as RS das pessoas idosas denotam uma lógica de não identificação do sujeito com esta fase da vida. Nesse sentido, Castro *et al.* (2016) explicam que há uma valorização da aparência jovem nas mídias sociais que frequentemente

associam a juventude à ideia de bem-estar e beleza, em contrapartida, não acompanhamos essa produção acontecer com pessoas idosas. Destarte, o reconhecimento das características que atestam o envelhecimento pode colocar os sujeitos numa posição de adiar o encontro com a velhice:

As pessoas me observam e só falam do meu cabelo branco. Porque elas ficam impressionadas porque eu tenho 56 anos e elas veem meus cabelos brancos e dizem: não era pra ter esse cabelo branco. Eu digo que sim, eu tenho culpa se a genética da minha família o cabelo vai logo para o branco, né? [...] Pô, mulher, não era pra ter esses cabelos brancos. Aí incomoda o povo, não me incomoda, entendeu? Mas eu acho engraçado. Porque elas olham: não está a fim de pintar esse cabelo não? Porque para elas eu acho que eu agrido, né? (Participante 09, 56 anos, cisgênera, lésbica, solteira, parda, ensino superior).

Quando relacionamos o envelhecimento a eventos e mudanças negativas, seguindo o contexto das RS hegemônicas sobre o envelhecimento, é bem possível que os sujeitos resistam a reconhecer o seu próprio processo de envelhecimento e, consequentemente, busquem prolongar a juventude, ou melhor, tentem preservar aquilo que consideram fazer parte da juventude adiando o seu encontro com a identidade de ser idoso/a (Bezerra; Martins, 2022; Castro *et al.*, 2016). Nesse sentido, a subcategoria *Não pensar na idade e postergar a velhice* traz as atitudes dos sujeitos que revelam uma tentativa de afastamento dos sinais que possam atestar o seu próprio processo, seja amenizando os sinais percebidos ou ressignificando a própria noção de passagem do tempo.

Rapaz, eu sou bem sincero, eu não paro muito pra pensar nisso não, sabe? Eu não paro, é aquela coisa, deixa a vida me levar, porque eu acredito assim, vendo o histórico do meu povo, dos idosos, eu não faço muita questão de pensar nisso. Uma coisa eu digo a você, a questão do envelhecimento é meio perturbador porque a gente sente, em determinadas ocasiões, a rejeição de alguns, o acolhimento de outros [...] (Participante 11, 60 anos, cisgênero, pansexual, solteiro, pardo, nível médio).

Ao longo das entrevistas também tivemos acesso às atitudes e crenças dos/as participantes acerca da sexualidade no envelhecimento (*Velhice sexuada*). Diferentemente da noção de velhice assexuada propagada no campo representacional hegemônico sobre a velhice (Debert; Henning, 2015), a vida sexual de homens gays e de pessoas bissexuais mais velhas foi descrita de forma estereotipada por um participante como sendo inapropriadamente ativa:

Não se compara um hétero idoso com um gay idoso. O hétero idoso, ele tá consciente que é velho. O velho que é idoso. E o gay idoso que quer ser menino a todo custo. É aquilo que eu tava falando do meu amigo que tá com 65 anos e quer viver socado dentro de uma sauna. Que pra mim não bate [...] o gay, bissexual e hétero tem comportamento diferente [...] É tanto que eu evito estar no meio. Porque muita coisa que eu não gosto e que não bate pelas atitudes. Então, eu perdi alguma coisa? Não,

acredito que não, eu só ganhei. Pelo menos eu evitei aborrecimento (Participante 11, 60 anos, cisgênero, pansexual, solteiro, pardo, nível médio).

A fala retratada traz um posicionamento normativo que busca conformar a imagem da pessoa idosa à noção de assexualidade. Ao mesmo tempo, ele busca a partir dessa noção justificar o seu posicionamento enquanto um homem com sexualidade dissidente que se diferencia de outros membros do seu endogrupo, pois ele acredita que precisa viver uma velhice distinta dos seus pares, atendendo à estrutura cultural que retira a pessoa idosa dos espaços eróticos. Em contrapartida, alguns/mas participantes mantêm uma atitude positiva acerca da sexualidade de pessoas idosas, valorizam os relacionamentos afetivo-sexuais e discutem sobre a importância de se sentirem desejados/as.

Então, isso é super saudável para mim. Transo da mesma forma, gozo da mesma forma, amo da mesma forma. Então, eu me sinto bem [...] Como eu sou uma pessoa bem rebelde, então eu envelheço normal, levando gritos todos os dias, até levando nome de seboso eu já levei. Mas eu faço o que eu quero, sou amado por quem eu quero, amo quem eu quero e odeio quem eu quero. Então eu me sinto bem, com todos os elogios, galanteios de todas as pessoas (Participante 06, 57 anos, não-binária, gay, solteira, branca, ensino superior).

Destacamos nesse último discurso que a erótica do envelhecimento, como denominam Duarte e Seffner (2016), retrata o espaço de afirmação e de reconhecimento do erotismo em meio às dinâmicas do envelhecimento, assim, homens gays (além das demais identidades aqui retratadas como também as pessoas cisgêneras e heterossexuais), precisam de espaços para reconhecerem os seus “desejos, experiências, vontades, sonhos de prazer, temores e gratificações, resistências e subversões no sentido de estilizar a sua própria vida” (p. 377).

As diferenças intergeracionais também foram pontuadas pelos/as participantes que se identificam como pessoas mais velhas e mais maduras quando comparados/as às gerações de jovens LGBT+ (*Conflitos intergeracionais*). Os/as participantes acreditam que a geração de jovens não cultiva o respeito, principalmente em se tratando do seu comportamento diante de pessoas mais velhas, incluindo membros da própria comunidade LGBT+. Tais questões são ressaltadas como problemas nas condutas dos/as jovens e, segundo as suas estimativas, isso pode trazer vulnerabilidades para os/as mesmos/as, principalmente aqueles/as que fazem parte da comunidade TT.

Dentro do meio trans existe o preconceito. Entendeu? Ah, ela já está velha. Já está... Lógico, as mais novas estão bem feitinhas, as mais novas estão paniquetes, corpinho lindo, né? Tudo novinho. Mas será que elas chegam a nossa idade? Entendeu? Porque tem um tempo no Brasil, né? Tem uns 35, 35 anos, né? Que uma trans [vive]. Então uma trans chegar aos 40, 50 anos hoje em dia, parabéns pra ela! Que é um mérito,

viu? No nosso país, entendeu? Então elas têm que usufruir a juventude que elas têm, né? Mas sempre existiu chacota, piadinha, entendeu? Pra quem é velha, está ultrapassada, a validade acabou. Tudo isso (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

As diferenças de valores e crenças parecem impactar o encontro entre as diferentes gerações, a mudança nos modos de pensar e nas condutas percebidas podem criar cisões entre os grupos que têm no marcador da idade um elemento que produz dissensos sobre as expectativas sobre as performances sexuais e de gênero. As diferenças são expressas através da categorização social que propicia um olhar para o grupo de jovens e pode resultar na produção de estereótipos sobre o mesmo, imprimindo ideias fixas sobre essa nova geração, como por exemplo, ter menos recursos para lidar com a vida, ser desrespeitosa, ser estranha e promíscua.

E pronto, é tanto que eu digo assim, hoje essa juventude de hoje só Deus sabe como ela tá caminhando. E eu acredito que não seja pra boa coisa, não. Eu fico, às vezes, eu converso com muito jovem, eu, e eu fico olhando assim, o pensamento parece que é um oco. Parece que não tem nada na mente, é tão interessante. Eu fico olhando assim, gente, eu com a idade desse menino, eu tinha a cabeça de adulto. Eu com 22 anos, eu digo assim, gente, eu sou velho demais pra minha idade. Hoje a gente conversa com um jovem, a mente meio vazia, é um pessoal que não pensa em nada, que não quer nada com nada. O pessoal não tem atitude, é um pessoal sem respeito (Participante 11, 60 anos, cisgênero, pansexual, solteiro, pardo, nível médio).

No tocante ao envelhecimento de pessoas transexuais, os/as participantes foram enfáticos/as quanto a considerarem as adversidades que pessoas trans encontram no seu curso de vida que alteram as suas possibilidades de envelhecer com dignidade e segurança (*Envelhecimento trans*). A transfobia é significada como um fenômeno estrutural enraizado na sociedade e que afasta as pessoas trans do acesso aos direitos básicos, como educação, trabalho, saúde, lazer, moradia e segurança.

Envelhecimento, eu estou falando como trans, né? Como mulher transexual no Brasil, que é um país hoje que, enfim, que muita coisa melhorou. A gente transexual envelhecer no Brasil é sofrido [...]. Aquelas que conseguiram estudar, aquelas que conseguiram trabalhar e conseguiram uma aposentadoria, um benefício, é bom. Mas as que vivem de prostituição, que foram expulsas de casa, que estão doentes. Muito doentes, as famílias não cuidam, as famílias, a maioria não quer nem saber. Querem se ela for rica (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

As concepções sobre vulnerabilidade perpassam a ideia de não constituir uma família com filhos/as e são acentuadas pela constatação de haver um abandono familiar, configurando a ideia de uma velhice solitária. A noção de solidão é comumente associada a trajetória de pessoas transexuais que vivem o trânsito para a velhice (Adán *et al.*, 2021; Antunes;

Mercadante, 2011; Fabbre, 2015; Gomes *et al.*; 2024; Sander; Oliveira, 2016). Adán *et al.* (2021) estudaram mulheres e homens trans residentes em Nova Iorque com idades a partir de 65 anos, nesse estudo os/as autores/as discutem que os/as interlocutores/as partilharam o sentimento de solidão e de isolamento e os associaram às suas identidades transgênero. Explicaram que tais sentimentos são produto do afastamento dos seus familiares e de cônjuges. As dificuldades para encontrarem parceiros/as amorosos/as para constituírem uma relação conjugal limita as suas possibilidades de terem filhos/as e reduz as suas fontes de apoio. Chamou a atenção o fato de alguns/mas interlocutoras/es da pesquisa citada comentarem sobre algumas pessoas trans terem que omitir a identidade de gênero para evitar a solidão e a rejeição familiar, ao mesmo tempo, em que não lidar com essa identidade afasta esses sujeitos das possibilidades de fazerem parte de uma comunidade com a qual possam partilhar de identificações e de suporte social. Na presente pesquisa observamos: “Porque nós trans, a maioria não vai construir família, a maioria não vai ter neto, não vai ter filho. E o envelhecimento de uma mulher transexual, o envelhecimento sofrido, é um envelhecimento triste” (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

A exclusão social que se acentua devido à falta de oportunidades de emprego e, conseqüentemente, agrava a falta de recursos financeiros para sustento, gera impactos profundos no curso de vida das pessoas transexuais.

Está sendo muito ruim envelhecer como homem trans. Não em si, devido a minha condição física, graças a Deus, eu tenho, tomei vacina, estou me entrevando também, preciso fazer exercício, a doutora já disse, mas também você tem que fazer exercício, você tem que ter sapato, roupa, como é que eu vou sair para correr, se eu não tiver um bom tênis? Eu vou comprar com o que? Se eu não tenho emprego? Então, para mim, está ruim por isso. Se eu tenho que ter condição de vida, tenho que ter como me manter. Então, como é que eu vou me manter desse jeito? Ah, correr, está certo, vou fazer. Ah, para a academia, vai ver quanto é por mês! Tem muitas aqui perto. Mas, cadê a situação? [...] Eu me sinto como um fracassado, como fracassado no sentido que não tenho um emprego, para nada, isso é um absurdo. Está entendendo? Você procura, procura, procura e não consegue, não faz sentido um negócio desse não, para que estudar então? Para que tanto estudo? (Participante 01, 56 anos, transgênero, heterossexual, solteiro, branco, ensino superior).

Considerando o contexto assinalado, o envelhecimento de pessoas transexuais é destacado como uma trajetória sem perspectivas de futuro, o que pode gerar muitas inseguranças quanto a não ter estabilidade financeira para viver a velhice. Ademais, foram considerados os riscos de saúde adquiridos com as estratégias de transição de gênero que podem comprometer a saúde e a longevidade de pessoas trans:

As trans que eu conheço, que já tem 50 anos, elas não têm mais planos, não têm mais sonhos, entendeu? Se você chega pra uma trans de 50 anos, não tem sonho, não tem mais plano, já foi. Entendeu? Elas querem só um teto pra morar, saúde e as três alimentações, que é café da manhã, almoço e janta. Só. Isso é o que você conversa com uma trans de idade. Se você conversar com uma trans de 50 anos e uma trans de 20, você vai ver a balança, os papos, as ideias são outras. Elas não têm, uma trans de 50 anos, ela não tem expectativa mais de... Não tem planos, entendeu? Chega a uma certa idade, tá doente, a maioria tá doente, a maioria todas têm silicone industrial no corpo, que é uma bomba relógio, os silicones da maioria estão inflamados, que são silicones antigos, né? Já estão inflamados, já estão numa situação complicada e elas só querem saúde (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

Essa fala elucida muitos dos discursos produzidos ao longo da pesquisa tanto com membros do endogrupo como também do exogrupo. Ao falarem sobre a população LGBTQ+ foi notável que muitas pessoas acentuam o seu olhar para as discriminações e violências que são perpetradas contra pessoas transexuais. Sabemos que no atual cenário de visibilidade dos grupos de pessoas trans, essa realidade tem sido veiculada pela mídia ao mesmo tempo, em que as disputas por direitos para a comunidade trans no Brasil tem sido palco para muitos debates acerca da importância de representatividade. Lidamos com um cenário social que produz muitos dissensos quanto a considerar a pessoa trans como um sujeito de direitos. Nem sempre o local de visibilidade alcançado é acompanhado do respeito devido, encontramos muitos/as ativistas trans tendo que lutar por um espaço de dignidade, bem como precisam refletir sobre esses lugares sociais ofertados como forma de cooptação para que esses sujeitos possam ser incluídos em um regime de inteligibilidade que os cobra a performance dos aspectos normativos sobre o gênero e a sexualidade (Baére; Zanello, 2024).

É válido também analisarmos que as vulnerabilidades adensadas nas trajetórias de pessoas transexuais prejudicam o encontro desses sujeitos com o envelhecimento e a velhice; assim como temos visto em alguns dos estudos desenvolvidos com pessoas trans mais velhas e idosas, alcançar a velhice primeiro foi considerado uma exceção, tendo em vista a baixa expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil; depois temos visto que as representações sobre o envelhecimento têm sido marcadas notadamente de atitudes e crenças negativas que focam numa velhice desabonada, decrépita e abandonada (Domingues; Longo; Salles, 2023; Gomes *et al.*, 2024). Essas imagens sobre a velhice permeiam o contexto representacional sobre o envelhecimento e a velhice, porém, têm sofrido alterações nas últimas décadas, tendo em vista as transformações sociais nas condições de vida da população. Vemos que essas alternativas para um envelhecimento ativo e bem-sucedido, como proposto pelas políticas públicas vigentes, não alcançam grupos mais marginalizados pela sociedade, são propostas que ainda escolhem os grupos que irão desfrutar de mais direitos, pois não consideram as inequidades, não propõem



alternativas para uma população que é heterogênea, com múltiplos marcadores sociais que se interseccionam (Domingues; Longo; Salles, 2023; Silva; Pocahy, 2021).

O destaque para tantas vulnerabilidades gera um debate acerca das diferenças no envelhecimento de pessoas trans comparado às demais categorias identitárias do endogrupo que abarca as identidades de pessoas cisgêneras (LGB). Uma participante assevera que homens gays possuem mais chances de ter uma velhice assegurada, uma vez que eles conformam a cisnormatividade e, por isso, ganham privilégios quando comparados às pessoas transexuais:

Existe muita diferença na forma de envelhecer na comunidade LGBT. É como eu te falei. O gay vai ter mais uma velhice saudável. Uma velhice mais vitoriosa. Por quê? Porque o gay é mais aceito pela família. O gay é mais aceito pela família. O gay tem mais oportunidade em estudo, em trabalhar. Se um gay chegar com currículo em uma empresa, eles vão empregar um gay. Ele tem uma aparência masculina. Vai um trans botar um currículo em uma empresa. Não dão! Então o gay vai arrumar um emprego. O gay vai ter uma aposentadoria. O gay vai ter um acolhimento da família. Entendeu? Um trans não. Um trans não. A velhice transsexual é triste e sofrida. É uma coisa de cortar o coração. Cortar o coração (Participante 24, 45 anos, travesti, heterossexual, solteira, parda, ensino médio).

O *envelhecimento de mulheres lésbicas*, por seu turno, também foi diferenciado de outras trajetórias de envelhecimento no endogrupo LGBT+, uma participante debate acerca das exigências dos papéis de gênero que impõem às mulheres a prática de cuidados com os seus familiares. Em função das cobranças para exercer o papel de cuidadoras, as mulheres lésbicas podem tomar para si o chamado “instinto materno”, segundo essa participante, e tal representação tem impactos nas suas práticas, levando-as a se dedicarem ao cuidado de seus pais na velhice ou de outros membros da família:

Eu acho que, na minha opinião, é diferente porque é uma mulher gay, lésbica, que geralmente vive a maioria, não sei os homens, eu vou falar da mulher. A maioria de nós mulheres, a família, trata a gente como se fosse, por exemplo, se tiver um pai ou uma mãe doente, quem deve cuidar é quem é gay. Então, o envelhecimento da gente, além da gente se envelhecer, a gente trata dos pais da gente que envelhecem também, que no meu caso aconteceu isso. E até hoje acontece comigo de eu cuidar da minha irmã mais velha de 78 anos. E eu não vejo muito isso nos homens. Quer dizer, pode cobrar a mesma coisa dos homens, ou dos trans, mas eles não dão muito cartaz. Eles dizem assim, não, a gente vai em frente. E como a gente é mais materna, eu acho que é mulher, nós somos mais exploradas nesse sentido (Participante 09, 56 anos, cisgênera, lésbica, solteira, parda, ensino superior).

Observamos no primeiro estudo da presente tese que o exogrupo trouxe nas suas representações a noção de cuidado para explicar a relação de mulheres lésbicas e de mulheres transexuais no contexto familiar. Embora tivessem sido rejeitadas e expulsas da sua família de origem, participantes do exogrupo explicavam que essas mulheres tiveram que retornar para a casa de seus pais para dedicarem cuidado aos mesmos. Dito isto, observamos nessa

subcategoria que as mulheres lésbicas realmente trazem essas exigências de gênero que tendem a responsabilizá-las pelo cuidado de familiares, uma vez que o relacionamento homoafetivo entre mulheres costuma ser invalidado pela família, ele não é visto como um compromisso que demanda atenção e investimento das mulheres lésbicas. As suas tentativas de preencher esse espaço designado para elas também pode configurar uma alternativa de finalmente receberem o reconhecimento por parte de seus familiares, mesmo que lhes custe um preço alto, tendo que emular esse papel de mulher dedicada à família enquanto têm que disfarçar e/ou omitir suas companheiras no contato com a família:

Eu acho que o fato de ser lésbica, porque todas que eu falo, sempre todas as minhas amigas que são lésbicas, todas tomaram conta dos pais no final da vida. Mesmo que a família diga assim, é, mas eu tenho família, não sei o que, mas a gente também tem, a gente tem nossa companheira, mas eles não querem saber, eles acham que uma relação lésbica ou homossexual não é a mesma coisa da relação hétero. Porque o hétero tem filho, tem que fazer isso, e nós não, nós temos que cuidar dos nossos pais, ou de alguma pessoa da família da gente que tem alguma deficiência, tudo sobra pra gente (Participante 09, 56 anos, cisgênera, lésbica, solteira, parda, ensino superior).

Ao relatarem sobre como percebem o seu envelhecimento entre pares LGBT+, os/as participantes deram ênfase nas trocas que ocorrem ao longo do envelhecimento, eles/as relatam a importância de manter contato com amigos/as que compartilham histórias desde a juventude (*Envelhecer numa rede de amigos LGBT+*).

As pessoas me admiram, meus amigos de muito tempo atrás admiram a minha força, a minha fé, meu foco [...] Meus amigos da minha época, todos são meus amigos. É um relacionamento perfeito, muito bom. Os que moram fora, saudades. Tenho nas minhas redes sociais, graças a Deus, todos torcem por mim, muito, muito (Participante 10, 64 anos, cisgênero, gay, solteiro, branco, pós-graduação).

O apoio oferecido por essa rede de contatos se mostra fundamental para os/as participantes que começam a atestar as mudanças do envelhecimento observando o envelhecimento dos/as outros/as. O envelhecimento em certos momentos é ironizado no grupo de pertença, parece uma forma de trivializar as mudanças ao longo do tempo, mas também pode revelar certa estigmatização do corpo envelhecido. Nessas redes de relacionamentos, é ressaltada a importância de manter uma rede de suporte ao passo que envelhecem.

A relação com pessoas maduras LGBT é boa, sem problema nenhum. São uma turma que uma respeita a outra e cada uma olha para a outra e não se sente envelhecer. Elas dizem assim, eu bolo de rir, porque quando elas veem outras turmas que não é da gente, dizem: mulher, as meninas ali estão parecendo uns maracujás, a gente está de boa, né? Eu digo, minha gente, parem com isso. Tem umas amigas da gente que dizem: lá vem o casal maracujá. Eu digo, minha gente, alguém será que não olha pra

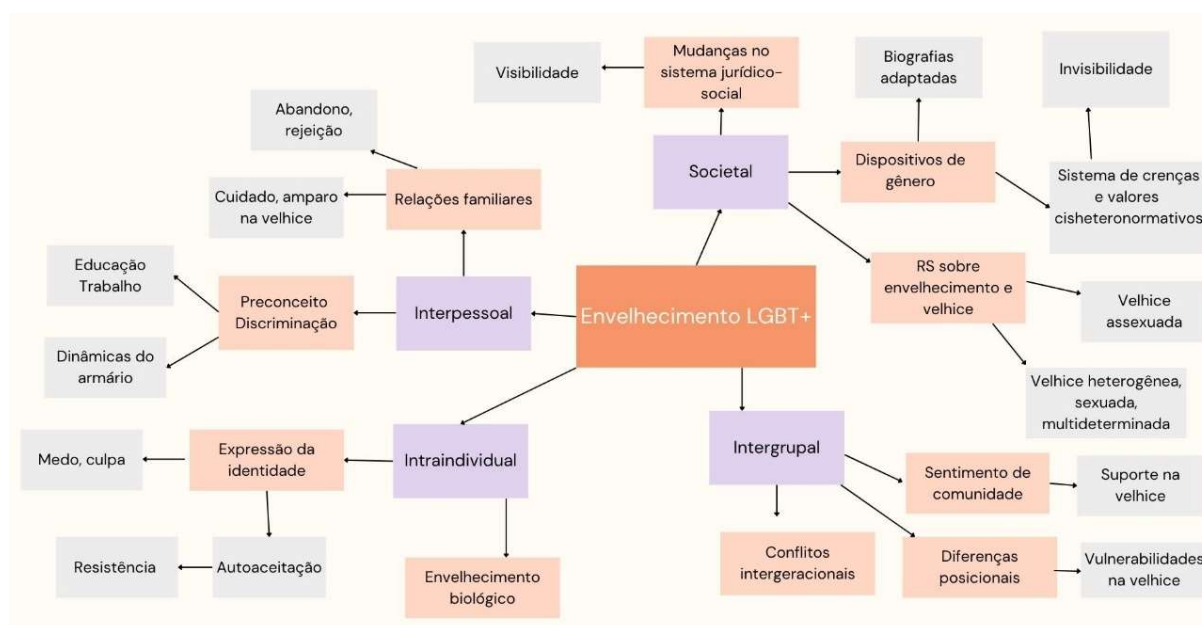
gente e dizem também que a gente parece uns maracujás? Aí ela diz, não, olhe para tu no espelho se tu tem uma carinha de maracujá. Eu digo: tá bom, chega, né? É uma brincadeira que elas acham que o outro, as outras de outras turmas está mais velha do que a gente. Tem umas que aparentam menos, tem umas que aparentam mais, mas assim é o envelhecimento, meu filho. A gente é suporte umas para as outras. A gente se reúne sempre, né? Essas mais antigas eu sempre converso, sempre a gente troca umas ideias, sempre uma está ligando para a outra, contando como é que está a vida, como é que estão as coisas na família, sempre a gente está se ajudando umas às outras. É melhor ter amigos velhinhos, né? Amigos envelhecendo juntos (Participante 09, 56 anos, cisgênera, lésbica, solteira, parda, ensino superior).

É sabido na literatura corrente sobre envelhecimento que estabelecer redes de suporte solidárias é fundamental para os sujeitos que vivenciam as mudanças trazidas pelo envelhecimento. Notamos nos estudos sobre a temática que não basta contar com o apoio de familiares, essa rede de contatos deve se alongar permitindo que a pessoa idosa transite na sua comunidade, manter-se ativa nas atividades diárias e em interação constante com outras pessoas (Gomes *et al.*, 2021; Azevêdo; Silva-Júnior; Eulálio, 2022). Os ganhos atribuídos a essa estrutura interativa são inúmeros, principalmente no quesito de manter uma boa saúde mental, estimular a funcionalidade (Gomes *et al.*, 2021; Rabelo; Pinto, 2023) e alcançar processos de resiliência (Silva-Júnior; Eulálio, 2022). Quando pensamos na população LGBT+ essa questão não é tão diferente, repetimos a relevância das interações sociais e da participação das pessoas na sua comunidade, porém, é preocupante pensarmos que as comunidades de pessoas idosas LGBT+ tendem a sofrer com um certo isolamento, não encontramos com muita facilidade esses grupos no espaço social comum, pensamos que isso seja efeito ainda de um histórico notadamente excludente e repressivo, mas também entendemos que os espaços públicos não estão prontos para acolher as pessoas LGBT+, primeiramente porque não consideram os marcadores identitários sobre diversidade sexual e de gênero no curso de vida, principalmente em se tratando da velhice (Torelli; Bessa; Graeff, 2023; Henning, 2017). As instituições que acolhem pessoas LGBT+ maduras e idosas ainda são escassas no Brasil, vemos que para estarem em determinados lugares as pessoas precisam omitir a sua identidade sexual por medo de sofrerem constrangimentos e discriminação. O reconhecimento da maior vulnerabilidade que alcança as pessoas mais longevas na sociedade aliado do reconhecimento das pressões normativas sobre a pessoa idosa e a pessoa LGBT+ faz com que muitas pessoas recuem diante da possibilidade de expressar abertamente a sua subjetividade e história como pessoa LGBT+ (Baron; Croce; Henning, 2021; Silva-Júnior *et al.*, 2021; Silva; Pocahy, 2021; Torelli; Bessa; Graeff, 2023).

Adotando a perspectiva teórica proposta por Willem Doise no âmbito da psicologia social, este estudo buscou compreender de que modo os diferentes níveis de análise — intraindividual, interpessoal, intergrupar e societal — contribuem para a construção das

representações sociais acerca do envelhecimento e das identidades sexuais e de gênero. Conforme argumenta Doise (1982; 2002), as representações sociais não se constituem como sistemas cognitivos isolados no interior dos indivíduos, mas emergem da interação entre as posições sociais que estes ocupam, as relações intergrupais nas quais se inserem e as estruturas simbólicas e normativas que regulam a vida social. De forma ilustrativa, a figura abaixo delinea os níveis de análise conforme fora percebido nos discursos produzidos ao longo dos dois estudos.

Figura 4 – Objetos em articulação nos diferentes níveis de análise.



Fonte: Silva-Júnior (2025).

Sob essa ótica, compreender os modos pelos quais os sujeitos assumem suas identidades sexuais e de gênero no processo de envelhecimento implica conhecer que tais identidades são mediadas por sistemas de valores, crenças e discursos socialmente ancorados. A perspectiva de Doise fornece, assim, um arcabouço analítico que permite articular o plano psicológico ao plano social, evidenciando que a forma como os sujeitos se posicionam frente ao envelhecimento reflete não apenas experiências subjetivas, mas também condicionantes socioculturais e dispositivos normativos que produzem e reproduzem desigualdades.

No nível intraindividual, o envelhecimento é experienciado como um processo subjetivo permeado por ambivalências, especialmente quando envolve a assunção de identidades sexuais e de gênero dissidentes. Nessa dimensão, emergem sentimentos de medo, culpa e vergonha, frequentemente relacionados à interiorização de estigmas sociais e à necessidade de lidar com

a autoaceitação em contextos marcados pela normatividade cisheterossexual e pela supervalorização da juventude. Quando o envelhecimento é interpretado exclusivamente a partir de um viés biológico, tende-se a responsabilizar o indivíduo pela consecução de um “bom envelhecer”, desconsiderando-se as dimensões psicossociais e culturais que circunscrevem esse processo.

No nível interpessoal, destacam-se as dinâmicas relacionais que permeiam a experiência do envelhecer, sobretudo no interior das famílias e dos grupos de convivência. Para muitas pessoas idosas LGBTQ+, a família pode representar simultaneamente um espaço de rejeição e abandono, mas também de reconstrução de vínculos afetivos – como ocorre nas chamadas famílias escolhidas. As manifestações de preconceito e discriminação nos grupos de contato influenciam diretamente as formas de expressão da identidade, levando os sujeitos a adotar estratégias de ocultamento, omissão ou negociação conforme o contexto social em que se encontram, como o trabalho, a escola ou os espaços públicos. Tais dinâmicas revelam como as representações sociais de envelhecimento e diversidade são constantemente moduladas pelas interações cotidianas e pelas normas sociais que definem o que é aceitável ou desviante.

O nível intergrupal, por sua vez, evidencia o papel das relações entre grupos na construção das representações sociais. O sentimento de pertencimento a uma comunidade pode favorecer a produção de significados mais positivos sobre o envelhecimento, promovendo formas de solidariedade e apoio mútuo que contribuem para a construção de uma velhice mais segura e afirmativa. Entretanto, as diferenças posicionais dentro do próprio grupo LGBTQ+ – marcadas por coortes de classe, gênero, raça e geração – revelam desigualdades persistentes. Ademais, os conflitos intergeracionais ressaltam a pluralidade de experiências e identidades, bem como as tensões entre distintas coortes que compartilham valores e representações diversas sobre o que significa envelhecer e pertencer a uma minoria social.

Por fim, no nível societal, encontramos o que Doise denomina de base societal das representações sociais, ou seja, o conjunto de normas, ideologias e dispositivos institucionais que estruturam as formas de pensar e agir em uma sociedade. É nesse nível que se situam tanto a permanência dos dispositivos de gênero e da cultura cisheteronormativa, responsáveis por sustentar a invisibilidade e a marginalização da diversidade sexual e de gênero, quanto as transformações jurídicas, políticas e culturais que têm ampliado o reconhecimento e a visibilidade da população LGBTQ+. Essas mudanças tensionam o imaginário social e desafiam as representações hegemônicas sobre o envelhecimento, abrindo possibilidades para a construção de novas narrativas e modos de existência que escapam aos modelos normativos.

Pensar o envelhecimento a partir dessa perspectiva implica, portanto, compreender que as RS são atravessadas por disputas simbólicas e estruturais que delimitam o campo do possível. Como propõe Doise, as RS não apenas refletem a realidade social, mas também participam ativamente da sua produção e transformação. Assim, ao revisitar as RS do envelhecimento entre pessoas LGBTQ+, evidencia-se um processo contínuo de reinterpretação das normas e valores sociais, no qual os sujeitos reconstroem sentidos e projetam novas formas de viver a velhice e a identidade em uma sociedade ainda marcada por desigualdades e exclusões.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo desenvolveu a análise de RS considerando as diferentes pertenças grupais de modo a contribuir com uma ampliação do campo investigativo sobre o envelhecimento LGBT+ e os processos identitários de minorias sexuais e de gênero. No desenvolvimento dos dois estudos, consideramos que o campo lexical sobre o objeto estudado demonstra variações a partir da pertença identitária, de modo que os conteúdos representacionais tiveram focos distintos quanto a definir os objetos sociais que apareceram no sistema de representações, os dissensos produzidos podem refletir o nível de aproximação que os/as participantes possuem acerca do tema estudado, como também parece ser resultado dos posicionamentos que estes sujeitos assumem quanto às pressões da cisheteronormatividade.

As pertenças grupais foram organizadas no estudo de tese agrupando inicialmente pessoas com diferentes identidades que compõem a sigla LGBT+, denominamos de endogrupo. As pessoas cisgêneras e heterossexuais foram agrupadas como exogrupo. No desenvolvimento dos estudos vimos que as dinâmicas intergrupais extrapolaram os limites do que afirmamos constituir o endogrupo, o elemento geracional foi saliente ao ponto de determinar que aquele grupo se diferenciava de gerações de jovens LGBT+, ademais, o campo discursivo de pessoas transexuais participantes da pesquisa também se destacou das identidades cisgêneras (LGB), produzindo nuances ao contexto representacional sobre envelhecimento e velhice. Poderíamos afirmar também que o exogrupo se dividiu entre aquelas pessoas que poderiam ser consideradas simpatizantes, ou seja, se posicionam favoráveis à diversidade, sem expressar preconceitos e estereótipos explicitamente e/ou implicitamente; enquanto tivemos participantes do exogrupo que abertamente expuseram resistência e contrariedades relativos à diversidade, demarcando a sua comparação com o outro dissidente que contraria o sistema de inteligibilidade sobre o sexo e o gênero, e ratificando as necessidades de manter vigente as normas sexuais.

O estudo das RS sobre o envelhecimento LGBT+ com participantes do endogrupo mostrou que as RS estiveram ancoradas no preconceito que torna desafiador o percurso da população LGBT+ que alcança a velhice. Assim, a estrutura social que, por sua vez, imprime diferenças relativas ao acesso aos recursos dos quais a sociedade dispõe, sendo consideradas as mudanças ao longo dos últimos anos com conquistas no campo social de direitos, a partir de dispositivos jurídicos que conferem direitos e proteção às pessoas LGBT+. Considerando as narrativas sobre o curso de vida, numa leitura sobre as trajetórias de vida, os/as participantes reiteram que não deixam de ser afetados/as pelas imposições sociais que se estabelecem para as pessoas mais velhas e, conseqüentemente, a pessoa dita velha sofre com as investidas

arbitrárias considerando o espaço da cidade e a disposição dos afetos. A família funciona como mais um dispositivo que vem reforçar a cis-heteronormatividade, nela ocorrem as primeiras experiências de discriminação, embora também haja possibilidades de aceitação e de amor que colocam em xeque a dinâmica afetiva das pessoas LGBTQ+.

Percebemos que o endogrupo abriu mais uma divisão, desta vez não somente estabelecida entre as diferentes identidades sexuais e de gênero, como também com relação ao fator geracional. Embora tenhamos agrupado pessoas com intervalos de idade entre 40 e 71 anos, foram apresentadas características geracionais comuns como relatar um histórico de repressão, a invisibilidade de identidades LGBTQ+ e as tentativas de negociação com as normas que custou para muitos a submissão às restrições morais da sociedade sobre os comportamentos sexuais e de gênero com a incorporação de valores, atitudes e regras pró-normativas. Isso posto, o grupo estudado revelou-se como uma minoria ortodoxa pró-normativa e se diferenciou de uma geração de pessoas LGBTQ+ composta de jovens que carregam valores, crenças, atitudes e comportamentos vistos como diferentes do endogrupo por serem consideradas liberais afetando as imposições ao comportamento sexual. Também foram salientes as diferenças percebidas entre os grupos de pessoas com identidades cisgêneras e transgêneras, ambas incluídas no estudo. O conteúdo que emerge dos discursos aponta que o preconceito, a discriminação e a violência são mais frequentes nesse grupo populacional, portanto, elas são mais lembradas ao se abordar as dificuldades ainda enfrentadas pelas minorias sexuais e de gênero.

Observamos que as RS sobre o envelhecimento LGBTQ+ elaboradas pelo exogrupo refletem a pouca familiaridade que os/as participantes possuem com esse objeto social, nesse sentido, as suas representações se deram a partir de considerações sobre objetos distintos como envelhecimento, velhice, LGBTQ, família, casal. Pensar o envelhecimento sob a ótica da diversidade sexual produziu no grupo estudado dissensos quanto a considerar o envelhecimento como um processo biológico e natural, e de outro lado ele também foi retratado como um fenômeno atravessado pelas condições sociais. Apesar da baixa familiaridade com a problemática, vimos que os/as participantes compartilham de teorias do senso comum sobre o envelhecimento de uma pessoa LGBTQ+, primeiramente elas demonstraram estigmas que apontam a pessoa LGBTQ+ como uma pessoa anormal por divergir da heterocisnormatividade, por isso mesmo produzem teorias sobre a origem da homossexualidade; atrelada a essas especulações, o envelhecimento, visto como um processo desafiador, foi apontado como diferente nesse grupo, devido ao estresse que acelera o processo e compromete a qualidade de vida das pessoas com identidades dissidentes.



O reconhecimento do preconceito enfrentado pela comunidade LGBTQ+, assim como observado no endogrupo, foi um elemento articulador das RS sobre ser LGBTQ+ e levou membros do exogrupo a considerarem as adversidades e vulnerabilidades que se tornam mais trágicas com o avanço do envelhecimento. Porém, discutimos que o reconhecimento do cenário de hostilidade e de exclusão da pessoa LGBTQ+ pelo exogrupo também pode ser usado como justificativa para colocar em prática estratégias de manter ocultas as identidades de pessoas LGBTQ+ que pertencem ao seu grupo familiar, trazendo para o contexto identitário recursos de sociabilidade como o dispositivo do armário. O exogrupo também trouxe elementos da objetivação e ancoragem que conformam as RS sobre ser LGBTQ+. Para esses/as participantes, a pessoa LGBTQ+ é reconhecida de forma estereotipada como homossexual, não houve considerações do grupo sobre outras identidades que compõe a sigla, exceto por tentativas frustradas de nomear modos de relacionamentos homoeróticos (homem com homem, mulher com mulher). As noções de relacionamentos amorosos foram objetivadas e ancoradas sobre os modelos de relações heterossexuais de forma que as dificuldades admitidas no núcleo afetivo heterossexual foram transpassadas para as pessoas consideradas homossexuais.

Em síntese, o envelhecimento LGBTQ+ tomado no primeiro estudo como objeto de RS se mostrou mais propício para se estudar possíveis sistemas de representação social uma vez que, ao se pensar sobre o envelhecimento LGBTQ+, um conjunto de outros objetos de representação social emergiu mais significativamente como as representações sociais de envelhecimento e velhice, homem, mulher, família, LGBTQ, homossexualidade, transexualidade, discriminação e preconceito, por exemplo. Identificamos que os/as participantes ancoram e objetivam suas representações recorrendo a uma rede de sentidos que se estabelece numa dinâmica social sensível às mudanças estruturais da sociedade conforme o cenário político, as relações familiares, a legislatura vigente, e o contexto midiático, por exemplo, considerando-se também as modulações individuais a partir da trajetória de cada um, das experiências vividas. Do ponto de vista dos/as participantes, foi destacado um potencial de mudanças nas práticas sociais considerando os regimentos atuais que punem os comportamentos preconceituosos e discriminatórios desferidos à comunidade LGBTQ+. No entanto, eles/as reconhecem que não basta somente punir essas práticas, a sociedade precisa operar em torno das bases perenes do pensamento social que reatualizam os modos de excluir e penalizar a população LGBTQ+.

A análise dos processos identitários de pessoas LGBTQ+ permitiu que identificássemos dinâmicas sociais que tangenciam a assunção das identidades pelos sujeitos que desde cedo percebem que fazem parte de uma minoria social, considerando os seus arranjos afetivos e as

dinâmicas de construção da sua identidade de gênero. Vimos que a família atua como dispositivo que garante o cumprimento da cisheteronormatividade no seu núcleo, ela inicialmente prescreve posturas, comportamentos e afetos numa rede de significados e de sentidos em que os sujeitos se percebem imersos. Ao se depararem com as pressões normativas advindas das cobranças para performar o gênero conforme o sexo de nascimento, os/as participantes lidam com sentimentos como medo e culpa, sofrem com a insegurança de viver numa sociedade que amplia o preconceito e a discriminação que já é comum nas suas residências, e a constatação de tais violências traz desafios às trajetórias dos mesmos.

Enquanto se recordaram das suas experiências pessoais ao longo do curso de vida, os/as participantes analisaram a estrutura social sob uma perspectiva geracional, nesse sentido, foram trazidas comparações do período em que viveram as primeiras descobertas e experiências sexuais, sobre como foi se perceber uma pessoa transexual num período em que havia forte repressão social, em que as violências eram legitimadas contra minorias sexuais e de gênero e quando haviam poucas referências para pensar a transexualidade ou a diversidade sexual sob uma ótica afirmativa e positiva. Sob esse prisma, os/as participantes referem os ganhos que as gerações de jovens LGBTQ+ podem desfrutar atualmente, pois as mudanças advindas com a maior visibilidade às questões sobre diversidade sexual e de gênero e o aparato jurídico com a inclusão de direitos pró-LGBTQ+ amenizam os preconceitos e discriminação e podem sugerir novas perspectivas de futuro. A análise geracional, portanto, se revela também como um reconhecimento da estrutura societal nos modos de gestão da vida, sobre como ocorrem as interações dos indivíduos sob a base normativa e regulamentadora.

Com isso, as gerações estudadas atestam os efeitos da base societal nos modos de gestão da vida, uma vez que a assunção da identidade para muitos/as participantes precisam ser negociada entre os diferentes espaços, no que se refere aos diferentes grupos de pertença (família, trabalho, comunidade, endogrupo, entre outros). Nesse sentido, vimos operar dispositivos como o armário, a passabilidade que interagem como arranjos discursivos e performativos que flexibilizam os modos de vivenciar a identidade dissidente ora afirmando intencionalmente, ora omitindo estrategicamente, ora escondendo para não ser desacreditado, como sugeria Goffman. Esses dispositivos revelam que as identidades dissidentes continuam à prova do risco social, vimos no estudo sobre as representações sociais que os processos de ancoragem sobre as identidades LGBTQ+ mantém elementos negativos como a discriminação, o preconceito e a rejeição, por suposto, essas noções também são incorporadas pelos sujeitos do endogrupo LGBTQ+ que justificam a necessidade de amenizar comportamentos e expressões de modo a corresponder em alguma medida aos sistemas normativos. A incorporação de elementos

normativos pelo endogrupo também motivou uma categorização social que traz uma distinção entre como a geração estudada se percebe e sobre como ela produz estereótipos sobre a geração de jovens LGBTQ+, criando uma divisão do endogrupo sob a lógica geracional.

No tocante às experiências de envelhecimento, os/as participantes trouxeram alguns elementos que identificam algumas diferenças presentes nos modos de envelhecer, considerando as pertencas identitárias. Repetindo o que observamos no primeiro estudo com o endogrupo LGBTQ+, o envelhecimento de pessoas transexuais foi destacado como sendo comparativamente mais desafiador que o envelhecimento de pessoas LGB cisgêneras, isso ocorre, conforme disposto pelos/as participantes, porque o curso de vida de uma pessoa transexual é comprometido pela exclusão estrutural que os retira dos direitos sociais básicos como moradia, educação, segurança, saúde. A transexualidade foi significada como um desvio mais saliente ao sistema de inteligibilidade cisheteronormativa, portanto, é alvo de maior rechaço e punição. O envelhecimento de mulheres lésbicas foi retratado com o maior desafio de ter que se submeter ao exercício do cuidado, ao passo que os seus relacionamentos com outras mulheres tendem a ser deslegitimado e/ou obliterado para a emulação da figura feminina que cuida. Nesse sentido, foi visto que essa cobrança pode configurar uma pressão de gênero que atravessa outras identidades femininas. O erotismo de homens gays e heterossexuais, ou seja, a manutenção de práticas sexuais e a ocupação de espaços como saunas e boates por esses sujeitos foi alvo de dissensos entre os/as participantes estudados, uma vez que entraram em disputa as noções de uma velhice assexuada e de uma velhice sexuada, embora tenha sido destacado de maneira majoritária que a velhice pode ser uma etapa para novas descobertas. O prazer e o erotismo foram localizados no curso do envelhecimento e o contexto de diversidade sexual e de gênero alertaram para um campo de representações sociais em transformação em torno dos objetos estudados.

Em ambos os estudos vimos como os aspectos normativos sobre o curso de vida lastreados sobre um rol de obrigações de gênero conferem desafios às pessoas que precisam subjetivar as suas relações socioafetivas, que têm a construção do gênero limitada às cobranças de performance binárias e excludentes. Embora tenham que se a ver com tantas retaliações, as pessoas com identidades dissidentes constituem formas de resistência, elas conseguem assumir a sua identidade de formas variadas, é num campo de negociações e de disputas que o seu desejo é posto à prova, nesse contexto, a interação social é essencial para os sujeitos ultrapassarem o campo intraindividual e constituírem parcerias que questionem os papéis rígidos defendidos dentro da família, seu primeiro grupo de pertença, e se desafiem a ocupar um lugar de reconhecimento e de prestígio contrariando o lugar de subalternidade historicamente oferecido.

Estudar pessoas que vivenciam o trânsito geracional para a velhice nos trouxe mais condições de incluir a evidência do envelhecimento como um processo que atinge não somente o outro, como dizia Simone de Beauvoir no seu estudo clássico sobre a velhice, mas também como um acontecimento que encontra cada sujeito que experimenta a passagem do tempo. Embora relutemos em admitir, o envelhecimento nos alcança, como vimos nos dois estudos desenvolvidos, é a partir das dinâmicas sociais que significamos o nosso lugar ou o não lugar, na esteira desse processo tangenciamos novamente a nossa identidade social e nos desafiamos a pensar e a construir as velhices que extrapolam os confins da cisheteronormatividade.

Os estudos da tese apresentaram algumas limitações, encontramos um número inferior de pessoas bissexuais para compor a amostra em comparação com as demais identidades (LGT), entre as pessoas transgênero encontramos um número mais expressivo de mulheres transexuais em comparação com travestis e homens transexuais. Também contamos com apenas um participante que se identificou como não-binário e um participante com orientação pansexual. Entretanto, a heterogeneidade encontrada entre os/as participantes auxiliou em uma melhor análise das características da identidade social a partir do reconhecimento de indicadores de gênero e sexualidade, além do fator etário. Entendemos que a inclusão de outros indicadores, como raça e deficiência, que não constituíram o foco do presente estudo, poderiam contribuir para um delineamento interseccional, como tem sido defendido no centro dos movimentos sociais. O foco na interseccionalidade deve ser objeto de estudo no campo da diversidade sexual com vistas a ampliar o debate sobre o tema geral da gerontologia LGBTQ+. Notou-se que os/as participantes que reconheciam e ressaltavam os efeitos da interseccionalidade no curso de vida tinham engajamento em movimentos sociais. Assim, sugere-se que novos estudos foquem nas trajetórias e RS de pessoas LGBTQ+ de diferentes gerações atuantes em movimentos sociais. No tocante ao grupo de pessoas do exogrupo, tivemos uma presença majoritária de pessoas do gênero feminino, teria sido importante para o contexto da pesquisa assinalada contar com uma participação mais equilibrada do gênero masculino considerando os arranjos discursivos que perpassam esse grupo, porém, não contamos com muita adesão tanto nos espaços institucionais escolhidos para a pesquisa como também pelo recurso de recrutamento por bola de neve.

O conflito intergeracional identificado na presente pesquisa nos aponta para a necessidade de se estudar as RS sobre o envelhecimento LGBTQ+ em gerações de jovens LGBTQ+ a fim de verificar se o grupo em questão constitui uma minoria heterodoxa e contra-normativa como especulam os/as participantes do presente estudo. Ademais, sugere-se o desenvolvimento de novas pesquisas, desta vez com delineamento comparativo com foco na diferença intergeracional. Outrossim, é relevante considerarmos que precisamos de estudos que indiquem

como as pessoas de diferentes pertencas grupais se posicionam frente às mudanças na estrutura societal, quando pensamos os avanços dos direitos pró-LGBT+ e a maior visibilidade à diversidade sexual e de gênero.

Por fim, destacamos a relevância de se estudar as dinâmicas sociais que circunscrevem o fenômeno do envelhecimento LGBT+, no campo da Psicologia esse ainda constitui um tema pouco explorado, temos tido mais oportunidades de avançar nesses estudos utilizando-se do referencial teórico das RS, mas ainda assim são necessárias mais pesquisas que foquem no endogrupo, ou seja, estudar pessoas com identidades LGBT+, adultas e idosas, além de jovens LGBT+ no seu curso de vida.

## REFERÊNCIAS

- ADÁN, M. et al. Worry and Wisdom: A Qualitative Study of Transgender Elders' Perspectives on Aging. **Transgend Health**, v. 6, n. 6, p. 332-342, 2021.
- AGUIÃO, S. “Não somos um simples conjunto de letrinhas”: disputas internas e (re)arranjos da política “LGBT”. **Cadernos Pagu**, v. 46, p. 279–310, 2016.
- ALENCAR, R. A.; CIOSEK, S. I. Aids in the elderly: reasons that lead to late diagnosis. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 6, p. 1140-1146, 2016.
- ALMEIDA, A. M. O. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 713-737, 2009.
- ALMEIDA, G.; CARVALHO, R. R. Homens inesperados: emergência pública de transmasculinidades na cena brasileira do início dos anos 2000. In: FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. (Orgs.). **Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020. p. 313-342.
- ALMEIDA, G. “Homens trans”: Novos matizes na aquarela das masculinidades? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. v. 20, n. 2, p. 513-523, 2012.
- ALVES, A. M. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, n. 34, p. 213-233, 2010.
- ALVES, M. E. S. et al. Concepções de idosos avôs e avós de pessoas homossexuais sobre a velhice LGBT+: SUAS representações sociais. **Psicologia Educação e Cultura**, v. 25, n. 2, p. 38–53, 2021.
- ANTUNES, P. P. S. **Travestis envelhecem?** São Paulo: Annablume, 2013.
- ANTUNES, P. P. S. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 311–335, 2017.
- ANTUNES, P. P. S.; MERCADANTE, E. F. Travestis, envelhecimento e velhice. **Revista Kairós Gerontologia Temática**, v. 14, n. 5, 109-132, 2011.
- ARAÚJO, L. F. de et al. Representações sociais da velhice LGBT entre Agentes Comunitários de Saúde. **Psico**, [S. l.], v. 50, n. 4, p. e30619, 2019.
- ARAÚJO, L. F. de. Desafios da gerontologia frente à velhice LGBT: aspectos biopsicossociais. In: Freitas, E. V. de. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 5. ed. - Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 2022. p. 1331-1335
- ARAÚJO, L. F.; CARLOS, K. P. T. P. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 8, n. 1, p. 218-237, 2018.
- ARRUDA, A. “O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro”. In: ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. 2.ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 17-46

- ARRUDA, A. Envelhecer: uma novidade? (Prefácio). In: TURA, L. F. R.; SILVA, A. O. (Orgs.). **Envelhecimento e representações sociais**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2012. p. 19-33.
- AVERETT, P.; YOON, I; JENKINS, C. L. Older lesbians: experiences of aging, discrimination and resilience. **Journal of Women & Aging**, v. 23, n. 3, p. 216-232, 2011.
- AZEVEDO, A. L. M. de; SILVA JÚNIOR, E. G. da; EULÁLIO, M. do C. Projetos Pessoais de Idosos a Partir de uma Política Pública de Moradia. **Psicologia: Ciência E Profissão**, v. 42, p. e234922, 2022.
- BAÉRE, F.; ZANELLO, V. O envelhecimento de lésbicas e gays: a longevidade dos dispositivos de gênero. In: ARAÚJO, L. F.; SILVA, H. S. **Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2020. p. 121-136.
- BAÉRE, F.; ZANELLO, V. Saúde mental na militância trans: lutas entre a representatividade e a sobrevivência. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 15, n. 23, 2024.
- BALTES, P. B. On the incomplete architecture of human ontogeny. Selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. **American Psychologist**, v. 52, n. 4, p. 336-380, 1997.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARON, L.; CROCE, A. D.; HENNING, C. E. Quem tem medo das velhices LGBT+? Lançando holofotes sobre múltiplas vozes nas tramas de envelhecimentos e diversidades sexuais e de gênero. In: BARON, L.; HENNING, C. E.; ORTIZ, S. R. M. (Orgs.). **O brilho das velhices LGBT+**. São Paulo: Hucitec, 2021. p. 29-46
- BAUER, M. E.; JECKEL, C. M.; LUZ, C. The role of stress factors during aging of the immune system. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 1153, , p. 139-52, feb. 2009.
- BAUER, M. E. Chronic stress and immunosenescence: a review. **Neuroimmunomodulation**, v. 15, n. 4-6, p. 241-50, nov. 2008.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som um manual prático**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BENEVIDES, B. G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Distrito Drag; ANTRA, 2024.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 3. ed. Editora Devires, 2017.
- BERGER, R. **Gay and gray: the older homosexual man**. 2nd ed. New York: Harrington Park Press, 1996.

BEZERRA, A. B.; MARTINS, A. M. “A idade pesa”: concepções de envelhecimento para mulheres que realizaram procedimentos estéticos rejuvenescedores. **Psicologia e Saber Social**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 3–26, 2022.

BORILLO, D. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRITO, A. M. M. et al. Representações Sociais do Cuidado do Idoso. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 13, n. 1, p. 159-178, ago. 2021.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

\_\_\_\_\_. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 192-219.

CABECINHAS, R. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 125 -137, 2004.

\_\_\_\_\_. Narrativas identitárias e memória social: estudos comparativos em contexto lusófono. **Publicações da Faculdade de Filosofia**, Universidade Católica Portuguesa, 2011. p.171-184.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 203-234.

CAMARGO, B.; WACHELKE, J. The study of social representations systems: Relationships involving representations on aging, AIDS and the body. **Papers on Social Representations**, v. 19, n. 21, p. 1-22, 2010.

CARDOSO, W. Antropologia do cotidiano e da experiência envelhecida – ou para se pensar “homossexualidade masculina” e “envelhecimento gay” a partir de Soure (Marajó/Pará). **Bagoas**, n. 13, p. 85-105, 2015.

CARLOS, K. P.; SANTOS, J. V. O.; ARAÚJO, L. F. Representações sociais da velhice LGBT: estudo comparativo entre universitários de direito, pedagogia e psicologia. **Psicogente**, v. 21, n. 40, p. 297-320, 2018.

CASTRO, A. et al. Representações sociais do envelhecimento e do rejuvenescimento para mulheres que adotam práticas de rejuvenescimento. **Psico**, v. 47, n. 4, p. 319-330, 2016.

CASTRO, A.; CAMARGO, B. V. Representações sociais da velhice e do envelhecimento na era digital: revisão da literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 882-900, 2017.

CASTRO, J. L. C. et al. Representações sociais do envelhecimento e qualidade de vida na velhice ribeirinha. **Revista de Psicologia**, Lima, v. 39, n. 1, p. 85-113, jan., 2021.



CASTRO, J. L. C. et al. A construção social de ser idoso: a zona muda das representações sociais. **Psicologia, educação e cultura**, v. 26, n. 1, p. 113-133, 2022.

CERQUEIRA-SANTOS, E. et al. Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 691-702, jun., 2017.

CHAIMOWICZ, F.; CHAIMOWICZ, G. F. O envelhecimento populacional brasileiro. **Pista: Periódico Interdisciplinar**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 6-26, 2022.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: CODO, W. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 58-75.

CODOL, J. P. On the system of representations in an artificial social situation. In: FARR, R.; MOSCOVICI, S. (Orgs.), **Social Representations**. Cambridge: University Press, 1984.

COLLING, L. Impactos e/ou sintonias dos estudos queer no movimento LGBT do Brasil. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). **História do movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 515-531.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

DANTAS, A. J. L. **Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade**. 2020. 76f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

D'AUGELLI, A. R. et al. Aspects of mental health among older lesbian, gay, and bisexual adults. **Aging Ment Health**, v. 5, n. 2, p. 149-58, 2001.

DE BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

DEBERT, G. G.; HENNING, C. E. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **MAIS 60 – Estudos sobre Envelhecimento**, São Paulo: Edições Sesc, v. 26, n. 63, p. 8-31, 2015.

DEBERT, G. G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 37-54, 2012.

DEBERT, G. G.; SIMÕES, J. A.; HENNING, C. E. Entrelaçando gênero, sexualidade e curso de vida: apresentação e contextualização. **Sociedade e Cultura**, v. 19, n. 2, p. 3-12, 2016.

DEMÉTRIO, F. Pele trans, máscaras cis: eu tive que “cispassar por” para chegar até aqui. Prefácio. In: DUQUE, T. **Gêneros incríveis: um estudo sócio-antropológico sobre o (não) passar por homem e/ou mulher**. Salvador: Devires, 2019. p. 09-13.

DESCHAMPS, J-C.; MOLINER, P. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DOISE, W. Rencontres et représentations intergroupes. **Archives de Psychologie**, n. 41, p. 303-320, 1972.

\_\_\_\_\_. Levels of explanation in the European Journal of Social Psychology. **European Journal of Social Psychology**, v. 10, p. 213-231, 1980.

\_\_\_\_\_. **L'explication en psychologie sociale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

\_\_\_\_\_. Social representations, intergroup experiments and levels of analysis. In: FARR, R.; MOSCOVICI, S. (Org.), **Social Representations**. Cambridge: University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. La doble dinâmica social em el desarrollo cognitivo. **Anthropos – Suplementos**, n. 24, p. 12-19, 1991.

\_\_\_\_\_. L'ancrage dans les études sur les représentations sociales, **Bulletin de Psychologie**, v. XLV, n. 405, p. 189-195, 1992.

\_\_\_\_\_. Da psicologia social à psicologia societal. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 18, n. 1, p. 27-35, 2002.

\_\_\_\_\_. Sistema e metassistema. In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.) **Teoria das representações sociais: 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2019. p. 123-158.

DOISE, W.; MUGNY G. **The social development of the intellect**. Oxford, Pergamon Press, 1984.

DOMINGUES, D. C. S ; LONGO, P. L. ; SALLES, R. J. Você tem o privilégio de envelhecer ou você é trans?: transfobia, sofrimento ético-político e o envelhecimento da população transgênera no Brasil. **Oikos: família e sociedade em debate**, v. 34, p. 01-20, 2023.

DUARTE, G.; SEFFNER, F. Homens gays e a erótica do envelhecimento. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 19, n. Especial22, p. 365–386, 2016.

DUQUE, T. A Epistemologia da passabilidade: dez notas analíticas sobre experiências de (in)visibilidade trans. **História Revista**, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 32 –, 2020.

EFREM FILHO, R.; GOMES, J. C. M. C. Homossexual, sapatão, travesti, traficante, viciada: gênero, sexualidade e crime em narrativas judiciais sobre morte de LGBT. In: FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. (Orgs.). **Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020. p. 241-258.

FABBRE, V. D. Gender transitions in later life: a queer perspective on successful aging. **Gerontologist**, v. 55, n. 1, p. 144-53, 2015.

FACCHINI, R. De homossexuais a LGBTQIAP+: sujeitos políticos, saberes, mudanças e enquadramentos. . In: FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. (Orgs.). **Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020. p. 31-70.

FÉLIX, L. B. et al. O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**, v. 5, n.2, p. 198-217, 2016.

FÉLIX, L. B.; SANTOS, M. F. A velhice na mídia escrita: um estudo em representações sociais. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 8, n. 3, p. 363-374, 2011.

FERNANDES, J. et al. Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. **Clínica & Cultura**, v. 4, p. 14-28, 2015.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLÔRES, C. da C.; TERRA, N. L. Conhecendo o imaginário de jovens gays com relação à velhice. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 237–251, 2017.

FONSECA, L. K. S. et al. Representações sociais a respeito da velhice LGBT sob a ótica de mulheres lésbicas brasileiras. **Salud & Sociedad, Latin American Journal on Health & Social Psychology**, v. 12, p. 1-14, 2022.

FONSECA, L. K. S. et al. Velhice LGBT e facilitadores de grupos de convivências de idosos: suas representações sociais. **Psicología desde el Caribe**, v. 37, n. 1, p. 91-106, 2020.

FONTAINE, R. **Psicologia do envelhecimento**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FOUCAULT, M. Sobre a História da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.

FREDRIKSEN-GOLDSSEN K. I. et al. Disparities in health-related quality of life: A comparison of lesbians and bisexual women. **American Journal of Public Health**, v. 100, p. 2255–2261, 2010.

FREDRIKSEN-GOLDSSEN, K. I. et al. **The Aging and Health Report: Disparities and Resilience among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Older Adults**. Seattle, WA: Institute for Multigenerational Health, 2011.

FREDRIKSEN-GOLDSSEN, K. I. et al. Health equity and aging of bisexual older adults: Pathways of risk and resilience. **Journal of Gerontology: Social Sciences**, v. 72, n. 3, p. 468–478, 2017.

FREDRIKSEN GOLDSSEN, K. et al. Historical and generational forces in the iridescent life course of bisexual women, men, and gender diverse older adults. **Sexualities**, v. 25, n. 1-2, p. 132-156, 2022.

FREDRIKSEN-GOLDSSEN, K. I. et al. Lifetime Violence, Lifetime Discrimination, and Microaggressions in the Lives of LGBT Midlife and Older Adults: Findings from Aging with Pride: National Health, Aging, and Sexuality/Gender Study. **LGBT Health**, v. 10, n. Supp 1, p. 49-60, 2023.

FRIEND, R. A. Gaying: adjustment and the older gay male. **Alternative Lifestyles**, New York, n. 3, p. 213-248, 1980.

GAGNON, J.; W. SIMON. **Sexual conduct**: the social source of human sexuality. Chicago: Aldine. 1973.

GASPAR, A. C.; VIEIRA, E. M. A teoria do estresse de minorias em um grupo de acolhimento lgbtqiapn+: estratégias de enfrentamento e territorialização. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 36, p. 1232 , 2025.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2004.

GOLDENBERG, M. Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 46-56, 2013.

GOLDFARB, D. C. Memórias e temporalidades: construindo histórias. In: CÔRTE, B.; GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. (Org.). **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas. Curitiba: Juruá, 2009. p. 95-101.

GOMES, G. C. et al. Fatores associados à autonomia pessoal em idosos: revisão sistemática da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 3, p. 1035–1046, 2021.

GOMES, H. V. et al. Religiosos católicos e velhice LGBT: um estudo sobre as representações sociais. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 361–378, 2019.

GOMES, H. V. et al. Envelhecimento de homens gays brasileiros: Representações Sociais acerca da velhice LGBT. **Psychologica**, v. 63, n. 1, p. 45-64, 2020.

GOMES, L. P. C. et al. Mujeres transexuales y vejez: representaciones sociales en el contexto de la pandemia. LIBERABIT. **Revista Peruana de Psicología**, v. 30, n. 1, e798, 2024.

GRANDIM, J. G. P. et al. Produção discursiva sobre suicídio e comunidade LGBT no Twitter. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 74, p. e016, 2022.

GROSSMAN, A. H.; D'AUGELLI, A. R; HERSHBERGER, S. L. Social support networks of lesbian, gay, and bisexual adults 60 years of age and older. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, v. 55, p. 171–179, 2000.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HAYMAN, B.; WILKES, L. Older lesbian women's health and healthcare: a narrative review of the literature. **Journal of clinical Nursing**, v. 25, n. 3, p. 3.454-3.468, 2016.

HENNING, C. E. Nas tensões eróticas da gerontofobia e da gerontofilia: uma etnografia de homens que mantêm práticas sexuais homoeróticas na meia idade e velhice. In:

PASSAMANI, G. R. (Org.). **(Contra)pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual: cursos da vida e gerações**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013.

\_\_\_\_\_. **Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**. 2014. 422f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas Unicamp, Campinas, 2014.

\_\_\_\_\_. “Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. **Cadernos Pagu**, n. 46, p. 341-71, 2016.

\_\_\_\_\_. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos ‘idosos LGBT’. **Horizontes Antropológicos**, n. 47, p. 283-323, 2017.

\_\_\_\_\_. O luxo do futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 35, p. 133-58, 2020a.

\_\_\_\_\_. Ancianos LGBT en Brasil: los viejos de guerra y sus narrativas sobre batallas, resistencia y vulnerabilidad en tiempos ultraconservadores. **Plural. Antropologías Desde América Latina Y Del Caribe**, n. 6, p. 233-255, 2020b.

\_\_\_\_\_. A expansão do orgulho grisalho e da gerontologia e geriatria LGBTI+ no Brasil. In: REBELLATO, C.; GOMES, M. C. A.; CRENITTE, M. R. F. (Orgs.). **Introdução às velhices LGBTI+**. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia: Rio de Janeiro, 2021. p. 170-180.

HUA, B.; YANG, V. F.; GOLDSSEN, K. F. LGBT Older Adults at a Crossroads in Mainland China: The Intersections of Stigma, Cultural Values, and Structural Changes Within a Shifting Context. **The International Journal of Aging and Human Development**, v. 88, n. 4, p. 440-456, 2019.

HULL, K. E.; ORTYL, T. A. Conventional and cutting-edge: Definitions of family in LGBT communities. **Sexuality Research and Social Policy**, v. 16, p. 31–43, 2019.

JACOB FILHO, W.; SOUZA, R. R. de. Anatomia e fisiologia do envelhecimento. In: **Geriatria: Fundamentos, Clínica e Terapêutica**. São Paulo: Editora Atheneu, 1994.

JEOLÁS, L. S.; PAULILO, M. A. S. Representações sociais da homossexualidade entre professores do ensino público: continuidades e rupturas. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 266–285, 2009.

JESUS, L. A. et al. Representações sociais da velhice LGBT entre os profissionais do Programa Estratégia da Família (PEF). **Summa Psicológica UST**, v. 16, n. 1, p. 27-35, 2019a.

JESUS, L. A. et al. Velhice LGBT e pessoas espíritas: Um estudo das representações sociais. **Revista de Psicologia**, Santiago, v. 28, n. 2, p. 1-9, 2019b.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_(Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44

\_\_\_\_\_. **Loucura e representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais e mundos de vida**. Curitiba: FCC/PUCPRESS, 2017.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre os fenômenos representativos. In: NASCIMENTO, A. R. A.; GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F.; ANTUNES-ROCHA, M. I. (Orgs.). **Representações sociais, identidade e preconceito: estudos de psicologia social**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 11-20.

\_\_\_\_\_. Condições e modalidades da estabilidade e a transformação dos fenômenos representativos. In: NASCIMENTO, A.; GIANORDOLI-NASCIMENTO, I.; ROCHA, M. I. A. **Representações sociais: campos, vertentes e fronteiras**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021. p. 57-78.

JONES, T. C.; NYSTROM, N. M. Looking Back ... Looking Forward: Addressing the Lives of Lesbians 55 and Older. **Journal of Women & Aging**, v. 14, n.3-4, p. 59-76, 2002.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

KALAMPALIKIS, N.; APOSTOLIDIS, T. Challenges for social representations theory: the socio-genetic perspective. In: PAPASTAMOU, S. (Ed.). **Moscovici's work. Legacy and perspective**. Montpellier, Éditions de la Méditerranée, 2020.

KEHOE, M. Lesbians Over 65: A Triply Invisible Minority. **Journal of Homosexuality**, v. 12, n.3-4, p. 139-152, 1986.

KIA, H. et al. Could Tell I Said the Wrong Things”: Constructions of Sexual Identity Among Older Gay Men in Healthcare Settings. **Qualitative Health Research**, v. 32, n. 2, p. 255-266, 2022.

KIMMEL, D. C. Adult development and aging: a gay perspective. **Journal of Social Issues**, Hoboken, v. 34, n. 3, p. 113-130, 1978.

KITTLE, K. R. et al. Social Resource Variations Among LGBT Middle-Aged and Older Adults: The Intersections of Sociodemographic Characteristics. **The Gerontologist**, v. 62, n. 9, p. 1324-1335, 2022.

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 165-178, 2002.

LEWIS, E. S. **"Não é uma fase": Construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais**. 2012. 267f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

LOPES, A. **Desafios da gerontologia no Brasil**. Campinas: Alínea, 2000.

LOURO, G. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 7-42.

- LYONS, A. et al. Comfort Among Older Lesbian and Gay People in Disclosing Their Sexual Orientation to Health and Aged Care Services. **Journal of Applied Gerontology**, v. 40, n. 2, p. 132-141, 2021.
- LISBOA FILHO, F. L.; MACHADO, A.; DIAS, M. S. M. Velhos amores: a representação dos homossexuais idosos em curtas contemporâneos. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 16, p.34-51, jan./jun. 2013.
- MAGNABOSCO-MARTINS, C. R.; CAMARGO, B. V.; BIASUS, F. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. **Universitas Psychologica**, v. 8, n. 3, p. 613-624, 2009.
- MANNHEIM, K. "O problema sociológico das gerações". In: FORACCHI, M. M. (org). **Karl Mannheim: Sociologia**, São Paulo, Ática, 1982. p. 67-95
- MARAVILHA, L. M. M. **Representando envelhecimentos nos percursos da hetero e da homossexualidade masculina**. 2010. 113f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- MARAVILHA, L. M. M. et al. As representações sociais de envelhecimento masculino e as diferentes vivências de sexualidade. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 10, n. 1, p. 79-91, jan./abril., 2013.
- MARQUES, F. D.; SOUSA, L. Portuguese Older Gay Men: Pathways to Family Integrity. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 64, p. 149-159, 2016.
- MEYER, I. H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. **Psychological Bulletin**, v.129, n. 5, p. 674-697, 2003.
- MILLER, L. R. Queer Aging: Older Lesbian, Gay, and Bisexual Adults' Visions of Late Life. **Innovation in Aging**, v. 7, Issue 3, p. igad021, 2023.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo- Rio de Janeiro: HUCITEC- ABRASCO, 2014.
- MIRANDA, L. S. F.; MONTEIRO, P. O.; SANTOS, A. F. C. Representações sociais de pessoas idosas sobre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação: Desafios e possibilidades. **Psicologia e Saber Social**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 513–541, 2022.
- MONACO, H. Entre muros, pontes e fronteiras: teorias e epistemologias bissexuais. **ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 8, n. 16, p. 91-106, 2021.
- MORAIS, E. R. C. **Conflitos bioéticos na demarcação dos limites da vida: um estudo sobre representações sociais de eutanásia e aborto**. 2018. 172f. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. Notes towards a description of social representations. **European Journal of Social Psychology**, v. 18, p. 211-250, 1988.

\_\_\_\_\_. **Psicologia das minorias ativas**. RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MOTTA, A. B. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C.; COIMBRA J. R., ÁLVARES, C. E. (Orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002, p. 37-50.

MOTTA, A. B. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 78-82.

NAVARRO-SWAIN, T. **O que é lesbianismo?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. **Temas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 17-34, 2006.

\_\_\_\_\_. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Editora Alínea, 2014.

\_\_\_\_\_. Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 154-180.

NERI, A. L.; PAVARINI, S. C. I. Formação de recursos humanos em gerontologia e desenvolvimento da profissão: o Brasil em face da experiência internacional. In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 3521-3552.

NEUGARTEN, B. L. Continuities and discontinuities of psychological issues into adult life. **Human Development**, v. 12, n. 129, p. 121-130, 1969.

NICOLI, P. A. G. et al. **Envelhecer LGBT+: histórias de vida e direitos**. Belo Horizonte: Diverso UFMG, 2023.

OLIVEIRA, G. S. et al. Método bola de neve em pesquisa qualitativa com travestis e mulheres transexuais. **Saúde Coletiva**, Barueri, v. 11, n. 68, p. 7581-7588, 2021.

OLIVEIRA, J. G. Processos de subjetivação, temporalidades e mundos afetivos, éticos e morais entre mulheres maduras que se relacionam afetiva e sexualmente com mulheres. In: P. S. Maior, R. Quinalha (Orgs.). **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. São Paulo: Elefante, 2023. p. 513-529



OLIVEIRA, R. D. S. da; NUNES, K. A. Quem a homofobia mata?. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], v. 1, n. 16, p. 257–273, 2016.

OSWALD, A.; ROULSTON, K. Complex Intimacy: Theorizing Older Gay Men's Social Lives. **Journal of Homosexuality**, v. 67, n. 2, p. 223–243, 2018.

PAIVA, C. Corpos/seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. **Revista Bagoas**, n. 4, p. 191-208, 2009.

PAPALÉO NETTO, M. Estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 103-125.

PASSAMANI, G. “É ajuda, não é prostituição”. Sexualidade, envelhecimento e afeto entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. **Cadernos Pagu**, v. 51, e175109, 2017.

PEREIRA H. et al. Depression and Quality of Life in Older Gay and Bisexual Men in Spain and Portugal. **The International Journal of Aging and Human Development**, v. 91, n. 2, p. 198-213, 2020.

PEREIRA, C. R. et al. Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 73-82, 2011.

POCAHY, F. A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero sexualidade. **Revista Polis E Psique**, v. 1, n. 3, p.195-211, 2011.

\_\_\_\_\_. **Entre vapores e dublagens**: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

QUEIROZ, A. B. A. et al. Transsexuality and health demands: representations of nursing students. **Revista Gaúcha De Enfermagem**, v. 44, e20220046, 2023.

QUINALHA, R. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. In: GREEN, J. N. et al. **História do movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 515-531. p. 15-38.

\_\_\_\_\_. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RABELO, D. F.; PINTO, J. M.. Social support network, functional capacity and mental health in older adults. **Psico-usf**, v. 28, n. 4, p. 767–781, 2023.

REINERT, M. Journée d'étude du 21 aout 2009 sur la methodologie «Alceste» Arguments des Interventions. **Bulletin de Méthodologie Sociologique**, v. 104, n. 1, p. 39-46, 2009.

RUBIN, G. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SÁ, C. P. **A Construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SALGADO, A. G. A. T. et al. Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. **Ciências Psicológicas**, v. 11, n. 2, p. 155-163, 2017.

SALGADO, A. G. A. T. et al. Representações sociais entre cuidadores informais de idosos: uma análise psicossocial da velhice LGBT. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 19, n. 1, p. 67-77, 2022.

SÁNCHEZ-FUENTES, M. del M. et al. Transphobia and gender identity: social representations of trans women from Brazil and Colombia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 11, p. 5793–5804, 2021.

SANDER, V.; OLIVEIRA, L. H. “Tias” e “novinhas”: envelhecimento e relações intergeracionais nas experiências de travestis trabalhadoras sexuais em Belo Horizonte. **Sociedade e Cultura**, v. 19, n. 2, p. 69-81, 2016.

SANTOS, A. B. DOS.; SHIMIZU, H. E.; MERCHAN-HAMANN, E. Processo de formação das representações sociais sobre transexualidade dos profissionais de saúde: possíveis caminhos para superação do preconceito. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 11, p. 4545–4554, 2014.

SANTOS, D. K. dos; LAGO, M. C. de S. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 113–147, 2013.

SANTOS, D. K.; LAGO, M. C. S. Cartografando estilizações do homoerotismo na velhice: pistas metodológicas nos estudos sobre sexualidades. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 95-106, 2015.

SANTOS, J. V. O.; ARAÚJO, L. F. Envelhecimento masculino entre idosos gays: suas representações sociais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 971-989, 2021.

SANTOS, J. V. O. et al. O que os brasileiros pensam acerca da velhice LGBT? Suas representações sociais. **Anvances en Psicología Latinoamericana**, v. 38, n. 2, p. 1-14, 2020.

SANTOS, J. V. O.; ARAÚJO, L. F.; NEGREIROS, F. Atitudes e estereótipos em relação a velhice LGBT. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 29, 2018.

SANTOS, M. F. S. A teoria das representações sociais. In: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. (org.). **Diálogos com a teoria da representação social**. Pernambuco: Editora Universitária UFPE, 2005. p. 13-38.

\_\_\_\_\_. Representação social e identidade. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998. p. 151-159.

SANTOS, M. F. S.; ALESSIO, R. L. S. O papel da ancoragem na constituição de sistemas de representações. A saúde mental infantil como ilustração. In: VALENTIM, J. P. (Org.). **Representações sociais: para conhecer o senso comum**. 1ed.VLisboa: Edições Sílabo Lda, 2022. p. 113-124.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago, 2005.

SEFFNER, F.; DUARTE, G. E quando não há muito mais o que guardar no armário? Homossexualidades e processos de envelhecimento. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 9, n. 13, 2015.

SHANKLE, M. D. et al. An Invisible Population: Older Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Individuals. **Clinical Research and Regulatory Affairs**, v. 20, n. 2, p. 159–182, 2003.

SHAW, J. **Invisibilidade**: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade. 1. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

SHERIF, M. **The psychology of social norms**. New York: Harper, 1936.

SHULTZE, F. R. La diversidade em el curso de la vida. Trayectorias y memorias de los y las mayores LGBT argentinos. In: BRAZ, C. A.; HENNING, C. E. (Org.). **Gênero, sexualidade e curso de vida**: diálogos latino americanos. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017. p. 111-143.

SILVA, F. R. da. “Entre os homossexuais vigora uma discriminação: a discriminação da idade” As formas de dizer a velhice no Lampião da Esquina (1978-1981). **Revista Territórios E Fronteiras**, v. 14, n. 1, p. 84–110, 2021.

SILVA JÚNIOR, E. G. da; EULÁLIO, M. do C. Resiliência para uma Velhice Bem-Sucedida: Mecanismos Sociais e Recursos Pessoais de Proteção. **Psicologia: Ciência E Profissão**, v. 42, e234261, 2022.

SILVA JÚNIOR, J. R. da et al. Health care for LGBTI+ elders living in Nursing Homes. **Revista Brasileira De Enfermagem**, v. 74, e20200403, 2021.

SILVA, D. V.; POCAHY, F. A. Políticas públicas de saúde para pessoas idosas: tramas biopolíticas entre gênero e envelhecimento. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 26, n. 1, p. 313-336, 2021.

SILVA, G. et al. O que sabemos sobre gênero e sexualidade na velhice? Uma revisão sistemática. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 14, n. 1, p. 141-156, 2022.

SILVA, K. P. A. et al. A velhice LGBT sob a ótica da mídia. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, [S. l.], v. 97, n. (ed. esp), p. e023133, 2023.

SILVA, P. O. M.; TRINDADE, Z. A.; SILVA JÚNIOR, A. As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 3, 435-443, 2012.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102

SIMÕES, J. A. Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 415-447.

\_\_\_\_\_. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. **A Terceira Idade**, v. 22, n. 51, p. 7-19, 2011.

SIMON; B.; BROWN, R. Perceived intragroup homogeneity in minority-majority contexts. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 53, p. 703-711, 1987.

SIQUEIRA, M. S. **Sou senhora**: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. 2004. 156f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SOUSA, E. M. S. et al. Velhice LGBTI e Comunidade Rural Litorânea: um estudo das representações sociais entre uma população majoritariamente católica. **Psicologia, Conocimiento y Sociedad**, Montevideo, v. 13, n. 1, p. 18-34, 2023.

SOUSA, Y. S. O. O Uso do Software Iramuteq: Fundamentos de Lexicometria para Pesquisas Qualitativas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 21, n. spe, p. 1541-1560, 2021.

SOUZA, E. de J.; SILVA, J. P. da; SANTOS, C. Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 2, p. 519-544, 2017.

STRAUB, R. H. et al. The process of aging changes the interplay of the immune, endocrine and nervous systems. **Mechanisms of ageing and development**, v. 122, n. 14, p. 1591-1611, 2001.

TAJFEL, H. La catégorisation sociale. In: MOSCOVICI, S. (Ed.) **Introduction à la Psychologie Sociale**, v. 1, Larousse Université, 1972.

\_\_\_\_\_. **Grupos humanos e categorias sociais II**. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. (Eds.). **The social psychology of intergroup relations**, Monterey, Brooks, 1979.

TEIXEIRA, F. B. “Não basta abrir a janela...: reflexões sobre alguns efeitos dos discursos médico e jurídico nas (in)definições da transexualidade”. **Anuário Antropológico**, p. 127-160, 2011.

TORELLI, W. R. N.; BESSA, T. A. de; GRAEFF, B. Preconceito contra pessoa idosa LGBTQIA+ em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI): uma revisão de escopo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 11, p. 3123-3135, 2023.

TORRES, T. L. et al. Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 12, p. 3621-3530, 2015.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TRINDADE, Z. A.; SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, A. M. O. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.) **Teoria das representações sociais: 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2019. p.101-122.

VALA, J.; CASTRO, P. Pensamento social e representações sociais. In: VALA, J; MONTEIRO, M. B. (Orgs.). **Psicologia Social**. 10. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

VALSINER, J. Hierarquia de signos – representação social no seu contexto dinâmico. In: JESUÍNO, J. C.; MENDES, F. R. P.; LOPES, M. J. (Orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 29-58.

VIANNA, A. Atos, sujeitos e enunciados dissonantes: algumas notas sobre a construção dos direitos sexuais. In: MISKOLCI, R.; PELUCIO, L. (Org.). **Discursos fora da Ordem: sexualidades, saberes e direitos**. São Paulo, FAPESP/Anablume, 2012, p.227-244.

VITALI, M. M. et al. “Homem é homem e mulher é mulher, o resto, sem-vergonhice”: representações sociais da transexualidade sobre comentários da internet. **Saúde e Sociedade**, v. 28, n. 4, p. 243–254, 2019.

WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: **Estudos interdisciplinares de representação social**. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. Goiânia: AB, 1998. p. 3-25, 1998.

WEEKS, J. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In: HART, J.; RICHARDSON, D. (Orgs.). **Teoria e prática da homossexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. p. 236-246

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Appris, 2018.





## ANEXO B – TCLE – ENTREVISTA VIRTUAL



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - COLETA DE DADOS VIRTUAL

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES EM TRÂNSITO NA EXPERIÊNCIA DE ENVELHE(SER) NA DIVERSIDADE, que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) EDIVAN GONÇALVES DA SILVA JÚNIOR, residente no endereço xx. Telefone: xxxxxxxxxxxx, e-mail: [edivan.gjunior@ufpe.br](mailto:edivan.gjunior@ufpe.br) e está sob a orientação de: Maria de Fátima de Souza Santos Telefone: xxxxxxxxxxxx, e-mail [maria.fssantos@ufpe.br](mailto:maria.fssantos@ufpe.br)

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde em participar desse estudo, pedimos que assinale a opção de “Aceito participar da pesquisa” no final desse termo.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- O projeto de tese tem como tema a diversidade sexual e de gênero na velhice com foco nas oportunidades que o sujeito tem de envelhecer numa sociedade predominantemente marcada pela LGBTfobia. Parte do pressuposto de que a velhice e o envelhecimento têm sido estudados predominantemente de forma a homogeneizar os grupos de idosos em pessoas heterossexuais e cisgêneras. Nesse processo há também uma forte negação das expressões da sexualidade na velhice que impacta as subjetividades das pessoas idosas. Neste sentido, buscamos oferecer espaço para que as experiências plurais de envelhecimento e velhices sejam acolhidas e possam também ser representadas. Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo geral “Investigar os processos identitários e de significação relacionados ao envelhecimento e velhice LGBT”.
- Para a realização da pesquisa será realizada uma entrevista com algumas perguntas a serem respondidas, e também serão apresentadas algumas imagens para ajudar na conversa sobre a temática. O pesquisador também aplicará um questionário com perguntas demográficas (nome, idade, orientação sexual, renda, etc.). A coleta de dados deve acontecer em uma sala virtual do Google Meet. O convite para participar da sala virtual foi feito através de um link enviado pelo pesquisador. A pesquisa será realizada individualmente com cada participante, deve durar entre 30 e 40 minutos, aproximadamente. Após a primeira entrevista o pesquisador poderá fazer um convite para que, posteriormente, o(a) participante interaja em mais uma entrevista. Neste sentido, o convite será feito posteriormente, por telefone. A cada participante será solicitado apenas a sua disponibilidade para participar de uma entrevista, que será uma conversa conduzida pelo pesquisador que precisará gravar (gravação de vídeo) o encontro.
- **RISCOS:** é possível que a sua participação na pesquisa traga de volta memórias desagradáveis ligadas a eventos de discriminação, a conflitos familiares ou de eventos que foram desagradáveis e que marcaram de forma negativa a sua vida. Algumas perguntas poderão lhe causar constrangimentos por ter que compartilhar eventos desagradáveis e até mesmo traumáticos. Diante de tais riscos, o espaço da entrevista será também de escuta e de acolhimento, como meio de lhe oferecer suporte psicológico. Esperamos que a experiência de compartilhar situações traumáticas e conflituosas não seja um impedimento para que a sua história seja contada. E que o nosso acolhimento seja favorável para possíveis ressignificações. Quando necessário, procederemos com orientações sobre serviços de proteção e de cuidado a sua saúde mental. Informamos também que não haverá ônus financeiros no tocante a sua participação na pesquisa.





**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO (ENDOGRUPO E EXOGRUPO)****Nome:****Data da entrevista:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**Em qual cidade nasceu:****Em qual cidade mora atualmente:**

Foi indicado/a por alguma instituição parceira da pesquisa?

☐ Sim ☐ Não

Em caso positivo, qual a instituição?

☐ Centro Estadual de Referência LGBT – CG**Qual é sua idade?**

\_\_\_\_\_ anos

**Orientação sexual**

1. Assexual
2. Bissexual
3. Gay
4. Heterossexual
5. Lésbica
6. Pansexual
7. Outra:

**Identidade de gênero**

1. Cisgênera (H) (M)
2. Transgênera (H) (M)
3. Não-binária
4. Travesti
5. Queer
6. Outra:

**Qual é o seu estado civil?**

1. Casado/a ou vive com companheiro/a
2. Solteiro/a
3. Divorciado/a, separado/a ou desquitado/a
4. Viúvo/a

**Qual sua cor ou etnia?**

1. Branca
2. Preta
3. Parda
4. Amarela
5. Indígena
6. Quilombola
7. Cigana
8. Outra:

**Qual a sua ocupação durante a maior parte de sua vida?**

---

**Trabalha atualmente?**

1. Sim
2. Não

**O que faz (trabalho)?**

---

**É aposentado/a?**

1. Sim
2. Não

**É pensionista ou recebe BPC (Benefício de Prestação Continuada)?**

1. Sim
2. Não

**Até que ano de escola estudou?**

1. Nunca foi à escola, ou não chegou a concluir a 1ª série primária ou o curso de alfabetização de adultos
2. Nível fundamental ( ) Completo ( ) Incompleto
3. Nível médio ( ) Completo ( ) Incompleto
4. Ensino superior ( ) Completo ( ) Incompleto
5. Pós-graduação ( ) Completo ( ) Incompleto

**Tem filho/as?**

- ( ) Não
- ( ) Sim. Quantos filhos/as tem? \_\_\_\_\_

**Quantas pessoas moram com você?**

---

**Com quem divide moradia?**

	Sim	Não
Sozinho/a	1	2
Companheiro/a/s	1	2
Filho/s ou enteado/s	1	2
Neto/s	1	2
Bisneto/s	1	2
Outro/s parente/s	1	2
Amigos/as	1	2
Pessoa/s fora da família	1	2

Outra opção: \_\_\_\_\_

**Possui religião?**

1. Sim
2. Não

**Qual a sua religião?**

---

**Está frequentando alguma instituição religiosa?**

1. Sim
2. Não

**Se considera:**

1. Pouco religioso(a)
2. Religioso(a)
3. Muito religioso(a)
4. Não possui religião.

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O ENDOGRUPO NO ESTUDO 01**

### **BLOCO 1 - ESTÍMULO**

Gostaria agora que você imaginasse uma pessoa idosa que é LGBTQ+. Descreva pra mim como é essa pessoa, que características ela tem?

Qual a identidade dela? (Essa pessoa é gay, lésbica, bissexual, travesti, transexual?)

Como essa pessoa vive a vida dela?

O que mais lhe chama a atenção nessa pessoa que você imaginou? Explique-me.

### **BLOCO 2 – ENVELHECIMENTO LGBTQ+**

1. O que você entende por envelhecimento LGBTQ+?
2. Como a sociedade enxerga a pessoa que é LGBTQ+?
3. Como você enxerga o envelhecimento das pessoas que são LGBTQ+?
4. A velhice de uma pessoa LGBTQ+ é diferente da velhice de alguém que não é LGBTQ+?  
Por que?
5. Você acredita que as pessoas LGBTQ+ envelhecem com iguais oportunidades como as pessoas que não são LGBTQ+? Explique-me.

## **APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O EXOGRUPO NO ESTUDO 01**

### **BLOCO 1 - ESTÍMULO**

Gostaria agora que você imaginasse uma pessoa idosa que é LGBT+. Descreva pra mim como é essa pessoa, que características ela tem?

Qual a identidade dela? (Essa pessoa é gay, lésbica, bissexual, travesti, transexual?)

Como essa pessoa vive a vida dela?

O que mais lhe chama a atenção nessa pessoa que você imaginou? Explique-me.

### **BLOCO 2 – ENVELHECIMENTO LGBT+**

1. O que você entende por envelhecimento LGBT+?
2. Como a sociedade enxerga a pessoa que é LGBT+?
3. Como você enxerga o envelhecimento das pessoas que são LGBT+?
4. A velhice de uma pessoa LGBT+ é diferente da velhice de alguém que não é LGBT? Por que?
5. Você acredita que as pessoas LGBT+ envelhecem com iguais oportunidades como as pessoas que não são LGBT+? Explique-me.

## **APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O ENDOGRUPO NO ESTUDO 02**

### **BLOCO 1 – ENVELHECIMENTO**

1. Você acredita que está envelhecendo? Por que?
2. Que características você atribui a uma pessoa idosa?
3. Você costuma observar o envelhecimento das outras pessoas ao seu redor? Quais as semelhanças entre o seu envelhecimento e o destas pessoas? Que diferenças você percebe do seu envelhecimento comparado ao de outras pessoas?

### **BLOCO 2 - IDENTIDADES E VELHICES LGBT+**

1. Você se assume abertamente como  
GAY/LÉSBICA/BISSEXUAL/TRAVESTI/TRANSEXUAL?
2. Como foi para você se assumir como  
GAY/LÉSBICA/BISSEXUAL/TRAVESTI/TRANSEXUAL?
3. Você conhece pessoas que ainda não “se assumiram” (que vive no armário)? O que você pensa a respeito disso?
4. Como está sendo para você envelhecer como  
LÉSBICA/GAY/BISSEXUAL/TRAVESTI/TRANSEXUAL?
5. O envelhecimento de uma mulher lésbica é diferente do envelhecimento de um homem gay ou de uma travesti, por exemplo? Por que?
6. Há pessoas da comunidade LGBT+ maduras e idosas próximas a você? Como é a relação entre vocês?
7. Como é o seu convívio com pessoas maduras e idosas que não são LGBT+?
8. Como é a sua relação com a família?
9. Você acredita que atualmente existe uma maior visibilidade das pessoas LGBT+? Isso se aplica também às pessoas idosas que são LGBT+?